



**“Um romance que
espalha alegria a
cada página.”
ELIZABETH DAY**

**“Amei tanto que
fiquei desolada
quando acabou.”
NIGELLA LAWSON**

UMA QUESTÃO DE QUÍMICA

BONNIE GARMUS



ARQUEIRO



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

**UMA QUESTÃO
DE QUÍMICA**



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



UMA QUESTÃO DE QUÍMICA

BONNIE GARMUS



Título original: *Lessons in Chemistry*
Copyright © 2022 por Bonnie Garmus
Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Maria Carmelita Dias

preparo de originais: Cláudia Mello

revisão: Camila Figueiredo e Juliana Souza

diagramação: Miriam Lerner | Equatorium Design

capa: Beci Kelly | TW

imagem de capa: Colin Thomas

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

foto da autora: © Serena Bolton

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G221q

Garmus, Bonnie, 1957-

Uma questão de química [recurso eletrônico] / Bonnie Garmus; tradução de Maria Carmelita Dias. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2022.
recurso digital

Tradução de: *Lessons in chemistry*

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-289-5 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Dias, Maria Carmelita. II. Título.

22-77044

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para a minha mãe, Mary Swallow Garmus

SUMÁRIO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Agradecimentos

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro

CAPÍTULO 1

Novembro de 1961

Em 1961, quando as mulheres usavam vestidos estilo *chemisier* cintados, frequentavam clubes de jardinagem e, sem nenhuma preocupação, levavam várias crianças de carro para todo lado sem cinto de segurança; quando ninguém sequer sabia que existiria um movimento de contracultura na década de 1960, muito menos um que levaria seus integrantes a passar os sessenta anos seguintes comentando sobre ele; quando as grandes guerras tinham chegado ao fim e as guerras clandestinas tinham acabado de se iniciar e as pessoas começavam a pensar fora da caixa e a acreditar que tudo era possível, a mãe de Madeline Zott acordava todo dia antes do amanhecer e, aos trinta anos, tinha uma única certeza: sua vida tinha chegado ao fim.

Apesar dessa certeza, ela foi até o laboratório para preparar a lancheira da filha.

Combustível para aprender, escreveu Elizabeth Zott em um pedaço de papel antes de enfiá-lo na lancheira. Depois fez uma pausa, o lápis parado no ar, como se estivesse pensando. *Pratique um esporte no recreio, mas não deixe os meninos vencerem automaticamente*, escreveu em outro pedaço de papel. Em seguida, fez uma nova pausa, tamborilando o lápis na mesa. *Não é coisa da sua cabeça*, escreveu em um terceiro bilhete. *A maioria das pessoas é horrível*. Ela colocou os dois últimos por cima.

Poucas crianças pequenas sabem ler e, quando sabem, em geral são palavras como “gato” e “vovô”. Madeline, porém, sabia ler desde os três anos

e agora, com cinco, já tinha quase terminado a obra inteira de Dickens.

Madeline era *aquela* tipo de criança – o tipo que sabe cantarolar um concerto de Bach, mas não consegue amarrar os próprios cadarços; que sabe explicar a rotação da terra, mas hesita no jogo da velha. E esse era o problema. Porque embora crianças-prodígio com aptidão para a música sempre sejam festejadas, isso não acontece com as que aprendem a ler cedo, porque as que aprendem a ler cedo são boas em uma coisa que, depois de um tempo, as outras crianças também vão dominar. Ou seja, nesse caso, ser a primeira não é especial – é irritante.

Madeline entendia isso. Então todo dia de manhã – depois que a mãe tinha saído e enquanto Harriet, a vizinha que tomava conta dela, estava ocupada – fazia questão de tirar os bilhetes da lancheira, lê-los e depois juntá-los a todos os outros, que ficavam em uma caixa de sapato no fundo do armário. Quando chegava à escola, fingia ser como todas as outras crianças: basicamente analfabeta. Para Madeline, encaixar-se no grupo era mais importante que tudo. E seu motivo era irrefutável: a mãe nunca tinha se encaixado, e vejam só o que aconteceu com ela.

ERA ALI, NA CIDADEZINHA DE COMMONS, no sul da Califórnia, onde na maior parte do tempo o clima era quente, mas não quente demais, e o céu era azul, mas não azul demais, e o ar era limpo só porque isso era comum naquela época, que Madeline ficava deitada na cama, com os olhos fechados, esperando. Sabia que logo receberia um beijo carinhoso na testa, as cobertas seriam puxadas com cuidado até seus ombros, as palavras “Aproveite o dia” seriam murmuradas em seu ouvido. Um minuto depois, ela ouviria o barulho do motor do carro dando partida, o ranger de pneus enquanto o Plymouth dava marcha a ré na entrada da garagem e o barulho do câmbio engatando a primeira. E sua mãe, uma mulher sempre deprimida, partiria para o estúdio de televisão, onde vestiria um avental e entraria em um set de filmagem.

O programa se chamava *Hora do Jantar*, e Elizabeth Zott era sua grande estrela.

CAPÍTULO 2

Pine

Antes uma pesquisadora química, Elizabeth Zott era uma mulher com a pele perfeita e o comportamento inequívoco de alguém que não era medíocre e nunca seria.

Ela tinha sido, assim como todas as grandes estrelas, descoberta por acaso. Se bem que, no caso de Elizabeth, não aconteceu em uma sorveteria, nem em um encontro acidental em um banco de praça, nem pela providencial apresentação de um conhecido em comum. Em vez disso, ela foi descoberta por causa de um roubo – mais especificamente, um roubo de comida.

A história foi simples: uma menina chamada Amanda Pine, que gostava de comida de um jeito que alguns terapeutas consideram digno de atenção, estava comendo o almoço de Madeline. Isso porque o almoço de Madeline não era comum. Enquanto as outras crianças comiam sanduíches de geleia e manteiga de amendoim, Madeline abria a lancheira e encontrava um pedaço generoso de lasanha do dia anterior, uma porção de abobrinha salteada na manteiga para acompanhar, um exótico kiwi cortado em quatro pedaços, cinco tomatinhos-cereja redondos e perolados, um minúsculo saleiro Morton, dois cookies de chocolate ainda quentinhos e uma garrafa térmica xadrez vermelha cheia de leite bem gelado.

Essas iguarias faziam com que todo mundo quisesse o almoço de Madeline, inclusive a própria Madeline. Só que ela o oferecia a Amanda não

só porque amizades exigem sacrifícios, mas também porque Amanda era a única na escola inteira que não zombava da criança esquisita que Madeline já reconhecia ser.

Só depois de reparar que as roupas de Madeline estavam começando a sambar na sua silhueta ossuda foi que Elizabeth se pôs a imaginar o que estaria ocorrendo. De acordo com seus cálculos, o consumo diário de Madeline era a quantidade exata de alimentos de que a filha necessitava para ter um desenvolvimento saudável, o que tornava a perda de peso inconcebível em termos científicos. Seria um pico de crescimento? Não. Ela havia levado isso em conta nos cálculos. O início precoce de um distúrbio alimentar? Pouco provável. Madeline avançava vorazmente na comida. Leucemia? Definitivamente, não. Elizabeth não era alarmista: não era do tipo que ficava acordada à noite imaginando a filha acometida por uma doença incurável. Como cientista, sempre buscava a explicação mais razoável, e, no instante em que conheceu Amanda Pine, com os lábios manchados de vermelho do molho de tomate, percebeu que tinha encontrado a explicação.

– SR. PINE – DISSE ELIZABETH, irrompendo no estúdio de televisão local sem se dirigir à secretária, na tarde de uma quarta-feira. – Estou ligando para cá há três dias e o senhor não teve a consideração de retornar nem uma única vez. Meu nome é Elizabeth Zott. Sou mãe de Madeline Zott. Nossas filhas estudam juntas na Woody e estou aqui para lhe dizer que sua filha se aproximou da minha com segundas intenções. – E, como ele pareceu confuso, acrescentou: – Sua filha está se apropriando do almoço da minha filha.

– A-almoço? – conseguiu gaguejar Walter Pine enquanto analisava a mulher deslumbrante diante dele, o jaleco branco conferindo-lhe uma aura sagrada, a não ser por um detalhe: as iniciais “E.Z.” estampadas em vermelho pouco acima do bolso.

– Sua filha, Amanda – acusou Elizabeth mais uma vez –, está comendo o almoço da minha filha. Parece que isso vem acontecendo há meses.

Walter só conseguia encará-la. Alta e ossuda, o cabelo da cor de uma torrada amanteigada queimada puxado para trás e preso com um lápis, a mulher estava parada, com as mãos na cintura, os lábios de um vermelho vívido, a pele luminosa, o nariz reto. Ela o fitava como um médico em um campo de batalha avaliando se ele merecia ser salvo ou não.

– E o fato de sua filha fingir ser amiga de Madeline para ganhar o almoço – continuou – é totalmente repreensível.

– Q-quem é a senhora mesmo? – gaguejou Walter.

– Elizabeth Zott! – vociferou em resposta. – Mãe de Madeline Zott!

Walter assentiu, tentando assimilar. Como produtor de longa data de programas vespertinos de televisão, ele entendia de drama. Mas isso? Ele continuou encarando. Ela era deslumbrante. Ele estava literalmente *atordoado*. Será que ela estava querendo fazer um teste para algum papel?

– Sinto muito – disse Pine por fim –, mas todos os papéis de enfermeira já foram preenchidos.

– O que foi que o senhor disse? – disparou ela.

Houve uma longa pausa.

– Amanda Pine – repetiu ela.

Ele piscou.

– Minha filha? Ah – disse, subitamente nervoso. – O que aconteceu com ela? A senhora é médica? É da escola? – Ele se levantou de um pulo.

– Meu Deus, não – respondeu Elizabeth. – Sou química. Tive que me despencar lá do Hastings até aqui na minha hora de almoço porque o senhor não retornou minhas ligações. – E, como ele ainda estava com um ar confuso, ela esclareceu: – Instituto de Pesquisas Hastings? Onde a Pesquisa Inovadora Realmente Inova? – Ela expirou ao soltar o slogan vazio. – O negócio é o seguinte: eu faço um esforço considerável para preparar um almoço nutritivo para Madeline, e tenho certeza de que o senhor também faz isso pela sua filha. – E acrescentou, quando ele continuou a encará-la com o olhar vago: – Porque o senhor se preocupa com o desenvolvimento físico e cognitivo da Amanda. Porque o senhor sabe que esse desenvolvimento depende do consumo equilibrado e correto de vitaminas e minerais.

– O problema é que a Sra. Pine está...
– É, eu sei. Ausente. Tentei entrar em contato com ela, mas me disseram que ela mora em Nova York.

– Somos divorciados.

– Sinto muito por isso, mas o divórcio não tem nada a ver com o almoço.

– Pode parecer que não, mas...

– Um homem *consegue* preparar um almoço, Sr. Pine. Não é biologicamente impossível.

– Sem dúvida – concordou ele, se atrapalhando com uma cadeira. – Por favor, Sra. Zott, sente-se.

– Deixei uma coisa no cíclotron – disse ela, irritada, olhando para o relógio. – Estamos entendidos ou não?

– Cíclo...

– Acelerador de partículas subatômicas.

Elizabeth deu uma olhada nas paredes. Eram lotadas de cartazes emoldurados anunciando novelas melodramáticas e concursos de televisão cheios de artimanhas.

– Meu trabalho – disse Walter, de repente constrangido com a falta de refinamento de todos aqueles cartazes. – Talvez a senhora tenha visto algum.

Ela se virou para encará-lo.

– Sr. Pine – retomou ela de modo mais conciliador –, sinto muito por eu não ter tempo nem recursos para preparar o almoço para sua filha. Nós dois sabemos que a comida é o catalisador que destrava nosso cérebro, une nossa família e determina nosso futuro. E ainda assim... – A voz foi diminuindo, os olhos se estreitando quando viu o cartaz de uma novela mostrando uma enfermeira oferecendo cuidados pouco comuns a um paciente. – Será que alguém tem tempo para ensinar ao país todo como preparar comidas que importam? Eu gostaria de ter, mas não tenho. E o senhor?

Quando Elizabeth Zott deu meia-volta para sair, Pine, sem querer que ela fosse embora e sem entender muito bem o que estava a ponto de fazer, disse rapidamente:

– Espere, por favor, fique... *por favor*. O que... o que foi que a senhora acabou de dizer? Sobre ensinar ao país todo como preparar comidas que...

que *importam*?

Hora do Jantar estreou quatro semanas depois. E, embora não estivesse muito animada com a ideia – ela era uma pesquisadora química –, Elizabeth aceitou o trabalho pelos motivos de sempre: pagava mais e ela tinha uma filha para sustentar.

DESDE O PRIMEIRO DIA QUE Elizabeth vestiu um avental e entrou no set, ficou óbvio: ela tinha aquele “quê” especial, uma qualidade indefinível, que cativava o espectador. E também era uma pessoa cheia de conteúdo – tão direta e tão pragmática que as pessoas não sabiam o que pensar dela. Enquanto outros programas de culinária eram apresentados por chefs simpáticos tomando um xerez alegremente, Elizabeth Zott era séria. Nunca sorria. Nunca fazia piadas. E seus pratos eram autênticos e realistas como ela.

Após seis meses, o programa de Elizabeth era um fenômeno em ascensão. Após um ano, uma instituição. E, em dois anos, tinha demonstrado seu poder misterioso de unir não só os pais aos filhos, mas também os cidadãos ao país. Não é exagero dizer que quando Elizabeth Zott acabava de cozinhar, um país inteiro se sentava para comer.

Até o vice-presidente Lyndon Johnson assistia ao programa.

– Quer saber o que *eu* acho? – disse ele enquanto se afastava de um jornalista obstinado. – Acho que você deveria escrever menos e ver mais televisão. Comece com *Hora do Jantar*; aquela Elizabeth Zott sabe o que está fazendo.

E era verdade. Você nunca veria Elizabeth Zott ensinando a preparar sanduíches de minipepinos ou suflês delicados. Suas receitas eram substanciosas: ensopados, guisados, coisas feitas em panelas grandes. Ela salientava os quatro grupos de alimentos. Acreditava em porções decentes. E insistia que qualquer prato digno merecia ser preparado em menos de uma hora. Concluía todos os programas com a frase que era sua marca registrada: “Crianças, ponham a mesa. Sua mãe precisa de um tempo para ela.”

Então um jornalista conhecido escreveu um artigo intitulado “Por que vamos comer qualquer coisa que ela sirva?”, em que se referia a ela casualmente como “Lizzie Delícia”, um apelido que grudou nela que nem chiclete. Daquele dia em diante, os desconhecidos passaram a chamá-la de Delícia, mas a filha, Madeline, a chamava de mamãe. E, embora ainda fosse só uma criança, Madeline já conseguia notar que o apelido subestimava os talentos da mãe. Ela era química, e não cozinheira de programa de TV. E Elizabeth, constrangida diante da filha única, sentia vergonha.

Às vezes, Elizabeth ficava deitada na cama à noite e se perguntava como sua vida tinha chegado àquele ponto. Mas sua reflexão nunca durava muito, porque ela sabia a resposta.

Calvin Evans.

CAPÍTULO 3

Dez anos antes, janeiro de 1952

INSTITUTO DE PESQUISAS HASTINGS

Calvin Evans também trabalhava no Instituto de Pesquisas Hastings, mas, ao contrário de Elizabeth, que trabalhava em um laboratório apinhado de gente, ele tinha um grande só para si.

Levando em conta seu histórico, talvez ele merecesse o laboratório. Aos 19 anos, já tinha contribuído com uma pesquisa decisiva que ajudou o famoso químico britânico Frederick Sanger a conquistar o Prêmio Nobel; aos 22, descobriu uma forma mais rápida de sintetizar proteínas simples; aos 24, seus avanços no campo da reatividade do dibenzo selenofeno o colocaram na capa da revista *Chemistry Today*. Além disso, escreveu dezesseis artigos científicos, recebeu convites para dez congressos internacionais e uma oferta para uma bolsa de pesquisa em Harvard. Duas vezes. Que ele recusou. Duas vezes. Em parte porque Harvard não o tinha aceitado como aluno alguns anos antes e em parte porque – bem, não havia nenhum outro motivo. Calvin era um homem brilhante, mas, se tinha um defeito, era a capacidade de guardar rancor.

Além desse rancor, ele tinha a reputação de ser impaciente. Assim como tantas pessoas brilhantes, Calvin simplesmente não entendia como ninguém mais *entendia as coisas*. Também era introvertido, o que não é exatamente um defeito, mas muitas vezes a introversão se manifesta como frieza. O pior de tudo é que Calvin era remador.

Como qualquer pessoa que não pratica remo pode atestar, remadores não são divertidos, porque o único tema sobre o qual querem conversar é o esporte que praticam. Junte dois ou mais remadores em um ambiente e a conversa descamba de assuntos normais, como trabalho e clima, para longos relatos inúteis sobre barcos, bolhas, remos, grips, remoergômetros, idas à proa, exercícios físicos, ataques, afastamentos, recuperações, rachaduras, posições, vogas, trilhos, partidas, comandos, sprints e debates sobre a água estar realmente “lisa” ou não. Daí, geralmente a conversa progride para o que deu errado na última vez em que remaram, o que pode dar errado na próxima e de quem foi e/ou será a culpa. Em algum momento, os remadores estendem as mãos e comparam os calos. Se você for muito azarado, essa ação pode ser seguida por vários minutos de reverência enquanto um deles relata um dia perfeito no remo, no qual tudo foi fácil.

ALÉM DA QUÍMICA, O REMO era a única coisa pela qual Calvin nutria uma paixão verdadeira. Na realidade, o remo foi o principal motivo para Calvin se candidatar a Harvard: em 1945, fazer parte da equipe de remo de Harvard significava remar com os melhores. Na verdade, com os *segundos* melhores. A Universidade de Washington tinha a melhor equipe, mas ficava em Seattle, e diziam que em Seattle está sempre chovendo. Calvin detestava chuva. Portanto, ele se voltou para um local mais distante, para a outra Cambridge, aquela que fica na Inglaterra, expondo assim um dos maiores mitos sobre cientistas: que eles são bons em pesquisa.

No primeiro dia em que Calvin remou em Cambridge, choveu. No segundo dia, choveu. No terceiro dia, idem.

– Chove desse jeito o tempo *todo*? – reclamou Calvin, enquanto ele e os companheiros de equipe erguiam o pesado barco de madeira nos ombros e se arrastavam até o cais.

– Ah, nunca – tranquilizaram os outros. – Cambridge, em geral, tem um clima bem ameno. – E depois se entreolharam, como se quisessem confirmar algo de que já suspeitavam havia muito tempo: os americanos eram idiotas.

INFELIZMENTE, A IDIOTICE DE CALVIN também se estendia aos namoros – um grande problema, já que ele queria demais se apaixonar. Durante todos os seis anos solitários que passou em Cambridge, Calvin conseguiu convidar cinco mulheres para sair; dessas cinco, só uma concordou em ter um segundo encontro e, mesmo assim, só porque pensou que fosse outra pessoa quando atendeu o telefone. O maior problema de Calvin era a inexperiência. Ele era como um cão que, depois de anos tentando, pega um esquilo e não tem a menor ideia do que fazer com ele.

– Olá, há... – dissera ele, com o coração aos pulos, as mãos suadas, a mente subitamente desorientada, quando a moça abriu a porta. – Debbie?

– É *Deirdre*. – A moça suspirou, dando a primeira de uma série de muitas olhadas no relógio.

Durante o jantar, a conversa ziguezagueou entre decomposição molecular de ácidos aromáticos (Calvin), o filme que devia estar em cartaz (*Deirdre*), a síntese de proteínas não reativas (Calvin), se ele gostava de dançar (*Deirdre*), olhar as horas – já eram oito e meia da noite e ele tinha que remar na manhã seguinte, então ele a levaria direto para a casa dela (Calvin).

Desnecessário dizer que ele transou muito poucas vezes depois desses encontros. Na verdade, não transou nenhuma vez.

– COMO ASSIM VOCÊ NÃO ESTÁ dando sorte? – comentavam seus colegas em Cambridge. – As garotas adoram remadores. – O que não era verdade. – E, mesmo sendo americano, você não é feio. – O que também não era verdade.

Parte do problema era a postura de Calvin. Com 1,93 metro de altura, ele era comprido e magricela, mas curvava para a direita, provavelmente porque sempre remava a bombordo. Mas o pior mesmo era o seu rosto. Ele tinha uma aparência solitária, como uma criança que cresceu sozinha, grandes olhos cinzentos, cabelo alourado desgrenhado e lábios arroxeados, quase sempre inchados porque ele costumava mordê-los. Seu rosto era o que alguns poderiam chamar de sem graça, uma composição abaixo da média que não dava a menor pista do anseio e da inteligência que existiam por trás,

exceto por um traço essencial – os dentes –, que eram retos e brancos e compensavam toda a compleição facial sempre que ele sorria. Felizmente, ainda mais depois de se apaixonar por Elizabeth Zott, Calvin sorria o tempo todo.

ELES SE CONHECERAM – OU MELHOR, trocaram algumas palavras – em uma terça-feira de manhã no Instituto de Pesquisas Hastings, o laboratório privado localizado na ensolarada região sul da Califórnia onde Calvin, depois de se formar em Cambridge e de fazer um doutorado em tempo recorde e tendo 43 ofertas de emprego para considerar, aceitou o cargo em parte por causa da reputação do instituto, mas principalmente por impulso. Não chovia muito em Commons. Elizabeth, por outro lado, aceitou a oferta de trabalho do Hastings porque foi a única que recebeu.

Parada do lado de fora do laboratório de Calvin Evans, ela percebeu uma série de grandes cartazes que alertavam:

NÃO ENTRE
EXPERIMENTO EM ANDAMENTO
ENTRADA PROIBIDA
MANTENHA DISTÂNCIA

Então, ela abriu a porta.

– Olá – chamou, tentando se fazer ouvir por cima da voz de Frank Sinatra, que bradava de um aparelho de som posicionado em um lugar inadequado no meio do cômodo. – Preciso falar com o responsável.

Calvin, surpreso ao ouvir aquela voz, esticou a cabeça por trás de uma grande centrífuga.

– *Desculpe, senhorita* – gritou ele, irritado, com um grande par de óculos de segurança protegendo os olhos da substância borbulhando à sua direita –, mas esta área é restrita. Não viu os cartazes?

– Eu *vi!* – gritou Elizabeth em resposta, ignorando o tom do homem enquanto atravessava o laboratório para desligar a música. – Pronto. Agora

podemos escutar um ao outro.

Calvin mordeu os lábios e apontou para os cartazes.

– A senhorita não pode entrar aqui. Os *cartazes*.

– É, bem, me disseram que seu laboratório tem um excedente de béqueres e precisamos de alguns lá embaixo. Está tudo aqui – disse ela, empurrando um pedaço de papel na direção dele. – Foi autorizado pelo gerente de estoque.

– Ninguém me falou nada – disse Calvin, examinando o papel. – E sinto muito, mas não dá. Preciso de todos os béqueres. Talvez seja melhor eu falar com um químico lá embaixo. Peça para o seu chefe me ligar.

Ele voltou ao trabalho e religou o som.

Elizabeth não saiu do lugar.

– O senhor quer falar com um químico? Alguém que não seja *eu*? – gritou ela mais alto do que Sinatra.

– *Isso* – respondeu ele. E depois suavizou um pouco a voz. – Olhe, eu sei que não é culpa sua, mas eles não deviam mandar uma secretária aqui em cima para fazer esse trabalho sujo. Agora, eu sei que você pode achar difícil entender, mas estou no meio de uma coisa importante. Por favor. Só peça para o seu chefe me ligar.

Elizabeth estreitou os olhos. Ela não gostava de gente que fazia suposições com base naquilo que ela considerava pistas visuais totalmente ultrapassadas e também não gostava de homens que acreditavam, mesmo se ela tivesse esse cargo, que ser secretária significava ser incapaz de compreender palavras que não fossem “Datilografe isso em três vias”.

– Que coincidência! – gritou ela enquanto se encaminhava até uma estante e apanhava uma caixa grande de béqueres. – Também estou ocupada. – E saiu pisando firme.

MAIS DE TRÊS MIL PESSOAS trabalhavam no Instituto de Pesquisas Hastings; foi por isso que Calvin levou uma semana para localizá-la. Quando finalmente a encontrou, ela parecia não se lembrar dele.

– Sim? – disse ela, se virando para ver quem tinha entrado em seu

laboratório, com um grande par de óculos de segurança ampliando seus olhos, as mãos e os braços cobertos por enormes luvas de borracha.

– Olá – cumprimentou ele. – Sou eu.

– Eu quem? – perguntou ela. – Pode ser mais específico? – E se virou de novo para o trabalho.

– Eu – respondeu Calvin. – Cinco andares acima? Você pegou meus béqueres.

– É melhor ficar afastado, atrás daquela cortina – disse ela, acenando com a cabeça para a esquerda. – Tivemos um pequeno acidente aqui na semana passada.

– Foi difícil localizar a senhorita.

– O senhor se incomoda...? – perguntou ela. – Agora *eu* estou no meio de uma coisa importante.

Ele aguardou com paciência enquanto ela terminava as medidas, fazia anotações no caderno, reavaliava os resultados dos testes do dia anterior e ia ao banheiro.

– Ainda está aqui? – perguntou Elizabeth ao voltar. – Não tem nenhum trabalho para fazer?

– Toneladas.

– Não vou devolver os béqueres.

– Quer dizer que a senhorita se lembra de mim.

– Lembro. Mas não de uma forma boa.

– Vim pedir desculpas.

– Não precisa.

– Que tal um almoço?

– Não.

– Jantar?

– Não.

– Café?

– Escute – disse Elizabeth, as luvas enormes apoiadas na cintura –, preciso avisar que o senhor está começando a me irritar.

Calvin desviou o olhar, constrangido.

– Sinto muitíssimo mesmo – falou ele. – Vou embora.

– AQUELE ERA O CALVIN EVANS? – perguntou um técnico de laboratório ao vê-lo abrir caminho no meio de quinze cientistas que trabalhavam colados uns nos outros em um espaço de cerca de um quarto do tamanho do laboratório particular de Calvin. – O que ele veio fazer aqui?

– Uma questão sem importância sobre quem é dono dos béqueres – respondeu Elizabeth.

– Béqueres? – Ele hesitou. – Espere aí. – Ele pegou um dos béqueres novos. – Aquela caixa grande de béqueres que você disse que achou na semana passada. Era *dele*?

– Eu nunca disse que achei. Disse que *consegui* os béqueres.

– Com Calvin Evans? – retrucou o técnico. – Você ficou maluca?

– Tecnicamente, não.

– Ele disse que você podia pegar os béqueres?

– Tecnicamente, não. Mas eu tinha um formulário.

– Que formulário? Você sabe que tem que passar por mim. Você sabe que pedir suprimentos é o meu trabalho.

– Eu sei. Mas eu estava esperando fazia mais de três meses. Já tinha pedido quatro vezes, preenchido cinco ordens de requisição, conversado com o Dr. Donatti. Sinceramente, eu não sabia mais o que fazer. Minha pesquisa depende desses suprimentos. *São só béqueres.*

O técnico fechou os olhos.

– Escute – disse, reabrindo-os devagar, como se quisesse salientar a estupidez de Elizabeth. – Estou aqui há muito mais tempo que você e sei como são as coisas. Você sabe da fama do Calvin Evans, não sabe?

– Sei. Ele tem fama de ter excedente de equipamento.

– Não – respondeu ele. – Ele tem fama de guardar rancor. Rancor!

– É mesmo? – retrucou ela, pouco interessada.

ELIZABETH ZOTT TAMBÉM GUARDAVA RANCOR. Só que seu rancor era dirigido principalmente a uma sociedade patriarcal fundada sobre a ideia de que as mulheres tinham menos valor. Menos habilidades. Menos inteligência. Menos criatividade. Uma sociedade que acreditava que os homens iam para

o trabalho e faziam coisas importantes – descobriam planetas, desenvolviam produtos, formulavam leis – e as mulheres ficavam em casa e criavam os filhos. Ela não queria filhos – isso ela sabia sobre si mesma –, mas também sabia que muitas outras mulheres *queriam* filhos e uma carreira. E o que havia de errado nisso? Nada. Era exatamente o que os homens tinham.

Pouco tempo antes, ela havia lido sobre um país em que os pais e as mães trabalhavam fora e participavam da criação dos filhos. Onde era mesmo? Suécia? Não conseguia se lembrar. Mas a questão era que dava muito certo. A produtividade era mais alta; as famílias eram mais unidas. Ela se via sendo parte integrante dessa sociedade. Um lugar que nunca a confundisse automaticamente com uma secretária, um lugar onde, quando ela apresentasse suas descobertas em uma reunião, não precisasse estar preparada para enfrentar os homens que invariavelmente fariam mais alto do que ela ou, pior, receberiam os créditos pelo trabalho dela. Elizabeth balançou a cabeça. Quando o assunto era igualdade, o ano de 1952 era uma grande decepção.

– Você tem que pedir desculpas a ele – insistiu o técnico de laboratório.
– Quando devolver os malditos béqueres, aja com humildade. Você colocou nosso laboratório todo em risco e deixou uma impressão ruim de mim.

– Vai ficar tudo bem – replicou Elizabeth. – São só béqueres.

Mas, na manhã seguinte, os béqueres tinham desaparecido, substituídos por olhares enviesados de alguns de seus colegas químicos, que agora também acreditavam que ela os tinha colocado em risco de sofrer com o lendário rancor de Calvin Evans. Elizabeth tentou conversar com eles, mas todos lhe deram um gelo à própria maneira; mais tarde, enquanto passava pelo saguão, encontrou esses mesmos colegas reclamando dela – que ela se levava muito a sério, que achava que era melhor do que todos eles, que tinha se recusado a sair com todos, mesmo com os solteiros. E que ela só tinha conseguido concluir o mestrado em química orgânica na UCLA por ter dado *duro* – a palavra “duro” foi acompanhada por gestos grosseiros e risos contidos. Quem ela pensava que era, afinal de contas?

– Alguém deveria colocá-la no lugar dela – disse um deles.

– Ela nem é tão inteligente assim – insistiu outro.

– Ela é uma puta – declarou uma voz conhecida. Seu chefe, Donatti.

Elizabeth, acostumada com as primeiras frases, mas chocada com a última, se apoiou na parede, sentindo uma onda de enjoo. Essa era a segunda vez que a chamavam disso. A primeira vez – uma lembrança horrível – tinha sido na UCLA.

TINHA ACONTECIDO QUASE DOIS ANOS ANTES. Aluna do mestrado, faltando apenas dez dias para receber o título, Elizabeth ainda estava no laboratório às nove da noite, certa de ter encontrado um problema no protocolo de teste. Enquanto tamborilava o papel com um lápis número dois, que tinha acabado de apontar, pensando no seu palpite, ouviu a porta se abrir.

– Olá? – chamou ela.

Não estava esperando ninguém.

– Você ainda está aqui – disse uma voz sem nenhuma surpresa. Seu orientador.

– Ah, oi, Dr. Meyers – cumprimentou ela, levantando o olhar. – É. Estou só repassando os protocolos de teste para amanhã. Acho que encontrei um problema.

Ele abriu a porta um pouco mais e deu um passo para dentro.

– Eu não pedi para você fazer isso – disse ele, a voz tensa de irritação. – Falei que estava tudo pronto.

– Eu sei – replicou ela. – Mas eu quis dar uma última olhada. – A estratégia de dar uma última olhada não era algo que Elizabeth gostava de fazer; era uma coisa que ela sabia que *tinha* que fazer para manter seu cargo na equipe de pesquisas do Dr. Meyers, composta só por homens. Não que ela se importasse com a pesquisa dele: era enfadonha, nada inovadora. Apesar de uma notável falta de criatividade, aliada a uma preocupante ausência de novas descobertas, Meyers era considerado um dos principais pesquisadores de DNA dos Estados Unidos.

Elizabeth não gostava dele; ninguém gostava. Com exceção, talvez, da UCLA, que o adorava porque o homem publicava mais artigos do que qualquer outro da área. O segredo de Meyers? Não era ele quem escrevia os

artigos, mas sim seus alunos de pós-graduação. Só que ele sempre recebia o crédito integral por cada palavra, às vezes mudando somente o título e algumas expressões aqui e ali antes de apresentá-lo como um artigo inteiramente diferente. Ele podia fazer isso, porque quem lê um artigo científico de cabo a rabo? Ninguém. Assim, aumentava sua quantidade de artigos e, com eles, sua reputação. Foi como Meyers se tornou um importante pesquisador de DNA: quantidade.

Além do talento para artigos supérfluos, Meyers também era famoso por ser devasso. Não havia muitas mulheres nos departamentos de ciências da UCLA, mas as poucas que havia – principalmente secretárias – se tornavam o foco da atenção indesejada dele. Em geral, elas deixavam o emprego depois de seis meses, com a confiança abalada, os olhos inchados, alegando motivos pessoais. Mas Elizabeth não saiu: ela não podia, porque precisava do mestrado. Assim, ela tolerava as humilhações cotidianas – os toques, os comentários obscenos, as insinuações de mau gosto –, ao mesmo tempo que deixava claro que não estava interessada. Até o dia que ele a chamou até a sala dele, aparentemente para conversar sobre a admissão no programa de doutorado, mas, em vez disso, enfiou a mão embaixo da saia dela. Furiosa, ela o afastou à força e ameaçou denunciá-lo.

– Para quem? – Ele riu. Em seguida, a repreendeu por “não ser divertida”, deu uma palmada no traseiro dela e a mandou pegar o casaco dele no armário do escritório. Ele sabia que, quando ela abrisse a porta, ia encontrar fotos de mulheres com os seios à mostra, algumas estiradas, sem expressão, de quatro, com o pé calçado de um homem apoiado triunfante nas costas.

– AQUI – DISSE ELA AO DR. MEYERS. – Etapa 91, na página 232. A temperatura. Estou razoavelmente convencida de que está alta demais, o que significa que a enzima vai ficar inativa, e isso pode distorcer os resultados.

O Dr. Meyers a observava da porta.

– Você mostrou isso para mais alguém?

– Não – respondeu ela. – Acabei de perceber.

- Então você não falou com o Phillip.
- Phillip era o principal assistente de pesquisa de Meyers.
- Não. Ele acabou de sair. Tenho certeza de que ainda consigo alcançá-lo...
- Não precisa – interrompeu ele. – Tem mais alguém aqui?
- Não que eu saiba.
- O protocolo está correto – disse ele de um jeito áspero. – Você não é a especialista. Pare de questionar minha autoridade. E não fale sobre isso com mais ninguém. Entendeu?
- Eu só estava tentando ajudar, Dr. Meyers.
- Ele a fitou, como se avaliasse a veracidade da afirmação.
- E eu preciso da sua ajuda – disse ele. Depois se virou para a porta e a trancou.

O PRIMEIRO GOLPE FOI UM TAPA com a mão aberta que girou a cabeça dela para a esquerda como uma bola de espirobol após uma bela batida. Ela arfou, em choque, depois conseguiu se endireitar, com a boca sangrando e os olhos arregalados, sem acreditar. Ele fez uma careta como se não estivesse satisfeito com o resultado e a atingiu de novo, dessa vez derrubando-a do banco. Meyers era um homem grande – mais de 100 quilos –, e sua força era produto da densidade, não de uma boa forma física. Ele se curvou até onde ela estava caída no chão e, agarrando-a pelos quadris, ergueu-a como um guindaste que levanta um fardo de madeira molhada, arremessando-a para o banco de novo como uma boneca de pano. Depois virou-a com força e, chutando o banco para longe, empurrou o rosto e o peito dela contra a bancada de aço inoxidável.

– Não se mexa, sua puta – ordenou ele, enquanto ela lutava, os dedos gordos do homem subindo por baixo da saia.

Elizabeth engoliu em seco, o gosto de metal enchendo sua boca enquanto ele a molestava, uma das mãos puxando a saia acima da cintura dela, a outra beliscando a pele da parte interna das coxas. Com o rosto achatado contra a mesa, ela mal conseguia respirar, quanto mais gritar. Ela

chutava para trás furiosa, como um animal preso em uma armadilha, mas a recusa em ceder só o enfurecia ainda mais.

– Não lute comigo – avisou Meyers, enquanto o suor pingava da barriga dele para a parte posterior das coxas de Elizabeth. Mas, enquanto ele se movia, o braço dela recuperou a liberdade. – Fique *parada!* – exigiu ele, enfurecido, enquanto ela se contorcia para a frente e para trás, ofegante de choque, o torso gordo do homem amassando o corpo dela como se fosse uma panqueca.

Em um esforço final para mostrar quem estava no comando, ele pegou o cabelo dela e puxou. Depois se lançou para dentro dela, como um bêbado nojento, soltando um gemido de satisfação que foi interrompido por um grito agudo de dor.

– Puta merda! – berrou Meyers, tirando o peso de cima dela. – Meu Deus! Que porra foi essa? – Ele a afastou com um empurrão, confuso pela forte ardência brotando no lado direito do corpo. Olhou para baixo, para a cintura cheia de banha, tentando entender a dor, mas a única coisa que viu foi uma borrachinha cor-de-rosa sobressaindo da região ilíaca direita. Uma estreita mancha de sangue circundava a borracha.

O lápis número dois. Com a mão livre, Elizabeth o tinha encontrado e enfiado direto na lateral do corpo de Meyers. Não só uma parte, mas o lápis inteiro. A ponta de grafite afiada, a simpática madeira amarela, o aro dourado brilhante, toda a sua extensão de dezoito centímetros enterrada no corpo do homem. E, ao fazer isso, ela perfurou não só o intestino grosso e o intestino delgado de Meyers, mas também a própria carreira acadêmica.

– VOCÊ É ALUNA DAQUI *MESMO?* – perguntou o guarda do campus depois que a ambulância levou o Dr. Meyers. – Preciso ver sua carteira de estudante.

Elizabeth, com as roupas rasgadas, as mãos tremendo, um grande hematoma começando a surgir na testa, olhou incrédula para ele.

– É uma pergunta válida – disse o guarda. – O que uma mulher estaria fazendo em um laboratório a esta hora da noite?

– Eu s-sou a-aluna de pós-graduação – gaguejou ela, achando que ia

vomitam. – De química.

O guarda expirou como se não tivesse tempo para esse tipo de absurdo, depois pegou um bloquinho de anotações.

– Por que você não me conta o que você *acha* que aconteceu?

Elizabeth relatou todos os detalhes do ocorrido, a voz abafada pelo choque. Ele parecia estar anotando tudo, mas, quando ele se virou para dizer a outro guarda que “estava tudo sob controle”, ela percebeu que o bloco estava em branco.

– Por favor. Eu... eu preciso de um médico.

Ele fechou o bloco.

– Quer fazer uma declaração de arrependimento? – E ele deu uma espiada na saia dela, como se o próprio tecido já fosse um convite óbvio. – Você apunhalou o homem. Vai ser melhor se demonstrar algum remorso.

Ela voltou a fitar o guarda com os olhos fundos.

– O senhor... o senhor não entendeu direito. Ele me atacou. Eu... eu me defendi. Preciso de um médico.

O guarda expirou.

– Nada de declaração de arrependimento, então? – indagou ele, fechando a caneta com um clique.

Ela o encarou com a boca entreaberta, o corpo tremendo. Baixou o olhar para a própria coxa, onde a marca da mão de Meyers estava delineada em um tom arroxeadado. Ela resistiu à ânsia de vômito.

Ergueu o olhar a tempo de vê-lo verificando as horas. Aquele pequeno movimento foi o que bastou. Ela estendeu a mão e arrancou a carteira de estudante das mãos do homem.

– Sim, oficial – disse ela, a voz firme como arame farpado. – Agora, pensando melhor, tenho um arrependimento, sim.

– Muito melhor – comentou ele. – Agora estamos chegando a algum lugar. – Ele tornou a abrir a caneta com um clique. – Estou ouvindo.

– Lápis – disse ela.

– Lápis – repetiu o guarda, anotando.

Ela ergueu a cabeça para encará-lo com um filete de sangue escorrendo da têmpora.

– Me arrependo por só ter aquele lápis.

A AGRESSÃO, OU “EVENTO INFELIZ”, como o comitê de admissão chamou pouco antes de rescindir formalmente o ingresso dela no programa de doutorado, tinha sido culpa de Elizabeth. O Dr. Meyers a pegara cometendo uma fraude. Ela havia tentado mudar um protocolo de teste para distorcer os resultados do experimento – ele tinha as provas bem ali – e, quando ele a confrontou, Elizabeth se insinuou para ele, oferecendo sexo. Quando isso não funcionou, iniciou-se uma luta física e, antes que ele pudesse perceber, estava com um lápis no abdômen. Tinha sorte de estar vivo.

Quase ninguém acreditou nessa história. A reputação do Dr. Meyers era conhecida. Mas ele também era importante, e a UCLA não tinha nenhuma intenção de perder alguém do calibre dele. Elizabeth teve que sair. O mestrado estava concluído. Os hematomas iam sarar. Alguém ia escrever uma carta de recomendação. Vida que segue.

Foi assim que ela acabou no Instituto de Pesquisas Hastings. E agora ali estava ela, do lado de fora do saguão do instituto, as costas apoiadas em uma parede, com o estômago embrulhado.

ELA ERGUEU OS OLHOS E NOTOU o técnico de laboratório fitando-a.

– Está tudo bem, Elizabeth? – perguntou ele. – Você está meio estranha.

Ela não respondeu.

– A culpa foi minha, Elizabeth – admitiu ele. – Eu não devia ter feito uma confusão tão grande no caso dos béqueres. Quanto a eles – disse, apontando a cabeça em direção ao saguão (era óbvio que ele tinha ouvido tudo) –, estão só fazendo o que homens fazem. Ignore.

Mas ela não conseguia ignorá-los. Na verdade, no dia seguinte, o chefe dela, o Dr. Donatti – aquele que a chamou de puta – a transferiu para um novo projeto.

– Vai ser muito mais fácil – justificou ele. – Mais adequado à sua capacidade intelectual.

– Por quê, Dr. Donatti? – perguntou ela. – Tinha alguma coisa errada no meu trabalho?

Ela fora a força motriz do atual projeto de pesquisa do grupo e, como resultado, eles estavam perto de atingir resultados dignos de publicação. Mas Donatti apontou para a porta. No dia seguinte, ela foi designada para um estudo de aminoácido de pouca importância.

O técnico de laboratório, percebendo a crescente insatisfação dela, perguntou por que ela queria ser cientista, afinal de contas.

– Eu não quero ser cientista – disparou ela. – Eu *sou* cientista! – Na mente dela, não dava para deixar um homem gordo da UCLA nem o próprio chefe nem alguns colegas de mentalidade retrógrada a impedirem de atingir seus objetivos. Ela já tinha encarado muitos desafios. Ia sobreviver ao que viesse.

Só que lutar para sobreviver desgasta a pessoa. Conforme os meses passavam, a coragem dela foi sendo testada várias vezes. A única coisa que lhe dava algum alívio era ir ao teatro. E até isso era decepcionante às vezes.

ERA UMA NOITE DE SÁBADO, cerca de duas semanas depois do incidente com os béqueres. Ela havia comprado um ingresso para *O Micado*, uma opereta supostamente divertida. Embora estivesse ansiosa para assistir havia algum tempo, à medida que a trama se desenrolava ela percebeu que não estava achando graça nenhuma. A letra das músicas era racista, os atores eram todos brancos e estava óbvio que a protagonista feminina ia levar a culpa pelos erros de todas as outras pessoas. A trama toda a fez se lembrar do trabalho. Ela decidiu desistir e ir embora no intervalo.

Para piorar as coisas, Calvin Evans também estava no teatro naquela noite e, se estivesse conseguindo prestar atenção, poderia ter concordado com todas as opiniões de Elizabeth. Mas aquele era o seu primeiro encontro com uma secretária da Divisão de Biologia e ele estava enjoado. Para começar, esse encontro tinha sido fruto de um equívoco: a secretária o convidou para a opereta só porque, levando em conta a fama de Calvin, acreditava que ele era rico. Calvin, reagindo ao perfume lacrimejante da

secretária, tinha piscado diversas vezes, e ela interpretou isso como “Vou adorar”.

O mal-estar começou no primeiro ato, mas no fim do segundo se intensificou e virou uma turbulência estomacal.

– Me desculpe – cochichou ele –, mas não estou me sentindo bem. Vou embora.

– Como assim? – perguntou ela, desconfiada. – Você parece ótimo.

– Estou enjoado – murmurou ele.

– Bem, sinto muito, mas eu comprei esse vestido especialmente para hoje e não vou sair enquanto não o usar pelas próximas quatro horas.

Calvin empurrou um punhado de dinheiro para o táxi na direção do rosto perplexo da moça e correu para o saguão com uma das mãos no abdômen enquanto seguia direto para o banheiro, tomando o cuidado de não sacudir o estômago sensível.

Para piorar *ainda mais* as coisas, Elizabeth tinha chegado ao saguão no mesmo instante e, assim como Calvin, também estava indo ao banheiro. Mas, quando viu a fila comprida, deu meia-volta, frustrada, e, ao fazer isso, trombou direto com Calvin, que vomitou em cima dela no mesmo instante.

– Ah, meu Deus – disse ele, entre ânsias de vômito. – Ai, Jesus.

Surpresa no início, Elizabeth se recompôs e, ignorando o estado de calamidade em que ele tinha deixado o vestido dela, pousou uma mão tranquilizadora no torso encurvado.

– Este homem está passando mal – falou Elizabeth em direção à fila do banheiro, ainda sem perceber quem era. – Será que alguém pode chamar um médico?

Mas ninguém fez isso. Todas as pessoas na fila do banheiro, reagindo ao fedor e ao som do enjoo violento, desocuparam a área no mesmo instante.

– Ah, meu Deus – Calvin dizia sem parar, segurando a barriga –, *ah, meu Deus*.

– Vou providenciar papel toalha – disse Elizabeth com gentileza. – E um táxi. – Foi quando ela deu uma boa olhada no rosto do homem e acrescentou: – Nós não nos conhecemos?

VINTE MINUTOS DEPOIS, ela estava ajudando Calvin a entrar em casa.

– Acho que podemos descartar uma dispersão por aerossol de difenilamina arsina – disse ela. – Já que ninguém mais foi afetado.

– Guerra química? – ofegou ele com a mão no abdômen. – Espero que sim.

– Provavelmente foi alguma coisa que você comeu – comentou ela. – Intoxicação alimentar.

– Ah... – gemeu ele. – Que vergonha. Eu sinto muito *mesmo*. Seu vestido. Eu pago a lavanderia.

– Não se preocupe – tranquilizou ela. – Foi só um respingo.

Ela o ajudou a se sentar no sofá, onde ele caiu estatelado.

– Eu... eu não consigo me lembrar da última vez que vomitei. Ainda mais em *público*.

– Acontece.

– Eu estava em um encontro – contou ele. – Dá para imaginar? Deixei a moça lá no teatro.

– Não – respondeu ela, tentando se lembrar da última vez que tivera um encontro.

Os dois ficaram em silêncio por alguns minutos, depois ele fechou os olhos. Ela interpretou o gesto como a deixa para ir embora.

– De novo, me desculpe – sussurrou ele, quando a ouviu indo em direção à porta.

– Por favor. Não precisa se desculpar. Foi uma reação, uma incompatibilidade química. Somos cientistas. Entendemos essas coisas.

– Não, não – acrescentou ele, fraco, querendo esclarecer. – Estou falando de ter confundido você com uma secretária naquele dia... de mandar você pedir para o seu chefe me ligar. Sinto muito *mesmo*.

Para isso, ela não tinha resposta.

– Nunca fomos apresentados formalmente – prosseguiu ele. – Sou Calvin Evans.

– Elizabeth Zott – respondeu ela, juntando suas coisas.

– Bem, Elizabeth Zott – disse ele, tentando dar um sorrisinho –, você salva vidas.

Mas estava claro que ela não tinha ouvido.

– MINHA PESQUISA EM DNA se concentrava nos ácidos polifosfóricos como agentes de condensação – contou ela a Calvin enquanto os dois tomavam café no refeitório na semana seguinte. – E está funcionando bem, até agora. Só que no mês passado me designaram para outro projeto. Um estudo de aminoácidos.

– Mas por quê?

– Donatti... você não trabalha para ele também? Enfim, ele resolveu que o meu trabalho não era necessário.

– Mas a pesquisa de agentes de condensação é crucial para a compreensão do DNA...

– É, eu sei, eu *sei* – concordou ela. – Era o que eu planejava pesquisar no meu doutorado. Se bem que o meu interesse de verdade é a abiogênese.

– Abiogênese? A teoria de que a vida surgiu a partir de matéria sem vida, virando organismos simples? Fascinante. Mas você não é ph.D.

– Não.

– Mas a abiogênese é da área do doutorado.

– Tenho mestrado em química. Pela UCLA.

– A academia... – Ele assentiu, solidário. – Ela envelheceu. Você quis pular fora.

– Não exatamente.

Seguiu-se um longo momento de silêncio desconfortável.

– Olhe – recomeçou ela, respirando fundo –, minha hipótese sobre os ácidos polifosfóricos é a seguinte.

Antes de se dar conta, ela havia conversado com ele por mais de uma hora, e Calvin fazia um sinal afirmativo enquanto tomava notas, interrompendo de vez em quando com perguntas elaboradas, às quais ela respondia com facilidade.

– Eu teria avançado mais – completou ela –, mas, como mencionei, fui “realocada”. E, antes disso, conseguir os suprimentos básicos para fazer o meu trabalho era quase impossível. – Era por isso, explicou, que ela se

rebaixava a roubar equipamentos e suprimentos de outros laboratórios.

- Mas por que é tão difícil conseguir os suprimentos? – indagou Calvin.
- O instituto tem muito dinheiro.

Elizabeth o encarou como se ele tivesse perguntado como, com tanta comida no mundo, podia haver gente passando fome.

- Discriminação machista – respondeu ela, pegando o lápis número dois que sempre usava atrás da orelha ou no cabelo e o batendo com força na mesa. – Mas também política, favoritismo, desigualdade e injustiça de modo geral.

Ele mordeu o lábio.

- Mas principalmente discriminação machista – arrematou ela.
- Como assim, discriminação? – perguntou ele com inocência. – Por que não íamos querer mulheres na ciência? Não faz sentido. Precisamos de todos os cientistas disponíveis.

Elizabeth o encarou, perplexa. Até então tinha a impressão de que Calvin Evans era um homem inteligente, mas naquele momento percebeu que ele era uma dessas pessoas que talvez só fossem inteligentes em algumas áreas. Ela o observou com mais cuidado, como se estivesse avaliando como explicar de forma que ele entendesse. Juntando o cabelo com as mãos, ela o enrolou duas vezes e fez um nó no alto da cabeça. Em seguida, o prendeu com o lápis.

- Quando estava em Cambridge, quantas mulheres cientistas você conheceu? – perguntou ela com cautela, voltando a colocar as mãos na mesa.

- Nenhuma. Mas minha faculdade era só para homens.

- Ah, entendi – continuou ela. – Mas as mulheres com certeza tinham as mesmas oportunidades em outros lugares, certo? Então, quantas mulheres cientistas você conhece? E Marie Curie não conta.

Ele a encarou de volta, pressentindo dificuldades.

- O problema, Calvin – afirmou ela –, é que metade da população está sendo desperdiçada. Não é só o fato de eu não conseguir os suprimentos de que preciso para fazer o meu trabalho; a questão é que as mulheres não conseguem a instrução necessária para fazer o que *elas* devem fazer. E,

mesmo que frequentem uma faculdade, nunca vai ser um lugar como Cambridge. O que significa que elas nunca vão ter as mesmas oportunidades nem o mesmo respeito. Vão começar de baixo e vão ficar lá. Isso sem contar a questão da remuneração. E tudo isso porque elas não frequentaram uma faculdade que, para início de conversa, nem as aceitaria.

– Você está afirmando – disse ele devagar – que mais mulheres querem se dedicar à ciência.

Ela arregalou os olhos.

– É claro que sim. À ciência, à medicina, às finanças, à música, à matemática. Todas as áreas.

Ela fez uma pausa, porque a verdade é que só tinha conhecido poucas mulheres que queriam se dedicar à ciência ou, para dizer a verdade, a qualquer outra área de conhecimento. A maioria das mulheres que ela conheceu na faculdade dizia que só estava lá para conseguir um marido. Era desconcertante, como se todas tivessem bebido alguma coisa que as deixasse temporariamente loucas.

– Mas, em vez disso – continuou ela –, as mulheres estão em casa, fazendo bebês e limpando tapetes. É uma escravidão legalizada. Até o trabalho das mulheres que querem ser donas de casa é completamente mal interpretado. Os homens parecem achar que a principal tarefa no dia de uma mãe de cinco filhos é escolher a cor do esmalte para as unhas.

Calvin visualizou cinco filhos e estremeceu.

– Sobre o seu trabalho – disse ele, tentando redirecionar a batalha. – Acho que eu posso resolver.

– Não preciso que você resolva nada – rebateu ela. – Sou perfeitamente capaz de resolver meus próprios problemas.

– Não é, não.

– Como é que é?

– Você não consegue resolver porque o mundo não funciona assim. A vida não é justa.

Isso a enfureceu: o fato de *ele* falar de injustiça para *ela*. Ele não sabia da missa a metade. Ela começou a falar alguma coisa, mas ele a interrompeu.

– Olhe, a vida nunca foi justa e mesmo assim você continua a agir como

se fosse. Como se, logo que você conseguir endireitar algumas coisas erradas, todo o resto vá se encaixar com perfeição. Isso não vai acontecer. Quer um conselho? – E, antes que ela dissesse não, acrescentou: – Não trabalhe de acordo com o sistema. Seja mais esperta que ele.

Ela ficou em silêncio, refletindo sobre as palavras de Calvin. Elas faziam sentido de uma forma irritante e injusta demais.

– Agora, veja a feliz coincidência: venho tentando repensar os ácidos polifosfóricos no último ano e não estou chegando a lugar nenhum. A sua pesquisa pode mudar isso. Se eu disser ao Donatti que preciso trabalhar com as suas descobertas, você volta para a antiga pesquisa amanhã. E, mesmo que eu não precisasse dos seus resultados, porque eu preciso, estou em débito com você. Primeiro pelo comentário sobre ser secretária e, depois, por ter vomitado em você.

Elizabeth continuou em silêncio. Mesmo contra seus princípios, sentia-se acalentando a ideia. Ela não queria, não gostava da ideia de ter que ser mais esperta que o sistema. Por que os sistemas não podiam simplesmente funcionar da maneira correta? E com toda certeza ela não gostava de receber favores. Parecia que estava trapaceando. Ainda assim, Elizabeth tinha objetivos e, caramba, por que ela deveria esperar sentada? Esperar sentado nunca levou ninguém a lugar nenhum.

– Olhe – disse Elizabeth com ênfase, afastando uma mecha de cabelo do rosto. – Espero que você não pense que estou tirando conclusões precipitadas, mas tive problemas no passado e quero deixar uma coisa clara: eu não vou sair com você. É só trabalho, nada mais. Não estou interessada em nenhum tipo de relacionamento.

– Nem eu – insistiu ele. – É trabalho. Só isso.

– Só isso.

Eles recolheram as xícaras e os pires e partiram em direções opostas, ambos esperando ardentemente que o outro não estivesse falando sério.

CAPÍTULO 4

Introdução à química

Cerca de três semanas depois, Calvin e Elizabeth se dirigiam para o estacionamento, as vozes alteradas.

– Sua ideia é completamente equivocada – disse ela. – Você não está levando em conta a natureza fundamental da síntese de proteínas.

– Pelo contrário – rebateu ele, pensando que jamais tinham chamado nenhuma de suas ideias de equivocada e, agora que isso acontecera, não tinha gostado muito. – Não consigo acreditar que você está ignorando completamente a estrutura molec...

– Eu *não* estou ignorando...

– Você está esquecendo as duas ligações covalentes...

– São *três* ligações covalentes...

– É, mas só quando...

– Olhe – interrompeu Elizabeth bruscamente quando os dois pararam na frente do carro dela. – Temos um problema.

– Que problema?

– *Você* – respondeu ela com firmeza, apontando as duas mãos para ele. – Você é o problema.

– Porque discordamos?

– Não é esse o problema – disse ela.

– Então, *qual* é?

– É... – Ela fez um gesto vago com a mão, depois ficou olhando para

longe.

Calvin expirou e, pousando a mão no capô do velho Plymouth azul de Elizabeth, esperou a reprimenda que sabia que viria.

Nas últimas semanas, ele e Elizabeth tinham se encontrado seis vezes – duas para almoçar e quatro para tomar um café –, e todas as vezes tinham sido tanto o melhor quanto o pior momento do dia dele. O melhor porque ela era a mulher mais inteligente, perspicaz, fascinante e, sim, a mais preocupantemente bonita que ele já tinha conhecido. O pior porque ela sempre parecia com pressa de ir embora. E, quando ela ia, ele se sentia desesperado e deprimido pelo resto do dia.

– As recentes descobertas sobre bichos-da-seda – dizia ela. – No último número dos *Cadernos de Ciência*. Era a isso que eu me referia como a parte complicada.

Ele assentiu como se entendesse, mas não entendera, e não só a parte relativa aos bichos-da-seda. Toda vez que eles se encontravam, Calvin fazia um esforço tremendo para provar que não tinha nenhum interesse nela além do profissional. Ele não sugeria pagar o café, não se oferecia para carregar a bandeja dela, nem mesmo abria portas para ela passar – nem mesmo na vez em que ela estava carregando tantos livros que mal dava para ver a cabeça dela. Ele também não desmaiou quando ela esbarrou nele por acaso na pia e ele sentiu o cheiro do cabelo dela. Ele nem sabia que um cabelo podia ter aquele cheiro – como se tivesse sido lavado em uma bacia de flores. Ela não ia reconhecer o comportamento exemplar dele, de trabalho-e-nada-mais? Tudo aquilo era enfurecedor.

– A parte sobre bombicol – disse ela. – Nos bichos-da-seda.

– Claro – respondeu ele de um jeito vago, pensando em como tinha sido idiota na primeira vez em que a vira. Ele a chamara de secretária. Enxotou-a do laboratório. E depois? Vomitou nela. Ela disse que não tinha importância, mas será que voltou a usar aquele vestido amarelo? Não. Era óbvio que, mesmo dizendo que não guardava nenhum rancor, ela guardava. Na qualidade de campeão nesse assunto, ele sabia como as coisas funcionavam.

– É um mensageiro químico – continuou ela – encontrado nas fêmeas de

bichos-da-seda.

– Bichos – disse ele com sarcasmo. – Que maravilha.

Ela deu um passo para trás, surpresa com a frivolidade de Calvin.

– Você não está interessado, né? – perguntou ela, com a ponta das orelhas ficando vermelhas.

– Nem um pouco – confirmou ele.

Elizabeth inspirou brevemente e se ocupou procurando a chave do carro dentro da bolsa.

QUE DECEPÇÃO GIGANTESCA. Ela finalmente tinha encontrado alguém com quem conseguia conversar de verdade – alguém que ela achava infinitamente inteligente, perspicaz, fascinante (e preocupantemente bonita sempre que sorria) –, e ele não tinha o menor interesse nela. Nenhum. Os dois tinham se encontrado seis vezes nas últimas semanas, e ela sempre mantinha a conversa no nível profissional, assim como Calvin, apesar de ele se portar de maneira quase grosseira. E naquele dia em que ela não conseguia nem ver a porta porque estava carregando uma pilha de livros? Ele nem se dignou a ajudar. Ainda assim, toda vez que se encontravam, ela sentia um desejo praticamente irresistível de beijá-lo. O que era *extremamente* fora dos padrões dela. Ainda assim, toda vez que se encontravam – encontros que ela terminava o mais rápido possível por medo de beijá-lo *mesmo* –, ela se sentia desesperada e deprimida pelo resto do dia.

– Preciso ir – disse ela.

– Como sempre – retrucou ele. Mas nenhum dos dois se mexeu. Em vez disso, viraram a cabeça em direções opostas, como se estivessem procurando a pessoa que realmente queriam encontrar no estacionamento, apesar de já serem quase sete da noite de uma sexta-feira e de só haver dois carros no estacionamento sul: o dela e o dele.

– Animada para o fim de semana? – arriscou ele.

– Sim – mentiu ela.

– Aproveite – disparou ele. Em seguida, deu meia-volta e se afastou.

Ela o observou por um instante, depois entrou no carro e fechou os olhos. Calvin não era burro. Ele lia os *Cadernos de Ciência*. Devia ter percebido o que ela estava insinuando ao mencionar o bombicol, o feromônio liberado pelas fêmeas de bicho-da-seda para atrair os machos. *Bichos*, dissera ele de um jeito quase cruel. Que babaca. E como ela havia sido tola: abordar tão descaradamente o assunto do amor em um estacionamento só para ser rejeitada.

Você não está interessado, né?, perguntara ela.

Nem um pouco, respondera ele.

Ela abriu os olhos e enfiou a chave na ignição. Ele provavelmente estava achando que ela só queria mais equipamentos de laboratório. Porque, na cabeça de um homem, que outro motivo teria uma mulher para mencionar bombicol em uma noite de sexta-feira em um estacionamento vazio quando a brisa suave sopra do oeste levando o aroma do xampu extremamente caro dela direto para a cavidade nasal dele, a não ser que fosse só uma trama para conseguir mais béqueres? Ela não conseguia pensar em nenhum outro motivo. Só no verdadeiro. Ela estava se apaixonando por ele.

Bem nesse momento, ela ouviu uma batida seca à esquerda. Ergueu o olhar e viu Calvin fazendo sinal para ela abrir a janela.

– Eu não estou atrás do seu maldito equipamento de laboratório! – exclamou ela ao baixar o vidro que os separava.

– E eu não sou o problema – disparou ele ao se curvar para encará-la no mesmo nível.

Elizabeth retribuiu o olhar de Calvin, enfurecida. Como ele se *atrevia*?

Calvin sustentou o olhar de Elizabeth. Como *ela* se atrevia?

Então aquele sentimento surgiu de novo, aquele que ela sentia sempre que estava com ele, mas dessa vez ela agiu, esticando as duas mãos para puxar o rosto dele para junto do dela. Aquele primeiro beijo cimentou uma ligação permanente que nem a química conseguiria explicar.

CAPÍTULO 5

Valores de família

Os colegas de laboratório presumiram que Elizabeth estava namorando Calvin Evans por uma única e exclusiva razão: a fama. Com Calvin sob seu controle, ela era intocável. Mas o motivo era muito mais simples: “Porque eu o amo”, ela teria respondido se alguém perguntasse. Mas ninguém perguntou.

O mesmo acontecia com ele. Se alguém tivesse perguntado, Calvin teria respondido que Elizabeth Zott era o que ele mais estimava no mundo. Estava com ela não porque era bonita e inteligente, mas porque ela o amava e ele a amava com um certo tipo de plenitude, de convicção e de fé que ressaltava a dedicação de um pelo outro. Eles eram mais do que amigos, mais do que confidentes, mais do que aliados e mais do que amantes. Se os relacionamentos são quebra-cabeças, o deles estava resolvido desde o início – como se alguém sacudisse a caixa e observasse cada peça avulsa aterrissar no local exato, encaixando uma na outra, todas integradas, formando um quadro que fazia todo sentido. Eles deixavam outros casais enjoados.

À noite, depois de fazerem amor, os dois costumavam ficar deitados na mesma posição, de costas, a perna dele jogada sobre a dela, o braço dela em cima da coxa dele, a cabeça dele inclinada em direção à dela, e conversavam: às vezes sobre os desafios, outras vezes sobre o futuro, sempre sobre o trabalho. Apesar da fadiga pós-sexo, suas conversas costumavam durar tanto que seguiam até as primeiras horas da manhã. E sempre que era sobre

alguma descoberta ou fórmula, no fim um deles tinha que se levantar e fazer anotações. Embora o excesso de convivência costume afetar o trabalho de certos casais de maneira negativa, com Elizabeth e Calvin acontecia exatamente o oposto. Eles trabalhavam mesmo quando *não estavam* trabalhando – fomentando a criatividade e inventividade um do outro com um novo ponto de vista –, e a comunidade científica já ficava, sim, maravilhada com a produtividade dos dois, mas provavelmente ficaria ainda mais se soubesse que era quando estavam nus que ficavam mais produtivos.

– AINDA ESTÁ ACORDADA? – sussurrou Calvin hesitante, certa noite, enquanto os dois estavam na cama. – Porque eu queria combinar uma coisa com você. É sobre o Dia de Ação de Graças.

– O que é que tem?

– Bom, o feriado está chegando e eu fiquei me perguntando se você vai para casa e, se for, se vai me convidar para ir junto e... – ele fez uma pausa e depois acelerou a fala – ... conhecera sua família.

– *O quê?* – sussurrou Elizabeth em resposta. – *Para casa?* Não vou, não. Pensei em passarmos o Dia de Ação de Graças aqui. Juntos. A não ser... Bem. *Você* estava planejando ir para casa?

– De jeito nenhum – respondeu ele.

NOS ÚLTIMOS MESES, CALVIN e Elizabeth vinham conversando sobre quase tudo: livros, carreiras, crenças, aspirações, filmes, política, até mesmo alergias. Só havia uma exceção evidente: família. Não era proposital – pelo menos, não no início –, mas, depois de meses sem mencionar o assunto, ficou claro que ele talvez nunca surgisse.

Isso não quer dizer que eles não se interessavam pelas raízes um do outro. Quem não gostaria de mergulhar fundo no poço da infância de outra pessoa e conhecer todos os personagens de sempre? O genitor rigoroso, os irmãos competitivos, a tia maluca. Eles.

Desse modo, o tópico família se transformou em algo parecido com uma

sala interdita por cordas na visita a uma casa histórica. Era possível esticar o pescoço para ver alguma coisa e ter a vaga impressão de que Calvin crescera em algum lugar (Massachusetts) e que Elizabeth tinha irmãos (ou seriam irmãs?), mas não havia nenhuma oportunidade para ultrapassar as cordas e dar uma espiada no armário de remédios. Até Calvin mencionar o Dia de Ação de Graças.

– Não acredito que vou perguntar isso – ele finalmente se aventurou a interromper o silêncio pesado. – Mas eu nem sei de onde você é.

– Ah – soltou Elizabeth. – Bem. Do Oregon. E você?

– Iowa.

– Sério? Pensei que você fosse de Boston.

– Não – disse ele com pressa. – Algum irmão? Irmã?

– Um irmão – respondeu ela. – E você?

– Nenhum. – O tom de voz foi monótono.

Ela continuou deitada, imóvel, assimilando o tom de voz de Calvin.

– Era solitário? – perguntou ela.

– Era – respondeu ele com sinceridade.

– Sinto muito... – comentou ela, pegando a mão do namorado por baixo dos lençóis. – Seus pais não queriam outro filho?

– Não sei dizer – respondeu ele, com a voz aguda. – Não é o tipo de coisa que uma criança pergunta aos pais, não é? Mas é possível que não quissem. Com certeza.

– Mas...

– Eles morreram quando eu tinha cinco anos. Minha mãe estava grávida de oito meses na época.

– Ah, meu Deus. Sinto muito, Calvin – disse Elizabeth, se erguendo de um salto. – O que aconteceu?

– Um trem – respondeu ele de maneira casual. – Bateu neles.

– Calvin, que triste. Eu não fazia ideia.

– Tudo bem. Foi muito tempo atrás. Eu não me lembro muito bem deles, na verdade.

– Mas...

– Sua vez – disse ele bruscamente.

– Não, espere, espere, Calvin, quem *criou* você?
– Minha tia. Mas depois ela também morreu.
– O quê? *Como*?
– Nós estávamos no carro e ela teve um ataque cardíaco. O carro subiu no meio-fio e bateu em uma árvore.

- Meu Deus.
- Pode chamar de tradição familiar. Morrer em acidentes.
- Não tem graça.
- Eu não estava tentando fazer graça.
- Quantos anos você tinha? – tentou Elizabeth.
- Seis.

Ela estreitou os olhos.

- E aí colocaram você em... – A voz dela foi morrendo.
- Um orfanato católico para meninos.
- E... – atçou ela, detestando a si mesma por fazer isso. – Como era lá?

Ele fez uma pausa, como se tentasse encontrar uma resposta sincera para essa pergunta tão simples.

- Difícil – respondeu ele, por fim, a voz tão baixa que ela mal escutou.

A quatrocentos metros, um trem apitou e Elizabeth se encolheu. Quantas noites, ali deitado, Calvin não teria ouvido o apito e pensado nos pais mortos e no quase irmão sem nunca ter dito uma palavra? A não ser, talvez, que nunca pensasse neles; ele disse que mal se lembrava da família. Mas, então, *de quem* ele se lembrava? E *como* eles eram? E quando ele disse “Difícil”, se referia exatamente *a quê*? Ela queria perguntar, mas o tom de voz de Calvin – tão sombrio e baixo e estranho – a alertou para não avançar. E o que aconteceu com a vida dele depois? Como foi que ele aprendeu a remar no meio de Iowa, quanto mais abrir caminho até Cambridge e fazer parte da equipe de remo de lá? E a faculdade? Quem tinha financiado? E a educação fundamental? Um orfanato de meninos em Iowa não parecia ser uma fonte muito boa de aprendizado. Uma coisa é ser brilhante, mas ser brilhante e sem oportunidades era muito diferente. Se Mozart tivesse nascido em uma família pobre de Mumbai em vez de em uma família culta de Salzburgo, será que teria composto a Sinfonia nº 36 em dó maior? Sem chance. Então, como

Calvin tinha saído do nada e se tornado um dos cientistas mais respeitados do mundo?

– Você estava me contando – disse ele, com a voz dura, enquanto a puxava de novo para perto. – Oregon.

– Isso – confirmou ela, apavorada de contar a própria história.

– Com que frequência você visita sua família? – indagou ele.

– Nunca.

– Mas *por quê?* – Calvin quase gritou, chocado por ela descartar uma família perfeitamente boa. Pelo menos, uma família que ainda estava viva.

– Motivos religiosos.

Calvin fez uma pausa, como se não tivesse entendido.

– Meu pai era... uma espécie de religioso profissional – explicou ela.

– Um o quê?

– Um tipo de vendedor de Deus.

– Não estou entendendo...

– Alguém que prega desgraça e miséria para ganhar dinheiro. Sabe – continuou ela, a voz cheia de constrangimento –, aquele tipo que faz um discurso inflamado alertando que o fim está próximo, mas que tem uma solução. Por exemplo, um batismo especializado ou um amuleto caro para atrasar só um pouquinho mais o Dia do Julgamento.

– Tem gente que vive disso?

Ela virou a cabeça para ele.

– Ah, tem.

Ele ficou em silêncio, tentando imaginar.

– Seja como for – continuou ela –, tivemos que nos mudar várias vezes por causa disso. Você não pode ficar repetindo para todo mundo que o fim está próximo se o fim nunca chega.

– E sua mãe?

– Ela fazia os amuletos.

– Não! Quero dizer, ela também era muito religiosa?

Elizabeth hesitou.

– Só se você considerar a ganância uma religião. Existe muita concorrência nessa área, Calvin. É um setor extremamente lucrativo. Mas

meu pai tinha um dom especial, e o Cadillac novo que ele comprava todo ano provava isso. Mas, no fundo, acho que o talento dele para a combustão espontânea era o que o fazia se destacar.

– Espere aí. *O quê?*

– É muito difícil ignorar alguém que grita “Me dê um sinal” quando depois disso algo sempre pega fogo.

– Espere. Você está dizendo que...

– Calvin – disse ela, voltando ao seu tom científico padrão –, você sabia que os pistaches são naturalmente inflamáveis? É por causa do conteúdo rico em gordura. Normalmente, os pistaches são armazenados em condições bem controladas de umidade, temperatura e pressão, mas, se essas condições se alteram, as enzimas que fazem a clivagem de gorduras produzem ácidos graxos livres que se decompõem quando a semente absorve oxigênio e libera dióxido de carbono. O resultado? Fogo. Dou crédito ao meu pai por duas coisas: ele conseguia conjurar uma combustão espontânea sempre que precisava de um conveniente sinal de Deus. – Ela balançou a cabeça. – Rapaz, como usamos pistaches...

– E a outra? – perguntou Calvin, admirado.

– Foi ele quem me apresentou à química. – Ela expirou. – Eu devia agradecer a ele por isso, acho – continuou em um tom amargo. – Mas não agradeço.

Calvin virou a cabeça para a esquerda, tentando disfarçar a decepção. Naquele momento, ele percebeu quanto queria conhecer a família dela, quanto esperava se sentar à mesa no Dia de Ação de Graças, cercado de pessoas que finalmente seriam dele porque ele era dela.

– Onde está o seu irmão? – perguntou ele.

– Morreu. – A voz dela soava áspera. – Suicídio.

– *Suicídio?* – Ele perdeu o fôlego. – *Como?*

– Ele se enforcou.

– Mas... mas *por quê?*

– Porque meu pai disse a ele que Deus o odiava.

– Mas... mas...

– Como eu falei, meu pai era muito convincente. Se ele dissesse que

Deus queria alguma coisa, em geral Deus conseguia. Sendo que Deus era o meu pai.

Calvin sentiu o estômago se revirar.

– Você e seu irmão eram... eram próximos?

Ela inspirou fundo.

– Éramos.

– Mas eu não entendo – insistiu ele. – Por que seu pai faria uma coisa dessas?

Ele voltou a atenção para o teto escuro. Não tinha muita experiência com famílias, mas sempre achou que ser parte de uma era importante: um pré-requisito para a estabilidade, o ponto de apoio para superar dificuldades. Nunca tinha imaginado que uma família pudesse *ser* a dificuldade.

– John, o meu irmão, era homossexual – contou Elizabeth.

– Ah – soltou ele, como se agora entendesse. – Sinto muito.

Ela se apoiou em um cotovelo e o fitou no escuro.

– O que *isso* quer dizer? – disparou ela.

– Bem, mas... como você sabia? Com certeza ele não contou para você.

– Sou uma cientista, Calvin, lembra? Eu *sabia*. Além do mais, não há nada de errado na homossexualidade; é bem normal, um fato básico da biologia humana. Não consigo entender como as pessoas não sabem disso. Será que ninguém mais lê Margaret Mead? A questão é a seguinte: eu sabia que John era homossexual e ele sabia que eu sabia. Conversávamos sobre isso. Ele não escolheu; era uma parte de quem ele era. O melhor de tudo – disse ela, melancólica – é que ele também sabia sobre mim.

– Sabia que você era...

– *Cientista!* – disparou Elizabeth. – Olhe, imagino que você deve achar difícil de entender, por conta das suas circunstâncias terríveis, mas, apesar de nascermos dentro de uma família, isso não significa necessariamente que pertencemos a ela.

– Mas pertencemos...

– Não. Você precisa entender o seguinte, Calvin. Pessoas como o meu pai pregam o amor, mas são cheias de ódio. Não toleram ninguém que

ameace suas crenças limitadas. No dia em que minha mãe pegou meu irmão de mãos dadas com outro rapaz, foi o fim. Depois de um ano ouvindo que era uma aberração e não merecia viver, ele foi até o galpão com uma corda.

Ela relatou isso em um tom de voz alto demais, como as pessoas fazem quando estão se esforçando muito para não chorar. Ele estendeu as mãos e ela deixou que a abraçasse.

– Quantos anos você tinha? – perguntou ele.

– Dez. John tinha dezessete.

– Me conte mais sobre o John – pediu Calvin. – Como ele era?

– Ah, você sabe – balbuciou ela. – Gentil. Protetor. Era o John que lia para mim toda noite, fazia curativo nos meus joelhos ralados. Foi ele quem me ensinou a ler e escrever. Nós nos mudávamos muito e eu nunca fui boa em fazer amizades, mas eu tinha o John. Passávamos a maior parte do tempo na biblioteca. Era o nosso santuário, a única coisa com a qual podíamos contar em todas as cidades. É meio engraçado, agora que estou pensando nisso.

– Como assim?

– Porque meus pais *trabalhavam* com santuários.

Ele assentiu.

– Uma coisa que aprendi, Calvin: as pessoas sempre querem uma solução simples para problemas complicados. É muito mais fácil ter fé em algo que você não pode ver, tocar, explicar nem alterar do que em algo concreto. – Ela soltou um suspiro. – Em si mesmo, quero dizer. – Ela contraiu o abdômen.

Os dois ficaram em silêncio, mergulhados nas desgraças de seus respectivos passados.

– Onde estão seus pais agora?

– Meu pai está preso. Um dos sinais que ele recebia de Deus acabou fazendo-o matar três pessoas. Quanto à minha mãe, ela se divorciou, casou de novo e se mudou para o Brasil. Eles não têm leis de extradição por lá. Já falei que meus pais nunca pagaram impostos?

Calvin soltou um assobio longo e baixo. Quando uma pessoa cresce com uma dieta de constante tristeza, é difícil imaginar que outras pessoas

possam ter recebido uma porção ainda maior.

– Então, depois que o seu irmão... morreu... eram só você e seus pais...

– Não – interrompeu ela. – Só eu. Meus pais muitas vezes viajavam durante semanas, e, sem o John, eu tive que me tornar autossuficiente. Foi o que eu fiz. Aprendi a cozinhar sozinha e a fazer pequenos consertos na casa.

– E a escola?

– Já falei: eu ia para a biblioteca.

– Só isso?

Ela se virou para ele.

– Só isso.

Os dois continuaram deitados lado a lado como árvores derrubadas. À distância de vários quarteirões, o sino de uma igreja tocou.

– Quando eu era criança – disse Calvin em voz baixa –, eu costumava dizer a mim mesmo que todo dia era como novo. Que qualquer coisa podia acontecer.

Ela pegou a mão dele de novo.

– Isso ajudou?

A boca de Calvin ficou frouxa quando ele se lembrou do que o bispo no orfanato tinha revelado sobre o pai dele.

– Acho que só quero dizer que não devemos ficar presos no passado.

Ela assentiu, imaginando um menino que tinha acabado de ficar órfão tentando se convencer de que teria um futuro brilhante. É de uma coragem especial uma criança que aguenta o pior e, apesar de todas as leis do universo e todas as evidências contrárias, resolve que o dia seguinte pode ser melhor.

– Todo dia é como novo – repetiu Calvin como se ainda fosse aquela criança. Mas a memória do que ele tinha descoberto sobre o pai ainda era muito forte, e ele parou. – Escute, estou cansado. Vamos dormir.

– Temos que dormir um pouco – disse Elizabeth sem bocejar.

– Podemos conversar sobre isso em outra ocasião – disse ele, deprimido.

– Talvez amanhã – mentiu ela.

CAPÍTULO 6

○ refeitório do Instituto Hastings

Não há nada mais irritante do que testemunhar a injusta cota de felicidade de outra pessoa e, para alguns dos colegas no Instituto de Pesquisas Hastings, Elizabeth e Calvin abusavam do direito de ser felizes. Ele, porque era brilhante; ela, porque era bonita. Quando se tornaram um casal, as cotas injustas duplicaram automaticamente, tornando-as injustas de verdade.

A pior parte, de acordo com essas pessoas, era que os dois não tinham conquistado essas cotas – eles simplesmente nasceram com elas, o que significava que ambas se originavam não de trabalho árduo, mas de um acaso genético. E o fato de os dois decidirem combinar os dons não conquistados em um relacionamento amoroso – e com certeza intensamente sexual – que os outros tinham que testemunhar todo dia na hora do almoço tornava tudo muito pior.

– LÁ VÊM ELES – DISSE UM geólogo do sétimo andar. – Batman e Robin.

– Ouvi falar que eles vão morar juntos. Você sabia? – perguntou seu companheiro de laboratório.

– *Todo mundo* sabe.

– Eu não sabia – comentou um terceiro, chamado Eddie, com um jeito sisudo.

Os três geólogos observavam Elizabeth e Calvin escolherem uma mesa

vazia no meio do refeitório, o barulho de bandejas e talheres tilintando ao redor deles como uma metralhadora. Enquanto o cheiro do estrogonofe servido no refeitório ameaçava tomar o resto do ambiente, Calvin e Elizabeth colocaram um conjunto de vasilhas Tupperware na mesa. Frango à parmegiana. Batatas gratinadas. Algum tipo de salada.

– Ah, entendi – disse um dos geólogos. – Parece que a comida daqui não é boa o suficiente para eles.

– A comida dos meus gatos é melhor do que isso – disse o outro geólogo, empurrando a bandeja para longe.

– Olá, rapazes! – cantarolou a Srta. Frask, secretária do departamento de pessoal, excessivamente animada e com um traseiro largo. Ela abaixou a bandeja, depois pigarreou esperando que Eddie, técnico de laboratório da geologia, puxasse a cadeira para ela. A Srta. Frask namorava Eddie havia três meses e, embora ela quisesse se convencer de que tudo estava correndo bem, não estava. Eddie era imaturo e tinha um comportamento grosseiro. Mastigava com a boca aberta, gargalhava de piadas que não tinham graça, falava coisas do tipo “ela é um avião”. Ainda assim, Eddie tinha uma característica importante a seu favor: era solteiro. – Obrigada, Eddie – disse a Srta. Frask, quando ele se curvou e puxou a cadeira para ela. – Quanta gentileza!

– Olhe por sua conta e risco – alertou um dos geólogos, fazendo um gesto com a cabeça em direção a Calvin e Elizabeth.

– Por quê? – perguntou ela. – O que você está olhando? – Ela se virou na cadeira para seguir o olhar do geólogo. – Minha nossa... – comentou, espiando o casal feliz. – *De novo?*

Os quatro observaram em silêncio quando Elizabeth pegou um caderno e o passou para Calvin. Ele examinou a página e fez um comentário. Elizabeth balançou a cabeça e apontou para alguma coisa específica. Calvin assentiu e, inclinando a cabeça, começou lentamente a morder os lábios.

– Ele é *tão* feio... – disse a Srta. Frask com desdém. Mas, como ela trabalhava no departamento de pessoal e ninguém dali fazia comentários sobre a aparência física de um funcionário, acrescentou: – E com isso quero dizer apenas que ele não fica bem de azul.

Um dos geólogos pegou uma garfada de estrogonofe e, resignado, deixou o talher de lado.

– Ouviram a última? Evans foi indicado para o Nobel outra vez.

A mesa toda soltou um suspiro coletivo.

– Ah, isso não significa nada – disse um dos geólogos. – Qualquer um pode ser indicado.

– Ah, é? Você já foi indicado?

Eles continuaram a observar, fascinados, quando, alguns minutos depois, Elizabeth se abaixou e pegou um pacote embrulhado em papel-manteiga.

– O que vocês acham que é? – perguntou um dos geólogos.

– Alguma coisa assada – respondeu Eddie, com a voz tomada de fascínio. – Ela também sabe *cozinhar*.

– Ah, meu Deus – reagiu a Srta. Frask, exasperada. – Como assim “também”? Qualquer um pode cozinhar.

– Eu não entendo – disse um dos geólogos. – Ela já fígou o Evans. Por que ela ainda está aqui? – Ele fez uma pausa, como se estivesse ponderando todas as possibilidades. – A não ser que Evans ainda não queira se *casar* com ela.

– Por que comprar a vaca se você pode beber o leite de graça? – sugeriu o outro geólogo.

– Eu cresci em uma fazenda – comentou Eddie. – Vacas dão muito trabalho.

A Srta. Frask olhou para ele de esquelha. Estava irritada porque ele continuava esticando o pescoço na direção de Elizabeth Zott como uma planta quando busca a luz do sol.

– Sou especialista em comportamento humano – disse ela. – Teve uma época em que eu estava tentando obter um ph.D. em psicologia. – Ela olhou para os companheiros de almoço, na esperança de que eles perguntassem sobre essas aspirações acadêmicas, mas ninguém pareceu minimamente interessado. – De qualquer maneira, é por isso que posso dizer com convicção: é *ela* que está se aproveitando *dele*.

NO OUTRO LADO DO REFEITÓRIO, Elizabeth arrumou seus papéis e se levantou.

– Desculpe ter que sair às pressas, Calvin, mas tenho uma reunião.

– Uma reunião? – perguntou ele, como se ela tivesse acabado de anunciar que ia testemunhar uma execução. – Se você trabalhasse no meu laboratório, nunca teria que ir a reuniões.

– Mas eu não trabalho no seu laboratório.

– Mas *poderia*.

Ela suspirou, arrumando as vasilhas. Claro que ela adoraria trabalhar no laboratório dele, mas não era possível. Ela era iniciante na química. Tinha que progredir por conta própria. *Tente entender*, ela havia dito a ele mais de uma vez.

– Mas nós moramos juntos. Esse é só o próximo passo lógico. – Quando se tratava de Elizabeth, ele sabia que o que importava era a lógica.

– Por motivos financeiros – lembrou ela.

O que, à primeira vista, era verdade. Calvin tinha dado a ideia argumentando que, como os dois passavam a maior parte do tempo livre juntos, seria sensato do ponto de vista financeiro dividir o teto. No entanto, também era 1952 e, em 1952, uma mulher solteira não podia ir morar com um homem. Foi por isso que ele ficou um pouco surpreso quando Elizabeth não hesitou.

– Vou pagar metade das despesas – dissera ela.

Elizabeth tirou o lápis do cabelo e bateu com ele na mesa esperando a resposta. Na verdade, ela não queria dizer que ia pagar a metade. Isso era impossível. Seu salário era pouco acima do ridículo; metade estava fora de questão. Além do mais, a casa estava no nome dele e só ele receberia o benefício fiscal. Portanto, metade não seria justo. Ela lhe dera uns minutos para fazer os cálculos. Metade seria absurdo.

– Metade... – comentara ele, como se estivesse avaliando.

Ele já sabia que ela não poderia pagar metade. Não poderia pagar nem a quarta parte. Isso porque o instituto pagava uma ninharia a ela – cerca de metade do que recebia um homem no mesmo cargo –, um fato que ele tinha descoberto ao espiar ilegalmente o arquivo pessoal de Elizabeth. De qualquer maneira, ele não tinha uma hipoteca. Tinha quitado o pequeno

bangalô no ano anterior com o dinheiro de um prêmio que recebera e se arrependera na mesma hora. É como diz o ditado: “Nunca ponha todos os ovos em uma cesta só.” Bem, ele tinha feito isso.

– Ou – dissera ela, se alegrando – talvez possamos pensar em uma permuta. Sabe, como os países fazem entre si.

– Uma permuta?

– Aluguel em troca de serviços prestados.

Calvin ficou paralisado. Ele tinha entreouvido todas as fofocas sobre o leite grátis.

– O jantar – esclareceu ela. – Quatro noites por semana. – E, antes que ele pudesse responder, acrescentou: – Tudo bem. *Cinco*. Mas é minha última oferta. Eu cozinho bem, Calvin. Cozinhar é pura ciência. Na verdade, é química.

ASSIM, ELES FORAM MORAR JUNTOS e tudo funcionou bem. Mas trabalhar no laboratório dele? Ela se recusava até a considerar a ideia.

– Você acabou de ser indicado para um Nobel, Calvin – lembrou Elizabeth enquanto fechava, com um estalo, a tampa do Tupperware contendo o resto das batatas. – É a terceira indicação em cinco anos. Eu quero ser julgada pelo meu trabalho, não pelo trabalho que as pessoas pensam que você fez por mim.

– Ninguém que conhece você pensaria isso.

Ela tirou o ar do Tupperware e se virou para fitá-lo.

– Esse é o problema. Ninguém me conhece.

ELA SE SENTIRA ASSIM A VIDA INTEIRA. Era definida não pelo que fazia, mas pelo que outros tinham feito. No passado, era conhecida como a cria de um incendiário, a filha de uma caçadora de maridos, a irmã de um homossexual que se enforcou ou a aluna de pós-graduação de um renomado libertino. Agora era a namorada de um químico famoso. Mas nunca era apenas Elizabeth Zott.

E, nas raras ocasiões em que não era definida pelas ações de outras pessoas, era rejeitada logo de cara como um ser insignificante ou uma aproveitadora, com base naquilo que ela mais odiava em si mesma. Sua aparência. Que, por acaso, era toda do pai.

Era por causa do pai que ela havia deixado de sorrir. Antes de se tornar evangelizador, ele queria ser ator. Tinha tanto o carisma quanto os dentes – todos com coroas feitas profissionalmente. O único ingrediente que faltava? Talento. Assim, quando ficou evidente que não seria viável trabalhar como ator, ele levou suas habilidades para tendas de reavivamento, onde seu falso sorriso vendia o fim dos tempos. Foi por isso que Elizabeth, aos dez anos, parou de sorrir. A semelhança diminuiu.

O sorriso só reapareceu na presença de Calvin Evans. A primeira vez foi naquela noite no teatro, quando ele vomitou em cima do vestido dela. No início, ela não o reconheceu, mas, quando isso aconteceu e apesar do desastre, Elizabeth se curvou para ver melhor o rosto dele. Calvin Evans! Verdade seja dita, ela fora um pouco grosseira depois de receber o mesmo tratamento por parte dele – no caso dos béqueres –, mas uma atração imediata e irresistível brotou entre os dois.

– Você ainda vai comer? – perguntou ela, apontando para um recipiente quase vazio.

– Não, pode comer. Vai ser bom você comer um pouco mais.

Para falar a verdade, ele tinha planejado comer, mas estava disposto a dispensar as calorias extras se fosse para ela ficar mais tempo. Assim como Elizabeth, ele nunca tinha sido uma pessoa muito sociável; na realidade, ele só tinha se conectado de fato com outras pessoas depois de descobrir o remo. O sofrimento físico, ele aprendera havia muito tempo, conectava as pessoas de uma forma que a vida cotidiana não conseguia. Ele ainda mantinha contato com os oito companheiros da equipe de remo de Cambridge – tinha até encontrado um deles no mês anterior quando foi a Nova York para um congresso. Quatro – eles ainda se chamavam pela posição no barco – tinha se tornado neurologista.

– VOCÊ TEM O QUÊ? – dissera Quatro, surpreso. – Uma *namorada*? Que bom, Seis! – acrescentou, dando um tapinha nas costas dele. – Já estava na hora, caramba!

Calvin assentira, animado, explicando em detalhes o trabalho, os hábitos, a risada e tudo que ele amava em Elizabeth. Mas, em um tom mais sombrio, também explicou que, embora Elizabeth e ele passassem todo o tempo livre juntos – moravam juntos, comiam juntos, iam para o trabalho e depois para casa juntos –, não parecia suficiente. Não que ele não conseguisse funcionar sem ela, contou a Quatro, mas ele não via *motivo* para funcionar sem ela.

– Não sei como dizer – confidenciou depois de uma análise minuciosa. – Será que estou viciado? Dependente, de uma forma meio doentia? Será que tenho um tumor no cérebro?

– Meu Deus do Céu, Seis! Isso se chama felicidade – esclareceu Quatro. – Quando é o casório?

NO ENTANTO, ESSE ERA O PROBLEMA. Elizabeth tinha deixado bem claro que não tinha nenhum interesse em se casar.

– Não é que eu desaprove o casamento, Calvin – dissera ela mais de uma vez –, apesar de eu desaprove todas as pessoas que nos desaprovam por não sermos casados. Entende?

– Sim – afirmou Calvin, pensando em como gostaria de falar essa mesma palavra para Elizabeth diante de um altar. Mas, quando ela o fitou, esperando mais, ele acrescentou rapidamente: – Sim, acho que somos sortudos.

Ela sorriu com tanta candura que alguma coisa dentro do cérebro dele entrou em curto-circuito. Assim que se despediram, ele foi até um joalheiro e escolheu, entre as opções disponíveis, o maior diamante que podia comprar. Ardendo de empolgação, manteve a caixinha no bolso por três meses aguardando o momento perfeito.

– CALVIN? – DISSE ELIZABETH, juntando o resto de suas coisas da mesa do refeitório. – Você está me escutando? Eu disse que vou a um casamento amanhã. Na verdade, faço *parte* do casamento, acredite se quiser. – Ela deu de ombros, nervosa. – Por isso é melhor a gente conversar sobre aquele estudo dos ácidos hoje à noite, se você puder.

– Quem vai se casar?

– Minha amiga Margaret, a secretária da física. É com ela que vou me encontrar daqui a quinze minutos. Para uma prova de roupa.

– Espere. Você tem uma *amiga*?

Ele achava que Elizabeth só tinha colegas de trabalho, cientistas como ela, que reconheciam sua capacidade e boicotavam seus resultados.

Elizabeth sentiu uma onda de constrangimento.

– É, tenho – admitiu de um jeito estranho. – Margaret e eu nos cumprimentamos nos corredores. Já conversamos diversas vezes perto da máquina de café.

Calvin se esforçou para expressar com o rosto que tinha achado razoável aquela descrição de amizade.

– É de última hora. Uma das madrinhas está doente, e Margaret diz que é importante ter um número par de madrinhas e padrinhos. – Mas, ao dizer isso, percebeu que o que Margaret realmente precisava era de uma pessoa com manequim 40 sem planos para o fim de semana.

A VERDADE É QUE ELIZABETH NÃO era boa em fazer amizades. Ela dizia a si mesma que era porque havia se mudado muito, por causa dos pais ruins, da perda do irmão. Mas ela sabia que outras pessoas haviam passado por adversidades e não tinham essa dificuldade. Pelo contrário, parecia que alguns ficavam até *melhores* em fazer amizades – como se o espectro de mudanças constantes ou tristeza profunda tivesse revelado a eles a importância de fazer conexões quando e onde estivessem. O que havia de errado com ela?

Além do mais, havia a arte ilógica da amizade entre mulheres, a maneira como parecia ser necessário ter uma capacidade tanto para manter quanto

para revelar segredos no momento exato. Sempre que ela se mudava para uma cidade nova, as meninas a chamavam de lado na aula de catecismo e confidenciavam sem fôlego as paixões por algum rapaz. Elizabeth ouvia as confidências, prometendo nunca contar nada. E não contava. E isso era errado, porque ela *devia* contar. Seu trabalho como confidente era quebrar a confiança contando ao Rapaz X que a Garota Y o achava bonito, iniciando assim uma reação em cadeia de interesses entre as duas partes.

– Por que *você* não conta para ele? – perguntava ela a essas aspirantes a amigas. – Ele está *ali*. – As garotas recuavam, horrorizadas.

– ELIZABETH – DISSE CALVIN. – Elizabeth? – Ele se inclinou sobre a mesa e deu um tapinha na mão dela. – Desculpe – falou, quando ela se assustou. – Acho que perdi você por um minuto. Mas eu estava dizendo que adoro casamentos. Vou com você.

Na verdade, ele detestava casamentos. Durante anos, os casamentos o fizeram lembrar que ninguém o amava. Mas agora ele tinha Elizabeth, e, no dia seguinte, ela estaria bem perto de um altar. Ele achou que essa proximidade podia fazê-la rever sua percepção em relação ao casamento. Essa teoria tinha até um nome científico: interferência associativa.

– Não – respondeu ela depressa. – Não tenho um convite extra, e, além disso, quanto menos pessoas me virem usando aquele vestido, melhor.

– Ah, vá! – rebateu ele, estendendo o longo braço para cobrir o espaço que os separava e a tocando de novo. – Margaret não pode esperar que você vá sozinha. E, quanto ao vestido, tenho certeza de que não é tão ruim assim.

– Ah, é, *sim* – retrucou ela, voltando ao tom sensato da certeza científica. – Vestidos de madrinha são criados para deixar as mulheres pouco atraentes; dessa forma, a noiva parece mais bonita do que o habitual. É uma prática aceita, uma estratégia de defesa básica com raízes biológicas. A gente vê esse tipo de coisa na natureza o tempo todo.

Calvin pensou nos casamentos a que tinha ido e percebeu que talvez Elizabeth tivesse razão: nem uma vez ele teve vontade de convidar uma das madrinhas para dançar. Será que um vestido pode ter tanto poder? Ele

olhou para Elizabeth no outro lado da mesa, as mãos firmes se movimentando no ar enquanto descrevia o vestido: excesso de enchimento nos quadris, tecido sobrando na cintura e no peito, um laço avantajado cobrindo o traseiro. Ele pensou em quem desenhava esses vestidos; assim como os fabricantes de bombas e os astros de pornografia, eles tinham que ser vagos a respeito de como ganhavam a vida.

– Bom, você está sendo muito gentil em ajudar. Mas eu achei que você não gostasse de casamentos.

– Não, eu não gosto do matrimônio em si. Já conversamos sobre isso, Calvin; você sabe o meu ponto de vista. Mas fico feliz por Margaret. De maneira geral.

– De maneira geral?

– Bem, ela fica repetindo que no sábado à noite finalmente vai se tornar a Sra. Peter Dickman. Como se mudar o nome fosse a linha de chegada de uma corrida em que ela está competindo desde que tinha seis anos.

– Ela vai se casar com o *Dickman*? – perguntou ele. – Da Biologia Celular?

Ele não gostava de Dickman.

– Exatamente – respondeu Elizabeth. – Nunca entendi por que, quando as mulheres se casam, elas devem trocar o nome como se o de solteira fosse um carro usado, perdendo o sobrenome e às vezes até o próprio nome: Sra. *John Adams*! Sra. *Abe Lincoln*! Como se a identidade anterior fosse só uma marca usada por vinte e poucos anos antes de elas se tornarem pessoas de verdade. Sra. Peter Dickman. É uma prisão perpétua.

Elizabeth Evans, por outro lado, pensou Calvin consigo mesmo, é perfeito. Antes que conseguisse se controlar, tateou no bolso procurando a caixinha azul e, sem titubear, colocou-a na frente de Elizabeth.

– Talvez isso possa ajudar a melhorar o vestido – disse ele, com o coração aos pulos.

– CAIXINHA DE ALIANÇA – ANUNCIOU um dos geólogos. – Preparem-se, crianças: noivado à vista.

Mas algo no rosto de Elizabeth não estava certo.

ELIZABETH FITOU A CAIXINHA e depois ergueu o olhar para Calvin, com os olhos arregalados de pavor.

– Eu sei a sua opinião sobre casamento – disse Calvin de uma vez só. – Mas tenho pensado muito no assunto e acho que você e eu teríamos um tipo diferente de matrimônio. Seria bem incomum. Até divertido.

– Calvin...

– Também existem motivos práticos para as pessoas se casarem. Menos impostos, por exemplo.

– Calvin...

– Pelo menos dê uma olhadinha na aliança – suplicou ele. – Estou carregando essa caixinha para todo lado há meses. Por favor.

– Não posso – disse ela, desviando o olhar. – Só vai tornar mais difícil dizer não.

A MÃE DELA SEMPRE INSISTIRA que o valor de uma mulher se media com base na qualidade do casamento.

– Eu *podia* ter me casado com o Billy Graham – alegava ela com frequência. – Não pense que ele não estava interessado. Falando nisso, Elizabeth, quando você ficar noiva, insista no anel com a maior pedra possível. Desse modo, se o casamento não der certo, você pode pôr a aliança no prego.

Na verdade, a mãe falava por experiência própria. Quando os pais resolveram se divorciar, houve a revelação de que sua mãe tinha sido casada três vezes.

– Não vou me casar – dizia Elizabeth à mãe. – Vou ser cientista. Mulheres cientistas bem-sucedidas não se casam.

– Ah, é mesmo? – A mãe ria. – Entendi. Então você acha que vai se casar com o trabalho assim como as freiras se casam com Jesus? Se bem que, falem o que quiserem sobre as freiras, pelo menos elas sabem que o marido

não vai roncar. – Ela beliscou o braço de Elizabeth. – Nenhuma mulher diz não para o casamento, Elizabeth. Você também não vai dizer.

CALVIN ARREGALOU OS OLHOS.

– Você vai dizer *não*?

– Vou.

– *Elizabeth!*

– Calvin – disse ela com cautela, estendendo os braços sobre a mesa para pegar as mãos do namorado enquanto observava o rosto desalentado dele. – Pensei que tínhamos concordado em relação a isso. Como você também é cientista, eu sei que entende por que o casamento não está nos meus planos.

No entanto, a expressão dele não indicava que estivesse entendendo.

– Porque não posso me arriscar a ter minhas contribuições científicas apagadas sob o seu nome – esclareceu ela.

– Certo – disse ele. – Claro. Óbvio. Quer dizer que é um conflito profissional.

– Mais um conflito social.

– Bem, isso é HORRÍVEL! – gritou ele, fazendo com que as mesas que ainda não estavam assistindo voltassem toda a atenção para o casal infeliz no meio do refeitório.

– *Calvin* – falou Elizabeth. – Nós já conversamos sobre isso.

– É, eu sei. Você desaprova a mudança de nome. Mas algum dia eu dei a entender que queria que você mudasse de nome? – protestou ele. – Não, na verdade, eu *esperava* que você mantivesse o seu nome. – O que não era de todo verdade. Ele achou que ela fosse adotar o nome dele. Apesar disso, continuou: – Mas, de qualquer modo, nossa felicidade futura não deveria depender só da hipótese de algumas pessoas chamarem você equivocadamente de Sra. Evans. Nós podemos corrigir essas pessoas. – Parecia a hora errada para contar que ele já tinha adicionado o nome dela à escritura do pequenino bangalô: Elizabeth Evans foi o nome que ele informou ao funcionário da prefeitura. Fez uma anotação mental para telefonar para o funcionário assim que voltasse ao laboratório.

Elizabeth balançou a cabeça.

– Nossa felicidade não depende de sermos casados ou não, Calvin, pelo menos para mim. Estou totalmente comprometida com você; o casamento não vai mudar isso. Quanto a quem pensa o quê, não são só algumas pessoas: é a sociedade, em especial a sociedade da pesquisa científica. Tudo que eu fizer de repente vai estar no seu nome, como se *você* tivesse feito. Na realidade, a maioria das pessoas vai supor que foi você quem fez, não só porque você é homem, mas principalmente porque você é o Calvin Evans. Não quero ser outra Mileva Einstein ou Esther Lederber, Calvin; eu me recuso. E, mesmo que tomássemos todas as devidas ações judiciais para garantir que meu nome não mudaria, ele vai mudar de qualquer maneira. Todo mundo vai me chamar de Sra. Calvin Evans; eu vou me *tornar* a Sra. Calvin Evans. Todos os cartões de Natal, todos os extratos bancários, todas as notificações da Receita Federal vão ser endereçados para Sr. e Sra. Calvin Evans. A Elizabeth Zott que conhecemos vai deixar de existir.

– E ser a Sra. Calvin Evans sem dúvida é a pior coisa que poderia acontecer com você – disse ele, o rosto desmoronado de tristeza.

– Quero ser Elizabeth Zott – afirmou ela. – É importante para mim.

OS DOIS CONTINUARAM SENTADOS em um silêncio constrangedor, a detestável caixinha azul jogada entre eles como um árbitro ruim em um jogo apertado. Contra a própria vontade, Elizabeth se viu imaginando como seria a aliança.

– Eu sinto muito mesmo – repetiu ela.

– Sem problemas – rebateu ele com frieza.

Ela desviou o olhar.

– ELES ESTÃO TERMINANDO! – cochichou Eddie para os outros. – Vão acabar tudo!

Merda, pensou a Srta. Frask. Elizabeth Zott está de volta na praça.

SÓ QUE CALVIN NÃO CONSEGUIU deixar o assunto morrer. Trinta segundos depois, totalmente alheio às dezenas de pares de olhos focados neles, ele disse, em uma voz muito mais alta do que pretendia:

– Pelo amor de Deus, Elizabeth. É só um *nome*. Não importa. Você é você, é isso que interessa.

– Eu queria acreditar nisso.

– Mas é verdade – insistiu ele. – Qual é o problema de um nome?

Nenhum!

Ela ergueu o olhar com uma esperança repentina.

– Nenhum? Bem, nesse caso, e se você mudasse o seu nome?

– Mudasse como?

– Adotasse o meu. Zott.

Ele a fitou atônito, depois revirou os olhos.

– Muito engraçado – disse ele.

– Ué, por que não? – A voz dela estava um pouco alterada.

– Você já sabe por que não. Os homens não fazem isso. Além do mais, existe o meu trabalho, a minha reputação. Eu sou... – Ele hesitou.

– O quê?

– Sou... sou...

– *Diga.*

– Tudo bem. Eu sou *famoso*, Elizabeth. Não posso simplesmente mudar o meu nome.

– Ah – soltou ela. – Mas, se você não fosse famoso, *aí* sim trocar o seu nome para o meu não seria um problema. É isso que você quer dizer?

– Olhe – disse ele, pegando a caixinha azul. – Já entendi. Não fui eu quem criou essa tradição. É assim que as coisas funcionam. Quando as mulheres se casam, elas adotam o nome do marido. E noventa e nove vírgula nove por cento delas estão satisfeitas com essa mudança.

– E você tem algum estudo para sustentar essa afirmativa? – perguntou ela, desafiadora.

– Qual?

– A de que noventa e nove vírgula nove por cento das mulheres estão satisfeitas com essa mudança.

– Bem, não tenho. Mas nunca ouvi nenhuma reclamação.

– E a razão pela qual você não pode mudar seu nome é porque você é famoso. Apesar de noventa e nove vírgula nove por cento dos homens que não são famosos também manterem os próprios nomes.

– De novo – disse ele, enfiando a caixinha no bolso com tanta força que o tecido cedeu no canto. – Não fui eu quem criou essa tradição. E, como expliquei antes, eu sou, ou *era*, totalmente a favor de você manter o seu nome.

– Era?

– Não quero mais me casar com você.

Ela se recostou com força.

– VITÓRIA! – EXULTOU UM DOS GEÓLOGOS. – Caixinha de volta no bolso!

CALVIN ESTAVA FUMEGANDO. O dia já tinha começado complicado. Logo de manhã, ele tinha recebido uma pilha de novas cartas que pareciam golpe, a maioria de pessoas alegando ser parentes perdidos há muito tempo. Isso era comum; desde que ficou meio famoso, muitos impostores escreviam. Um “tio-avô” queria que Calvin investisse em seu projeto de alquimia; uma “mãe infeliz” alegava ser sua mãe biológica e queria dar dinheiro a *ele*; um suposto primo precisava de dinheiro. Havia também duas cartas de mulheres alegando que tiveram um filho dele e precisavam que ele pagasse o que lhes devia imediatamente. Isso não levava em consideração o fato de que a única mulher com quem ele já dormira era Elizabeth Zott. Será que um dia isso ia acabar?

– Elizabeth – implorou ele, passando os dedos pelo cabelo. – Por favor, entenda. Eu quero formar uma família com você, uma família *de verdade*. É importante para mim, talvez por eu ter perdido a minha, não sei. O que sei é que, desde que nos conhecemos, senti que devíamos ser três. Você, eu e um... um...

Os olhos de Elizabeth se arregalaram de pavor.

– Calvin – disse ela, alarmada –, achei que também tínhamos concordado em relação a isso.

– Bem. Nós nunca conversamos de verdade sobre o assunto.

– Conversamos, sim – reforçou ela. – *Definitivamente*.

– Só uma vez – argumentou ele –, e não foi uma conversa de verdade. Não foi séria.

– Não sei como você pode afirmar isso – disse ela, em pânico. – Nós concordamos: nada de filhos. Não acredito que você está falando isso. O que aconteceu com você?

– É, mas eu achei que podíamos...

– Eu fui clara...

– Eu sei – interrompeu ele –, mas eu achei...

– Você não pode simplesmente mudar de ideia em relação a isso.

– Pelo amor de Deus, Elizabeth – disse ele, ficando irritado. – Se você pelo menos me deixasse concluir...

– Vá em frente – disparou ela. – Conclua!

Ele a encarou, frustrado.

– Eu só estava pensando que podíamos ter um cachorro.

O alívio inundou o rosto de Elizabeth.

– Um cachorro? – repetiu. – Um cachorro!

– MALDIÇÃO – COMENTOU A SRTA. FRASK quando Calvin se curvou para beijar Elizabeth. O refeitório inteiro ecoou o sentimento dela. De todas as direções, os talheres caíram nas bandejas, provocando ruídos de resignação, as cadeiras foram chutadas para trás em uma derrota melancólica, os guardanapos sujos foram amassados em bolinhas. Era o barulho nocivo da inveja profunda, do tipo que nunca resulta em um final feliz.

CAPÍTULO 7

Seis e Meia

Para encontrar um cachorro, algumas pessoas procuram canis e outras recorrem a abrigos, mas às vezes, especialmente quando é algo predestinado, o cachorro certo encontra você.

Em uma noite de sábado, cerca de um mês depois, Elizabeth tinha corrido até a delicatessen do bairro para escolher alguma coisa para o jantar. Ao sair da loja, com os braços carregados com um grande salame e uma sacola de mercadorias, um cão sarnento e fedorento, escondido nas sombras de um beco, a viu passar. Embora estivesse imóvel no mesmo lugar havia cinco horas, o cão deu uma olhada nela, se levantou e a seguiu.

Por acaso Calvin estava na janela quando viu Elizabeth se aproximando da casa e um cão a seguindo a respeitosos cinco passos de distância. Enquanto a observava caminhar, um estranho tremor percorreu o corpo dele.

– Elizabeth Zott, você vai mudar o mundo – ele se ouviu dizendo.

E, no momento em que falou, soube que era verdade. Ela ia fazer uma coisa tão revolucionária e tão necessária que o nome dela, apesar de uma legião interminável de pessoas descrentes, seria imortalizado. E para provar que ele estava certo, naquele dia ela havia ganhado o primeiro seguidor.

– Quem é o seu amigo? – gritou Calvin para ela, afastando a sensação estranha.

– Seis e Meia! – gritou ela de volta, depois de dar uma olhadinha no

pulso.

SEIS E MEIA PRECISAVA desesperadamente de um banho. Alto, magro, cinzento e coberto de um pelo semelhante a arame farpado que dava a impressão de que tinha acabado de sobreviver a uma eletrocussão, ele ficou imóvel enquanto era ensaboado por seus novos donos, com o olhar cravado em Elizabeth.

– Acho que devíamos tentar encontrar o dono dele – disse Elizabeth, relutante. – Tenho certeza que alguém está morrendo de preocupação.

– Esse cachorro não tem dono – garantiu Calvin, e ele estava certo. Telefonemas posteriores para o abrigo e anúncios na coluna de achados e perdidos do jornal não deram nenhum resultado. Mas, mesmo que dessem, Seis e Meia já tinha deixado clara sua intenção: ficar.

Na verdade, “fica” foi o primeiro comando que ele aprendeu, embora, em poucas semanas, também tivesse aprendido pelo menos mais cinco. Foi isto que mais surpreendeu Elizabeth: a capacidade de aprendizado de Seis e Meia.

– Você acha que ele é fora do comum? – perguntou a Calvin mais de uma vez. – Ele parece pescar as coisas com muita rapidez.

– Ele está agradecido – respondeu Calvin. – Quer nos agradecer.

Mas Elizabeth tinha razão: Seis e Meia tinha sido treinado para pescar as coisas com rapidez.

Bombas, especificamente.

ANTES DE IR PARAR NAQUELE BECO, ele tinha participado de um treinamento para cães farejadores de bombas em Camp Pendleton, a base local da Marinha. Infelizmente, tinha fracassado por completo. Não só ele nunca conseguia encontrar a bomba a tempo, como também tinha que aguentar os elogios despejados aos montes nos presunçosos pastores-alemães que sempre encontravam. No fim, ele acabou sendo dispensado – sem honras – pelo treinador zangado, que o levou até uma rodovia e o despejou no meio

do nada. Duas semanas depois, ele conseguiu chegar àquele beco. Duas semanas e cinco horas depois, ele estava sendo ensaboado por Elizabeth e sendo chamado de Seis e Meia.

– TEM CERTEZA QUE PODEMOS levá-lo para o instituto? – perguntou Elizabeth quando Calvin o colocou no carro na segunda-feira de manhã.

– Claro, por que não?

– Porque nunca vi um cachorro no trabalho. Além do mais, os laboratórios não são muito seguros.

– Vamos ficar de olho nele – disse Calvin. – Não é saudável um cachorro ficar sozinho o dia inteiro. Ele precisa de estímulos.

DESSA VEZ, CALVIN ACERTOU. Seis e Meia tinha adorado Camp Pendleton, em parte porque nunca estava sozinho, mas principalmente porque lhe deu algo que ele nunca teve: um propósito. Mas havia um problema.

Um cão farejador de bombas tinha duas opções: encontrar a bomba a tempo de permitir o desarmamento (sua preferida) ou se jogar contra a bomba, fazendo o sacrifício supremo de salvar a unidade (sua não preferida, embora às vezes fosse acompanhada de uma medalha póstuma). Nos treinamentos, as bombas eram falsas. Assim, se um cão se jogasse contra uma bomba, o máximo que poderia acontecer seria uma enorme explosão barulhenta de tinta vermelha.

O problema era o barulho; Seis e Meia morria de medo. Assim, todo dia, quando o treinador dava o comando “Encontre”, ele tomava o rumo leste, embora seu faro já lhe tivesse informado que a bomba estava 45 metros a oeste. Ele enfiava o focinho em várias rochas enquanto esperava um dos outros cães, mais corajosos, finalmente encontrar a coisa maldita e receber o petisco de recompensa. A não ser que o cão demorasse muito ou fosse muito bruto e a bomba explodisse; nesse caso, o cão só ganhava um banho.

– O SENHOR NÃO PODE TRAZER UM cão para cá, Dr. Evans – explicou a Srta. Frask para Calvin. – Recebemos reclamações.

– Ninguém reclamou comigo – retrucou Calvin, dando de ombros, mesmo sabendo que ninguém se atreveria.

A Srta. Frask recuou imediatamente.

EM POUCAS SEMANAS, SEIS E MEIA fez um inventário completo do campus do instituto, memorizando cada andar, sala e saída, como um bombeiro se preparando para uma catástrofe. Quando se tratava de Elizabeth Zott, ele ficava em alerta máximo. Ela havia sofrido no passado – Seis e Meia conseguia sentir isso –, e ele estava determinado a garantir que ela nunca mais voltasse a sofrer.

O mesmo acontecia com Elizabeth. Tinha a sensação de que Seis e Meia havia sofrido além da negligência de ter sido abandonado no meio da estrada e também sentia necessidade de protegê-lo. Na realidade, foi ela que insistiu para ele dormir perto da cama do casal, apesar de Calvin ter sugerido que talvez ele ficasse melhor na cozinha. Mas Elizabeth ganhou a discussão e ele ficou, muito feliz, exceto naqueles momentos em que Calvin e Elizabeth entrelaçavam os membros de um jeito esquisito, os movimentos desajeitados pontuados por barulhos de respiração ofegante. Os animais também faziam isso, mas com muito mais eficiência. Os seres humanos, conforme notou Seis e Meia, tinham uma tendência a complicar demais as coisas.

QUANDO ESSES ATOS ACONTECIAM no início da manhã, Elizabeth se levantava logo depois para preparar o café da manhã. Embora no início tivesse concordado em preparar o jantar cinco dias por semana em troca do aluguel, ela acabou adicionando o café da manhã e depois o almoço. Para Elizabeth, cozinhar não era uma obrigação predestinada às mulheres. Como ela dissera a Calvin, cozinhar era química. Isso porque cozinhar realmente é química. Ela escreveu em um caderno:

@200°C/35 min = perda de um H₂O por mol. de sacarose; total de 4 em 55 min = C₂₄H₃₆O₁₈

– Então foi por isso que a massa de biscoito deu errado. – Ela tamborilou o lápis na bancada. – Ainda tem moléculas de água demais.

– Como está indo? – perguntou Calvin da sala contígua.

– Quase perdi um átomo no processo de isomerização – respondeu ela.
– Acho que vou fazer outra coisa. Você está vendo o programa do Jack?

Ela se referia a Jack LaLanne, o famoso guru fitness da televisão, um fanático por saúde que encorajava as pessoas a cuidarem melhor do corpo. Ela nem precisava perguntar: dava para ouvir Jack berrando “Pra cima, pra baixo, pra cima, pra baixo” como um ioiô humano.

– Estou! – gritou Calvin, ofegante, enquanto Jack mandava o telespectador repetir o exercício mais dez vezes. – Você vai se juntar a nós?

– Estou desnaturando uma proteína! – gritou ela.

– Agora, correr sem sair do lugar – incentivou Jack.

Apesar do comando de Jack, correr sem sair do lugar era o único exercício que Calvin não fazia. Em vez disso, ele fazia uma cota extra de abdominais enquanto Jack corria sem sair do lugar usando o que pareciam ser sapatilhas de balé. Calvin não via sentido em correr com sapatilhas em ambientes fechados; sempre corria ao ar livre usando tênis. Isso o tornava um precursor do jogging, o que significa que ele praticava jogging antes de ser um exercício popular e antes de ser chamado por esse nome. Infelizmente, como as pessoas desconheciam esse conceito, a delegacia de polícia recebia um fluxo constante de ligações por causa de um homem quase nu correndo pela vizinhança, dando lufadas de ar curtas e intensas por entre os lábios arroxeados. Como Calvin sempre corria pelas mesmas quatro ou cinco rotas, a polícia acabou se acostumando com as ligações.

– Não é um criminoso – diziam eles. – É só o Calvin. Ele não gosta de correr sem sair do lugar usando sapatilhas de balé.

– Elizabeth? – chamou ele de novo. – Cadê o Seis e Meia? O Happy está no ar.

Happy era o cachorro de Jack LaLanne. Às vezes ele aparecia no programa, outras vezes não, mas, quando estava lá, Seis e Meia sempre saía

da sala. Elizabeth tinha a sensação de que alguma coisa no pastor-alemão incomodava Seis e Meia.

– Está aqui comigo! – gritou ela em resposta.

Segurando um ovo na palma da mão, ela se virou para o cachorro.

– Uma dica, Seis e Meia: nunca quebre o ovo na lateral da tigela, porque isso aumenta a chance de caírem fragmentos da casca. É melhor bater com uma faca fina e afiada no ovo, como se você estivesse estalando um chicote. Está vendo? – disse Elizabeth enquanto o conteúdo do ovo caía na tigela.

Seis e Meia observava sem piscar.

– Agora estou destruindo as ligações internas do ovo para alongar a cadeia de aminoácidos – explicou Elizabeth enquanto batia –, e isso vai fazer os átomos liberados se juntarem a outros átomos liberados. Depois vou reconstituir a mistura e formar um todo macio, despejando a massa em uma superfície de liga de ferro e carbono, onde vou submetê-la a um calor específico, mexendo a mistura sem parar até ela atingir um estágio de quase coagulação.

– LaLanne é um animal – afirmou Calvin ao entrar na cozinha com a camiseta úmida.

– Concordo – disse Elizabeth ao retirar a frigideira do fogo e despejar os ovos em dois pratos. – Porque os seres humanos *são* animais. Tecnicamente. Se bem que às vezes eu acho que os animais que consideramos animais são muito mais evoluídos do que os animais que somos e não consideramos ser. – Ela olhou para Seis e Meia à espera de uma confirmação, mas nem ele conseguiu destrinchar essa.

– Bem, Jack me deu uma ideia – comentou Calvin, acomodando o corpo enorme na cadeira –, e acho que você vai adorar. Vou te ensinar a remar.

– Me passe o cloreto de sódio.

– Você vai adorar. Podemos remar em um dois, talvez um double. Vamos ver o sol nascer na água.

– Não estou interessada.

– Podemos começar amanhã.

Calvin ainda remava três vezes por semana, mas sozinho em um single. Não era raro isso acontecer com os remadores de elite: acostumados a um

barco com companheiros de equipe que pareciam se conhecer em nível celular, às vezes eles tinham dificuldade para remar com outras pessoas. Elizabeth sabia como ele sentia falta do barco de Cambridge. Mesmo assim, não tinha o menor interesse em remar.

– Eu não quero. Sem contar que você rema às quatro e meia da manhã.

– Eu remo às cinco – refutou ele, como se isso tornasse a situação muito mais aceitável. – Eu só saio de casa às quatro e meia.

– Não.

– Por quê?

– *Não.*

– Mas por quê?

– Porque é nesse horário que eu durmo.

– Fácil de resolver. Vamos dormir mais cedo.

– Não.

– Primeiro vou te mostrar um simulador de remo, que nós chamamos de remoergômetro. Existem alguns na marina, mas vou construir um para ser usado em casa. Depois passamos para o barco. Até abril estaremos deslizando pela baía, vendo o sol nascer, e nossas remadas vão se encaixar com perfeição.

Mas, enquanto falava isso, Calvin sabia que a parte de remar não era possível. Em primeiro lugar, ninguém aprende a remar em um mês. A maioria das pessoas, mesmo com um instrutor especializado, não consegue remar bem em um ano, às vezes nem em três anos, e muitas nunca conseguem. Quanto à parte de deslizar, isso não existe. Para atingir o nível em que remar possa parecer deslizar, você provavelmente atingiu um patamar olímpico, e a aparência do seu rosto quando você voa pela raia não é de calma satisfação, mas de agonia controlada. Essa aparência às vezes é acompanhada por um olhar de determinação, em geral indicando que, assim que a corrida acabar, você vai tentar encontrar um esporte diferente. Ainda assim, depois que a concebeu, Calvin adorou a ideia. Remar em dupla com Elizabeth. Seria glorioso!

– Não.

– Mas *por quê?*

– Porque não. Mulheres não remam.

Mas assim que falou, ela se arrependeu.

– Elizabeth Zott – disse ele, surpreso –, você está me dizendo que as mulheres *não podem* remar?

Isso selou a ideia.

NA MANHÃ SEGUINTE, OS DOIS saíram do bangalô ainda no escuro, Calvin vestindo uma camiseta velha e uma calça de moletom, Elizabeth vestindo o que conseguiu encontrar minimamente parecido com algo esportivo. Quando pararam na marina, tanto Seis e Meia quanto Elizabeth olharam pela janela do carro e viram algumas figuras fazendo ginástica em um cais escorregadio.

– Eles não deviam estar fazendo isso lá dentro? – perguntou ela. – Ainda está escuro.

– Em uma manhã como esta? – Estava nublado.

– Eu achava que você não gostasse de chuva.

– Isso não é chuva.

Pela quadragésima vez, no mínimo, Elizabeth se viu duvidando do plano de Calvin.

– VAMOS COMEÇAR DE UM JEITO FÁCIL – disse Calvin ao conduzir Elizabeth e Seis e Meia para a marina, um prédio cavernoso que cheirava a mofo e suor. Enquanto caminhavam por entre longos barcos de remo de madeira enfileirados em camadas até o teto, como palitos empilhados, Calvin fez um gesto com a cabeça para uma pessoa com aparência desarrumada, que bocejou e retribuiu o cumprimento, ainda não disponível para conversas. Ele parou quando encontrou o que procurava – um simulador de remo, o remoergômetro –, que estava enfurnado em um canto. Ele o puxou, posicionando-o no meio do espaço entre as pilhas de barcos.

– Vamos começar pelo mais importante – afirmou Calvin. – Técnica. – Ele se sentou e começou a puxar, e a respiração se transformou rapidamente

em uma série de rajadas curtas e penosas, que não pareciam nem fáceis nem divertidas. – O truque é manter os pulsos retos – bufou ele –, os joelhos abaixados, os músculos do abdômen contraídos, os... – Mas o que Calvin falou a seguir se perdeu na urgência de respirar e, em poucos minutos, ele parecia ter se esquecido até que Elizabeth estava ali.

ELA ESCAPOU DALI, ACOMPANHADA de Seis e Meia, e foi explorar a marina, fazendo uma pausa em frente a uma prateleira que sustentava uma montanha de remos tão altos que parecia que gigantes se exercitavam ali. Ao lado havia um grande armário de troféus, e a luz do início da manhã começava a revelar o acervo de taças prateadas e antigos uniformes de remo, cada um representando o testemunho daqueles que se mostraram mais rápidos ou mais eficientes ou mais indômitos, ou talvez até as três opções. Pessoas corajosas, de acordo com Calvin, que tinham demonstrado o tipo de foco que as fazia cruzar a linha de chegada em primeiro lugar.

Junto aos uniformes, havia fotografias de jovens parrudos com remos gigantescos, além da presença de outra pessoa: um homem da altura de um jóquei, com uma expressão muito séria, a boca fixada em uma linha firme e sisuda. O timoneiro, dissera Calvin, aquele que dizia aos remadores o que deviam fazer e quando: entrar no ritmo, fazer uma curva, desafiar outro barco, ir mais rápido. Ela gostava da ideia de uma pessoa tão pequena segurar as rédeas de oito cavalos selvagens: a voz passava os comandos; as mãos eram o leme; as palavras de estímulo eram o combustível.

Ela se virou para observar outros remadores que começavam a chegar, todos fazendo uma deferência para Calvin em sinal de respeito enquanto ele continuava a remar no aparelho ruidoso, alguns revelando um vestígio de inveja quando ele alcançava o ritmo de remadas com uma facilidade tão óbvia que até Elizabeth reconhecia como um sinal de sua capacidade atlética natural.

– Quando é que você vai remar conosco, Evans? – perguntou um deles, dando uma batida no ombro dele. – Vamos usar essa energia para uma boa causa! – No entanto, se Calvin ouviu e sentiu alguma coisa, não reagiu.

Manteve os olhos fixos à frente e o corpo firme.

Quer dizer que ele também é uma lenda aqui, pensou ela. Esse fato ficava evidente não só pela deferência dos outros, mas também pela maneira obsequiosa como eles tentavam trabalhar ao redor dele e da posição ridícula: Calvin tinha colocado o ergômetro bem no meio da passagem. O timoneiro, claramente irritado, avaliou a situação.

– Mãos à obra! – gritou o timoneiro para os oito remadores, que então saltaram para suas posições em um dos lados do casco, os corpos preparados para levantar o barco pesado. – Deslizar para fora – ordenou. – No dois, levar aos ombros.

Mas era óbvio que eles não iam a lugar algum; não com Calvin ali no meio.

– Calvin – cochichou Elizabeth com insistência, se posicionando atrás dele. – Você está no meio do caminho. Você precisa sair daqui. – Mas ele continuou a remar no ergômetro.

– Meu Deus – disse o timoneiro, soltando o ar pelos lábios. – Esse cara...

Ele lançou um olhar para Elizabeth, fez um sinal brusco com o polegar para que ela se afastasse e depois se agachou bem atrás do ouvido esquerdo de Calvin.

– Muito bem, Cal – grunhiu –, mantenha o ângulo, seu filho da puta. Ainda temos quinhentos para cobrir e você ainda não acabou. Oxford está se aproximando a boreste e eles estão começando a andar.

Elizabeth o fitou, boquiaberta.

– *Com licença*, mas... – iniciou ela.

– Eu sei que você ainda não deu tudo que tem, Evans – rosnou o timoneiro, interrompendo Elizabeth. – Não esconda nada de mim, máquina de merda. No dois, vou exigir que você levante vinte, em *dois*, ao *meu* comando, você vai mandar esses filhos da puta de Oxford embora; você vai fazer esses rapazes terem vontade de morrer; você vai matar todos eles, Evans, vá com tudo, irmão, estamos em trinta e dois para chegar a *quarenta*, *porra*, ao meu comando: um, dois, comece, LEVANTE VINTE, SEU FILHO DA PUTA! – berrou ele. – AGORA!

Elizabeth não sabia o que era mais chocante: a linguagem do homenzinho ou a intensidade com que Calvin reagia a ela. Minutos depois de ouvir as palavras “sua máquina de merda” e “filho da puta”, o rosto de Calvin estava com um olhar enlouquecido que só costuma ser visto em filmes de zumbis de baixo orçamento. Ele puxava mais forte e mais rápido, as expirações tão barulhentas que pareciam um trem desgovernado, mas o homenzinho não se dava por satisfeito; continuava a berrar com Calvin, exigindo mais e obtendo mais enquanto fazia a contagem regressiva das remadas como um cronômetro raivoso: “Vinte! Quinze! Dez! Cinco!” De repente, a contagem terminou e tudo que restou foram duas simples palavras com as quais Elizabeth concordou totalmente.

– Já chega – disse o timoneiro. Com isso, Calvin caiu pesado para a frente como se tivesse sido atingido por um tiro nas costas.

– Calvin! – gritou Elizabeth, correndo para perto dele. – Meu Deus!

– Ele está bem – assegurou o timoneiro. – Não está, Cal? Agora tire a porra desse ergômetro do caminho.

E Calvin assentiu, sugando oxigênio.

– Tudo... bem... Sam – ele ofegava entre os intervalos para tomar fôlego –, e... obrigado... mas... antes... eu... gostaria... de... apresentar... Eliz... Eliz... Elizabeth Zott. Minha... nova... par... parceira.

No mesmo instante, Elizabeth sentiu todos os olhos da marina se voltarem para ela.

– Remar junto com o Evans – disse um dos remadores, com os olhos arregalados. – O que foi que você fez? Ganhou uma medalha de ouro nas Olimpíadas?

– O quê?

– Você remou em uma equipe feminina? – perguntou o timoneiro, demonstrando interesse.

– Bom, não, eu nunca... – E ela se deteve. – Existem equipes de *mulheres*?

– Ela está aprendendo – explicou Calvin enquanto começava a recuperar o fôlego. – Mas leva jeito para a coisa. – Ele inspirou fundo, saiu do aparelho e começou a arrastá-lo para sair do meio do caminho. – No verão, vamos

varrer a baía com todos vocês.

Elizabeth não sabia o que ele queria dizer com aquilo. Varrer a baía? Ele não estava falando em competir, não, né? O que aconteceu com a ideia de ver o nascer do sol?

– Bem – disse ela em voz baixa, virando-se para o timoneiro, enquanto Calvin saía para se enxugar. – Não sei se isso é mesmo a minha...

– É, sim – interrompeu o timoneiro antes que ela terminasse. – Evans nunca chamaria alguém para entrar em um barco com ele se a pessoa não conseguisse segurar a onda. – Então ele fechou um dos olhos e analisou. – É. Também estou vendo.

– Vendo o quê? – perguntou ela, surpresa. Mas o timoneiro já tinha se afastado, ordenando aos berros que o barco fosse levado para o cais.

– Para a frente – ela o ouviu gritar – e para baixo!

Em poucos minutos, o barco desapareceu no meio de uma neblina espessa, os homens com expressões estranhamente ávidas, apesar de os primeiros pingos grossos de uma chuva fria anunciarem o desconforto que estava por vir.

CAPÍTULO 8

Excedendo os limites

No primeiro dia na água, Elizabeth e Calvin viraram o barco e caíram na água. No segundo dia, viraram. No terceiro, também viraram.

– O que é que eu estou fazendo de errado? – perguntou ela, ofegante, os dentes batendo enquanto os dois empurravam o casco longo e delgado em direção ao cais. Ela não tinha contado a Calvin um pequeno fato sobre si mesma. Ela não sabia nadar.

– Tudo – suspirou ele.

– COMO EU JÁ FALEI – disse ele dez minutos depois enquanto apontava para o simulador de remo, indicando que, apesar das roupas molhadas, Elizabeth devia se sentar ali –, remar requer uma técnica perfeita.

Enquanto ela ajustava os finca-pés, ele explicava que os remadores usavam o aparelho quando a água estava encrespada demais, quando tinham que ser cronometrados ou quando o treinador estava de péssimo humor. E quando usado corretamente, ainda mais durante um teste de preparo físico, a pessoa acabava vomitando. Em seguida, ele mencionou que o aparelho tinha um jeito de fazer o pior dia na água parecer muito bom.

No entanto, era exatamente isto que os dois tinham o tempo todo: os piores dias. Na manhã seguinte, eles estavam de volta na água. E tudo porque Calvin continuava omitindo uma verdade cristalina: o dois sem é a

modalidade mais difícil do remo. É como tentar aprender a voar começando com um B-52. Mas qual era a alternativa? Calvin sabia que os homens não iam deixá-la remar com eles em um barco maior, como um oito com; além de ela ser mulher, a falta de experiência de Elizabeth seria um desastre para o desempenho da equipe. Pior ainda, ela provavelmente enterraria o remo e quebraria algumas costelas. Calvin ainda não havia mencionado essa parte de enterrar. Por motivos óbvios.

Eles endireitaram o barco e subiram nele de novo.

– O problema é que você não tem paciência suficiente no trilho. Você precisa diminuir muito a velocidade, Elizabeth.

– Eu estou remando devagar.

– Não, você está acelerada. É um dos piores erros de um remador. Toda vez que você acelera no trilho, sabe o que acontece? Morre uma fada.

– Ah, pelo amor de Deus, Calvin.

– E o seu ataque é lento demais. O objetivo é andar rápido, lembra?

– Bom, isso *sem dúvida* esclarece tudo – disparou ela da popa. – Ir devagar para ir rápido.

Ele deu um tapinha no ombro de Elizabeth como se ela finalmente estivesse entendendo.

– Exatamente.

Tremendo, ela agarrou o remo com mais firmeza. Que esporte idiota. Nos trinta minutos seguintes, tentou prestar atenção nos comandos contraditórios de Calvin: *Levante as mãos; não, abaixe! Se debruce; meu Deus, não tanto! Jesus, você está corcunda, você está pulando, você está correndo, você está atrasada, você está adiantada!* Até que o próprio barco pareceu se cansar da cena toda e os jogou de novo na água.

– Talvez tenha sido uma péssima ideia – disse Calvin enquanto eles voltavam para a marina, a embarcação pesando sobre os ombros encharcados.

– Qual é o meu maior problema? – perguntou ela, se preparando para o pior enquanto eles baixavam o barco na prateleira. Calvin sempre tinha dito que o remo exige o nível máximo de trabalho em equipe. Isso era um problema, pois, de acordo com o chefe dela, Elizabeth não trabalhava bem

em equipe. – Me fale. Não precisa me poupar.

– Física – respondeu Calvin.

– Física – repetiu ela, aliviada. – Graças a Deus.

– JÁ ENTENDI – DISSE ELIZABETH, folheando um livro de física naquele dia no trabalho. – Remar é uma simples questão de energia cinética versus força de arrasto e centro de massa do barco. – Ela anotou algumas fórmulas. – E gravidade – acrescentou – e empuxo, proporção, velocidade, equilíbrio, alavancagem, comprimento do remo, tipo de lâmina... – Quanto mais ela lia, mais escrevia, as nuances da atividade de remar se revelando aos poucos em algoritmos complicados. – Ah, pelo amor de Deus – falou, se recostando. – Remar não é *tão* difícil assim.

– Meu Deus! – exclamou Calvin dois dias depois, enquanto o barco acelerava desimpedido pela água. – *Quem é você?* – Ela não falou nem uma palavra, repassando as fórmulas na cabeça. Quando eles passaram por uma embarcação de oito, todos os remadores se viraram para vê-los.

– Vocês viram aquilo? – gritou o timoneiro raivoso para a equipe. – Viram como ela ganha distância *sem* se exceder?

NO ENTANTO, MAIS OU MENOS um mês depois, o Dr. Donatti, chefe dela, acusou-a de fazer exatamente isso.

– A senhorita está se excedendo – disse ele, parando para dar um apertão no ombro de Elizabeth. – A abiogênese é mais um negócio do tipo tópico-de-doutorado-tão-chato-que-ninguém-se-interessa-por-ele. E não me interprete mal, mas é um assunto que está acima da sua capacidade intelectual.

– E exatamente *como* eu devo interpretar isso? – Ela fez um movimento para se livrar da mão dele.

– O que aconteceu aqui? – perguntou Donatti, ignorando o tom de voz de Elizabeth e pegando as mãos dela, que estavam com os dedos enfaixados. – Se está com algum problema com o equipamento do laboratório, você

pode pedir ajuda a um dos rapazes.

– Estou aprendendo a remar – explicou ela, puxando os dedos que ele segurava. Apesar dos progressos recentes, as remadas seguintes tinham sido desastres completos.

– Remar, é? – disse Donatti, revirando os olhos. *Evans*.

DONATTI TAMBÉM TINHA SIDO REMADOR, e simplesmente em Harvard, onde teve o incrível azar de competir só uma vez contra Evans e seu precioso barco de Cambridge na maldita regata de Henley. A derrota catastrófica (sete barcos de diferença), testemunhada por poucas pessoas que conseguiram vislumbrar alguma coisa por cima de um mar de chapéus enormes, foi atribuída a um prato de peixe com fritas que os remadores tinham ingerido na noite anterior, e não à tonelagem de cerveja que tinha acompanhado a comida.

Em outras palavras, todos ainda estavam bêbados na hora da largada.

Depois da prova, o treinador os mandou parabenizar a pretensiosa equipe de Cambridge. Foi aí que Donatti soube pela primeira vez que um dos rapazes de Cambridge era americano e nutria algum tipo de rancor contra Harvard. Quando apertou a mão de Evans, Donatti conseguiu soltar um “Bom trabalho”, mas, em vez de responder de maneira educada, Evans disse:

– *Nossa, você está bêbado?*

Donatti criou uma antipatia imediata por ele, que triplicou quando descobriu que Evans não só estava estudando química como ele, como também era *aquele* Evans – Calvin Evans –, o homem que já tinha deixado uma marca importante no mundo da química.

Foi alguma surpresa o fato de, anos depois, quando Evans aceitou a oferta incrivelmente desonrosa criada pelo próprio Donatti no Instituto Hastings, Donatti não ter ficado muito entusiasmado? Primeiro, Evans não se lembrava dele – grosseiro. Segundo, Evans parecia ter mantido a boa forma – irritante. Terceiro, Evans contou à *Química Hoje* que tinha assumido o cargo não por causa da excelente reputação do instituto, mas

porque *gostava do clima da cidade, porra*. Sério: o homem era um babaca. No entanto, havia um consolo. Ele, Donatti, era o diretor de Química, não só porque o pai jogava golfe com o CEO nem porque era afilhado do homem, e certamente não porque tinha se casado com a filha do cara. No fim das contas, o grande Evans teria que prestar contas a *ele*.

Para reforçar essa hierarquia, ele convocou uma reunião com o metido e chegou vinte minutos atrasado de propósito. Infelizmente, encontrou a sala de reuniões vazia, pois Evans nem apareceu.

– Desculpe, Dino – disse Evans mais tarde. – Eu não gosto nem um pouco de reuniões.

– É *Donatti*.

E AGORA? ELIZABETH ZOTT. Ele não gostava de Elizabeth. Ela era mandona, inteligente, obstinada. Pior, tinha um gosto terrível para homens. Ao contrário de muitos outros, porém, ele não a achava bonita. Donatti deu uma olhada em uma fotografia da própria família em um porta-retratos de prata: três garotos de orelhas grandes ladeados pela nariguda Edith e por ele mesmo. Ele e Edith formavam uma equipe como todos os casais deveriam ser, não compartilhando hobbies como *remar*, mas da maneira social e física adequada ao homem e à mulher. Ele levava o bacon para casa; ela paria os bebês. Era um casamento normal, fértil, aprovado por Deus. Se ele dormia com outras mulheres? Que pergunta. Não era assim que todo mundo fazia?

– ... minha hipótese subjacente... – dizia Elizabeth.

Hipótese subjacente porra nenhuma. Esta era outra coisa que ele detestava em Elizabeth: ela era incansável. Rígida. Não sabia quando parar. Atributos ideais para um remador, pensando bem. Ele não remava havia anos. Existia mesmo uma equipe feminina na cidade? É claro que não era possível que ela estivesse remando *com* Evans. Um remador de elite como Evans nunca ia se dignar a entrar em um barco com uma novata, mesmo que os dois estivessem dormindo juntos. Risque a última parte: *ainda mais* se estivessem dormindo juntos. Evans devia tê-la inscrito em uma equipe de iniciantes, e Elizabeth, querendo provar que conseguia dar conta – como

sempre –, aceitou. Donatti estremeceu ao pensar em um monte de remadores atrapalhados, as pás batendo na água como espátulas descontroladas.

– ... estou determinada a ir até o fim, Dr. Donatti – asseverou Elizabeth.

É, lá estava ela. Mulheres como Elizabeth sempre usavam a palavra “determinada”. Bom, ele também era determinado. Na noite anterior, ele tinha descoberto um jeito novo de lidar com Elizabeth. Ia roubá-la de Evans. Que melhor maneira de se vingar do figurão? Depois, quando tivesse detonado o romance dos dois sem deixar nenhum sobrevivente, ele a descartaria e voltaria para a esposa, grávida de novo, e para os filhos barulhentos como se nada tivesse acontecido.

O plano era simples: primeiro, atacar a autoestima de Elizabeth. As mulheres ficam destroçadas com muita facilidade.

– Como eu disse – enfatizou Donatti enquanto se levantava, inspirando fundo enquanto a enxotava porta afora –, a senhorita não tem capacidade para isso.

ELIZABETH SAIU PISANDO DURO pelo corredor, os sapatos batendo no piso em um staccato perigoso. Ela tentou se acalmar inspirando fundo, mas o ar voltou com a velocidade de um furacão. Parando de repente, ela deu um soco na parede e analisou suas opções.

Reapresentar o caso.

Pedir demissão.

Incendiar o prédio.

Ela não queria admitir, mas as palavras dele foram como combustível para a pira cada vez maior de dúvidas em relação a si mesma. Ela não tinha a formação nem a experiência dos outros. Não só carecia das mesmas credenciais de seus colegas, como não tinha artigos, apoio dos pares, suporte financeiro e prêmios. No entanto, ela sabia – *sabia* – que ia chegar a algum lugar. Certas pessoas nascem para determinadas coisas; ela era uma dessas pessoas. Pressionou a mão na testa como se isso pudesse evitar que a cabeça explodisse.

– Srta. Zott? Com licença. Srta. Zott?

A voz parecia vir do nada.

– Srta. Zott!

Da esquina mais próxima surgiu um homem de cabelos ralos e uma pilha de papéis. Era o Dr. Boryweitz, colega de laboratório que, como a maioria dos outros, sempre pedia sua ajuda quando ninguém estava olhando.

– Eu estava pensando se a senhorita poderia dar uma olhada nisso – disse em voz baixa enquanto a conduzia para o lado, a testa sulcada de ansiedade. – Os resultados dos meus últimos testes. – Ele entregou uma folha de papel a ela. – Eu chamaria isso de inovação, não acha? – As mãos dele tremiam. – Uma coisa nova?

Ele estava com a expressão normal: amedrontada, como se tivesse acabado de ver um fantasma. Era um mistério para muita gente como o Dr. Boryweitz tinha conseguido o ph.D. em química, quanto mais um emprego no instituto. Muitas vezes, ele próprio parecia perplexo com isso.

– A senhorita acha que o seu jovem pode estar interessado? – perguntou Boryweitz. – Talvez a senhorita pudesse mostrar para ele. Era para lá que estava indo? Para o laboratório dele? Talvez eu pudesse ir junto. – Ele esticou a mão e pegou o braço de Elizabeth como se ela fosse uma boia salva-vidas, uma coisa à qual se agarrar até que o barco de salvamento aparecesse na forma de Calvin Evans.

Elizabeth puxou com cuidado os papéis da mão do homem. Apesar da carência dele, ela gostava de Boryweitz. Ele era educado, profissional, e ambos tinham uma coisa em comum: estavam no lugar errado no momento errado, ainda que por motivos muito diferentes.

– O negócio, Dr. Boryweitz – disse ela, tentando colocar de lado os próprios problemas enquanto examinava o trabalho –, é que isso é uma macromolécula com unidades repetitivas conectadas por ligações entre amidas.

– Certo, certo.

– Em outras palavras, é uma poliamida.

– Uma poli... – Boryweitz ficou abatido. Até ele sabia que as poliamidas

existiam havia muito tempo. – Acho que a senhorita pode estar equivocada – insistiu. – Olhe de novo.

– Não é uma descoberta ruim – afirmou ela com delicadeza. – Só que já foi comprovada.

Ele balançou a cabeça, derrotado.

– Então não devo mostrar para o Donatti.

– Basicamente, o senhor redescobriu o náilon.

– Verdade – concordou ele, fitando os papéis com os resultados. – Droga. – Ele baixou a cabeça. Seguiu-se um silêncio desconfortável. Depois ele olhou para o relógio no pulso como se ali houvesse uma resposta. – O que é isso? – perguntou por fim, apontando para os dedos enfaixados.

– Ah, estou remando. Tentando.

– Você é boa?

– Não.

– E por que está fazendo isso?

– Não tenho certeza.

Ele balançou a cabeça.

– Caramba, como eu entendo isso.

– COMO ESTÁ INDO O SEU PROJETO? – perguntou Calvin a Elizabeth algumas semanas depois enquanto almoçavam. Ele deu uma mordida no sanduíche de peru, mastigando vigorosamente para disfarçar o fato de que já sabia. Todo mundo sabia.

– Bem – respondeu ela.

– Nenhum problema?

– Nenhum. – Ela tomou um gole d'água.

– Sabe que, se algum dia precisar da minha ajuda...

– Eu não preciso da sua ajuda.

Calvin suspirou, frustrado. Era uma forma de ingenuidade, pensou ele, a maneira como ela continuava a acreditar que para sobreviver bastava apenas determinação. Determinação era essencial, claro, mas também era necessário ter sorte e, se a sorte não estivesse disponível, uma ajuda. *Todo*

mundo precisa de ajuda. Mas, talvez porque nunca tivessem lhe oferecido ajuda, ela se recusava a acreditar nisso. Quantas vezes ela havia afirmado que, se desse o melhor de si, esse melhor venceria? Ele tinha perdido a conta. E isso apesar das significativas provas em contrário. Principalmente no Instituto Hastings.

Quando ele terminou o almoço – ela mal tocou no dela –, Calvin prometeu a si mesmo que não iria interferir a favor dela. Era importante respeitar a vontade de Elizabeth. Ela queria lidar com a situação sozinha. Ele *não* ia se envolver.

– QUAL É O SEU PROBLEMA, DONATTI? – vociferou ele uns dez minutos depois, quando irrompeu na sala do chefe. – É a questão da origem da vida? Pressão da comunidade religiosa? A abiogênese é só mais uma prova de que Deus não existe e você está preocupado que isso não seja bem visto no Kansas? É por isso que você está cancelando o projeto da Elizabeth? E você ainda ousa se chamar de cientista!

– Cal – dissera Donatti, os braços casualmente esticados atrás da cabeça.

– Por mais que eu adore as nossas conversinhas, estou meio ocupado agora.

– Porque a única outra explicação viável – acusou Calvin, enfiando as mãos nos bolsos frontais da calça cáqui volumosa – é que você não *entende* o trabalho dela.

Donatti revirou os olhos enquanto uma lufada de ar escapava pesadamente de seus lábios. Por que as pessoas brilhantes são tão burras? Se Evans tivesse um cérebro, teria acusado Donatti de tentar dar em cima da sua namorada bonita.

– Na realidade, Cal – disse Donatti, apagando o cigarro –, eu estava tentando dar um empurrãozinho na carreira dela. Dar a ela a chance de trabalhar diretamente comigo em um projeto muito importante. Ajudar Elizabeth a crescer em outras áreas.

Agora, sim, pensou Donatti. *Crescer em outras áreas; mais óbvio do que isso, impossível.* Mas Calvin começou a discorrer sobre os resultados dos últimos testes de Elizabeth, como se eles ainda estivessem falando de

trabalho. O sujeito não tinha noção.

– Recebo ofertas toda semana – ameaçou Calvin. – O Hastings não é o único lugar onde posso realizar a minha pesquisa!

De novo isso. Quantas vezes Donatti tinha ouvido isso? Claro, Evans era um objeto de desejo no mundo da pesquisa, e, sim, grande parte do financiamento do instituto se baseava na simples presença do homem. Mas isso só acontecia porque os financiadores, de maneira equivocada, acreditavam que o nome de Evans atraía outros cérebros talentosos. Isso não vinha acontecendo. De qualquer modo, ele não queria que Evans saísse; só queria que Evans fracassasse... ficasse tão perturbado por um amor perdido a ponto de se autodestruir, arruinando a própria reputação e estragando todas as oportunidades de pesquisa subsequentes. Depois que isso acontecesse, *aí*, sim, ele poderia ir embora.

– Como eu disse – respondeu Donatti em um tom de voz calculado –, eu só estava tentando dar à Srta. Zott uma oportunidade de crescimento pessoal. Estou tentando alavancar a carreira dela.

– Ela pode cuidar da própria carreira.

Donatti riu.

– Sério. E ainda assim *você* está aqui.

MAS O QUE DONATTI NÃO CONTOU a Calvin foi que um grande estraga-prazeres tinha interferido no seu plano de se-livrar-de-Evans-por-meio-de-Zott. Um doador com bolsos absurdamente fundos.

O homem tinha aparecido do nada, dois dias antes, com um cheque em branco e uma insistência em financiar – logo o quê – uma pesquisa sobre abiogênese. Donatti tentou argumentar com delicadeza. Que tal metabolismo lipídico?, sugeriu. Ou divisão celular? Mas o homem insistiu: abiogênese ou nada. Logo, Donatti não teve outra opção: colocou Elizabeth Zott de volta em sua ridícula missão para Marte.

A verdade é que os planos dele não tinham progredido muito, de maneira nenhuma. Ela se recusava o tempo todo a ceder às sucessivas provocações de “você não é inteligente”. Não importava quantas vezes ele

repetisse, nem uma única vez ela reagira da maneira esperada. Onde estava a baixa autoestima? Onde estavam as lágrimas? Quando ela não estava reiterando aquela chatice da abiogênese de maneira profissional, estava dizendo: “Se você tocar mais uma vez em mim, vai se arrepender.” Que diabos Evans tinha visto nessa mulher? Evans podia ficar ela. Donatti teria que encontrar outra maneira de se vingar do figurão.

– CALVIN – DISSE ELIZABETH, entrando às pressas no laboratório dele naquela tarde. – Tenho uma ótima notícia. Eu estava escondendo uma coisa de você e peço desculpas, mas foi só porque eu não queria te envolver. Donatti cancelou meu projeto algumas semanas atrás e venho lutando para conseguir retomá-lo. Hoje essa luta foi recompensada. Ele reverteu a decisão: disse que revisou meu trabalho e decidiu que era importante demais para não ser levado adiante.

Calvin deu um sorriso largo e esperou que fosse uma expressão adequada de surpresa: ele tinha saído da sala de Donatti menos de uma hora antes.

– Como assim? Sério? – comentou ele, dando um tapinha nas costas dela. – Ele tentou cancelar a abiogênese? Bem, isso foi um erro desde o início.

– Desculpe eu não ter te contado. Eu queria cuidar de tudo sozinha e estou feliz por ter feito isso. É como se estivesse recebendo um voto de confiança genuíno no meu trabalho. Em mim.

– Sem dúvida.

Ela o observou mais de perto e deu um passo para trás.

– Eu consegui sozinha *mesmo*. Você não teve *nada* a ver com isso.

– Eu não fazia ideia do que estava acontecendo.

– Você *não* falou com o Donatti – reforçou Elizabeth –, você *não* se envolveu.

– Eu juro – mentiu ele.

Depois que ela saiu, Calvin entrelaçou as mãos em um silencioso surto de júbilo e ligou o aparelho de som, baixando a agulha em “Sunny Side of

the Street”. Pela segunda vez, ele tinha salvado a pessoa que mais amava. E a melhor parte é que ela não sabia.

Pegou um banco, abriu um caderno e começou a escrever. Ele mantinha diários desde que tinha uns sete anos, anotando os fatos e os medos da própria vida por entre linhas de equações químicas. Até hoje seu laboratório era lotado desses cadernos quase ilegíveis. Era um dos motivos pelos quais todo mundo achava que ele fazia muita coisa. Volume.

– ESTÁ DIFÍCIL DE LER SUA LETRA AQUI – observara Elizabeth em diversas ocasiões. – O que está escrito? – Ela havia apontado para uma teoria relacionada ao RNA na qual ele vinha mexendo havia meses.

– Uma hipótese sobre adaptação enzimática – respondeu ele.

– E isso? – Ela apontou para outro trecho na mesma página. Uma coisa que ele tinha escrito sobre ela.

– Mais do mesmo – disse ele, jogando o caderno para o lado.

Não que ele tivesse escrito algo terrível sobre ela; era exatamente o contrário. Só que ele não queria arriscar que Elizabeth descobrisse a obsessão dele com a ideia de que ela pudesse morrer.

MUITO TEMPO ANTES, CALVIN tinha intuído que ele era amaldiçoado e tinha provas sólidas disso: todas as pessoas que ele amou tinham morrido, sempre em um acidente esquisito. A única maneira de colocar um ponto-final nesse padrão de letalidade era acabar com o amor. E foi isso que ele fez. Mas então conheceu Elizabeth e, sem querer, de forma estúpida e egoísta, tinha voltado a amar. Agora ela estava aqui, na linha de fogo da maldição dele.

Como químico, ele percebia que sua fixação em maldições não era nada científica; era supersticiosa. Que fosse! A vida não era uma hipótese que se podia testar e retestar sem consequências – alguma coisa sempre acabava se espatifando. Assim, ele estava sempre atento àquilo que representava uma ameaça a Elizabeth e, naquela manhã, a ameaça era o remo.

Eles tinham virado o barco de novo – culpa dele –, e pela primeira vez

caíram na água no mesmo lado do barco. Calvin fez uma descoberta apavorante: Elizabeth não sabia nadar. Pelo aspecto aterrorizado do nado cachorrinho, ela nunca tinha feito uma aula de natação na vida.

Foi por isso que, enquanto Elizabeth estava no banheiro da marina, ele e Seis e Meia tinham se aproximado do capitão da equipe masculina, Dr. Mason. O clima era ruim naquela estação: se ele e Elizabeth iam continuar a remar – ela queria isso –, seria melhor e mais seguro se fizessem parte de um oito. Além disso, se o oito virasse – pouco provável –, haveria muito mais gente para salvá-la. De qualquer maneira, Mason estava tentando recrutá-lo havia mais de três anos; valia a pena arriscar.

– O que você acha? – perguntou Calvin. – Mas você vai ter que aceitar nós dois.

– Uma *mulher* em um oito com? – questionou o Dr. Mason, ajeitando o boné sobre o corte de cabelo militar. Ele tinha sido fuzileiro e detestara a experiência. Mas mantinha o corte de cabelo.

– Ela é boa – argumentou Calvin. – Muito resistente.

Mason assentiu. Ele era obstetra e já sabia como as mulheres podiam ser resistentes. Mesmo assim, uma mulher? Como isso poderia dar certo?

– Ei, tenho uma novidade – disse Calvin a Elizabeth alguns minutos depois. – A equipe dos homens quer nós dois remando em um oito com hoje.

– Sério? – Seu objetivo sempre fora se juntar a um oito. Era raro que oitos virassem. Ela não tinha contado a Calvin que não sabia nadar. Por que preocupá-lo?

– O capitão da equipe me abordou agora há pouco. Ele viu você remar – comentou Calvin. – E ele sabe reconhecer um talento.

Perto deles, Seis e Meia bufou. *Mentiras, mentiras e mais mentiras.*

– Quando é que vamos começar?

– Agora.

– *Agora?*

Elizabeth sentiu uma pontada de pânico. Embora quisesse remar em um oito, ela também sabia que o oito exigia um nível de sincronização que ela ainda não dominava. Quando um barco funciona bem, é porque os

integrantes conseguiram deixar de lado as diferenças insignificantes e discrepâncias físicas e agora remam como um só. Harmonia perfeita: esse é o objetivo. Certa vez, ela ouvira Calvin contar a alguém da marina que seu treinador de Cambridge insistia que eles até piscassem juntos. Para surpresa dela, o rapaz assentiu.

– Tivemos que lixar as unhas dos pés no mesmo comprimento. Fez uma tremenda diferença.

– Você vai remar no segundo assento: sota-proa – disse ele.

– Ótimo – respondeu ela, esperando que ele não percebesse o violento tremor nas mãos dela.

– O timoneiro vai gritar os comandos. Você vai ficar bem. Apenas observe a lâmina à sua frente. E, não importa o que aconteça, não olhe para fora do barco.

– Espere. Como vou observar a lâmina à minha frente se não posso olhar para fora do barco?

– Não faça isso em hipótese alguma – alertou ele. – Desmancha o conjunto.

– Mas...

– E relaxe.

– Eu...

– Mãos à obra! – gritou o timoneiro.

– Não se preocupe – assegurou Calvin. – Vai dar tudo certo.

ELIZABETH, CERTA VEZ, TINHA LIDO que noventa e oito por cento das coisas com que as pessoas se preocupam nunca acontecem. *Mas e os outros dois por cento?*, pensou ela. E quem chegou a esses números? Dois por cento parecia um número suspeitosamente baixo. Ela acreditava em dez por cento, talvez vinte. Na vida dela, devia estar perto de cinquenta. Ela não queria ficar preocupada com essa remada, mas estava. Havia uma chance de cinquenta por cento de ela estragar tudo.

Enquanto eles carregavam o barco para o cais no escuro, o homem à frente de Elizabeth olhou para trás por cima do ombro como se quisesse

entender por que o sujeito que geralmente remava na posição de sota-proa parecia mais baixo.

– Elizabeth Zott – disse ela.

– Nada de papo! – gritou o timoneiro.

– Quem? – perguntou o homem, desconfiado.

– Vou remar na posição de sota-proa hoje.

– Silêncio aí atrás! – berrou o timoneiro.

– Sota-proa? – sussurrou o homem, incrédulo. – *Você* vai remar no sota-proa?

– Algum problema? – sibilou Elizabeth em resposta.

– VOCÊ FOI MARAVILHOSA! – gritou Calvin duas horas depois, batendo no volante do carro com tanto entusiasmo que Seis e Meia teve medo de eles sofrerem um acidente antes de chegarem em casa. – Todo mundo achou!

– Quem é todo mundo? – perguntou Elizabeth. – Ninguém disse uma única palavra.

– Ah, bom, você só escuta comentários dos outros remadores quando eles estão irritados. O importante é que você está escalada para quarta-feira.

Ele sorriu, triunfante. Ele a tinha salvado de novo: primeiro no trabalho e agora isso! Talvez esta seja a maneira de se acabar com uma maldição: tomando precauções secretas mas sensatas.

Elizabeth se virou e olhou pela janela. Será que o remo realmente era tão igualitário? Ou isso tudo era só o medo habitual dos suspeitos habituais: os remadores, assim como os cientistas, tinham medo do lendário rancor de Calvin.

Quando eles passaram pela costa a caminho de casa, com o nascer do sol iluminando uns dez surfistas – as longas pranchas apontadas para a areia, as cabeças viradas para o mar – que esperavam pegar umas ondas antes de irem para o trabalho, ela se deu conta de que nunca tinha visto esse suposto rancor em ação.

– Calvin – disse ela, se virando de novo para ele –, por que todo mundo diz que você guarda rancor?

– Como assim? – perguntou Calvin, sem conseguir parar de sorrir. Precauções secretas e sensatas. A solução para os problemas da vida!

– Você sabe do que estou falando – continuou ela. – No trabalho, as pessoas insinuam isso. Dizem que, se alguém te desagrada, você acaba com a pessoa.

– Ah, isso – falou ele, alegre. – Boatos. Fofoca. Inveja. Existem pessoas de quem eu não gosto, claro, mas eu me desviaria do meu caminho para prejudicar essas pessoas? Claro que não.

– Certo. Mas estou curiosa mesmo assim. Existe alguém na sua vida que você nunca vai perdoar?

– Não me ocorre ninguém – respondeu ele, contente. – E você? Tem alguém que planeja odiar pelo resto da vida?

Ele se virou para olhar para Elizabeth, o rosto ainda corado do exercício, o cabelo molhado da água do mar, a expressão séria. Ela estava com os dedos estendidos, como se estivesse contando.

CAPÍTULO 9

O rancor

Quando Calvin afirmava que não tinha rancores e não detestava ninguém, era do mesmo jeito que algumas pessoas dizem que se esquecem de comer. O que significa que ele mentia. Por mais que tentasse fingir que tinha deixado o passado para trás, o passado estava logo ali, corroendo seu coração. Muitas pessoas o tinham prejudicado, mas só havia um homem que ele não conseguia perdoar. Só um homem que ele jurara odiar até o dia da sua morte.

A PRIMEIRA VEZ QUE VIU ESSE HOMEM, Calvin tinha dez anos. Uma limusine comprida parou nos portões do orfanato e o homem saltou. Era alto, elegante, vestido com esmero em um terno de bom corte e abotoaduras de prata, e em nada combinava com a paisagem de Iowa. Calvin se amontoou na cerca com os outros meninos. Um astro do cinema, imaginaram. Talvez um jogador de beisebol profissional.

Eles estavam acostumados com aquilo. Mais ou menos duas vezes por ano pessoas famosas iam até o orfanato com jornalistas a reboque para tirar fotos com alguns dos meninos. De vez em quando, essas visitas resultavam em algumas luvas de beisebol ou retratos autografados. Mas esse homem carregava apenas uma valise. Todos se afastaram.

No entanto, cerca de um mês antes da visita do homem, todo tipo de

coisa começara a chegar: livros didáticos de ciência, jogos de matemática, kits de química. E, ao contrário dos retratos e das luvas de beisebol, havia uma quantidade suficiente para todos.

– O Senhor proferirá – disse o padre, distribuindo uma pilha de livros de biologia tinindo de novos. – O que significa que vocês, humildes, se calarão e o inferno se acalmará. Vocês no fundo, fiquem sentados e quietos, estou mandando! – Ele bateu com uma régua na carteira mais próxima, e todos reagiram em um sobressalto.

– Com licença, padre – disse Calvin, folheando a cópia que tinha recebido –, mas tem um problema com o meu. Estão faltando algumas páginas.

– Elas não estão *faltando*, Calvin – esclareceu o padre. – Elas foram arrancadas.

– Por quê?

– Porque estão erradas, só isso. Agora abram os livros na página 119, meninos. Vamos começar com...

– Está faltando a evolução – insistiu Calvin, percorrendo as páginas.

– Já chega, Calvin.

– Mas...

A régua bateu com força nas juntas dos dedos de Calvin.

– CALVIN – DISSE O BISPO, PREOCUPADO. – Qual é o seu problema? É a quarta vez nessa semana que mandam você para cá. Sem contar as queixas que recebi do nosso bibliotecário sobre as suas mentiras.

– Que bibliotecário? – perguntou Calvin, surpreso. Com certeza o bispo não estava se referindo ao padre embriagado que costumava se esconder no pequeno closet que abrigava o ridículo acervo de livros do orfanato.

– O padre Amos disse que você afirmou ter lido todos os livros do nosso acervo. Mentir é pecado, mas mentir para se vangloriar? Não há nada pior.

– Mas eu *li*...

– Silêncio! – gritou ele, pairando sobre o menino. – Algumas pessoas nascem como maçãs podres – continuou. – Resultado de pais que também

eram podres. Mas, no seu caso, não sei por que aconteceu.

– O que o senhor quer dizer?

– Quero dizer – disse o bispo, se inclinando para a frente – que desconfio que você nasceu bom e virou ruim. Foi apodrecido por uma série de escolhas ruins. Você conhece o ditado “A beleza vem de dentro”?

– Conheço.

– Bem, o seu lado de dentro combina com a sua feiura externa.

Calvin tocou nas juntas inchadas dos dedos, tentando não chorar.

– Por que você não pode ficar agradecido pelo que tem? – lamuriou o bispo. – Metade das páginas de um livro de biologia é melhor do que nada, não acha? Meu Deus, eu sabia que isso ia dar problema. – Ele se afastou da mesa e começou a andar lentamente pela sala. – Livros de ciências, kits de química. O que somos obrigados a aceitar só para conseguir dinheiro para os cofres. – Ele se virou para Calvin, com raiva. – Até *isso* é culpa sua. Nós não estaríamos nessa situação se não fosse pelo seu pai...

Calvin levantou a cabeça de um jeito brusco.

– Não importa. – O bispo retornou para a mesa dele, folheando a papelada.

– O senhor não pode falar do meu pai – afirmou Calvin, uma onda de calor subindo até o rosto. – O senhor nem sequer conheceu o meu pai!

– Posso falar de quem eu quiser, Evans – ralhou o bispo. – E, na verdade, não me refiro ao seu pai que morreu no acidente de trem. Estou falando do seu pai *de verdade*, o idiota que nos impôs esses malditos livros de ciências. Ele chegou aqui mais ou menos um mês atrás em uma grande limusine procurando um garoto de dez anos cujos pais adotivos tinham sido atingidos por um trem e cuja tia havia batido com o carro em uma árvore, um menino que “talvez seja”, disse o tal homem, “muito alto”? Fui direto no arquivo e peguei a sua pasta. Pensei que ele tivesse vindo recuperar você como uma mala perdida; isso acontece o tempo todo. Mas, quando mostrei sua foto, ele perdeu o interesse.

Calvin arregalou os olhos, absorvendo a notícia. Ele era adotado? Não era possível. Os pais dele ainda eram os pais dele, mortos ou vivos. Ele lutou contra as lágrimas pensando em como tinha sido feliz, a mão protegida na

segurança da mão grande do pai, a cabeça apoiada no peito aconchegante da mãe. O bispo estava *errado*. Ele estava *mentindo*. Os meninos sempre ouviam histórias sobre como e por que tinham ido parar no orfanato Todos os Santos: as mães morreram no parto e os pais não conseguiam lidar com a situação, era difícil criá-los, já havia muitas bocas para alimentar. Essa era só mais uma história.

– Só para você saber – continuou o bispo, como se selecionasse as palavras em uma lista –, sua mãe verdadeira morreu no parto e seu pai verdadeiro não conseguiu lidar com a situação.

– *Não acredito no senhor!*

– Entendi – disse o bispo em um tom seco enquanto pegava duas folhas de papel na pasta de Calvin: um termo de adoção e uma certidão de óbito. – O futuro cientista exige uma prova.

Calvin olhou para os documentos através de uma cortina de lágrimas. Ele não conseguiu emitir uma única palavra.

– Muito bem – prosseguiu o bispo, entrelaçando as mãos. – Entendo que essa notícia seja um choque, mas veja pelo lado positivo. Você *tem* um pai e ele *está* zelando por você ou, pelo menos, pela sua educação. É muito mais do que os outros meninos têm. Tente não ser tão egoísta em relação a isso. Você teve sorte. Primeiro conviveu com ótimos pais adotivos, agora tem um pai rico. Pense no presente dele... – o bispo hesitou – ... como uma lembrança. Como um tributo à sua mãe. Uma homenagem.

– Mas se ele fosse meu pai de verdade – rebateu Calvin, ainda sem acreditar –, ele ia me levar daqui. Ele ia querer ficar comigo.

O bispo baixou o olhar para Calvin com uma expressão de surpresa.

– O quê? Não. Eu já falei: sua mãe morreu no parto e seu pai não conseguiu lidar com a situação. Não, nós dois concordamos, ainda mais depois que ele leu seu arquivo, que é melhor você continuar aqui. Um menino como você precisa de um ambiente moral, de muita disciplina. Muitas famílias ricas mandam os filhos para internatos. O Todos os Santos não é tão diferente assim. – Ele fungou, percebendo o cheiro azedo que vinha da cozinha. – Embora ele tenha insistido para aumentarmos nossas ofertas educacionais. Achei isso presunçoso – acrescentou ele, retirando um

pelo de gato da manga. – Querer ensinar a nós, educadores profissionais, como educar. – Ele se levantou, virando-se de costas para Calvin, e olhou pela janela em direção ao telhado envergado da ala oeste do prédio. – A boa notícia é que ele nos deixou uma boa soma de dinheiro, não só para você, mas também para os outros rapazes. Muito generoso. Ou teria sido se ele não tivesse atribuído todo o dinheiro para a ciência e os esportes. Meu Deus, essa gente rica! Eles sempre acham que sabem tudo.

– Ele é... ele é cientista?

– Eu *falei* que ele era cientista? – perguntou o bispo. – Escute. Ele chegou, fez perguntas e foi embora. Deixou um cheque também. Muito mais do que a maioria dos pais displicentes.

– Mas quando é que ele vai voltar? – implorou Calvin, querendo mais do que tudo sair do orfanato, mesmo que fosse com um homem que ele não conhecia.

– Temos que esperar – disse o bispo, virando-se para olhar pela janela gradeada. – Ele não falou.

CALVIN VOLTOU SE ARRASTANDO para a sala de aula, pensando no homem, pensando em maneiras de fazê-lo voltar. Ele *tinha* que voltar. Mas as únicas coisas que apareceram foram mais livros de ciências.

Ainda assim, ele era criança e, como todas as crianças, se agarrou à esperança mesmo quando ela já devia ter morrido. Ele leu todos os livros que o pai recém-descoberto tinha mandado: devorou-os como se fossem amor, armazenando teorias e algoritmos no coração partido, determinado a descobrir a química que ele e o pai compartilhavam, a conexão indestrutível que os manteria ligados por toda a vida. Mas o que percebeu por meio desse estudo autodidata foi que a complexidade da química ia muito além do direito inato, que ela às vezes se retorcia de maneira desalmada. E assim ele teve que conviver com a constatação de que não só esse outro pai o tinha descartado – sem nem mesmo *conhecê-lo* –, como a própria química tinha gerado o rancor que ele não conseguia ocultar nem superar.

CAPÍTULO 10

A guia

Elizabeth nunca tinha tido um bicho de estimação e estava em dúvida se tinha agora. Seis e Meia não era humano, mas parecia ter uma humanidade que excedia em muito a que ela observava na maioria das pessoas.

Foi por isso que ela não comprou uma guia – parecia errado. Até ofensivo. Ele raramente se afastava dela, nunca atravessava a rua sem olhar para os lados nem perseguia gatos. Na verdade, a única vez que fugiu em disparada foi no feriado de Quatro de Julho, quando uma bombinha estourou bem na frente dele. Depois de horas de busca e preocupação, Calvin e ela finalmente o encontraram em um beco, escondido atrás de latas de lixo, tremendo e envergonhado.

Mas quando a prefeitura aprovou a primeira lei de uso de guia, ela teve que reconsiderar a ideia, só que por motivos mais profundos. À medida que ela ficava mais apegada ao cachorro, também crescia a ideia de prender o cachorro a ela.

Então ela comprou uma guia, pendurou-a no cabide de casacos no vestíbulo e esperou Calvin reparar. Só que, uma semana depois, ele ainda não tinha notado.

- Comprei uma guia para o Seis e Meia – informou ela por fim.
- Por quê? – perguntou Calvin.
- Agora é lei – explicou ela.
- Que lei?

Ela explicou a nova lei e ele riu.

– Ah... isso. Bem, essa lei não se aplica a nós. É para pessoas que não têm um cachorro como o Seis e Meia.

– Não, é para todo mundo. É uma lei nova. Tenho certeza de que eles vão fazer questão disso.

Ele sorriu.

– Não se preocupe. Seis e Meia e eu passamos pela delegacia quase todos os dias. Os policiais nos conhecem.

– Mas isso vai mudar – insistiu ela. – Ouvi dizer que houve um aumento de mortes de animais. Muitos cachorros e gatos estão sendo atropelados. – Ela não sabia se era verdade, mas com certeza podia ser. – Bem, ontem eu levei o Seis e Meia para passear e usei a guia. Ele gostou.

– Não consigo correr segurando uma guia – disse Calvin, erguendo o olhar. – Detesto me sentir preso. Além disso, ele sempre fica bem do meu lado.

– Pode acontecer alguma coisa.

– O que pode acontecer?

– Ele pode correr para o meio da rua. Pode ser atropelado. Lembra do caso da bombinha? Não é com você que estou preocupada – comentou ela. – É com ele.

Calvin sorriu para si mesmo. Era um lado de Elizabeth que ele nunca tinha visto: um instinto maternal.

– Por falar nisso – disse ele –, a previsão do tempo está anunciando raios. O Dr. Mason ligou; o remo foi cancelado pelo resto da semana.

– Ah, que pena – reagiu ela, tentando não parecer aliviada. Já tinha remado com o oito masculino quatro vezes, e a cada vez ficava mais exausta do que queria admitir. – Ele disse mais alguma coisa?

Ela não quis dar a impressão de que estava cavando um elogio, mas estava. O Dr. Mason parecia um homem decente, sempre falava com ela de igual para igual. Calvin tinha contado que ele era obstetra.

– Ele mencionou que estamos escalados para a próxima semana – contou Calvin. – E que gostaria que considerássemos a hipótese de participar de uma regata na primavera.

– Você quer dizer uma corrida?

– Você vai adorar. É divertido.

Para falar a verdade, Calvin tinha quase certeza de que ela não ia gostar. Competir era estressante. O medo de perder já era ruim, mas havia também a consciência de que remar era doloroso, de que, depois que gritassem “Atenção!”, o remador se arriscaria a ter um ataque cardíaco, costelas quebradas, perder os pulmões – tudo que fosse possível –, só para, no fim, ganhar uma medalha comprada em lojas baratas. Chegar em segundo lugar? Nunca! O segundo lugar não é chamado de “primeiro dos perdedores” a troco de nada.

– Parece interessante – mentiu ela.

– E é mesmo – mentiu ele em resposta.

– O REMO FOI CANCELADO, LEMBRA? – disse Calvin dois dias depois, surpreso por perceber Elizabeth se vestindo no escuro. Ele estendeu a mão para pegar o despertador. – São quatro da manhã. Volte para a cama.

– Não consigo dormir – explicou ela. – Acho que vou para o trabalho mais cedo.

– Não – suplicou ele. – Fique comigo. – Ele puxou as cobertas e fez sinal para ela entrar.

– Vou colocar aquele prato de batatas no forno em temperatura baixa – disse ela, calçando os sapatos. – Vai ser um bom café da manhã para você.

– Olhe, se você vai, eu também vou – decretou ele, bocejando. – Me dê só uns minutinhos.

– Não, não – disse ela. – Volte a dormir.

Ele acordou uma hora depois e descobriu que estava sozinho.

– Elizabeth? – chamou.

Ele andou em silêncio até a cozinha, onde um par de luvas térmicas descansava na bancada. “Aproveite as batatas”, ela havia escrito. “Vejo você daqui a pouco. Bjs, E.”

– HOJE VAMOS CORRER ATÉ O TRABALHO – disse ele para Seis e Meia.

Na verdade, ele não estava com a menor vontade de correr, mas dessa forma os três poderiam voltar para casa no mesmo carro. Não era porque ele queria economizar gasolina; era porque não conseguia suportar a ideia de Elizabeth dirigir para casa sozinha. Havia árvores no caminho. E trens.

Ela odiaria se soubesse até que ponto ele se preocupava e se inquietava. Por isso ele guardava essa informação só para si mesmo. Mas como ele podia não se inquietar pela pessoa que amava mais do que tudo, mais do que parecia possível? Além do mais, ela também se preocupava com ele – garantindo que ele comesse, sempre sugerindo que ele corresse dentro de casa com Jack e, por incrível que pareça, comprando uma guia.

Pelo canto do olho, ele deu uma espiada em alguns envelopes com contas e fez uma anotação mental de arquivar a última safra de correspondência inútil. Tinha recebido mais uma carta da mulher que alegava ser mãe dele: *Me disseram que você tinha morrido*, escrevia ela com frequência. Também tinha recebido uma carta de um ignorante alegando que Calvin roubara todas as ideias dele, e outra de um suposto irmão, perdido havia muitos anos, que queria dinheiro. O estranho era que ninguém tinha escrito fingindo ser pai dele. Talvez porque o pai ainda estivesse por aí, fingindo que nunca teve um filho.

Desde que deixara o orfanato, a única pessoa, além do bispo, para quem ele tinha admitido nutrir rancor contra o pai era – por incrível que pareça – um amigo por correspondência. Ele nunca encontrou o homem, mas os dois conseguiram estabelecer uma forte amizade. Talvez porque, como em um confessionário, eles achavam mais fácil conversar com alguém que não podiam ver. Mas quando surgiu o assunto “pais” – um ano depois de trocas de cartas constantes e sem restrições –, tudo mudou. Calvin deixou escapar que esperava que o pai estivesse morto, e seu correspondente, parecendo chocado, reagiu de uma forma que Calvin não esperava. Ele parou de escrever.

Calvin imaginou que tinha ido longe demais: o homem era religioso, e ele não. Talvez esperar que o próprio pai estivesse morto não fosse uma coisa que alguém admitisse em círculos eclesiásticos. Mas, qualquer que

fosse a razão, a conversa entre os dois terminara. Ele ficou deprimido durante meses.

Foi por isso que decidiu não mencionar o pai ressuscitado para Elizabeth. Ele temia profundamente que ela reagisse como o ex-amigo e o abandonasse ou de repente percebesse aquilo que o bispo certa vez descreveu como seu defeito irremediável: uma incapacidade inata de ser amado. Calvin Evans, feio por dentro e por fora. Ela havia *recusado* a proposta de casamento dele.

Ainda por cima, se contasse agora, ela poderia questionar por que ele não tinha contado antes. E isso era perigoso, porque ela poderia se perguntar o que *mais* ele havia omitido.

Não, é melhor não contar algumas coisas. Além do mais, ela havia guardado os problemas do trabalho para si mesma, não foi? Ter alguns segredos era normal em um relacionamento.

Calvin vestiu a calça velha de corrida e depois remexeu dentro da gaveta de meias que compartilhava com Elizabeth; seu humor melhorou quando ele captou o cheiro do perfume dela. Ele nunca tinha gostado de autoaperfeiçoamento, nunca nem sequer terminara o livro de Dale Carnegie sobre como fazer amigos e influenciar pessoas, porque, depois de ler dez páginas, percebeu que não se importava com o que as outras pessoas achavam. Mas isso foi antes de Elizabeth, antes de perceber que deixá-la feliz o fazia feliz. *E isso*, pensou ele ao pegar os tênis, *só pode ser a própria definição de amor. Querer mudar por outra pessoa.*

Quando se curvou para amarrar os cadarços, seu peito se encheu de alguma coisa nova. Seria gratidão? Ele, Calvin Evans, feio, órfão em tenra idade, que nunca fora amado, tinha encontrado, sabe-se lá como, uma mulher, um cachorro, uma pesquisa, o remo, a corrida, Jack. Tudo isso era muito mais do que ele já tinha esperado, muito mais do que merecia.

Olhou o relógio: 5h18 da manhã. Elizabeth estaria sentada em uma banqueta, com as centrífugas a todo vapor. Ele assobiou para Seis e Meia encontrá-lo na porta da frente. Era uma distância de pouco mais de oito quilômetros até o trabalho e, correndo juntos, chegariam lá em uns 42 minutos. Mas quando ele abriu a porta, Seis e Meia hesitou. Estava escuro e

chuvoso.

– Vamos, garoto – incentivou Calvin. – Qual é o problema?

Depois ele se lembrou. Deu meia-volta, pegou a guia, se abaixou e a prendeu na coleira de Seis e Meia. Unido com segurança ao cachorro pela primeira vez, Calvin se virou e fechou a porta.

Ele estaria morto dali a 37 minutos.

CAPÍTULO 11

Cortes no orçamento

– Vamos, garoto – Calvin disse para Seis e Meia –, vamos acelerar.

Seis e Meia tomou o lugar dele cinco passos na frente de Calvin, dando uma espiada para trás de vez em quando para confirmar se Calvin ainda estava lá. Quando viraram à direita, eles passaram por uma banca de jornal. “ORÇAMENTO DA CIDADE CHEGA AO VALOR MÍNIMO”, berrava a manchete; “SERVIÇOS DE POLÍCIA E BOMBEIRO AMEAÇADOS.”

Calvin pôs pressão na guia, direcionando Seis e Meia para virar à esquerda e entrar em um bairro mais antigo cheio de casas grandes e gramados oceânicos.

– Um dia nós vamos morar aqui – garantiu Calvin ao cachorro enquanto os dois corriam pelo bairro. – Talvez depois de eu ganhar o Nobel. – Seis e Meia sabia que ele ia ganhar porque Elizabeth disse que isso ia acontecer.

Quando viraram outra esquina, Calvin quase escorregou no limo antes de recuperar o passo.

– Essa foi por pouco – bufou enquanto se aproximavam da delegacia. Seis e Meia olhou para a frente, para os veículos do esquadrão enfileirados como soldados esperando a inspeção.

MAS OS CARROS NÃO TINHAM SIDO inspecionados, porque o departamento de polícia tinha sofrido mais um corte no orçamento – o terceiro em quatro

anos. Todos os três cortes se enquadravam na iniciativa “Faça Mais com Menos!”, o slogan idealizado por um gerente de nível intermediário no departamento de relações públicas da prefeitura. O que significava, dessa vez, que os empregos estavam ameaçados. Os salários já tinham sido reduzidos. Os aumentos salariais, extintos. As demissões viriam a seguir.

Assim, os agentes fizeram tudo que podiam para não haver demissões. Pegaram a mais recente iniciativa do “Faça Mais com Menos!” e a enfiaram onde ela merecia: no estacionamento, com os carros de patrulha. Deixemos os carros brancos-e-pretos suportarem o impacto do corte no orçamento dessa vez. Chega de ajustes, trocas de óleo, trocas de pastilhas dos freios, recauchutagem e trocas de lâmpadas.

SEIS E MEIA NÃO GOSTAVA DO estacionamento da polícia, muito menos da maneira como a polícia dava marcha a ré com muita pressa e sem prestar atenção. Ele não gostava nem dos policiais amistosos que às vezes acenavam quando Calvin e ele corriam por ali, formando um contraste entre o vigor de Calvin e os passos lentos dos policiais. Na opinião de Seis e Meia, eles pareciam deprimidos, restritos pela remuneração baixa, entediados pela rotina, nunca sendo desafiados pelas incontáveis emergências sem importância que jamais exigiam o treinamento de salvar vidas que eles tinham aprendido na academia de polícia.

Quando Calvin e ele se aproximaram, Seis e Meia farejou o ar. Ainda estava escuro. O sol ia nascer dali a mais dez...

BUM!

Da escuridão veio um estouro horrível. Era como o barulho de uma bombinha: brusco, alto, agressivo. Seis e Meia deu um pulo de susto: *O que foi isso?* Ele saiu em disparada, ou tentou, mas foi puxado para trás pela guia que o ligava a Calvin. Calvin também reagiu – *Foram tiros?* – e saiu em disparada na direção oposta. *POU, POU, POU!* As explosões ecoaram como uma metralhadora. Em resposta, Calvin levantou o pé e deu uma guinada para a frente, puxando Seis e Meia para o seu lado, enquanto Seis e Meia, com os olhos esbugalhados, levantou as patas da frente e também puxou,

como se dissesse *Não, para este lado!* E a guia, esticada como uma corda bamba, não deixou espaço para dúvidas. Calvin baixou o pé em uma poça de óleo lubrificante, escorregando para a frente como um patinador desajeitado, o chão se aproximando rapidamente como um velho amigo que mal podia esperar para dar um alô.

BAM.

Enquanto uma estreita trilha vermelha criava um halo ao redor da cabeça de Calvin, Seis e Meia se virou para ajudar, mas algo avançou em direção aos dois: um enorme veículo que se deslocava com tanta velocidade que cortou a guia ao meio, atirando-o para o lado.

Ele conseguiu levantar a cabeça bem a tempo de ver as rodas de um carro de patrulha passar por cima do corpo de Calvin.

– JESUS CRISTO, O QUE FOI ISSO? – perguntou o patrulheiro ao parceiro. Eles estavam acostumados com as constantes explosões dos carros, mas aquilo era muito diferente. Os dois saltaram do carro, perplexos ao verem um homem alto caído no chão, os olhos cinza arregalados, um ferimento na cabeça encharcando a calçada com rapidez. Ele piscou duas vezes para o policial pairando sobre ele.

– Ai, meu Deus, nós batemos nele? Ai, meu Deus. O senhor está me ouvindo? Senhor? Jimmy, chame uma ambulância.

Calvin estava deitado no chão, com o crânio fraturado e o braço partido em dois pela violência da batida. Ao redor do pulso pendia o que restava da guia.

– Seis e Meia? – sussurrou ele.

– O que foi isso? O que foi que ele disse, Jimmy? Ai, meu Deus.

– Seis e Meia? – sussurrou Calvin de novo.

– Não, senhor – respondeu o policial, se abaixando para ficar perto dele.

– São quase seis horas. Na verdade, são mais ou menos 5h50. Agora vamos tirar o senhor daqui... vamos tratar do senhor, não se preocupe, senhor, não precisa ficar preocupado.

Atrás dele, os policiais saíam do prédio em bandos. À distância, uma

ambulância gritava sua intenção de chegar logo.

– Ah, que pena – disse um deles, enquanto o ar saía com força dos pulmões de Calvin. – Não é o cara de quem todo mundo fala... o cara que corre?

A três metros de distância, Seis e Meia, com o ombro destroncado e a outra metade da guia balançando no pescoço machucado, observava. Ele queria, mais que tudo, ir para perto de Calvin, afundar o focinho nos cabelos do dono, lambe as feridas, evitar que as coisas passassem daquele ponto. Mas ele sabia. Mesmo a três metros de distância, ele sabia. Os olhos de Calvin se fecharam. O peito parou de se mexer.

Ele observou enquanto carregaram Calvin para a ambulância, com um lençol sobre o corpo, a mão direita pendurada ao lado da maca, a guia partida enroscada com firmeza no punho. Seis e Meia deu meia-volta, enjoado de tristeza. Com a cabeça baixa, ele se virou e foi dar a má notícia para Elizabeth.

CAPÍTULO 12

O presente de despedida de Calvin

Quando Elizabeth tinha oito anos, o irmão dela, John, a desafiou a pular de uma esarpa, e ela pulou. Lá embaixo havia uma pedreira cheia de água verde-azulada; ela chegou à água como um míssil. Os dedos dos pés alcançaram o fundo, e ela deu um impulso até a superfície, surpresa ao ver que o irmão já estava lá. Ele tinha pulado logo depois dela. “Que diabos você estava pensando, Elizabeth?”, gritava ele, com a voz repleta de angústia enquanto a arrastava para o lado. “Eu só estava brincando! Você podia ter morrido!”

Agora, sentada rígida em um tamborete no laboratório, ela ouvia um policial falando de alguém que tinha morrido e outra pessoa insistindo que ela pegasse um lenço e outra ainda falando alguma coisa sobre um veterinário, mas ela só conseguia pensar naquele momento distante, quando seus pés tocaram no fundo da pedreira e o lodo macio e sedoso a convidou para ficar. Sabendo o que sabia agora, só conseguia pensar uma coisa: *Eu devia ter ficado lá.*

A CULPA ERA DELA. Foi isso que tentou explicar ao policial. A guia. Ela que havia comprado. Mas, por mais que ela falasse isso, o policial não parecia entender e, por isso, Elizabeth pensou que havia uma possibilidade de ela estar imaginando aquilo tudo. Calvin não estava morto. Estava remando.

Estava viajando. Estava cinco andares acima, escrevendo no caderno.

Alguém a mandou para casa.

Nos dias seguintes, Seis e Meia e ela ficaram deitados na cama desarrumada, sem conseguir pegar no sono, comer ou pensar, vendo nada além do teto, esperando que ele entrasse pela porta. A única coisa que os incomodava era um telefone tocando. Toda vez era a mesma voz lamuriosa (e o pior de tudo, um agente funerário) afirmando que “algumas decisões *precisam* ser tomadas!”. Eles precisavam de um terno para o caixão de alguém.

– Caixão de quem? – perguntava ela. – Quem está falando?

Depois de um número excessivo desses telefonemas, Seis e Meia, parecendo exausto com a confusão dela, empurrou-a até o armário e abriu a porta com a pata. Foi quando ela viu: as camisas dele estavam balançando como cadáveres que tinham morrido havia muito tempo. Foi aí que ela se deu conta: Calvin tinha morrido.

ASSIM COMO ACONTECEU DEPOIS do suicídio do irmão e do ataque de Meyers, ela não conseguia chorar. Havia uma enxurrada de lágrimas logo atrás dos olhos, mas elas se recusavam a irromper. Era como se tivessem tirado o ar de dentro dela: não importava quantas vezes ela respirasse fundo, os pulmões se recusavam a encher. Quando era criança, ela se lembrava de ter ouvido por acaso um homem de uma perna só dizer à bibliotecária que alguém estava fervendo água em algum lugar por entre as estantes. Era perigoso, explicou ele; ela precisava fazer alguma coisa. A bibliotecária tentou convencê-lo de que ninguém estava fervendo água – a biblioteca só tinha um cômodo, ela conseguia ver o ambiente inteiro –, mas ele insistiu e gritou com ela, e, por causa disso, dois homens tiveram que retirá-lo. Um deles explicou que o pobre sujeito ainda sofria de trauma pós-guerra. Talvez ele nunca se recuperasse.

O problema é que agora ela também estava escutando a água fervendo.

PARA FAZER O TELEFONE PARAR DE TOCAR, ela precisava encontrar um terno. Calvin não tinha terno, então ela pegou o que achou que ele ia querer usar: a roupa de remador. Em seguida, levou o pequeno pacote para a funerária e o entregou ao responsável.

– Tome – disse ela.

Com muita experiência na arte de lidar com enlutados, o homem solene aceitou a roupa com um gesto cortês de cabeça. Mas, assim que ela saiu, ele entregou o pacote para o assistente e disse:

– O cadáver na sala quatro veste 52 extralongo.

O assistente pegou o pacote e o jogou em um armário sem marcação, deixando-o junto a uma pequena montanha de outras roupas inadequadas que os familiares, em estado de luto, tinham levado ao longo dos anos. Em seguida, foi até um grande armário, pegou um terno 52 extralongo, sacudiu a calça, soprou de leve a poeira esbranquiçada dos ombros e foi para a sala quatro.

Antes que Elizabeth estivesse a dez quarteirões de distância, ele já tinha terminado de vestir o corpo rígido de Calvin com o terno, enfiando nas mangas escuras as mãos que antes a tinham abraçado; encaixando nas pernas de lã as pernas que antes a tinham envolvido. Depois ele abotoou a camisa, afivelou o cinto, ajustou a gravata e amarrou os cadarços, o tempo todo limpando o pó que fazia parte da morte, de uma ponta do terno à outra. Ele recuou um passo para contemplar o trabalho e depois ajustou a lapela. Estendeu a mão para um pente, mas reconsiderou. Fechou a porta e desceu o corredor para pegar o almoço, acondicionado em um saco pardo, parando só para dar instruções a uma mulher sentada atrás de uma grande caixa registradora em um escritório pequeno.

Antes que Elizabeth se afastasse doze quarteirões, o terno empoeirado tinha sido adicionado à conta dela.

O FUNERAL ESTAVA LOTADO. Alguns remadores, um jornalista e talvez uns cinquenta funcionários do Instituto Hastings, embora um punhado deles, apesar de manterem a cabeça baixa e usarem roupas escuras, não estivessem

ali para prestar condolências, mas sim para tripudiar. *Viva!*, aplaudiam em silêncio. *O rei está morto.*

Conforme os cientistas se aglomeravam, vários deles reparavam em Elizabeth à distância, com o cachorro ao seu lado. Mais uma vez, o maldito cachorro não estava usando uma guia, apesar da nova lei municipal sobre uso de guias e a despeito dos cartazes que circundavam todo o cemitério proibindo a entrada de cachorros. O mesmo de sempre. Até na morte, Elizabeth e Calvin agiam como se as regras não se aplicassem a eles.

DE LONGE, ELIZABETH PROTEGEU OS olhos para avaliar a multidão. Mais afastado, perto de outro túmulo, um casal intrometido e bem-vestido observava o funeral como se fosse um engavetamento de cinquenta carros. Elizabeth pousou a mão no curativo de Seis e Meia e pensou em como agir. A verdade era que ela estava com medo de se aproximar do caixão, porque sabia que ia tentar arrombá-lo para se acomodar lá dentro e ser enterrada com Calvin. Isso significaria lidar com todas as pessoas que tentariam impedi-la, e ela não queria ser impedida.

Seis e Meia sentiu em Elizabeth o desejo de morrer e, por isso, ficou monitorando a dona a semana toda. O problema era que ele também queria morrer. Pior, ele achava que estavam pensando a mesma coisa: que, apesar de querer morrer, ela sentia o compromisso de manter *Seis e Meia* vivo. A dedicação causava uma bela confusão.

Bem naquele momento, alguém atrás deles falou:

– Bem, pelo menos Evans escolheu um dia bom para isso.

Como se o tempo ruim pudesse estragar o funeral que, de outro modo, seria festivo. Seis e Meia ergueu o olhar para o homem magro, de queixo pronunciado, que segurava um bloquinho.

– Desculpe incomodar – disse o homem para Elizabeth –, mas eu vi a senhorita sentada aqui sozinha e achei que poderia me ajudar. Estou escrevendo uma história sobre Evans e fiquei pensando se eu poderia fazer algumas perguntas, mas só se a senhorita não se importar. Quero dizer, sei que ele era um cientista famoso, mas não sei mais nada. A senhorita pode

me dizer como o conheceu? Talvez contar um fato pitoresco? A senhorita o conhecia há muito tempo?

– Não – respondeu ela, evitando o olhar do jornalista.

– Não... a senhorita...?

– Não, eu não o conhecia há muito tempo. Com certeza não foi tempo suficiente.

– Ah, sim – disse ele, fazendo um sinal com a cabeça –, entendo. É por isso que a senhorita está afastada: não é uma amiga próxima, mas queria prestar uma homenagem mesmo assim. Entendi. Ele era seu vizinho? Talvez a senhorita pudesse me indicar os pais dele. Ou um irmão? Primo? Eu adoraria conhecer um pouco da história dele. Já ouvi muitas coisas a respeito; alguns dizem que era um verdadeiro idiota. A senhorita tem algo a dizer sobre isso? Eu sei que ele não era casado, mas será que tinha namorada? – E, como ela continuou com o olhar perdido ao longe, ele acrescentou, baixando a voz: – Aliás, não sei se a senhorita chegou a ver os cartazes, mas não é permitido trazer cachorros para o cemitério. Quero dizer, de jeito nenhum. Parece que o zelador é bem rígido quanto a isso. A não ser, sei lá, que a senhorita precise de um cachorro, um cão-guia, porque não consegue... bem, a senhorita sabe...

– Eu não consigo.

O repórter deu um passo para trás.

– Caramba, é sério? – disse ele, se desculpando. – A senhorita é... Ah, me desculpe. É que não parece...

– Eu não consigo – repetiu ela.

– E é permanente?

– É.

– Que pena... Foi doença? – quis saber ele, curioso.

– Foi uma guia.

Ele deu outro passo para trás.

– Bem, é uma pena – repetiu ele, mexendo ligeiramente a mão na frente do rosto dela para verificar se ela ia reagir. Dito e feito. Nada.

Ao longe, um sacerdote apareceu.

– Parece que a festa vai começar – disse o jornalista, contando a ela o

que conseguia ver. – As pessoas estão se acomodando nos assentos, o pastor está abrindo a Bíblia e... – Ele se inclinou para trás, a fim de ver se mais pessoas estavam vindo do estacionamento. – ... ainda não tem nenhum sinal da família. Cadê a família? Não tem uma única alma na fileira da frente. É, talvez ele fosse mesmo um idiota. – Ele olhou para trás para obter uma resposta, surpreso ao ver Elizabeth de pé. – Senhorita? A senhorita não precisa ir até lá; as pessoas entendem uma situação como a sua. – Ela o ignorou, procurando a bolsa. – Bom, se a senhorita vai até lá, é melhor eu ajudar. – Ele estendeu a mão para pegar o cotovelo dela, mas, assim que a tocou, Seis e Meia rosnou. – Nossa! Eu só estava tentando ajudar.

– Ele *não era* um idiota – ralhou Elizabeth com os dentes trincados.

– Ah – soltou ele, constrangido. – Não. É claro que não. Desculpe. Eu só estava repetindo o que ouvi. Sabe... fofocas. Peço desculpas. Se bem que a senhorita tinha dito que não o conhecia muito bem.

– Não foi isso que eu disse.

– Acho que a senhorita...

– Eu disse que não o conheci por *tempo suficiente*. – A voz dela estava trêmula.

– Então, foi isso que eu disse – respondeu ele com delicadeza, tentando pegar o cotovelo dela de novo. – A senhorita não o conhecia há muito tempo.

– Não toque em mim. – Ela puxou o cotovelo para se afastar do toque dele e, com Seis e Meia ao seu lado, atravessou o gramado irregular, evitando com cuidado as estátuas de anjos e as flores gastas como apenas alguém com visão perfeita poderia fazer e, aceitando a solidão da primeira fila, escolheu uma cadeira bem em frente ao caixão comprido e preto.

O QUE SE SEGUIU FOI A LADAINHA de sempre: os olhares tristes, a pá suja, o versículo enfadonho, as orações ridículas. Mas quando as primeiras porções de terra atingiram o caixão, Elizabeth interrompeu o tributo do sacerdote, anunciando:

– Preciso andar.

Então ela deu meia-volta e se afastou com Seis e Meia.

Seria uma longa caminhada até em casa: quase dez quilômetros, de salto alto, de preto, só os dois. E era curioso: tanto o trajeto, que os fez atravessar regiões boas e ruins, quanto o contraste, uma mulher descolorida e um cachorro machucado em conflito com uma primavera precoce. Em todo lugar por onde passavam, mesmo nos bairros mais sombrios, a floração abria caminho por entre fendas na calçada e canteiros de flores, gritando e ostentando e atraindo atenção, mesclando os aromas na esperança de criar perfumes complexos. E lá estavam eles no meio de tudo, as únicas coisas mortas-vivas.

O carro fúnebre a seguiu mais ou menos pelo primeiro quilômetro, o motorista implorando que ela entrasse, alertando que ela não duraria mais do que quinze minutos naqueles saltos, lembrando que ela já tinha pagado pela viagem e se desculpando: como ele não podia levar o cachorro, tinha certeza de que alguém o levaria em outro carro. Mas ela estava surda para as súplicas do motorista como esteve cega para a intromissão do repórter. Por fim, ele e todos os outros desistiram, e Elizabeth e Seis e Meia fizeram a única coisa que tinham sentido vontade de fazer: continuaram andando.

NO DIA SEGUINTE, SEM CONSEGUIR ficar em casa e sem nenhum outro lugar para onde ir, os dois voltaram ao trabalho.

Isso gerou um problema para os colegas. Eles já tinham esgotado tudo que podiam dizer: “Sinto muito”, “Se você precisar de alguma coisa...”, “Que tragédia”, “Tenho certeza que ele não sofreu”, “Estou com você”, “Ele está nas mãos de Deus agora”. Por isso, eles a evitaram.

– Leve o tempo que precisar – dissera-lhe Donatti no enterro, colocando a mão no ombro dela ao mesmo tempo que reparava, surpreso, que preto não caía bem nela. – Estou com você.

Mas, quando a viu sentada no tamborete do laboratório, atordoada, também a evitou. Depois, quando ficou claro que todo mundo só “estaria com ela” enquanto ela “não estivesse lá”, ela aceitou o conselho de Donatti e foi embora.

O único lugar que restava para ir era o laboratório de Calvin.

– Isso pode me matar – sussurrou para Seis e Meia quando os dois estavam diante da porta do laboratório de Calvin.

O cachorro encostou a cabeça na coxa de Elizabeth, implorando para ela não prosseguir, mas ela abriu a porta assim mesmo, e os dois entraram. O odor de produtos de limpeza os atingiu como uma locomotiva.

Os humanos são esquisitos, pensou Seis e Meia, porque eles sempre lutam contra a sujeira no mundo acima do chão, mas, depois da morte, não há problema em ficarem cobertos de terra. No funeral, ele não conseguiu acreditar na quantidade de terra necessária para cobrir o caixão de Calvin e, quando viu o tamanho da pá, ficou se perguntando se devia oferecer a ajuda das patas traseiras para encher o buraco. E agora a sujeira era novamente uma questão, mas no sentido oposto. Todos os traços de Calvin tinham sido esfregados e removidos. Ele observou Elizabeth parada no meio do laboratório, o rosto desorientado com o choque.

OS CADERNOS DELE TINHAM DESAPARECIDO. Foram encaixotados e já estavam armazenados enquanto a administração do instituto esperava nervosamente para ver se um parente próximo ia se apresentar e tentar reivindicá-los. Nem é preciso dizer que ela, que conhecia e entendia a pesquisa dele melhor do que qualquer outra pessoa e cujo relacionamento com ele excedia em muito a insígnia de “parente”, não era qualificada para isso.

Só tinha sobrado uma coisa. Um caixote onde eles tinham jogado os objetos pessoais de Calvin: um retrato dela, alguns discos de Frank Sinatra, algumas pastilhas para garganta, uma bola de tênis, petiscos para cachorro e, bem lá no fundo, a marmita – que ela percebeu, com o coração apertado, que ainda devia conter o sanduíche que ela havia preparado para ele nove dias antes.

Mas, quando a abriu, seu coração quase parou de bater. Ali dentro havia uma caixinha azul. E, dentro dela, o maior diamante pequeno que ela já tinha visto.

BEM NAQUELE MOMENTO, a Srta. Frask enfiou a cabeça pela fresta da porta.

– Ah, você está aqui – disse ela, os óculos de gatinho de strass balançando como um laço frouxo de uma correia no pescoço. – Sou a Srta. Frask. Do departamento de pessoal. – Ela fez uma pausa. – Eu não queria incomodá-la – comentou, abrindo a porta um pouco mais –, mas... – Então ela reparou que Elizabeth estava mexendo na caixa. – Ah, você não pode fazer isso. São os pertences pessoais dele e, apesar de conhecer e reconhecer a, bem, relação pouco comum que existia entre você e o Sr. Evans, temos, por lei, que esperar só um pouquinho mais para ver se alguém, um irmão, um sobrinho, um parente *de sangue*, se apresenta para reivindicar essas coisas. Você entende. Não é nada contra você e suas, bem, inclinações pessoais; não estou fazendo nenhum juízo de valor. Mas, sem um documento que diga que ele queria deixar essas coisas para você, infelizmente temos que seguir a lei. Já tomamos medidas para proteger o trabalho dele. Está tudo fechado e trancado. – Ela se interrompeu, dando uma olhada em Elizabeth. – Você está bem? Parece que vai desmaiar. – E, quando Elizabeth oscilou um pouquinho para a frente, a Srta. Frask escancarou a porta toda e entrou.

FOI NAQUELE DIA NO REFEITÓRIO – quando Eddie olhou para Elizabeth de uma forma como nunca tinha olhado para ela – que a Srta. Frask passou a achar a Srta. Zott detestável.

– Eu estava no elevador hoje – dissera Eddie extasiado – e a Srta. Zott entrou. Subimos juntos por quatro andares.

– Vocês dois tiveram uma conversa animada? – perguntou a Srta. Frask, com os molares cerrados. – Você descobriu qual é a cor preferida dela?

– Não – respondeu ele. – Mas com certeza vou perguntar na próxima vez. Nossa, ela é uma coisa de outro mundo.

Desde então, a Srta. Frask passou a ouvir pelo menos duas vezes por semana *como* a Srta. Zott era uma coisa de outro mundo. Com Eddie, era sempre Srta. Zott isso e Srta. Zott aquilo. Ele falava dela sem parar, mas, sinceramente, todo mundo fazia isso. Srta. Zott, Srta. Zott, Srta. Zott. Ela

estava *enjoada* da Srta. Zott.

– TENHO CERTEZA DE QUE NÃO preciso dizer – começou a Srta. Frask, colocando a mão rechonchuda nas costas de Elizabeth – que é cedo demais para você voltar ao trabalho, ainda mais aqui – continuou, indicando com a cabeça a sala que tinha sido de Calvin. – Não vai ser bom. Você ainda está em choque e precisa descansar. – A mão dela subia e descia em um afago desajeitado. – Bem, eu *sei* o que as pessoas estão dizendo – continuou, dando a entender que ela era o marco zero das fofocas do instituto – e sei que *você* sabe o que as pessoas estão dizendo – prosseguiu, muito confiante de que Elizabeth não sabia –, mas, na minha opinião, se o Sr. Evans estava tomando leite de graça, isso não significa que a morte prematura dele não seja menos penosa para você. Na verdade, na minha opinião, é o *seu* leite e, se você resolve estragá-lo, é um direito *seu*.

Pronto, pensou ela, satisfeita. Agora a Srta. Zott sabia o que as pessoas estavam comentando.

Elizabeth ergueu o olhar para a Srta. Frask, atônita. Ela achava que era necessário ter um talento especial para conseguir dizer a coisa errada na hora errada. Talvez fosse um pré-requisito para trabalhar no departamento de pessoal: uma certa falta de noção desajeitada e empolgada, que dava à pessoa a capacidade de insultar quem tivesse perdido um ente querido.

– Tenho tentado entrar em contato por diversos motivos – dizia a Srta. Frask –, e o primeiro deles é a questão do cachorro do Sr. Evans. Ele – disse ela, apontando para Seis e Meia, que olhou para ela com hostilidade. – Infelizmente, ele não pode mais ficar aqui. Você entende. O Instituto de Pesquisas Hastings simplesmente venerava o Sr. Evans e, por isso, fechava os olhos para as manias excêntricas dele. Mas, agora que o Sr. Evans nos deixou, o cachorro também tem que ir. Pelo que entendo, o cachorro era dele.

Ela olhou para Elizabeth esperando uma confirmação.

– Não, o cachorro é *nosso* – conseguiu dizer. – *Meu*.

– Entendo. Mas, de agora em diante, ele vai ter que ficar em casa.

No canto, Seis e Meia levantou a cabeça.

– Não consigo ficar aqui sem ele – explicou Elizabeth. – Simplesmente não consigo.

A Srta. Frask piscou como se a sala estivesse iluminada demais e, do nada, surgiu nas mãos dela uma prancheta na qual tinha feito algumas anotações.

– Claro – disse ela, sem erguer o olhar. – Eu também gosto de cachorros – mentiu –, mas, como já falei, fizemos concessões para o Sr. Evans. Ele era importante demais para nós. Mas, em algum momento – continuou, colocando de novo uma das mãos no ombro de Elizabeth e voltando a dar uns tapinhas –, você deve perceber que suas vantagens por causa dele têm um limite.

A expressão de Elizabeth mudou.

– Vantagens?

A Srta. Frask ergueu o olhar da prancheta, tentando parecer profissional.

– Acho que nós duas sabemos do que estou falando.

– Eu nunca tive vantagens por causa dele.

– Eu nunca afirmei isso – rebateu a Srta. Frask fingindo surpresa. Depois baixou a voz, como se confidenciasse um segredo. – Posso dizer só uma coisa? – Ela inspirou brevemente. – Outros homens vão aparecer, Srta. Zott. Talvez não tão famosos ou influentes quanto o Sr. Evans, mas homens do mesmo jeito. Eu estudei psicologia, sei dessas coisas. Você escolheu o Sr. Evans, ele era famoso, solteiro, talvez pudesse ajudar na sua carreira, quem vai julgar? Mas não funcionou. E agora ele morreu e você está triste. É claro que você está triste. Mas olhe pelo lado bom: você está livre de novo. E existem muitos homens simpáticos, homens *bonitos*. Um deles com certeza vai querer colocar uma aliança no seu dedo.

Ela fez uma pausa, se lembrando do Evans feio pouco antes de imaginar a Elizabeth bela de volta ao mercado de namoros, os homens borbulhando em volta dela como bolas de sabão em uma banheira.

– E quando você encontrar um novo homem – continuou –, talvez um advogado – especificou –, aí vai poder parar com essa tolice de ciência e ir para casa, para ter muitos bebês.

– Não é isso que eu quero.

A Srta. Frask se endireitou.

– Ora, ora, como somos rebeldes... – disse.

Ela realmente detestava Elizabeth.

– Só mais uma coisa – continuou ela, batendo a caneta na prancheta –, e é sobre sua licença óbito. O instituto lhe concedeu três dias a mais. São cinco dias no total. Nunca vi isso acontecer com alguém que não fosse membro da família. Muito, muito generoso, Srta. Zott. Mais uma indicação de como o Sr. Evans era importante para nós. É por isso que eu gostaria de confirmar que você pode e deve ir para casa e ficar lá. Com o cachorro. Você tem a minha permissão.

Elizabeth não tinha certeza se era pela crueldade das palavras da Srta. Frask ou pela sensação estranha do anel pequeno e frio que ela havia enterrado na palma da mão pouco antes de a outra entrar, mas, antes de conseguir se conter, ela se virou e vomitou na pia.

– Normal – afirmou a Srta. Frask enquanto atravessava a sala correndo para pegar uma pilha de toalhas de papel. – Você ainda está em choque. – Mas, ao colocar a segunda toalha na cabeça de Elizabeth, ela ajustou os óculos de gatinho e a observou mais de perto. – Ah... – suspirou, censurando-a e puxando a cabeça de Elizabeth para trás. – Ah, entendi.

– O quê? – murmurou Elizabeth.

– Ora, por favor – ralhou a Srta. Frask em tom de desaprovação. – O que você esperava?

E soltou um muxoxo alto o suficiente para Elizabeth entender que *ela* sabia. Mas, quando Elizabeth não admitiu que sabia o que a outra sabia, a Srta. Frask ficou pensando se haveria uma chance remota de a Srta. Zott não saber *mesmo*. É assim que funciona com os cientistas. Eles acreditam em ciência até o momento em que a ciência acontece com eles.

– Ah, eu quase ia me esquecendo – disse a Srta. Frask, tirando um jornal de debaixo do braço. – Eu queria ter certeza de que você ia ver isso. É uma bela foto, não acha?

E lá estava o artigo do jornalista que tinha ido ao enterro. “O Brilho que Ele Enterrou” era a manchete, seguida de uma história que sugeria que a

personalidade difícil de Evans pode tê-lo impedido de atingir todo o seu potencial científico. E, para provar essa teoria, logo à direita havia uma foto de Elizabeth e Seis e Meia de pé diante do caixão, com a legenda “Na verdade, o amor *não é cego*”, acompanhada de um breve resumo de como até a namorada de Evans mal o conhecia.

– Que coisa horrível – sussurrou Elizabeth, apertando o estômago.

– Você não vai vomitar de novo, vai? – repreendeu a Srta. Frask enquanto lhe entregava mais toalhas de papel. – Eu sei que você é química, mas *com certeza* esperava isso. Com certeza você estudou biologia.

Elizabeth ergueu o olhar, com o rosto cinzento, os olhos vazios, e, por um ínfimo instante, a Srta. Frask quase sentiu pena dessa mulher e do cachorro feio e do vômito e de todos os problemas que estavam por vir. Apesar do cérebro, da beleza e da incrível atração lasciva que despertava nos homens, a Srta. Zott não era melhor do que ninguém em nada.

– Esperava *o quê?* – perguntou Elizabeth. – Aonde você quer chegar?

– *Biologia!* – vociferou a Srta. Frask enquanto batia a caneta na barriga de Elizabeth. – Srta. Zott, por favor! Somos mulheres! Você sabe muito bem que Evans lhe deixou *alguma coisa!*

E Elizabeth, com os olhos repentinamente arregalados ao se dar conta, vomitou de novo.

CAPÍTULO 13

Idiotas

A administração do Instituto de Pesquisas Hastings tinha um grande problema. Com a morte do famoso cientista e um artigo de jornal sugerindo que a personalidade complicada de Evans o impedira de conquistar qualquer coisa de valor, os financiadores do instituto – o exército, a marinha, diversas empresas farmacêuticas, alguns investidores privados e um punhado de fundações – já estavam se pronunciando sobre “reavaliar os projetos existentes no Instituto Hastings” e “repensar doações futuras”. Esse é o maior problema da pesquisa: ela fica à mercê daqueles que a bancam.

E era por isso que a administração do instituto estava determinada a sepultar essa história ridícula. Evans *tinha* feito um bom progresso, não tinha? A sala dele era abarrotada de cadernos e equações pequenas e estranhas, escritas em uma letra indecifrável, marcadas por pontos de exclamação e sublinhados grossos como aqueles que as pessoas fazem quando estão prestes a conseguir alguma coisa. Na verdade, ele tinha se comprometido a apresentar em Genebra um artigo sobre o seu progresso dali a apenas um mês. Mas isso foi antes de ser atingido por um carro de polícia porque tinha insistido em correr ao ar livre na chuva em vez de correr dentro de casa usando sapatilhas, como todo mundo.

Cientistas. Eles simplesmente *tinham* que ser diferentes.

Isso também era parte do problema. A maioria dos cientistas do Hastings não era diferente – ou, pelo menos, não eram diferentes o

suficiente. Em média eram normais, na melhor das hipóteses um pouco acima da média. Não eram burros, mas também não eram gênios. Eram pessoas como a maioria dos funcionários de qualquer empresa – pessoas normais que fazem um trabalho normal e que de vez em quando são promovidos para a administração por terem resultados pouco inspiradores. Pessoas que não iam mudar o mundo, mas também não iam explodi-lo por acidente.

Não, a administração tinha que confiar nos seus inovadores e, com Evans morto, restava apenas um grupo muito pequeno de talentos verdadeiros. Nem todos estavam em cargos elevados como o de Calvin. Na verdade, alguns provavelmente não percebiam que eram vistos como verdadeiros inovadores, mas a administração do Hastings sabia que era deles que vinham quase todas as grandes ideias e inovações.

O único problema com essas pessoas, além do ocasional desafio de higiene, era que elas sempre pareciam abraçar o fracasso como um resultado positivo.

– “Eu não fracassei” – elas citavam Edison sem parar. – “Eu apenas descobri dez mil modos que não funcionam.”

Essa pode ser uma frase aceitável na ciência, mas é muito errada em uma sala cheia de investidores que buscam um tratamento imediato, caro e crônico para o câncer. Deus os livre das curas reais. É muito mais difícil ganhar dinheiro com uma pessoa que deixou de ter um problema. Por essa razão, o Hastings fazia tudo que podia para manter esse pessoal longe da imprensa, a não ser que fosse a imprensa especializada em ciências, o que era bom porque ninguém lia. Mas agora? O falecido Evans estava na página onze do *LA Times*. E quem aparecia ao lado do caixão dele? Elizabeth Zott e o maldito cachorro.

Esse era o terceiro problema da administração. Elizabeth Zott.

Ela era uma das inovadoras. Não era reconhecida, claro, mas agia como se fosse. Não se passava uma semana sem que eles recebessem uma reclamação relacionada a ela: o modo como expressava sua opinião, a insistência para colocarem seu nome nos próprios artigos, a recusa a fazer café; a lista era interminável. E, no entanto, seu progresso – ou seria de

Calvin? – era inquestionável.

O projeto de Elizabeth, a abiogênese, só tinha sido aprovado porque um investidor endinheirado caíra do céu e insistira em financiar, por incrível que pareça, a abiogênese. Quem diria que uma coisa dessas poderia acontecer? Apesar de isso ser exatamente o tipo de coisa exótica que os multimilionários fazem: financiar projetos inúteis e fantasiosos. O ricoço dissera que tinha lido um artigo de um tal E. Zott, alguma coisa antiga da UCLA, e ficara fascinado pelas possibilidades de expansão. Ele vinha tentando localizar Zott desde então.

– Zott? Mas o Sr. Zott trabalha aqui! – informaram eles antes de conseguirem se controlar.

O ricoço parecera genuinamente surpreso.

– Vou ficar na cidade só um dia, mas gostaria muito de conhecer o Sr. Zott – pedira ele.

E eles hesitaram. *Conhecer Zott*, pensavam. E descobrir que *ele* era *ela*? O cheque do homem ia desaparecer.

– Infelizmente não vai ser possível – disseram a ele. – O Sr. Zott está na Europa. Em um congresso.

– Que pena – dissera o homem rico. – Talvez em outro momento. – E então ele disse que só ia verificar o progresso do projeto em um intervalo de alguns anos. Porque ele entendia que a ciência era lenta. Porque ele sabia que eram necessários tempo, distância e paciência.

Tempo. Distância. Paciência. Esse homem era *real*?

– Muito sensato – haviam lhe dito enquanto lutavam contra o desejo de dar cambalhotas no escritório. – Obrigado pela sua confiança.

E antes que o homem se acomodasse na limusine, eles já tinham dividido o grosso da generosidade do homem para financiar áreas de pesquisa que consideravam mais promissoras. Tinham dado um pouco até para Evans.

Então entrou o fator Evans. Depois que eles, com tanta benevolência, reinvestiram na pesquisa não-tenho-a-menor-ideia-do-que-o-sujeito-está-fazendo dele, Evans irrompera no escritório deles dizendo que, se não conseguissem encontrar um jeito de financiar sua linda namorada, ele iria

embora e levaria todos os seus brinquedos e ideias e indicações para o Prêmio Nobel. Eles imploraram para que ele tivesse bom senso; fazê-los financiar a abiogênese? Aquilo só podia ser brincadeira. Mas ele se recusou a ceder e chegou ao ponto de afirmar que as ideias de Elizabeth Zott podiam ser até melhores do que as dele. Na época, eles descartaram essa afirmação como se fossem divagações de um homem que tinha tirado a sorte grande em termos de sexo. Mas agora?

As teorias dela, ao contrário das teorias de todos aqueles que citam a frase de Edison “Eu não fracassei *de verdade*”, pareciam – pelo menos de acordo com Evans – muito avançadas. Muito tempo antes, Darwin tinha proposto que a vida surgira a partir de uma bactéria unicelular que evoluiu, se diversificando em um complexo planeta de pessoas, plantas e animais. Elizabeth Zott? Ela era como um cão de caça tentando descobrir de onde tinha vindo aquela primeira célula. Em outras palavras, Elizabeth tinha a intenção de resolver um dos maiores mistérios químicos de todos os tempos, e, se suas descobertas continuassem a pleno vapor, não havia dúvida de que ela conseguiria. Pelo menos de acordo com *Evans*. O único problema é que isso provavelmente levaria noventa anos. Noventa anos que custariam uma exorbitância. O investidor rico certamente estaria morto muito antes disso. Aliás, eles também já estariam mortos.

E havia outro detalhe menos importante. A administração tinha acabado de saber que Elizabeth estava grávida. *Solteira* e grávida.

Será que o dia deles podia piorar ainda mais?

Obviamente, ela precisava ir embora; não havia o que discutir. O Instituto de Pesquisas Hastings tinha normas rígidas.

Mas, se ela fosse embora, onde isso os deixaria em termos de inovação? Eles ficariam com um punhado de gente fazendo progressos insignificantes e sem valor. E avanços desse tipo não eram muito inspiradores para fomentar doações vultosas.

Felizmente, Elizabeth trabalhava com três outros cientistas. A administração do Hastings mandou chamá-los imediatamente; eles precisavam garantir que a pesquisa supostamente crucial de Elizabeth poderia prosseguir sem ela – tudo que fosse necessário para parecer que o

dinheiro que nunca fora alocado estava sendo bem empregado. Mas, assim que os três ph.D.s entraram na sala, a administração do Hastings percebeu que estava em maus lençóis. Dois deles admitiram, relutantes, que ela era o motor principal da pesquisa, essencial para qualquer avanço. O terceiro – um homem chamado Boryweitz – foi por outro caminho. Alegou que, na verdade, *ele* tinha feito tudo. Mas quando não conseguiu confirmar nenhuma das afirmações com uma explicação científica significativa, eles perceberam que estavam na presença de um idiota científico. O instituto era repleto deles. Nenhuma surpresa. Os idiotas entram em qualquer empresa. Eles costumam se dar bem nas entrevistas.

O químico sentado diante deles agora? Não sabia nem soletrar abiogênese.

E ainda havia a Srta. Frask, do departamento de pessoal, a primeira a soar o alarme em relação à situação de Elizabeth. Ela havia usado seus talentos limitados para espalhar o boato de que Elizabeth estava grávida, garantindo que, até o meio-dia, todo mundo no instituto soubesse de tal situação deplorável. Isso os deixava apavorados. O efeito incendiário do boato significava que era só uma questão de tempo até que os grandes investidores do instituto descobrissem. E os investidores – como todo mundo sabia – detestavam escândalos. Além do mais, havia o problema do rico fã do trabalho do cientista Zott. O multimilionário que tinha dado um cheque praticamente em branco para as pesquisas em abiogênese – e que alegava ter lido um antigo artigo do Sr. Zott. Como ele se sentiria se descobrisse que se tratava não só de uma mulher, mas de uma mulher que estava grávida e, além do mais, solteira? Meu Deus. Eles já conseguiam visualizar a enorme limusine dando a volta na entrada do instituto, o motorista mantendo o motor ligado enquanto o homem entraria a passos pesados exigindo o dinheiro de volta.

– Eu estava financiando uma vagabunda profissional? – gritaria ele.

Problemas. Eles tinham que fazer alguma coisa a respeito de Elizabeth Zott imediatamente.

– INFELIZMENTE, A SENHORITA NOS colocou em uma posição muito difícil, Srta. Zott – repreendeu Donatti uma semana depois, empurrando uma notificação de aviso prévio na direção de Elizabeth.

– O senhor está me *demitindo*? – perguntou Elizabeth, confusa.

– Eu gostaria de resolver isso com a maior civilidade possível.

– Por que estou sendo demitida? Com base em quê?

– Acho que a senhorita sabe.

– Me esclareça – pediu ela, se inclinando para a frente, com as mãos entrelaçadas e o lápis número dois atrás da orelha esquerda reluzindo sob a luz. Ela não sabia ao certo de onde vinha esse autocontrole, mas sabia que tinha que mantê-lo.

Ele deu uma olhada na Srta. Frask, que estava fazendo anotações.

– A senhorita está esperando um bebê – afirmou Donatti. – Não tente negar.

– Sim, estou grávida. Informação correta.

– Informação correta? – engasgou ele. – *Correta?*

– Confirmo. Eu estou grávida. O que isso tem a ver com o meu trabalho?

– Ora, bolas!

– Não é contagioso – ironizou ela, descruzando as mãos. – Não estou com cólera. Não vou passar gravidez para ninguém.

– Que petulância – ralhou Donatti. – A senhorita sabe muito bem que as mulheres param de trabalhar quando estão grávidas. Mas a senhorita... não está só esperando um bebê, a senhorita é *solteira*. Isso é uma desgraça.

– A gravidez é uma condição normal. Não é uma desgraça. É assim que surgem todos os seres humanos.

– Como se atreve? – disse ele, elevando a voz. – Uma mulher dizendo para *mim* o que é gravidez. Quem a senhorita pensa que é?

Ela pareceu surpresa com a pergunta.

– Uma mulher – respondeu.

– Senhorita Zott – interveio a Srta. Frask –, nosso código de conduta não permite esse tipo de coisa e você sabe disso. Você precisa assinar este documento e depois precisa limpar a sua mesa. Temos normas rígidas.

Mas Elizabeth não pestanejou.

– Estou confusa. Vocês estão me demitindo porque estou grávida e sou solteira. E o homem?

– Que homem? A senhorita está se referindo ao Evans? – questionou Donatti.

– Qualquer homem. Quando uma mulher fica grávida fora do casamento, o homem que a engravidou também é demitido?

– O quê? Do que a senhorita está falando?

– Vocês teriam demitido Calvin, por exemplo?

– Claro que não!

– Então, tecnicamente, vocês não têm nenhum motivo para me demitir.

Donatti pareceu confuso. *O quê?*

– É claro que tenho – hesitou com as palavras. – É claro que tenho! A senhorita é a mulher! Foi a senhorita que engravidou!

– Geralmente é assim que acontece. Mas o senhor percebe que uma gravidez precisa do esperma de um homem?

– Senhorita Zott, estou avisando. Cuidado com a língua!

– O senhor está dizendo que, se um homem solteiro engravida uma mulher solteira, ele não sofre nenhuma consequência. A vida dele segue normalmente. Tudo na mesma.

– Isso *não* é culpa nossa – interrompeu a Srta. Frask. – Você estava tentando dar o golpe da barriga em Evans. É óbvio.

– O que eu sei – retrucou ela, tirando uma mecha desgarrada da testa – é que Calvin e eu não queríamos ter filhos. Também sei que tomamos todas as precauções para garantir isso. Essa gravidez é uma falha de contracepção, não de moralidade. E também não é da conta de vocês.

– A senhorita fez com que fosse da nossa conta! – gritou Donatti de repente. – E, caso a senhorita não saiba, existe um método infalível para *não* engravidar e começa com “A”! Temos regras, Srta. Zott! Regras!

– Não, nesse assunto vocês não têm – afirmou Elizabeth, calma. – Eu li o manual do funcionário de cabo a rabo.

– É uma regra tácita!

– Ou seja, não tem nenhum valor judicial.

Donatti olhava furioso para ela.

– Evans ficaria muito, muito envergonhado da senhorita.

– Não – rebateu Elizabeth com simplicidade, a voz inexpressiva, mas calma. – Ele não ficaria.

A sala caiu em silêncio. Sempre que ela discordava era assim – sem constrangimento, sem melodrama –, como se fosse ter a última palavra, como se soubesse que venceria no final. Era *exatamente* o tipo de atitude da qual seus colegas de trabalho reclamavam. E da maneira como ela deixava implícito que seu relacionamento com Calvin estava um nível acima, como se tivesse sido tecido com um material indestrutível, que sobreviveria a tudo, até à morte dele. Irritante.

Enquanto esperava que eles recuperassem o juízo, Elizabeth pousou as mãos espalmadas na mesa. Perder um ente querido era um jeito de revelar uma verdade bem simples: que o tempo, como as pessoas alegam com frequência, embora nunca deem atenção a esse fato, é mesmo precioso. Ela tinha um trabalho para fazer; era tudo que lhe restava. E, ainda assim, lá estava ela diante de autoproclamados guardiães da conduta moral, juízes presunçosos que não tinham discernimento. Um parecia confuso sobre o processo de concepção e a outra concordava com o colega porque, como tantas outras mulheres, achava que menosprezar alguém do próprio sexo de alguma forma aumentaria a estima dos chefes do sexo oposto. O pior de tudo é que essa conversa ilógica estava acontecendo em um prédio dedicado à ciência.

– Já acabamos? – perguntou ela, se levantando.

Donatti empalideceu. Ele ia dar um basta naquilo. A Srta. Zott precisava ir embora naquele instante e levar consigo seu bebê bastardo, sua pesquisa de ponta e seu relacionamento amoroso que desafiava a morte. Quanto ao patrocinador rico, eles cuidariam dele depois.

– Assine – exigiu ele, enquanto a Srta. Frask jogava uma caneta para Elizabeth. – Queremos que a senhorita saia do instituto no máximo até o meio-dia. O salário será pago até sexta-feira. A senhorita não tem permissão de falar com ninguém sobre os motivos da sua demissão.

– O plano de saúde também termina na sexta-feira – gorjeou a Srta. Frask, batendo a unha na prancheta que sempre carregava. – Tique-taque.

– Espero que isso ensine a senhorita a se tornar responsável pelo seu comportamento ultrajante – acrescentou Donatti enquanto apontava para o aviso prévio assinado. – E pare de pôr a culpa nos outros. Como Evans, depois que nos obrigou a financiar a sua pesquisa. Depois que se colocou diante da administração do instituto e ameaçou ir embora se não fizessemos isso.

Elizabeth sentiu como se tivesse levado uma bofetada.

– Calvin fez isso?

– A senhorita sabe muito bem – disse Donatti, abrindo a porta.

– Fora daqui antes do meio-dia – repetiu a Srta. Frask enquanto enfiava a prancheta debaixo do braço.

– Cartas de referência podem ser um problema – acrescentou ele, saindo para o corredor.

– Vantagens – sussurrou a Srta. Frask.

CAPÍTULO 14

Luto

A coisa que Seis e Meia mais detestava quando ia ao cemitério era ter que passar pelo local onde Calvin tinha morrido. Certa vez, ele ouvira alguém dizer que era importante se lembrar dos próprios fracassos, mas ele não sabia por quê. Os fracassos, por sua própria natureza, tinham um jeito de ser inesquecíveis.

Quando se aproximou do cemitério, ficou de olho para ver se o zelador inimigo ia aparecer. Não vendo ninguém, ele se espremeu por baixo do portão dos fundos e correu por entre as fileiras, surrupiando uma braçada de narcisos frescos de um túmulo antes de colocá-los no seguinte lugar:

Calvin Evans

1927–1955

Brilhante químico, remador, amigo, amante.

Os seus dias estão contados.

O túmulo deveria ter os dizeres “Os seus dias estão contados. Use-os para abrir as janelas da sua alma e deixar o sol entrar”, uma citação de Marco Aurélio, mas a lápide era pequena e o entalhador fez a primeira parte grande demais, não deixando espaço para o restante.

Seis e Meia encarou as palavras. Ele sabia que eram palavras porque Elizabeth estava tentando lhe ensinar palavras. Não comandos. Palavras.

– QUANTAS PALAVRAS OS CACHORROS conseguem aprender, de acordo com a ciência? – perguntou ela a Calvin certa noite.

– Cerca de cinquenta – respondeu ele, sem tirar os olhos do livro que estava lendo.

– Cinquenta? – repetiu ela, franzindo os lábios. – Isso está errado.

– Talvez cem – disse ele, ainda mergulhado no livro.

– Cem? – A voz dela continuava com a mesma incredulidade. – Como pode ser? Ele já conhece cem palavras.

Calvin ergueu o olhar.

– Como é que é?

– Estou pensando – disse ela. – Será que é possível ensinar um idioma humano para um cachorro? Inglês, por exemplo.

– Não.

– Por que não?

– Bem – começou Calvin, devagar, percebendo que essa devia ser uma daquelas coisas que ela simplesmente não aceitava. Havia muitas coisas desse tipo. – Porque a comunicação interespecies é limitada pelo tamanho do cérebro. – Ele fechou o livro. – Como você sabe que ele conhece cem palavras?

– Ele conhece 103 – corrigiu ela, consultando um caderno. – Venho registrando.

– E você ensinou essas palavras ao Seis e Meia.

– Estou usando a técnica de aprendizagem receptiva: a identificação do objeto. Assim como uma criança, ele é automaticamente mais receptivo a memorizar objetos pelos quais se interessa.

– E ele se interessa por...

– Comida. – Ela se levantou da mesa e começou a juntar os livros. – Mas tenho certeza de que ele tem muitos outros interesses.

Calvin a fitou sem acreditar.

E FOI ASSIM QUE A MISSÃO de ensinar palavras a Seis e Meia começou: Calvin e Elizabeth sentados no chão, folheando grandes livros infantis.

– Sol – instruía ela, apontando para um desenho. – Criança – lia em seguida, apontando para uma menininha chamada Maria que comia uma persiana de uma casa feita de doces.

O fato de uma criança comer uma persiana não surpreendia Seis e Meia. No parque, as crianças comiam de tudo, o que incluía qualquer coisa que encontrassem pelo caminho.

DO LADO ESQUERDO, O ZELADOR apareceu andando devagar, com um rifle apoiado no ombro – na opinião de Seis e Meia, um objeto estranho de se carregar em um local habitado por pessoas que já estavam mortas. Agachado, ele esperou o homem se afastar e depois relaxou o corpo ao longo do caixão enterrado ali embaixo. *Oi, Calvin.*

Era assim que ele se comunicava com os seres humanos que estavam no outro lado. Talvez funcionasse; talvez não. Ele usava a mesma técnica com a criatura que estava crescendo dentro de Elizabeth. *Oi, criatura*, dizia ele quando encostava o ouvido na barriga da dona. *Sou eu, Seis e Meia. Sou o cachorro.*

Sempre que iniciava um contato, ele se rerepresentava. Pelo que tinha aprendido nas aulas, ele sabia que a repetição era importante. A chave era não abusar da repetição – não fazer com que fosse tão cansativa a ponto de acabar provocando um efeito inverso e levar o aluno a se esquecer. Isso se chamava tédio. De acordo com Elizabeth, o tédio era o que havia de errado na educação de hoje.

Criatura, ele tinha dito na semana anterior, *aqui é o Seis e Meia*. Ele esperou a resposta. Às vezes, a criatura estendia um pequeno punho, e ele achava emocionante; outras vezes, ele ouvia uma cantoria. Mas no dia anterior ele tinha dado a notícia – *Tem uma coisa que você precisa saber sobre o seu pai* –, e ela começou a chorar.

Ele enfiou o focinho bem fundo na grama. *Calvin*, começou. *Precisamos conversar sobre a Elizabeth.*

ÀS DUAS DA MADRUGADA, cerca de três meses depois da morte de Calvin, Seis e Meia tinha encontrado Elizabeth na cozinha, de camisola, usando galochas, com todas as luzes acesas. Na mão, uma marreta.

Para surpresa de Seis e Meia, ela deu um impulso e acertou a marreta direto em uma parede cheia de armários. Ela fez uma pausa, como se quisesse avaliar o estrago, depois deu outro impulso, mais forte dessa vez, como se quisesse fazer um *home run*. Ela continuou golpeando por mais duas horas. Seis e Meia ficou observando de baixo da mesa enquanto ela derrubava a cozinha como se fosse uma floresta, e o bombardeio violento só era interrompido por ataques cirúrgicos contra dobradiças e pregos, o piso antigo ficando entulhado com pilhas de ferragens, tábuas e pó de reboco salpicado como uma nevasca inesperada. Depois, ela juntou tudo e arrastou para o quintal no escuro.

– Aqui é onde vamos colocar as prateleiras – disse, apontando para as paredes esburacadas. – E ali vamos colocar a centrífuga. – Ela pegou uma fita métrica e, fazendo um gesto para ele sair de debaixo da mesa, inseriu uma ponta na boca do cachorro e apontou para o outro lado da cozinha. – Leve até ali, Seis e Meia. Um pouco mais. Um pouco mais. Ótimo. Fique aí.

Ela anotou alguns números em um caderno.

Às oito da manhã, ela já tinha esboçado um plano inicial; às dez, uma lista de compras; às onze, os dois estavam no carro indo em direção ao depósito de madeira.

As pessoas em geral subestimam o que uma mulher grávida é capaz de fazer, mas todas as pessoas subestimam o que uma mulher grávida de luto é capaz de fazer. O homem no depósito a olhou com curiosidade.

– Seu marido vai fazer uma reforma? – perguntou, percebendo a barriga um pouco pronunciada. – Deixar tudo pronto para a chegada do bebê?

– Vou construir um laboratório.

– Você quer dizer um quarto de neném.

– Não.

Ele ergueu o olhar do esboço.

– Algum problema? – indagou ela.

O material foi entregue mais tarde no mesmo dia e, munida de várias

revistas *Mecânica Popular* obtidas em uma biblioteca, Elizabeth começou a trabalhar.

– Prego com cabeça – pediu ela. Seis e Meia não fazia ideia do que era um prego com cabeça. No entanto, seguiu o movimento da cabeça de Elizabeth até um conjunto de caixinhas ali perto, escolheu alguma coisa e colocou na palma da mão dela. – Parafuso de três polegadas – pediu ela um minuto depois e ele cavucou em outra caixa. – Este é um parafuso sextavado – explicou ela. – Tente de novo.

Essa atividade tomava o dia todo e às vezes seguia noite adentro, interrompida apenas pelas aulas de palavras ou pelo toque da campainha.

CERCA DE DUAS SEMANAS DEPOIS de Elizabeth ser demitida, o Dr. Boryweitz apareceu, aparentemente para dizer oi, mas na verdade porque estava com problemas para interpretar alguns resultados de testes.

– É só um segundo – prometeu ele, mas levou duas horas. No dia seguinte, aconteceu a mesma coisa, mas dessa vez com outro químico do laboratório. No terceiro, outro.

Foi quando ela teve uma ideia. Começar a cobrar por isso. Pagamento apenas em dinheiro. Se alguém tivesse a audácia de sugerir que não precisava pagar porque só queria “mantê-la informada”, ela cobraria em dobro. Um comentário indelicado sobre Calvin: o triplo. Qualquer referência à gravidez – o brilho, o milagre: o quádruplo. Era assim que ela se sustentava. Fazendo o trabalho das outras pessoas sem receber nenhum crédito. Era exatamente como trabalhar no Instituto Hastings, mas sem pagar impostos.

– ESCUTEI UMAS BATIDAS QUANDO estava chegando – comentou um dos cientistas.

- Estou construindo um laboratório.
- Você não pode estar falando sério.
- Eu sempre falo sério.

– Mas você vai ser mãe – disse ele, soltando um muxoxo.

– Mãe e cientista – concordou ela, espanando a poeira da manga. – Você é pai, não é? Pai e cientista.

– É, mas eu tenho um *ph.D.* – enfatizou ele como prova de superioridade.

Depois, apontou para um conjunto de protocolos de teste que o estavam confundindo havia semanas.

Ela o encarou, perplexa.

– Você tem dois problemas – afirmou ela, dando uma batidinha no papel. – A temperatura está alta demais. Reduza em quinze graus.

– Entendi. E o outro?

Ela inclinou a cabeça para o lado, observando a expressão confusa do cientista.

– Insolúvel.

A TRANSFORMAÇÃO DA COZINHA em laboratório levou cerca de quatro meses e, quando ficou pronta, Elizabeth e Seis e Meia deram um passo para trás para admirar o trabalho.

As prateleiras, que abrangiam todo o comprimento da cozinha, tinham acabado de ser ocupadas por um grande conjunto de materiais de laboratório: produtos químicos, frascos, béqueres, pipetas, sifões, potes vazios de maionese, um conjunto de lixas de unha, uma pilha de papéis de tornassol, uma caixa com conta-gotas, bastões de vidros variados, a mangueira do quintal e uns tubos novos que ela havia encontrado em uma lata de lixo no beco atrás do laboratório local de flebotomia. Gavetas que antes guardavam utensílios agora estavam ocupadas por óculos protetores e luvas resistentes a ácido e perfurações. Ela também instalou recipientes de metal embaixo de todos os queimadores para auxiliar na desnaturação com álcool, comprou uma centrífuga de segunda mão, cortou uma tela de janela para criar um conjunto de pedaços de metal de 10 X 10, jogou fora o resto do seu perfume preferido para criar um queimador de álcool – inclusive cortando um pedaço de um de seus estojos de batons, o qual depois enfiou

na tampa da velha garrafa térmica de Calvin, criando uma rolha –, confeccionou suportes de tubos de ensaio com cabides de arame e converteu um porta-temperos em uma estrutura de suspensão para vários líquidos.

A simpática bancada de fórmica também tinha sido arrancada, assim como a velha pia de cerâmica. No lugar das duas, ela havia montado um molde de bancada usando o compensado que tinha comprado no depósito de madeira, um molde que depois levou em partes a uma serralheria para que criassem uma réplica exata em aço inoxidável, dobrando e cortando o metal para assegurar um encaixe perfeito.

Agora, em cima dessa bancada reluzente, havia um microscópio e dois bicos de Bunsen, um deles cortesia de Cambridge – a universidade tinha dado a Calvin como uma recordação do tempo em que ele estudara lá – e o outro do laboratório de química de uma escola secundária que estava se desfazendo de equipamentos por causa da falta de interesse dos alunos. Logo acima das novas pias duplas havia dois cartazes cuidadosamente escritos à mão. SOMENTE LIXO, dizia um. FONTE DE H₂O, dizia o outro.

E por último, mas não menos importante, havia a capela de exaustão.

– Essa vai ser sua responsabilidade – disse ela a Seis e Meia. – Vou precisar que você puxe a corrente quando minhas mãos estiverem ocupadas. Você também vai precisar aprender a apertar esse botão grande.

CAL, ELA NUNCA DORME, contou Seis e Meia ao corpo enterrado, durante uma das visitas ao túmulo. *Quando não está trabalhando no laboratório, fazendo o trabalho dos outros ou lendo para mim, ela está no ergômetro. E quando não está no ergômetro, fica sentada em um banco olhando fixamente para o nada. Isso não pode ser bom para a criatura.*

Ele se lembrava de como Calvin muitas vezes olhava fixamente para o nada.

– É como eu mantenho o foco – explicara Calvin a Seis e Meia.

Mas outras pessoas também tinham se queixado disso, resmungando que, em qualquer dia ou hora, era possível encontrar Calvin Evans sentado em um laboratório grande e elegante, cercado pelos melhores equipamentos,

música aos brados, sem fazer absolutamente nada. Pior, ele era pago para não fazer absolutamente nada. Pior ainda, tinha ganhado um monte de prêmios dessa forma.

Mas o modo como ela encara o vazio é diferente, tentava comunicar Seis e Meia. É mais um olhar da morte. Uma letargia. Eu não sei o que fazer, confessou para a ossada lá embaixo. *E, para completar, ela ainda está tentando me ensinar palavras.*

O que era horrível, pois ele era incapaz de dar a ela uma esperança de usar essas palavras no futuro. Além do mais, mesmo que ele conhecesse todas as palavras do mundo, ele não teria nenhuma ideia do que dizer. Porque o que se diz para uma pessoa que perdeu tudo?

Ela precisa de esperança, Calvin, pensou ele, apertando a grama para o caso de isso fazer alguma diferença.

Como se fosse uma resposta, ele escutou o clique de uma trava sendo liberada. Ele olhou para cima e viu o zelador do cemitério apontando o rifle para ele.

– Seu cachorro maldito – xingou o zelador, mirando em Seis e Meia. – Você vem aqui, estraga a minha grama e acha que é dono do lugar.

Seis e Meia ficou paralisado. Com o coração aos pulos, viu o resultado da cena: Elizabeth em choque, a criatura confusa; mais sangue, mais lágrimas, mais sofrimento. Outro fracasso da parte dele.

Ele deu um salto para a frente, derrubando o homem no chão com força, enquanto a bala passava zunindo pelo seu ouvido e formava um sulco no túmulo de Calvin. O homem gritou e tentou pegar o rifle que também tinha caído, mas Seis e Meia mostrou os dentes e deu um passo à frente.

Humanos. Alguns deles pareciam não entender seu verdadeiro status no reino animal. Ele avaliou o pescoço do velho. Uma mordida no pescoço e tudo estaria acabado. O homem olhou apavorado para ele. Tinha atingido o chão com muita força; havia uma pequena poça de sangue se formando um pouco abaixo da orelha. Seis e Meia se lembrou da poça de sangue de Calvin, do tamanho dela, de como tinha se transformado de um filete escorrendo para uma pocinha e então um grande lago em questão de instantes. Relutante, ele se escorou na lateral da cabeça do homem para

estancar o fluxo. Em seguida, latiu até alguém aparecer.

O primeiro a chegar na cena foi o repórter – aquele que fizera a cobertura do enterro de Calvin, aquele que *ainda* estava cobrindo funerais porque o editor achava que ele não era capaz de muito mais do que isso.

– Você! – disse o repórter, reconhecendo de imediato Seis e Meia como o não cão-guia que tinha levado a bela viúva (risque isso, namorada) não cega pelo mar de cruzeiros até exatamente esse túmulo.

Enquanto outras pessoas corriam até o túmulo e tentavam providenciar rapidamente uma ambulância, o repórter tirava fotos, criando a história na cabeça enquanto posicionava o cachorro ora aqui, ora ali. Depois, ergueu o animal ensanguentado nos braços, carregou-o até seu carro e o levou até o endereço anotado na etiqueta de identificação.

– Calma, calma, ele não está machucado – o jornalista tranquilizou Elizabeth quando ela abriu a porta de supetão, dando um grito ao ver Seis e Meia coberto de sangue nos braços de um homem vagamente familiar. – O sangue não é dele. Mas o seu cachorro é um herói, moço. Pelo menos, é assim que planejo contar a história.

No dia seguinte, ainda abalada, Elizabeth abriu o jornal e encontrou Seis e Meia na página onze, sentado exatamente no mesmo local em que estivera sentado sete meses antes: no túmulo de Calvin.

– Cão Chora pelo Dono e Salva a Vida de um Homem – leu ela em voz alta. – Revogada a Proibição de Cães no Cemitério.

De acordo com a matéria, as pessoas já reclamavam do zelador e da arma dele havia algum tempo, sendo que muitas relataram que ele atirava em esquilos e passarinhos durante os funerais. O homem seria substituído imediatamente, prometia o texto, assim como a lápide.

Ela observou a foto de Seis e Meia e da lápide destruída de Calvin, que, com o impacto da bala, tinha perdido cerca de um terço da inscrição.

– Ah, meu Deus – disse Elizabeth, reparando no que havia restado da lápide.

Calvin E

1927-19

Brilhante quá
Os seus dias estão co

O rosto dela mudou de maneira quase imperceptível.

– Os seus dias estão *co...* – leu. – *Co.* – Ela corou pensando na noite triste em que Calvin tinha compartilhado seu mantra da infância. Todo dia. Como novo.

Elizabeth olhou de novo para a foto, estarecida.

CAPÍTULO 15

Conselho não solicitado

– Sua vida está prestes a mudar.

– Como é que é?

– Sua vida. Está prestes a mudar.

A mulher na frente de Elizabeth na fila do banco tinha se virado, com o rosto sério, para apontar para a barriga de Elizabeth.

– Mudar? – repetiu Elizabeth com inocência enquanto baixava o olhar para a barriga arredondada como se a estivesse notando pela primeira vez. – O que você quer dizer com isso?

Era a sétima vez naquela semana que alguém se sentia impelido a informar a ela que sua vida estava prestes a mudar, e ela estava cansada daquilo. Tinha perdido o emprego, a pesquisa, o controle sobre a bexiga, uma visão desimpedida dos pés, o sono tranquilo, a pele normal, as costas sem dor, além de todas as pequenas e variadas liberdades das quais qualquer pessoa que não está grávida desfruta sem nem se dar conta, como caber direito atrás do volante do carro. A única coisa que ela havia ganhado? Peso.

– Eu estava pensando em verificar o que é isso – disse, apoiando uma das mãos na barriga. – O que você acha que pode ser? Não é um tumor, espero.

Por um milésimo de segundo, a mulher arregalou os olhos em choque, para logo em seguida estreitá-los.

– Ninguém gosta de gente engraçadinha, minha jovem.

– Você acha que está cansada agora – comentou uma mulher de cabelo

enrolado uma hora depois, quando Elizabeth bocejou na fila do caixa do mercado, balançando a cabeça como se Elizabeth já estivesse exibindo sinais de fraqueza pessoal. – Espere para ver.

Em seguida iniciou uma descrição dramática dos diabinhos aos dois anos, trabalhosos aos três, queixosos aos quatro e cansativos aos cinco, mal fazendo uma pausa para respirar antes de começar a falar dos problemáticos púberes e principalmente, ai, meu Deus, os angustiados adolescentes, realçando sempre que os meninos eram mais difíceis que as meninas ou que as meninas eram mais difíceis que os meninos. E continuou sem parar até as mercadorias dela estarem empacotadas e empilhadas e ela ser obrigada a entrar na caminhonete revestida de madeira artificial e voltar para casa e para a própria trupe de ingratos.

– Sua barriga está alta – observou o homem do posto de gasolina. – Com certeza é um menino.

– Sua barriga está alta – comentou a bibliotecária. – Com certeza é uma menina.

– Deus lhe deu um presente – disse um padre, que, mais tarde na mesma semana, repararia em Elizabeth sozinha de pé diante de um túmulo esquisito no cemitério. – Glória ao Senhor!

– Não foi Deus – retrucou Elizabeth, apontando para a lápide nova. – Foi o Calvin.

Ela esperou o padre se afastar, depois se abaixou e passou o dedo sobre a inscrição complexa.

Calvin Evans
1927-1955

– Gugu-dadá-*pou!* – respondeu ela, lançando a bolsa diretamente entre as pernas do homem.

O impacto foi potencializado por um pesado almofariz de pedra que ela havia apanhado mais cedo na loja de equipamentos de química. O homem engoliu em seco e depois se dobrou ao meio de dor. As portas se abriram.

– Tenha um péssimo dia – disse ela.

Pisando firme pelo corredor, ela encontrou uma cegonha de mais de dois metros usando óculos bifocais e um boné de beisebol. No bico, carregava duas trouxas: uma rosa e uma azul.

– Elizabeth Zott – disse ela, passando pela cegonha e se dirigindo à recepcionista. – Consulta com o Dr. Mason.

– Você está atrasada – afirmou a recepcionista em um tom glacial.

– Estou cinco minutos adiantada – corrigiu Elizabeth, olhando o relógio.

– Você precisa preencher os formulários – informou a mulher, entregando-lhe uma prancheta. Local de trabalho do marido. Número de telefone do marido. Seguro do marido. Idade do marido. Dados bancários do marido.

– Quem vai ter o bebê? – perguntou ela.

– Sala cinco – disse a recepcionista. – Descendo o corredor, segunda porta à esquerda. Tire a roupa. Vista o avental. Termine de preencher a papelada.

– Sala cinco – repetiu Elizabeth, com a prancheta na mão. – Só uma pergunta: por que a cegonha?

– O quê?

– Sua cegonha. Por que uma cegonha no consultório de um obstetra? Parece que vocês estão estimulando a competição.

– A ideia era dar um toque charmoso – esclareceu a recepcionista. – Sala cinco.

– E, já que toda paciente aqui tem cem por cento de certeza de que a cegonha não vai poupá-la das dores do parto – continuou ela –, por que perpetuar o mito?

– Dr. Mason – disse a recepcionista, quando um homem de jaleco branco se aproximou –, esta é a paciente das dezesseis horas. Ela está atrasada. Tentei

mandá-la para a sala cinco.

– Não estou atrasada – corrigiu Elizabeth. – Cheguei na hora. – Ela se virou para o médico. – Dr. Mason, o senhor provavelmente não vai se lembrar de mim...

– A mulher de Calvin Evans – disse ele, recuando de surpresa. – Ah, não, me desculpe – corrigiu-se, abaixando a voz –, a viúva de Evans. – Depois, fez uma pausa tentando decidir o que falar a seguir. – Sinto muito pela sua perda, Sra. Evans – continuou, cobrindo as mãos de Elizabeth com as dele e balançando-as algumas vezes, como se estivesse misturando um coquetel. – Seu marido era um bom homem. Um bom homem e um bom remador.

– É Elizabeth Zott – disse Elizabeth. – Calvin e eu não éramos casados. – Ela fez uma pausa, esperando o muxoxo da recepcionista e o desdém de Mason. Mas, em vez disso, o médico fechou uma caneta com um clique, prendendo-a no bolso do peito, e depois a pegou pelo cotovelo, conduzindo-a pelo corredor.

– Você e Evans remaram no meu oito algumas vezes, lembra? Mais ou menos sete meses atrás. Foi uma boa experiência. Mas vocês nunca mais voltaram. Por quê?

Ela o fitou, surpresa.

– Ah, me perdoe – falou o Dr. Mason depressa. – Desculpe. Claro. Evans. Evans morreu. Peço desculpas. – Balançando a cabeça constrangido, ele abriu a porta da sala 5. – Por favor. Entre. – Ele apontou para uma cadeira. – Você ainda está remando? Não, que ideia a minha, é claro que não, na sua condição. – Ele pegou as mãos dela e as virou. – Mas isso aqui é incomum. Suas mãos ainda têm calos.

– Faço exercício no ergômetro.

– Meu bom Deus.

– Isso é ruim? Calvin construiu um ergômetro.

– *Por quê?*

– Porque sim. Mas tudo bem, não é?

– Bem, sim – disse ele –, com certeza. Só que eu nunca tinha ouvido falar de ninguém usando um ergômetro de propósito. Muito menos uma mulher grávida. Se bem que agora, pensando bem, é uma boa preparação para o

parto. Em termos de sofrimento, quero dizer. Para falar a verdade, de dor e de sofrimento. – Mas em seguida ele se deu conta de que dor e sofrimento deviam ser uma constante na vida de Elizabeth depois da morte de Evans e se virou para o outro lado para disfarçar a última gafe. – Vamos ao exame? – inquiriu ele com delicadeza, fazendo um gesto em direção à mesa ginecológica. Depois fechou a porta e esperou atrás de um biombo enquanto ela colocava um avental.

O EXAME FOI RÁPIDO MAS MINUCIOSO, pontuado com perguntas sobre azia e inchaço. Estava difícil dormir? O bebê se mexia de vez em quando? Se sim, por quanto tempo? E, por fim, a pergunta principal: por que ela esperou tanto tempo para se consultar? Ela estava bem adiantada, no último trimestre.

– Trabalho – justificou ela. Mas era mentira. A razão verdadeira era que ela esperava em silêncio que a gravidez se resolvesse sozinha. Que terminasse, como às vezes acontecia com essas coisas. Na década de 1950, abortar estava fora de questão. Por coincidência, ter um filho sem ser casada também.

– Você também é cientista, não é? – perguntou ele do outro lado.

– Sou.

– E o Instituto Hastings manteve você. Eles devem ser mais progressistas do que eu pensava.

– Não manteve. Estou trabalhando como freelancer.

– Uma cientista freelancer. Nunca ouvi falar disso. Como está se saindo?

Ela suspirou.

– Não muito bem.

Registrando o tom de voz dela, ele terminou rapidamente, dando batidinhas na barriga aqui e ali como se fosse um melão.

– Tudo parece em ordem – disse o Dr. Mason enquanto tirava as luvas. E, quando ela não sorriu nem disse nada em resposta, ele acrescentou em voz baixa: – Pelo menos com o bebê. Tenho certeza de que tem sido muito difícil para você.

Foi a primeira vez que alguém reconheceu a situação dela, e o choque ficou entalado na garganta. Ela sentiu uma enxurrada de lágrimas reprimidas ameaçando escapar de seus olhos.

– Sinto muito – disse ele com suavidade, examinando o rosto dela da mesma maneira que um meteorologista observaria uma tempestade se formar. – Saiba que você pode falar comigo. De um remador para outro. É tudo confidencial.

Ela desviou o olhar. Não o conhecia de verdade. Pior, não tinha certeza, apesar das garantias do médico, se tinha permissão para ter sentimentos. Ela acreditava que era a única mulher na face da terra que tinha planejado não ter filhos.

– Sendo totalmente sincera – começou ela, por fim, com a voz pesada de culpa –, acho que não consigo fazer isso. Eu não planejava ser mãe.

– Nem toda mulher quer ser mãe – concordou ele, surpreendendo-a. – Mais importante ainda, nem toda mulher deveria ser mãe. – Ele fez uma careta, como se estivesse pensando em uma mulher específica. – Ainda assim, fico surpreso de ver como tantas mulheres abraçam a maternidade, considerando como uma gravidez pode ser difícil: enjoos matinais, estrias, morte. Mas repito: você está bem – acrescentou, percebendo o rosto horrorizado de Elizabeth. – Só que nós costumamos tratar a gravidez como a condição mais normal do mundo, tão comum quanto uma topada com o dedinho do pé, quando, na verdade, é mais parecido com ser atingida por um caminhão. Apesar de um caminhão causar menos estragos. – Ele pigarreou e fez uma anotação na ficha dela. – O que quero dizer é que o exercício físico está ajudando. Se bem que não tenho certeza de como você poderia usar o ergômetro corretamente a esta altura. Puxar em direção ao esterno seria problemático. Que tal o programa do Jack LaLanne? Já assistiu alguma vez?

À menção daquele nome, o rosto de Elizabeth se abateu.

– Você não é fã – comentou o médico. – Sem problemas. Então, só o ergômetro.

– Eu só continuei me exercitando porque me extenua a um ponto em que às vezes eu consigo dormir – explicou ela em voz baixa. – Mas também porque pensei que poderia, bem...

– Entendi – disse ele, interrompendo-a e olhando para os dois lados como se estivesse se certificando de que mais ninguém estava ouvindo. – Olhe, eu não sou dessas pessoas que acreditam que uma mulher deveria... – Ele parou de repente. – Nem acredito que... – Ele parou de novo. – Uma mulher solteira... uma viúva... é... Esqueça – disse ele enquanto pegava a ficha dela. – Mas o fato é que o ergômetro deve ter deixado você mais forte; na verdade, deixou o bebê mais forte. Mais sangue no cérebro, melhor circulação. Você notou se tem um efeito calmante no bebê? Esse movimento de ir e vir.

Ela deu de ombros.

– Que distância você está fazendo?

– Dez mil metros.

– *Todo dia?*

– Às vezes mais.

– Minha nossa! – Ele assobiou. – Sempre achei que as gestantes desenvolvessem uma tolerância maior ao sofrimento, mas dez quilômetros? Às vezes *mais*? Isso é... é... na verdade, eu não sei o que é. – Ele a fitou, preocupado. – Você tem alguém em quem se apoiar? Uma amiga ou uma parente, sua mãe, alguém assim? Crianças dão muito trabalho.

Ela hesitou. Era vergonhoso admitir que não tinha ninguém. Ela só tinha ido ver o Dr. Mason porque Calvin sempre insistira que os remadores tinham uma conexão especial.

– Ninguém? – repetiu ele.

– Tenho um cachorro.

– Gostei – disse o Dr. Mason. – Um cachorro pode ser bem útil. Protetor, solidário, inteligente. Que tipo de cachorro... ele, ela?

– Ele...

– Espere, acho que eu me lembro do seu cachorro. Três Horas, alguma coisa assim? Feio como o diabo?

– Ele é...

– Um cachorro e um ergômetro – seguiu ele, anotando alguma coisa na ficha. – Excelente.

Ele fechou a caneta de novo com um clique e afastou a ficha dela.

– Agora, assim que possível, digamos, daqui a um ano, quero ver você de novo na marina. Meu barco precisa de alguém para o lugar do sota-proa e algo me diz que é você. Mas você vai precisar de uma babá. Nada de bebês no barco. Já temos o suficiente.

Elizabeth pegou o casaco.

– Isso é muito gentil, Dr. Mason – disse ela, achando que o médico só estava tentando ser simpático –, mas, segundo as suas palavras, estou prestes a ser atingida por um caminhão.

– Um acidente do qual você vai se recuperar – corrigiu ele. – Olhe, eu tenho uma memória impecável quando o assunto é remo e me lembro muito bem das suas remadas. Eram boas. Muito boas.

– Por causa do Calvin.

O Dr. Mason pareceu surpreso.

– Não, Srta. Zott. Não era só por causa do Evans. É preciso o conjunto dos oito para o barco dar certo. *Todos* os oito. De qualquer modo, voltando à situação atual. Estou começando a me sentir mais aliviado com a sua situação. Eu sei que você passou por um grande choque com a morte de Evans e depois isso – acrescentou apontando para a barriga dela. – Mas vai ficar tudo bem. Talvez mais do que bem. Um cachorro, um ergômetro, um lugar no barco. Excelente.

Ele pegou as duas mãos de Elizabeth nas dele e as apertou com animação. Embora as palavras do médico não fizessem o menor sentido em comparação com tudo que ela ouvira até aquele momento, eram as primeiras que faziam algum sentido.

CAPÍTULO 16

Trabalho de parto

– Biblioteca? – perguntou Elizabeth a Seis e Meia cinco semanas depois. – Tenho uma consulta com o Dr. Mason hoje, mais tarde, e quero devolver estes livros antes. Acho que você vai gostar de *Moby Dick*. É uma história sobre como os seres humanos sempre subestimam outras formas de vida. Por conta e risco deles mesmos.

Além da técnica de aprendizagem receptiva, Elizabeth vinha lendo em voz alta para Seis e Meia, tendo substituído, havia algum tempo, os livros infantis simples por textos muito mais complexos.

– Ler em voz alta promove o desenvolvimento do cérebro – dissera a ele, citando uma pesquisa que tinha lido. – Também acelera a retenção de vocabulário.

Parecia estar funcionando, pois, de acordo com o caderno, Seis e Meia agora conhecia 391 palavras.

– Você é um cachorro muito esperto – tinha dito no dia anterior, e ele queria concordar, mas a verdade é que ainda não entendia o significado de “esperto”. A palavra parecia ter tantas definições quanto havia espécies. Mas os humanos, com exceção de Elizabeth, pareciam só reconhecer “esperto” se e quando se encaixava nas regras deles.

– Golfinhos são espertos – diriam. – Mas as vacas, não. – Isso parecia se basear em parte no fato de que as vacas não davam piruetas. Na visão de Seis e Meia, isso tornava as vacas mais espertas e não mais estúpidas. Mas,

de novo, o que ele sabia?

Trezentas e noventa e uma palavras, segundo Elizabeth. Mas, na verdade, eram só 390.

O pior é que ele tinha acabado de descobrir que inglês não era o único idioma humano. Elizabeth revelou que havia centenas de outros, talvez milhares, e que nenhum humano sabia falar todos. Na verdade, a maioria só falava uma língua, talvez duas, a não ser que você fosse uma coisa chamada suíço, que falava oito. Não era de admirar que as pessoas não entendessem os animais. Eles mal conseguiam entender uns aos outros.

Pelo menos ela percebeu que ele não seria capaz de desenhar. Desenhar parecia ser a maneira como as crianças pequenas preferiam se comunicar e ele admirava os esforços delas, mesmo que o resultado não fosse lá essas coisas. Não passava um dia sem que ele testemunhasse os dedinhos apertando um giz grosso na calçada com seriedade, o calçamento repleto de desenhos de casas impossíveis e bonecos de palito primitivos, contando uma história que ninguém entendia a não ser elas mesmas.

– QUE DESENHO BONITO! – Seis e Meia ouviu uma mãe dizer no início da semana ao ver os rabiscos feios e intempestivos do filho. Ele já tinha notado que os pais humanos tinham tendência a mentir para os filhos.

– É um cachorrinho! – disse a criança, com as mãos cobertas de giz.

– E um cachorrinho tão bonito! – observou a mãe.

– Não – rebateu a criança –, ele não é bonito. O cachorrinho está morto. Alguém *matou* ele! – Seis e Meia achou isso perturbador e, depois de olhar melhor, bem preciso.

– O cachorrinho *não* está morto – disse a mãe com seriedade. – Ele é um cachorrinho *muito* feliz e está *tomando* um pote de sorvete. – Nesse ponto, a criança frustrada arremessou o giz na grama e saiu pisando forte em direção ao balanço.

Seis e Meia pegou o giz. Um presente para a criatura.

ELES CAMINHARAM JUNTOS os cinco quarteirões, Elizabeth usando um chemisier apertado na barriga, andando como se fosse para a guerra. Nas costas, carregava uma bolsa vermelha cheia de livros; nas costas dele, uma cestinha de bicicleta com todos os livros que não couberam na bolsa.

– Estou morrendo de fome – disse ela em voz alta no meio da caminhada, no ar pesado de novembro. – Eu poderia comer um cavalo. Estou monitorando a minha urina, analisando as proteínas do cabelo e...

Era verdade. Ela vinha rastreando os níveis de glicose na urina, anotando a cadeia de aminoácidos da queratina do cabelo e medindo a temperatura do corpo no laboratório ao longo dos últimos dois meses. Não estava claro para Seis e Meia o que significava tudo isso, mas ele estava aliviado em vê-la demonstrando mais interesse pela criatura – mais interesse científico, pelo menos. A única preparação prática tinha sido comprar quadrados brancos de tecido grosso e diversos alfinetes de aspecto perigoso. Ela também tinha comprado três roupinhas que pareciam sacos.

– Parece bem simples – disse ela a Seis e Meia enquanto os dois desciam a rua. – Vou sentir as contrações e depois vem o parto. Ainda temos duas semanas, Seis e Meia, mas acho que é bom pensarmos nessas coisas agora. O importante é lembrar de mantermos a calma quando chegar a hora.

Mas Seis e Meia não estava calmo. A bolsa de Elizabeth tinha rompido muitas horas antes. Ela não tinha notado porque havia saído pouco líquido, mas ele tinha notado porque era um cachorro. O cheiro era inconfundível. Quanto às dores de fome, não eram dores de fome; eram contrações pré-parto. Quando se aproximaram da porta da frente da biblioteca, a criatura decidiu deixar as coisas um pouco mais claras.

– Ai! – gemeu Elizabeth, se dobrando ao meio. – Ai, meu Deeeeus!

TREZE HORAS DEPOIS, o Dr. Mason segurava a criança para mostrar a uma Elizabeth exausta.

– É bem grande – disse ele, olhando para o bebê como se tivesse acabado de pescar um peixe. – Com certeza é uma remadora. Posso estar errado, mas acho que ela vai remar a bombordo. – Ele baixou o olhar para

Elizabeth. – Bom trabalho, Srta. Zott. E você fez tudo isso sem anestesia. Eu disse que o exercício no ergômetro seria útil. Ela tem pulmões fortes. – Ele olhou para as mãozinhas da bebê como se imaginasse os futuros calos. – Vocês duas vão ficar aqui no hospital por uns dias. Vou dar uma passada no seu quarto amanhã. Enquanto isso, descanse.

Mas, preocupada com Seis e Meia, Elizabeth saiu do hospital na manhã seguinte.

– De jeito *nenhum* – disse a enfermeira-chefe. – É completamente contra os protocolos. O Dr. Mason vai ter um ataque.

– Diga a ele que eu preciso voltar ao ergômetro – falou ela. – Ele vai concordar comigo.

– *Ergômetro?* – A enfermeira praticamente gritou enquanto Elizabeth chamava um táxi. – O que é um *ergômetro*?

TRINTA MINUTOS DEPOIS, Elizabeth se aproximava da entrada da casa, com a bebê aninhada no peito, o coração batendo forte de alívio ao ver Seis e Meia com a cesta ainda nas costas, sentado como uma sentinela na porta de casa.

Ah, meu Deus, Seis e Meia estava arfando, ah, meu Deus, ah, meu Deus, você está viva, você está viva, ah, meu Deus, eu estava tão preocupado...

Ela se abaixou e mostrou o pacotinho a ele.

A criatura era – snif – uma menina!

– É uma menina – disse Elizabeth, sorrindo.

Oi, criatura! Sou eu! Seis e Meia! Eu estava preocupado demais!

– Me desculpe – pediu Elizabeth, destrancando a porta. – Você deve estar faminto. São... – ela consultou o relógio – 9h22. Você não come nada há mais de 24 horas.

Seis e Meia abanou a cauda de empolgação. Assim como algumas famílias dão aos filhos nomes que começam com a mesma letra (Agatha, Alfred) e outros preferem rimar (Molly, Polly), a família dele seguia o relógio. Ele se chamava Seis e Meia para comemorar a hora exata em que eles tinham se tornado uma família. E agora ele sabia qual seria o nome da criatura.

Oi, Nove e Vinte e Dois!, comunicou-se ele. Bem-vinda à vida do lado de fora! Como foi a viagem? Por favor, entre, entre! Eu tenho um giz!

Enquanto os três se movimentavam para entrar na casa, uma estranha alegria encheu o ar. Pela primeira vez desde a morte de Calvin, parecia que eles tinham virado uma página.

Até dez minutos depois, quando a criatura começou a chorar e tudo desmoronou.

CAPÍTULO 17

Harriet Sloane

– Qual é o problema? – suplicou Elizabeth pela milionésima vez. – Me DIGA!

Mas a bebê, que vinha chorando sem parar havia três semanas, se recusava a ser específica.

Até Seis e Meia estava atordoado. *Mas eu falei com você sobre o seu pai*, comunicou-se ele. *A gente conversou sobre isso*. Só que a criatura continuava chorando.

Elizabeth andava de um lado para outro no pequeno bangalô às duas da manhã, sacudindo o pacotinho para cima e para baixo, os braços duros como os de um robô enferrujado até que ela bateu em uma pilha de livros e quase tropeçou.

– Merda! – exclamou ela, amassando a bebê contra o peito em um gesto protetor. Em seu torpor de mãe inexperiente, o chão tinha se tornado um espaço conveniente para jogar tudo: meias minúsculas, alfinetes de fralda abertos, cascas de banana velhas, jornais não lidos. – Como é que alguém desse tamanho consegue provocar tudo isso? – gritou ela. Em resposta, a bebê colocou a boquinha no ouvido de Elizabeth, respirou fundo e soltou um rugido.

– Por favor – sussurrou Elizabeth, afundando em uma cadeira. – Por favor, por favor, por favor, *pare*. – Ela aninhou a filha na dobra do cotovelo, cutucou os lábios de boneca com o bico da mamadeira e, embora tivesse

recusado cinco vezes antes, a coisinha o alcançou com voracidade como se soubesse que sua mãe ignorante teria sucesso no final. Elizabeth prendeu a respiração como se a menor inspiração pudesse fazer tudo desandar de novo. A bebê era uma bomba-relógio. Um movimento em falso e ela explodia.

O Dr. Mason tinha avisado que os bebês dão muito trabalho, mas isso não era dar muito trabalho: era um contrato de aprendizado. A pequena tirana era não menos exigente do que Nero; não menos insana do que o rei Ludwig. E o choro. Fazia com que ela se sentisse inadequada. Pior: levantava a possibilidade de que a filha pudesse não gostar dela. Desde já.

Elizabeth fechou os olhos e viu a própria mãe, com um cigarro preso aos lábios, as cinzas aterrissando no guisado que Elizabeth tinha acabado de tirar do forno. É. Não gostar da mãe desde o início era bem possível.

Além disso, havia a repetição: alimentar, dar banho, trocar a fralda, acalmar, limpar, pôr para arrotar, ninar, andar de um lado para outro; em suma, um mundo de coisas. Muitas delas eram repetitivas – ergômetros, metrônomos, fogos de artifício –, mas todas essas coisas em geral acabavam depois de uma hora. Aquilo podia continuar por anos a fio.

E quando a bebê dormia, *ou seja, nunca*, ainda havia trabalho a fazer: lavar roupa, preparar as mamadeiras, esterilizar, cozinhar – além da releitura constante de *Meu filho, meu tesouro*, do Dr. Spock. Havia tanto para fazer que ela não conseguia elaborar uma lista, pois isso seria mais uma coisa para fazer. Além do mais, ela ainda tinha o próprio trabalho.

Hastings. Ela lançou um olhar preocupado para a pilha intocada – de 30cm de altura – de cadernos e artigos de pesquisa no outro lado da sala, sendo a maior parte com pesquisas dos colegas dela. Quando ela entrou em trabalho de parto, disse ao Dr. Mason que não queria anestesia.

– É porque sou cientista – mentira ela. – Quero estar totalmente consciente durante o procedimento. – Mas o motivo real era que ela não tinha dinheiro para pagar.

Elizabeth ouviu um pequeno suspiro de contentamento e, surpresa, olhou para baixo e viu a filha dormindo. Ficou paralisada, sem querer perturbar o sono da bebê. Ela examinou o rosto corado, os lábios fazendo

um beicinho, as sobrancelhas louras e finas.

Uma hora se passou e, junto, adormeceu toda a circulação do braço dela. Elizabeth encarava, maravilhada, a bebê movimentar os lábios, como se tentasse explicar.

Mais duas horas se passaram.

Levante-se, disse para si mesma. *Mexa-se*. Ela se inclinou para a frente, se impulsionando com delicadeza para fora da cadeira, e depois caminhou sem nenhum passo em falso até o quarto. Ela se deitou, colocando ao seu lado com cuidado a bebê ainda dormindo. Ela fechou os olhos. Expirou. Em seguida, dormiu um sono pesado, sem sonhos, até a bebê acordar.

Isso aconteceu, de acordo com o relógio, mais ou menos cinco minutos depois.

– É UMA BOA HORA? – perguntou o Dr. Boryweitz às sete da manhã quando Elizabeth abriu a porta. Ele inclinou a cabeça e passou por ela, abrindo caminho pela zona de guerra até o sofá.

– Não.

– Bem, não é nada sobre trabalho, na verdade – esclareceu ele. – Só uma pergunta rápida. Além do mais, eu queria dar uma passada para ver como estavam as coisas. Eu soube que a senhorita teve o bebê. – Ele reparou no cabelo imundo de Elizabeth, na blusa abotoada errado, no abdômen ainda inchado. Ele abriu a maleta e tirou um presente embrulhado. – Parabéns.

– O senhor... me trouxe... um presente?

– Só uma lembrancinha.

– O senhor tem filhos, Dr. Boryweitz?

Ele desviou o olhar para a esquerda. Não respondeu.

Ela abriu a caixa e encontrou uma chupeta de plástico e um coelhinho de pelúcia.

– Obrigada – falou, de repente se sentindo feliz por ele ter vindo. Era o primeiro adulto com quem ela falava em três semanas. – Foi muito gentil.

– De nada – respondeu ele sem jeito. – Espero que ele... ela... goste.

– Ela.

Ela é uma banshee, explicou Seis e Meia.

Boryweitz enfiou a mão na maleta e tirou um maço de papéis.

– Eu estou sem dormir, Dr. Boryweitz – desculpou-se Elizabeth. – Esta não é uma boa hora.

– Srta. Zott – implorou Boryweitz, com os olhos baixos. – Tenho uma reunião com Donatti daqui a duas horas. – Ele retirou algumas cédulas da carteira. – *Por favor*.

A visão do dinheiro a fez hesitar. Ela não recebia nada havia um mês.

– Dez minutos – disse ela, pegando o dinheiro. – A bebê só está cochilando.

Mas ele precisou de uma hora inteira. Depois que ele foi embora, Elizabeth, surpresa ao ver que a bebê ainda estava dormindo, foi para o laboratório determinada a trabalhar, mas sem querer deslizou para o chão como ele se fosse um colchão, com a cabeça apoiada em um manual como se ele fosse um travesseiro. Em poucos minutos, estava dormindo profundamente.

CALVIN APARECEU NOS SONHOS DELA. Ele estava lendo um livro sobre ressonância magnética nuclear. Ela lia *Madame Bovary* em voz alta para Seis e Meia. Ela havia acabado de dizer a Seis e Meia que ficção era uma coisa problemática. As pessoas sempre insistiam que sabiam o que significava, mesmo que o autor não quisesse dizer aquilo de jeito nenhum e mesmo que aquilo que elas pensavam que significava não tivesse um significado real.

– *Madame Bovary* é um grande exemplo – disse ela. – Sabe aquela hora em que Emma lambe os dedos? Umas pessoas acham que significa desejo carnal, outras acham que ela gostou muito do frango. A verdadeira intenção de Flaubert? Ninguém se importa.

Nesse momento, Calvin ergueu o olhar do livro e disse:

– Não me lembro de frango nenhum em *Madame Bovary*. – Mas, antes que Elizabeth pudesse rebater, houve um insistente *toc toc toc toc toc toc* como um pica-pau esforçado, seguido de um “Srta. Zott?”, seguido de mais *toc toc toc toc toc toc*, depois outro “Srta. Zott?”, seguido de um estranho e

breve choro soluçante, que fez Calvin se levantar de um pulo e sair correndo da sala.

– SRTA. ZOTT! – REPETIU A VOZ. Estava mais alta.

Elizabeth acordou e se deparou com uma mulher robusta, de cabelos grisalhos, usando um vestido de rayon e meias marrons grossas entrando no laboratório.

– Sou eu, Srta. Zott. A Sra. Sloane. Dei uma espiada para dentro e vi que você estava caída no chão. Bati várias vezes e você não respondeu, aí eu empurrei a porta. Eu queria ter certeza de que está tudo bem. Você *está* bem? Talvez eu devesse chamar um médico.

– S-Sloane.

A mulher se abaixou e examinou o rosto de Elizabeth.

– Não, acho que você está bem. Seu bebê está chorando. Devo ir pegá-lo? Vou pegar o bebê. – Ela saiu e voltou um instante depois. – Ah, olhe só isso – disse, balançando o pacotinho para trás e para a frente. – Qual é o nome do diabinho?

– Mad. M-Madeline – respondeu Elizabeth enquanto se levantava do chão.

– Madeline – disse a Sra. Sloane. – Uma menina. Que ótimo! Eu estava doida para vir aqui. Desde que você trouxe a diabinha para casa, eu disse a mim mesma *Vá lá ver se está tudo bem*. Mas parece que você tem um fluxo constante de visitantes. Na verdade, vi sair um ainda há pouco. Eu não quis me intrometer.

A mulher levou o traseiro de Madeline até o nariz, aspirou o ar com força e depois a deitou sobre a mesa. Pegando uma fralda limpa no varal ali perto, ela trocou a criança que se contorcia como um vaqueiro prendendo um bezerro.

– Sei que não deve ser fácil, Srta. Zott. Sem o Sr. Evans, quero dizer. Aliás, meus pêsames pela sua perda. Eu sei que é meio tarde para dizer isso, mas antes tarde do que nunca. O Sr. Evans era um bom homem.

– A senhora conhecia... o Calvin? – perguntou Elizabeth, ainda confusa.

– C-Como?

– Srta. Zott – respondeu a outra de um jeito enfático. – Eu sou sua vizinha. Do outro lado da rua? Da casinha azul?

– Ah, sim, sim, claro – disse Elizabeth, ruborizando, percebendo que nunca tinha falado com a Sra. Sloane. Alguns acenos da entrada; nada mais que isso. – Me desculpe, Sra. Sloane, é claro que eu conheço a senhora. Por favor, me perdoe... estou cansada. Acho que caí no sono aqui no chão. Não acredito que isso aconteceu; foi a primeira vez.

– Bem, não vai ser a última – afirmou a Sra. Sloane, de repente reparando que a cozinha não era uma cozinha de jeito nenhum. Ela se levantou e, carregando Madeline debaixo do braço como se fosse uma bola de futebol, fez um tour pela casa. – Você acabou de ter bebê e está sozinha e exausta e quase não consegue pensar e... que diabo é *isto* aqui? – Ela apontou para um objeto grande e prateado.

– Uma centrífuga – respondeu Elizabeth. – E eu estou bem, de verdade. – Ela tentou se sentar ereta.

– Ninguém está bem com um recém-nascido, Srta. Zott. A monstrix vai sugar a sua vida. Olhe só para você: parece que está no corredor da morte. Vou preparar um café. – Ela foi até o fogão mas parou perto da capela de exaustão. – Pelo amor de Deus, que diabos aconteceu com a sua cozinha?

– Eu faço o café – se ofereceu Elizabeth.

Enquanto a Sra. Sloane observava, Elizabeth foi até a bancada de aço inoxidável, onde pegou uma jarra de água destilada e encheu um frasco, fechando-o com uma rolha equipada com um tubo retorcido no alto. Em seguida, prendeu o frasco em um dos dois suportes de metal que ficavam entre dois bicos de Bunsen e riscou um estranho objeto de metal que acendeu como uma pederneira batendo contra o aço. Uma chama apareceu; a água começou a esquentar. De uma prateleira, ela pegou um saco com o rótulo $C_8H_{10}N_4O_2$, jogou um pouco do conteúdo em um almofariz, moeu com um pilão, despejou a substância resultante, parecida com um pó, em uma balança pequena e esquisita, depois jogou o conteúdo da balança em um pedaço de morim de 15cm X 15cm e amarrou como uma trouxinha.

Colocando a trouxinha dentro de um béquer maior, ela o acoplou ao segundo suporte de metal, prendendo o tubo que saía do primeiro frasco no fundo do béquer grande. Quando a água do frasco começou a borbulhar, a Sra. Sloane, com o queixo quase no chão, observou a água forçar o caminho pelo tubo e cair direto dentro do béquer. Em pouco tempo, o frasco menor estava quase vazio, e Elizabeth apagou o bico de Bunsen. Ela mexeu o conteúdo do béquer com uma vareta de vidro. Então, o líquido marrom fez uma coisa estranhíssima: subiu como um poltergeist e voltou para o frasco original.

– Leite e açúcar? – perguntou Elizabeth enquanto tirava a rolha do frasco e começava a servir.

– Minha nossa – reagiu a Sra. Sloane quando Elizabeth colocou uma xícara de café na frente dela. – Você nunca ouviu falar em café instantâneo?

Mas, assim que deu o primeiro gole, ela não disse mais nada. Nunca tinha tomado um café como aquele. Era o paraíso. Ela poderia bebê-lo o dia inteiro.

– Então, o que está achando até agora? – perguntou a Sra. Sloane. – Da maternidade.

Elizabeth engoliu em seco.

– Estou vendo que você tem a Bíblia – disse a Sra. Sloane, percebendo o livro do Dr. Spock na mesa.

– Eu comprei por causa do título – admitiu Elizabeth. – *Meu filho, meu tesouro: Como criar seus filhos com bom senso e carinho*. Parece haver muitos absurdos na maneira de criar um bebê, muita complicação desnecessária.

A Sra. Sloane analisou o rosto de Elizabeth. Um comentário estranho vindo de uma mulher que tinha acabado de adicionar vinte etapas ao ato de fazer uma xícara de café.

– É engraçado, não é? – disse a Sra. Sloane. – Um homem escreve um livro sobre coisas que não experienciou: o parto e o que vem depois, quero dizer. E mesmo assim: bum! Best-seller. Sabe do que eu desconfio? A mulher dele escreveu tudo e colocou o nome dele. O nome de um homem confere mais autoridade, você não acha?

– Não – respondeu Elizabeth.

– Concordo.

As duas tomaram mais um gole de café.

– Oi, Seis e Meia – cumprimentou a Sra. Sloane estendendo a mão livre.

Ele se aproximou.

– A senhora conhece o Seis e Meia?

– Srta. Zott. Eu moro logo ali, do outro lado da rua! Sempre vejo o cachorro para cima e para baixo. Aliás, existe uma lei sobre guias em vigor...

Ao ouvir a palavra “guia”, Madeline abriu a boquinha e soltou um grito de arrepiar até a alma.

– Ai, Jesus, Maria, José! – exclamou a Sra. Sloane e deu um salto, com Madeline ainda no colo. – Isso foi *muito* pavoroso, criança! – Ela olhou para o rostinho vermelho e embalou o pacotinho pelo laboratório, com a voz mais alta do que o barulho do bebê. – Anos atrás, quando fui mãe pela primeira vez, o Sr. Sloane estava em uma viagem de negócios e um homem horrível invadiu a casa e ameaçou levar o bebê se eu não desse todo o nosso dinheiro. Eu estava sem dormir e sem tomar banho havia quatro dias, não penteava o cabelo havia pelo menos uma semana, não me sentava havia sei lá quanto tempo. Então eu disse “Você quer o bebê? Tome” – Ela mudou Madeline para o outro braço. – Eu nunca vi um homem adulto correr tão rápido. – Ela deu uma espiada ao redor, hesitante. – Você também tem um jeito sofisticado de preparar a mamadeira ou posso fazer da maneira tradicional?

– Já tenho uma pronta – respondeu Elizabeth, tirando a mamadeira de uma panelinha de água morna.

– Recém-nascidos são horríveis – afirmou a Sra. Sloane, pegando as pérolas falsas em volta do pescoço quando Elizabeth pegou Madeline no colo. – Se eu soubesse que você estava sem ajuda eu teria vindo antes. Você recebe tantos, bem, tantos *homens* nas horas mais estranhas... – Ela pigarreou.

– É trabalho – disse Elizabeth, enquanto tentava convencer Madeline a aceitar a mamadeira.

– Chame como quiser – observou a Sra. Sloane.

– Eu sou cientista – esclareceu Elizabeth.

– Pensei que o Sr. Evans fosse cientista.

– Eu também sou.

– Claro que é. – Ela se levantou e entrelaçou as mãos. – Muito bem, então. Já vou indo. Mas agora já sabe, sempre que você precisar de mais um par de mãos, eu estou do outro lado da rua. – Ela escreveu o número do telefone dela com um lápis grosso na parede da cozinha logo acima do telefone. – O Sr. Sloane se aposentou no ano passado e fica em casa o tempo todo. Assim, não pense que você vai interromper alguma coisa, porque não vai. Na verdade, vai até me fazer um favor. Entendeu? – Ela se curvou para pegar alguma coisa na sacola de compras. – Vou deixar isso aqui – disse, tirando da sacola uma panela envolta em papel laminado. – Não estou dizendo que é bom, mas você precisa comer.

– Sra. Sloane – disse Elizabeth, percebendo que não queria ficar sozinha.

– A senhora parece entender muito de bebês.

– Sei o que é possível – admitiu. – Eles são pequenos sádicos egoístas. A questão é por que alguém tem mais de um.

– Quantos a senhora teve?

– Quatro. Mas por que você está me perguntando isso? Está preocupada com alguma coisa específica?

– Bem – começou Elizabeth, tentando evitar que a voz tremesse –, é só... é só que...

– Diga logo – instruiu a Sra. Sloane. – Bum. Desembuche de uma vez.

– Eu sou uma mãe horrível – disse ela de uma vez só. – Não é só pelo modo como a senhora me encontrou dormindo no meio da função, são muitas coisas. Ou, melhor dizendo, tudo.

– Seja mais específica.

– Bem, por exemplo, o Dr. Spock diz que eu devo acostumar a bebê com horários. Eu tento fazer isso, mas ela não os segue.

A Sra. Sloane bufou.

– E não estou tendo nenhum daqueles momentos que a pessoa deve ter, sabe, aqueles momentos...

– Eu não...

– Momentos de felicidade...

– Besteira de revista feminina – interrompeu a Sra. Sloane. – Você precisa se livrar dessas bobagens todas. É tudo ficção.

– Mas os sentimentos que estou tendo, acho... acho que não são normais. Eu nunca quis ter filhos, e agora eu tenho e estou envergonhada de confessar que estive a ponto de dar a minha filha pelo menos duas vezes.

A Sra. Sloane parou na porta dos fundos.

– Por favor – suplicou Elizabeth. – Não pense mal de mim...

– Espere – cortou a Sra. Sloane, como se tivesse ouvido errado. – Você quis dar a sua filha... duas vezes? – Em seguida, ela balançou a cabeça e riu de um jeito que fez Elizabeth se encolher.

– Não é engraçado.

– Duas vezes? Sério? Se fossem vinte vezes, ainda seria coisa de amator. Elizabeth desviou o olhar.

– Pelo amor de Deus! – bufou a Sra. Sloane, solidária. – Você está exercendo o trabalho mais difícil do mundo. Sua mãe nunca disse isso?

À menção da mãe, a Sra. Sloane percebeu os ombros da jovem se retesarem.

– Tudo bem – disse ela em um tom mais suave. – Não importa. Mas tente não se preocupar demais. Você está se saindo bem. Vai melhorar.

– E se não melhorar? – perguntou Elizabeth, demonstrando desespero. – E se... e se piorar?

Embora não fosse do tipo que toca nas pessoas, a Sra. Sloane deixou a proteção da porta para apertar com leveza os ombros de Elizabeth.

– Vai melhorar, sim – garantiu ela. – Qual é o seu nome, Srta. Zott?

– Elizabeth.

A Sra. Sloane afastou as mãos.

– Bem, Elizabeth, meu nome é Harriet.

Seguiu-se então um silêncio constrangedor, como se, depois de compartilhar os nomes, elas tivessem revelado mais do que tinham planejado.

– Antes de ir embora, Elizabeth, será que posso lhe dar um conselho? – começou Harriet. – Na verdade, não, não vou dar conselho nenhum. Eu detesto receber conselhos, ainda mais quando não solicitados. – Ela ficou

ruborizada. – Você detesta gente que fica dando conselho? Eu detesto. Eles fazem você se sentir inadequada. E o conselho em geral é péssimo.

– Pode falar – incentivou Elizabeth.

Harriet hesitou e depois franziu os lábios.

– Está bem. Na verdade, talvez não seja um conselho. É mais como uma dica.

Elizabeth olhou para ela na expectativa.

– Separe um tempinho para si mesma – disse Harriet. – Todo dia.

– Um tempinho?

– Um tempinho no qual *você* seja a sua prioridade. Só você. Não a sua bebê, não o seu trabalho, nem o seu falecido Sr. Evans, nem a sua casa imunda, absolutamente nada. Só você. Elizabeth Zott. Qualquer coisa que você precisar, que você quiser, que você estiver procurando, reconecte-se com o que for nesse tempinho. – Ela deu um puxão brusco nas pérolas falsas. – Depois volte para as suas responsabilidades.

E, embora Harriet não tivesse dito que nunca tinha seguido esse conselho – que na verdade simplesmente tinha lido em uma dessas revistas femininas ridículas –, ela queria acreditar que um dia voltaria a tentar seguir. Encontrar o amor. Um amor *de verdade* . Em seguida, ela abriu a porta dos fundos, fez um leve aceno com a cabeça e saiu, fechando a porta atrás de si. E, como se fosse uma deixa, Madeline começou a chorar.

CAPÍTULO 18

Juridicamente Brava

Harriet Sloane nunca fora bonita, mas tinha conhecido pessoas bonitas, e elas sempre pareciam atrair problemas. Eram amadas por serem bonitas ou odiadas exatamente pelo mesmo motivo. Quando Calvin Evans começou a namorar Elizabeth Zott, Harriet supôs que fosse por causa da beleza. Mas, quando os observou pela primeira vez do seu poleiro na sala, por trás das cortinas deles, que estavam afastadas para oferecer uma vista desobstruída da sala de estar, teve que reavaliar sua suposição.

Ela teve a impressão de que Calvin e Elizabeth tinham um relacionamento estranho – quase sobrenatural –, como dois gêmeos idênticos separados no nascimento que, por acaso, se esbarram em uma trincheira e, apesar de todas as mortes ao redor, ficam impressionados em descobrir não só que são parecidos e compartilham uma grave alergia a mariscos, como também que nenhum dos dois gosta de Dean Martin. “Sério?”, ela imaginava Calvin e Elizabeth dizendo um para o outro ao mesmo tempo. “Nem eu!”

Não tinha sido assim com ela e o agora aposentado Sr. Sloane. Houve certa empolgação no início, mas desgastou rápido como um esmalte de unha barato. Harriet o achava ousado porque tinha uma tatuagem e parecia não notar que os tornozelos dela eram grossos e o cabelo era fino. Pensando bem, aquilo devia ter sido um alerta – de que ele não reparava nela –, então talvez Harriet tivesse percebido que ele nunca ia reparar nela.

Ela não conseguia se lembrar em que altura do casamento começou a perceber que não era apaixonada por ele, nem ele por ela, mas deve ter sido em algum ponto entre o dia em que ela deparou com ele pronunciando gaveta como “cafeta” e quando ela notou como tufo de pelos se desgrudavam do corpo dele o tempo todo, como sementes de dente-de-leão, cobrindo toda a casa.

Sim, morar com o Sr. Sloane era repugnante, mas Harriet não sentia uma repulsa total pelos defeitos físicos do marido, pois ela também tinha os seus. Acima de tudo, era a estupidez em larga escala que ela abominava: a atitude cega, obstinada, sem charme, de quem não sabe nada; a ignorância, o preconceito, a mediocridade, a insensibilidade e, acima de tudo, a fé totalmente injustificada em si mesmo. Assim como a maioria das pessoas estúpidas, o Sr. Sloane não era esperto o suficiente para saber até que ponto era estúpido.

QUANDO ELIZABETH FOI MORAR com Calvin Evans, o Sr. Sloane reparou na mesma hora. Ele sempre falava dela, fazendo comentários obscenos e grosseiros como uma hiena malvada.

– Veja só aquilo – dizia ele, esfregando a barriga nua em círculos, dispersando pequenos caracóis pretos por todos os cantos da sala enquanto via pela janela a jovem entrando no carro dela. – Uau.

Sempre que isso acontecia, Harriet saía da sala. Ela sabia que a essa altura já devia estar acostumada com o desejo do marido em relação a outras mulheres. Foi na lua de mel que, pela primeira vez, ele se masturbou na frente dela olhando revistas de mulheres nuas. Ela aceitou, porque o que mais poderia fazer? Além disso, as pessoas tinham dito que aquilo era normal. Saudável, até. No entanto, conforme as revistas ficavam mais explícitas e indecentes, o hábito crescia, e agora aqui estava ela, aos 55 anos, arrumando a pilha pegajosa de revistas do marido com um peso no coração.

Essa era outra coisa repugnante no Sr. Sloane. Assim como tantos homens indesejáveis, ele acreditava piamente que as mulheres o achavam bonito. Harriet não fazia ideia de onde vinha esse tipo específico de

autoconfiança. Porque, embora as pessoas estúpidas possam não saber que são estúpidas por serem estúpidas, com certeza as pessoas pouco bonitas deveriam saber que são pouco atraentes por causa dos espelhos.

Não que fosse errado não ser bonito. Ela não era bonita e sabia disso. Também sabia que Calvin Evans não era bonito e que o cachorro desganhado que Elizabeth levou para casa certo dia também não era e que havia uma boa chance de acontecer o mesmo com o futuro bebê da jovem. Mas nenhum deles era – ou jamais seria – feio. Só o Sr. Sloane era feio, e isso porque ele não era bonito por dentro. Na verdade, a única coisa fisicamente bonita no quarteirão todo era a própria Elizabeth, e Harriet a evitara por esse motivo. Como ela dissera, gente bonita atrai problemas.

Então o Sr. Evans morreu e aqueles homens ridículos com maletas presunçosas passaram a aparecer na casa de Elizabeth, e a Sra. Sloane percebeu que talvez tivesse absorvido parte do preconceito do Sr. Sloane. Foi por isso que ela foi lá naquele dia para ver como Elizabeth estava. Porque, apesar de ela estar fadada a ser a Sra. Sloane para sempre – ela era católica –, nunca quis se transformar em um Sr. Sloane. Além disso, ela sabia como funcionavam os recém-nascidos.

ME LIGUE, IMPLORAVA ELA, espiando pelas cortinas para a casa no outro lado da rua. *Me ligue, me ligue, me ligue.*

NO OUTRO LADO DA RUA, Elizabeth tinha apanhado o telefone para ligar para Harriet Sloane pelo menos uma dezena de vezes nos quatro dias anteriores, mas nunca conseguia concluir a chamada. Ela sempre tinha se considerado um ser humano capaz, mas, de repente, com base apenas no curto espaço de tempo que tinha passado na presença de Harriet, percebeu que não era.

Ela parou à janela e olhou para o outro lado da rua. Foi tomada por uma espécie de desespero. Ela teve uma filhinha e tinha que criá-la até a idade adulta. Meu Deus – *adulta*. Do outro lado da sala, Madeline anunciou que era hora de comer.

– Mas você acabou de comer – lembrou Elizabeth à filha.

“BOM, EU NÃO ME LEMBRO DISSO!”, parecia gritar Madeline em resposta, iniciando formalmente o jogo menos divertido do mundo: “Adivinhe o que eu quero agora”.

Elizabeth tinha outro problema: toda vez que encarava a filha, Calvin a encarava de volta. Era enervante. A verdade era que ela ainda estava brava com Calvin – o fato de ele ter mentido para ela sobre o financiamento da pesquisa, o modo como o esperma dele tinha desafiado as chances da contracepção, o fato de ele correr ao ar livre quando todo mundo corria dentro de casa usando sapatilhas. Ela sabia que era injusto ficar brava com ele, mas o luto é assim: arbitrário. De qualquer maneira, mais ninguém sabia que ela estava brava; ela não contava para ninguém. Bem, exceto durante o trabalho de parto, quando *pode ser* que ela tenha gritado algumas coisas lamentáveis e *talvez* tenha cravado as unhas no braço de uma pessoa desconhecida quando as contrações mais fortes começaram. Ela se lembrava de alguém ao seu lado soltando gritos agudos e palavrões, o que pareceu estranho e pouco profissional.

Então, algum tempo depois de tudo ter acabado, quando uma enfermeira chegou com uma pilha de papéis perguntando alguma coisa, ela resolveu dizer como estava se sentindo.

– Brava.

– Brava? – perguntara a enfermeira.

– É isso mesmo – respondera Elizabeth. Porque ela estava se sentindo brava de verdade.

– Tem certeza?

– É claro que eu tenho certeza!

E a enfermeira, que estava cansada de cuidar de mulheres que nunca estavam nos seus melhores dias (aquela paciente tinha praticamente gravado o próprio nome no braço dela durante o trabalho de parto), escreveu “Brava” na certidão de nascimento e saiu pisando forte.

Então, lá estava: o nome jurídico da bebê era Brava Zott.

Elizabeth só descobriu o problema alguns dias depois, em casa, quando deu de cara com a certidão de nascimento em uma pilha de papéis do

hospital ainda largados sobre a mesa da cozinha.

– O que é isso? – questionara ela, espantada, encarando a certidão escrita em uma caligrafia elegante. – Brava Zott? Pelo amor de Deus! Será que eu arranquei tanta pele assim da mulher?

Ela logo decidiu renomear a bebê, mas havia um problema. Acreditava que o nome certo se apresentaria no instante em que visse o rosto da filha, o que não aconteceu.

Agora, de pé no laboratório, olhando para o pequeno montinho que dormia em um grande cesto forrado de cobertores, examinava os traços da criança.

– Suzanne? – disse ela com prudência. – Suzanne Zott? – Mas não parecia se encaixar. – Lisa? Lisa Zott? Zelda Zott? – Nada. – Helen Zott? – tentou. – Fiona Zott? Marie Zott? – Nada ainda. Ela colocou as mãos nos quadris, como se estivesse se preparando para alguma coisa. – *Brava Zott* – arriscou ela por fim.

Os olhos da bebê se abriram de repente.

Do seu posto embaixo da mesa, Seis e Meia expirou. Ele tinha passado tempo suficiente em um parquinho para entender que as pessoas não podiam dar aos filhos *qualquer nome*, ainda mais quando o nome do bebê surgia por algum mal-entendido ou, como no caso de Elizabeth, vingança. Na opinião dele, os nomes importavam mais do que o gênero, mais do que a tradição, mais do que qualquer coisa que parecesse bonita. Um nome *define* uma pessoa – ou, no caso dele, um cachorro. Era uma bandeira individual que a pessoa agitava pelo resto da vida; tinha que ser o certo. Assim como o nome dele, que ele teve que esperar mais de um ano para receber. Seis e Meia. Podia ser melhor?

– Brava Zott – ele ouviu Elizabeth sussurrar. – Meu Deus.

Seis e Meia se levantou e foi em silêncio para o quarto. Sem o conhecimento de Elizabeth, ele vinha armazenando petiscos embaixo da cama havia meses, uma prática que tinha começado logo depois da morte de Calvin. Não era porque ele tivesse medo que Elizabeth se esquecesse de alimentá-lo, mas porque tinha feito uma importante descoberta química. Quando encarava um problema grave, ele descobriu que comer ajudava.

Brava, pensou ele, mastigando o petisco. *Bárbara. Bernadete. Beatriz*. Ele pegou mais um petisco e mastigou fazendo barulho. Ele gostava muito dos seus biscoitos – mais um triunfo culinário de Elizabeth Zott. E ficou pensando: *Por que não dar para a bebê o nome de alguma coisa da cozinha? Pote. Pote Zott. Ou do laboratório? Béquer. Béquer Zott. Ou talvez alguma coisa que significasse química, tipo... Quim? Mas Kim. Como Kim Novak, sua atriz predileta, de O Homem do Braço de Ouro. Kim Zott.*

Não. Kim era curto demais.

Então ele pensou: *Que tal Madeline?* Elizabeth tinha lido *Em busca do tempo perdido* para ele – ele não recomendava, mas essa parte específica ele tinha entendido. A parte sobre as madeleines. Os bolinhos. *Madeline Zott? Por que não?*

– O que você acha do nome “Madeline”? – perguntou Elizabeth a ele depois de encontrar Proust inexplicavelmente aberto na mesa de cabeceira.

Ele retribuiu o olhar, com uma expressão neutra.

O ÚNICO PROBLEMA ERA que para trocar o nome de Brava para Madeline ela precisaria ir até a prefeitura e preencher um formulário que pedia uma certidão de casamento e diversos outros detalhes que Elizabeth não queria compartilhar.

– Sabe de uma coisa? – disse Elizabeth, encontrando Seis e Meia nos degraus no lado de fora do prédio. – Vamos manter isso entre nós. Juridicamente, o nome dela é Brava, mas nós vamos chamá-la de Madeline ou Mad, e ninguém vai saber.

Juridicamente Brava, pensou Seis e Meia. *O que pode dar errado?*

OUTRA COISA SOBRE MAD: ela ficava muito brava quando o pessoal do Hastings aparecia. “Cólicas”, teria diagnosticado o Dr. Spock. Mas Elizabeth achava que a bebê podia ter um talento para julgar as pessoas. Isso a preocupou. Porque, se fosse verdade, o que ela acharia do caráter da própria mãe? Uma mulher que não falava com a família, que tinha se recusado a se casar com

um homem que amava profundamente, que tinha sido demitida, que passou dias ensinando palavras ao cachorro... Será que ela ia parecer egoísta, maluca ou as duas coisas?

Ela não tinha certeza, mas achava que a mulher do outro lado da rua saberia. Elizabeth não era chegada a igrejas, mas havia alguma coisa sagrada em Harriet Sloane. Ela era como um padre pragmático, alguém a quem você poderia confessar coisas – medos, esperanças, erros – e esperar em troca não uma receita simplória de orações e terços ou uma frase clichê de um psicólogo, tipo “E como você se sente com isso?”, mas sabedoria de verdade. Como avançar com o assunto em questão. Como sobreviver.

Ela pegou o telefone sem saber que os binóculos de Harriet estavam acompanhando a discagem lá da janela dela.

– Alô? – atendeu Harriet como quem não quer nada, enquanto enfiava o binóculo de volta no meio das almofadas do sofá. – Residência dos Sloanes.

– Harriet. Aqui é Elizabeth Zott.

– Já estou indo.

CAPÍTULO 19

Dezembro de 1956

TREZE MESES DEPOIS

O maior benefício de ser filha de uma cientista? Margem de segurança baixa.

Assim que Mad começou a andar, Elizabeth a encorajou a tocar, provar, jogar, pular, queimar, rasgar, entornar, misturar, esguichar, cheirar e lamber quase tudo que encontrava.

– Mad! – gritava Harriet todo dia de manhã quando chegava. – Coloque isso no chão!

– Chão! – concordava Mad, jogando a xícara de café pela metade no outro lado do cômodo.

– Não! – gritava Harriet.

– Não! – concordava Mad.

Enquanto Harriet ia pegar o esfregão, Madeline cambaleava pela sala de estar, pegando isso, descartando aquilo, as mãozinhas encardidas buscando automaticamente tudo que era afiado demais, quente demais, tóxico demais, coisas que a maioria dos pais deixava fora do alcance de propósito; resumindo, as coisas mais interessantes. Apesar disso, ela sobrevivia.

Graças a Seis e Meia. Ele estava sempre a postos, farejando o perigo, bloqueando tomadas, se posicionando por baixo da estante de livros quando ela escalava – o que acontecia quase todo dia – de forma a amenizar uma possível queda. No passado, ele não tinha conseguido salvar uma pessoa que

ele amava. Isso não ia acontecer de novo.

– Elizabeth! – repreendeu Harriet. – Você não pode deixar a Mad fazer o que ela quiser.

– Tem razão, Harriet – concordou Elizabeth sem tirar os olhos de três tubos de ensaio. – Eu até troquei as facas de lugar, se você reparar.

– *Elizabeth* – implorou Harriet. – Você tem que vigiar a bebê. Ontem eu vi a Mad engatinhando para dentro da máquina de lavar.

– Não se preocupe – respondeu Elizabeth, ainda encarando os tubos de ensaio. – Eu nunca ligo a máquina sem olhar antes.

NO ENTANTO, APESAR DO CONSTANTE estado de sobressalto, Harriet não podia negar que Mad parecia estar crescendo de um jeito que nunca tinha acontecido com os filhos dela. Ainda mais raro: a relação mãe-filha tinha uma reciprocidade que Harriet não podia ignorar. A criança aprendia com a mãe, mas a mãe também aprendia com a filha. Era como uma sociedade de mútua adoração. Dava para ver isso no modo como Mad olhava para Elizabeth quando a mãe lia para ela, o modo como gritava de alegria quando a mãe cochichava no ouvido dela, o modo como Elizabeth se iluminava quando a filha misturava bicarbonato de sódio com vinagre, o modo como as duas sempre compartilhavam tudo que pensavam ou faziam, fosse o que fosse – química, balbucio, baba –, às vezes usando uma espécie de idioma secreto que Harriet achava que era um pouquinho excludente. A mãe não podia – não devia – ser amiga da filha, ela avisara a Elizabeth. Tinha lido isso em uma das suas revistas.

Ela observava quando Elizabeth erguia Mad nos braços e a levava para perto dos tubos de ensaio borbulhantes. Os olhos da criança se enchiam de admiração. Como Elizabeth chamava esse método de ensino? Aprendizagem experiencial?

– Crianças são como esponjas – explicara Elizabeth na semana anterior quando Harriet a repreendeu por ler *A origem das espécies* para Madeline. – Não vou deixar Mad secar cedo.

– Secar! – gritou Mad. – Secar, secar, secar!

– Mas com certeza ela não consegue entender uma palavra do que Darwin escreveu – argumentou Harriet. – Você não podia ler uma versão condensada, pelo menos?

Harriet só lia edições condensadas. A revista *Seleções* era a sua publicação favorita exatamente por isso. Eles reduziam livros grandes e chatos a tamanhos palatáveis, como pastilhas Valda. Uma vez ela ouviu sem querer uma mulher no parque dizendo que gostaria que a *Seleções* condensasse a Bíblia e Harriet se viu pensando: *Isso... e os casamentos.*

– Eu não acredito em versões condensadas – dissera Elizabeth. – Sem contar que acho que Mad e Seis e Meia gostam.

Ainda tinha isso: Elizabeth também lia para Seis e Meia. Harriet gostava de Seis e Meia. Na verdade, às vezes sentia que ela e o cachorro compartilhavam preocupações semelhantes sobre a abordagem tipo *o que tiver que ser, será* de Elizabeth em relação à maternidade.

– Eu gostaria que você conseguisse falar com ela – dissera Harriet a Seis e Meia mais de uma vez. – Assim ela ouviria.

Seis e Meia olhava para ela e suspirava. Elizabeth o ouvia *de verdade*; é claro que a comunicação não se limita à fala. Ainda assim, ele achava que a maioria das pessoas não ouvia seus cachorros. Isso se chamava ignorar. Ah, não. Ignorância. Ele tinha acabado de aprender essa palavra. Aliás, sem querer se gabar, a lista de palavras conhecidas tinha chegado a 497.

A ÚNICA PESSOA ALÉM DE ELIZABETH que não parecia subestimar o que um cachorro entendia ou o que significava ser uma mãe que trabalhava fora era o Dr. Mason. Conforme tinha ameaçado, ele apareceu mais ou menos um ano depois do parto, supostamente para ver como as coisas estavam indo, mas mais obviamente para lembrar a ela do remo.

– OLÁ, SRTA. ZOTT – disse ele quando Elizabeth abriu a porta às 7h15 da manhã, surpresa ao vê-lo ali, usando o traje de remar, o corte de cabelo militar molhado por ter remado sob a neblina matinal. – Como estão as

coisas? Não vim falar de mim, mas hoje foi horrível remar. – Ele entrou e passou por ela, abrindo caminho pelo meio das tralhas de bebê até chegar ao laboratório, onde encontrou Mad tentando fugir da cadeira alta.

– Ah, aí está ela! – O Dr. Mason abriu um sorriso radiante. – Crescida e ainda viva. Excelente. – Ele notou uma pilha de fraldas recém-lavadas, pegou uma e começou a dobrá-la. – Não posso ficar muito tempo, mas estava passando por perto e pensei em fazer uma visita. – Ele se inclinou para ver Mad mais de perto. – Minha nossa, ela é grandona. Acho que podemos agradecer ao Evans por isso. Como está a vida de mãe? – Mas, antes que Elizabeth pudesse responder, ele pegou o manual de bebê do Dr. Spock. – O Spock é uma boa fonte de informação. Ele também é remador, sabia? Ganhou uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de 1924.

– Dr. Mason – disse Elizabeth, surpresa em sentir como tinha ficado alegre em vê-lo enquanto absorvia o cheiro de mar das roupas dele. – Foi ótimo o senhor ter vindo, mas...

– Não se preocupe, não posso demorar; estou de plantão. Prometi à minha mulher que ia tomar conta das crianças hoje de manhã. Eu só queria saber como estavam as coisas. A senhorita parece cansada. Tem alguém para ajudar?

– Uma vizinha me ajuda um pouco.

– Excelente. A proximidade é importante. E a senhorita... como está cuidando de si mesma?

– Como assim?

– Ainda faz exercícios?

– Bem, eu...

– No ergômetro?

– Um pou...

– Ótimo. Onde ele fica? O ergômetro. – Ele foi para o cômodo ao lado. – Ah, meu Deus – ela o ouviu dizer. – O Evans era sádico.

– Dr. Mason? – chamou ela, atraindo o médico de volta ao laboratório. – É ótimo ver o senhor, mas tenho uma reunião daqui a trinta minutos, e muitas...

– Desculpe – disse ele, voltando. – Eu não costumo fazer isso de

aparecer na casa das pacientes depois do parto. Para ser sincero, nunca vejo nenhuma das minhas pacientes de novo a menos que elas decidam aumentar a população.

– Fico honrada – afirmou ela. – Mas, como eu falei, estou...

– Ocupada – ele terminou a frase. Em seguida, foi até a pia e começou a lavar a louça. – Então, a senhorita tem a bebê, o ergômetro, seu trabalho freelancer, sua pesquisa. – Ele assinalava os compromissos de Elizabeth levantando as mãos ensaboadas enquanto corria os olhos pelo cômodo. – Aliás, este laboratório é bem decente.

– Obrigada.

– Foi o Evans...

– Não.

– Então...

– Fui eu que montei. Durante a gravidez.

Ele balançou a cabeça, admirado.

– Eu tive ajuda – disse ela, apontando para Seis e Meia, que estava perto da cadeira de Mad como uma sentinela, esperando que a comida caísse.

– Ah, sim, aí está ele. Os cachorros são muito prestativos. Minha mulher e eu achamos que o nosso cachorro foi uma espécie de ensaio para os filhos – comentou ele, examinando uma panela. – Esponja de aço?

– À esquerda.

– Por falar em ensaios – continuou ele, colocando mais sabão na esponja –, chegou a hora.

– Hora de quê?

– De remar. Já se passou um ano.

Ela riu.

– Que engraçado.

Ele se virou para ela com as mãos pingando água no chão.

– O que é engraçado?

Elizabeth ficou confusa.

– Temos uma vaga. Sota-proa. Seria ótimo se a senhorita voltasse o mais rápido possível. No máximo na semana que vem.

– O quê? Não. Eu estou...

– Cansada? Ocupada? A senhorita provavelmente vai argumentar que não tem tempo.

– Porque não tenho.

– E quem tem? Ser adulto é um negócio superestimado, não é? – questionou ele. – Assim que você resolve um problema, aparecem mais dez.

– Dez! – gritou Madeline.

– A única coisa decente que eu aprendi nos fuzileiros navais foi a importância de fazer a minha cama todo dia de manhã. Mas um respingo de água fria no rosto a estibordo, pouco antes do amanhecer? Conserta tudo.

ELIZABETH TOMOU UM GOLE de café enquanto Mason tagarelava. Ela estava bem ciente de que precisava de conserto. Tinha atingido um novo estágio no luto: em vez de sofrer pela perda do homem por quem era apaixonada, agora sofria pelo pai que sabia que ele teria sido. Ela se esforçava para não imaginar a que altura Calvin jogaria Mad para cima, a facilidade com que ele teria colocado a filha nos ombros. Nenhum dos dois queria filhos, e Elizabeth ainda acreditava piamente que nenhuma mulher deve ser obrigada a ter filhos. No entanto, ali estava ela, mãe de uma bebê, a principal cientista no que devia ser o experimento menos científico de todos os tempos: criar outro ser humano. Todo dia ela achava que ser mãe era como uma prova para a qual não tinha estudado. As questões eram assustadoras e não havia quase nenhuma múltipla escolha. De vez em quando, acordava molhada de suor, depois de imaginar uma batida na porta e uma autoridade se apresentando com um cesto vazio próprio para um bebê e dizendo: “Acabamos de analisar seu último relatório de desempenho materno e não temos como dizer isso de um jeito simpático. A senhorita está demitida.”

– TENTEI FAZER MINHA MULHER remar durante anos – contou o Dr. Mason. – Acho que ela ia adorar, mas ela sempre se recusou e acho que em parte é porque não existe nenhuma outra mulher na marina. Eu não sou louco, Srta. Zott. As mulheres remam. A senhorita rema. *Existem* equipes de remo

femininas.

– Onde?

– Em Oslo.

– Na Noruega?

– Essa aí – disse ele, apontando para Mad – com certeza vai remar a bombordo. Está vendo como ela se inclina naturalmente para a direita?

Os dois olharam para Madeline, que encarava os próprios dedos como se estivesse surpresa por descobrir que não eram todos do mesmo comprimento. Na noite anterior, quando Elizabeth estava lendo *A ilha do tesouro* em voz alta, sentiu Mad a encarando, os lábios entreabertos de admiração. Ela olhou para a filha com uma forma diferente de admiração. Fazia muito tempo que ela não via alguém demonstrar esse tipo de fé. Sentiu uma avalanche de amor pela filha desinformada.

– A senhorita ficaria surpresa com quanto dá para saber de um bebê nesse estágio – dissera Mason. – Eles sempre revelam as futuras características em pequenos detalhes. Essa aí: ela consegue ler as pessoas.

Elizabeth assentiu. Na semana anterior, tinha dado uma espiada em Mad durante o cochilo da tarde e vira a criança sentada no berço explicando alguma coisa com seriedade para Seis e Meia. Maravilhada, Elizabeth ficou parada, observando a bebê. Oscilando para a frente e para trás como um pino de boliche ameaçando tombar, Mad agitava as mãos enquanto proferia uma torrente contínua de consoantes e vogais agrupadas ao acaso, como roupa pendurada no varal, mas lançadas com o tipo de paixão que deixava claro que ela era especialista naquele assunto. Seis e Meia estava colado ao berço, extasiado, o focinho preso entre as barras, os ouvidos acompanhando cada sílaba. Mad fez uma pausa súbita como se tivesse perdido o fio do pensamento e em seguida se inclinou em direção ao cachorro e recomeçou.

– Gagagagazonanadudu – dissera ela, como se esclarecesse um ponto.

– Babadodobado.

Ter um bebê, percebeu Elizabeth, era meio parecido com viver com um visitante de um planeta distante. Havia um pouco de dar e receber enquanto o visitante aprendia as suas regras e vice-versa, mas aos poucos as regras dele se apagavam e as suas permaneciam. O que ela achava lamentável.

Porque, ao contrário dos adultos, sua visitante nunca se cansava de nenhuma descoberta, por menor que fosse; ela sempre via a magia nas coisas comuns. No mês anterior, Mad soltara um gritinho da sala de estar e Elizabeth destruiu o equivalente a uma hora de trabalho ao correr até ela.

– O que foi, Mad? – perguntou ela, arremetendo como um helicóptero em uma zona de guerra. – O que aconteceu?

Mad, com os olhos arregalados, olhou para a mãe enquanto mostrava uma colher. “Olhe isso!”, ela parecia dizer. “Estava bem aqui! No chão!”

– E NÃO É SÓ O EXERCÍCIO – pontuou o Dr. Mason. – Remar é um estilo de vida. Não estou certo? – Ele estava falando com a bebê.

– Éto! – gritava Mad, batendo na bandeja.

– Aliás, temos um técnico novo – disse ele, se virando para Elizabeth. – Muito talentoso. Falei da senhorita para ele.

– Verdade? E o senhor disse a ele que eu sou mulher?

– Não! – gritou Mad.

– A questão, Srta. Zott – continuou o Dr. Mason, evitando a pergunta dela enquanto pegava uma toalha, a umedecia e depois ia até a cadeira alta, onde a usou para limpar as mãos meladas de Mad –, é que estamos com um problema recorrente com o sota-proa. Cá entre nós, ele rema muito mal e só entrou na equipe por causa de antigas conexões acadêmicas. Mas tudo acabou no fim de semana passado, quando ele quebrou a perna em um acidente de esqui. – Ele tentou disfarçar a alegria. – Fraturou em três pontos!

Madeline estendeu os braços e o médico a tirou da cadeira.

– Lamento ouvir isso – disse Elizabeth. – E agradeço o voto de confiança. Ainda assim, eu não tenho experiência. Só estive no seu barco algumas vezes, e foi por causa do Calvin.

– Al-vin – repetiu Mad.

– É claro que a senhorita tem experiência – disse o Dr. Mason, surpreso. – Tá brincando? Treinada pelo próprio Calvin Evans? Só vocês dois? Eu apostaria nesse tipo de expertise contra qualquer puxa-saco acadêmico a qualquer momento.

– E também estou ocupada – explicou ela mais uma vez.

– Às quatro e meia da manhã? A senhorita vai voltar para casa antes que esta mocinha aqui sequer perceba que a senhorita saiu. *Sota-proa*. – Ele enfatizou a expressão como se fosse uma oferta especial que não duraria muito. – Lembra? Já conversamos sobre isso.

Elizabeth balançou a cabeça. Calvin era igual: tratava o remo como se naturalmente superasse qualquer coisa. Ela se lembrava de uma manhã específica, quando alguns dos outros remadores de um barco diferente estavam surpresos por alguém da equipe não ter aparecido para remar. O timoneiro ligou para a casa do remador e descobriu que ele estava com febre alta.

– Entendi, mas você vem assim mesmo, não é? – perguntara o timoneiro.

– Srta. Zott – disse o Dr. Mason –, não quero pressioná-la, mas a verdade é que precisamos da senhorita. Eu sei que só remamos juntos algumas vezes, mas sei o que senti. Além do mais, voltar a um barco vai fazer *a senhorita* se sentir muito melhor. *Todos* nós – enfatizou ele, pensando na remada daquela manhã – vamos nos sentir muito melhor. Fale com a sua vizinha. Veja se ela pode dar uma olhada na bebê.

– Às quatro e meia da manhã?

– Essa é uma faceta do remo que é pouquíssimo reconhecida – afirmou o Dr. Mason, se virando para ir embora. – Ele acontece em uma hora em que ninguém está ocupado.

– EU POSSO – DISSE HARRIET.

– Você não está falando sério – retrucou Elizabeth.

– Vai ser divertido – afirmou Harriet, como se todo mundo concordasse que acordar no meio da noite era divertido. Mas o verdadeiro motivo era o Sr. Sloane. Ele estava bebendo mais e xingando mais, e o único modo que ela conhecia para lidar com isso era se afastar. – De qualquer maneira, são só três vezes por semana.

– É só uma experiência. Talvez eu não seja aceita.

– Você vai ficar bem – disse Harriet. – Vai ser aceita com louvor.

MAS, QUANDO SE DIRIGIU PARA a marina dois dias depois, com pequenos grupos de remadores sonolentos olhando surpresos para ela, Elizabeth começou a sentir que tanto a fé de Harriet quanto a necessidade do Dr. Mason eram exageradas.

– Bom dia – ela cumprimentou os remadores ao acaso. – Olá.

– O que ela está fazendo aqui? – ela ouviu alguém cochichar.

– Meu Deus do céu – disse outro.

– Srta. Zott – chamou o Dr. Mason da outra ponta da marina. – Aqui.

Ela traçou um caminho pelo labirinto de corpos até chegar a um grupo disperso de homens que pareciam ter acabado de receber péssimas notícias.

– Elizabeth Zott – disse ela com firmeza, estendendo a mão.

Ninguém a cumprimentou.

– A Srta. Zott vai remar na sota-proa hoje – informou Mason. – Bill quebrou a perna.

Silêncio.

– Técnico – continuou o Dr. Mason, se virando para um homem com cara de assassino. – Ela é a remadora que eu tinha mencionado.

Silêncio.

– Alguém aqui talvez se lembre, ela já remou conosco.

Silêncio.

– Alguma pergunta?

Silêncio.

– Então, vamos começar. – Ele inclinou a cabeça para o timoneiro.

– ACHO QUE FOI TUDO BEM, NÃO FOI? – comentou o Dr. Mason mais tarde enquanto os dois andavam até os carros. Ela se virou para vê-lo. Quando estava em trabalho de parto, sofrendo dores horríveis, convencida de que a bebê estava revirando os órgãos internos dela como se fossem uma mala para garantir que teria roupas suficientes para usar no lado de fora, ela

gritou com tanta violência que a estrutura da cama estremeceu. Depois que a contração passou, ela abriu os olhos e viu o Dr. Mason inclinado sobre ela. “Viu?”, dissera ele. “Não foi tão ruim assim, foi?”

Elizabeth remexeu as chaves do carro nas mãos.

– Acho que o timoneiro e o técnico devem discordar disso.

– Ah, sim – observou ele, acenando a mão com desdém. – Normal. Achei que a senhorita soubesse. O remador novo leva a culpa por tudo. A senhorita remou muito só com o Evans; não conhece os pequenos detalhes da cultura do remo. Espere algumas remadas e a senhorita vai ver.

Ela esperava que o Dr. Mason estivesse sendo sincero, porque a verdade é que ela também tinha adorado estar na água de novo. Estava exausta, mas de um jeito bom.

– O que eu acho interessante no remo – continuou o Dr. Mason – é que ele é sempre feito para trás. É quase como se o esporte estivesse tentando nos ensinar a não ir além de nós mesmos. – Ele abriu a porta do carro. – Na verdade, quando a gente pensa no assunto, remar parece muito com criar filhos. As duas coisas exigem paciência, resistência, força e comprometimento. E nenhuma delas nos permite ver para onde vamos, só onde estivemos. Acho muito reconfortante. Exceto no caso de pirar, claro. Eu realmente gostaria que eles pirassem menos.

– O senhor quer dizer virar.

– Pirar – repetiu ele, entrando no carro. – Ontem um dos meus filhos bateu no outro com uma pá.

CAPÍTULO 20

História de vida

Embora tivesse pouco menos de quatro anos, Mad já era mais alta do que a maioria das crianças de cinco anos e conseguia ler melhor do que muitos alunos do sexto ano. Mas, apesar desses avanços físicos e intelectuais, Mad tinha poucos amigos, assim como a mãe antissocial e o pai rancoroso.

– Estou preocupada de ser uma mutação genética – confidenciou Elizabeth para Harriet. – Tanto Calvin quanto eu podemos ter transmitido esse gene.

– O gene eu-odeio-gente? – indagou Harriet. – Isso existe?

– *Timidez* – corrigiu Elizabeth. – Introversão. Então, sabe o que eu fiz? Matriculei a Mad no jardim de infância. O ano letivo começa na segunda-feira e de repente isso fez muito sentido. Mad precisa ter crianças por perto, você mesma disse isso.

Era verdade. Harriet tinha dito isso pelo menos umas cem vezes nos últimos anos. Madeline era uma criança precoce com capacidade verbal e cognitiva extraordinárias, mas Harriet não estava convencida de que ela progredia em outras áreas básicas como amarrar os sapatos ou brincar com bonecas. Outro dia, Harriet tinha sugerido fazer um colar de contas e Mad tinha franzido a testa e começado a escrever números em pedacinhos de papel para então colar tudo junto.

– Pronto – dissera ela.

Por outro lado, se Mad fosse para a escola, o que Harriet faria o dia

todo? Ela estava acostumada a ser necessária.

– Mad é nova demais – insistiu Harriet. – É melhor que ela vá com pelo menos uns cinco anos. Ou até seis.

– Eles também falaram isso – reconheceu Elizabeth. – Mesmo assim, ela já está matriculada.

O que Elizabeth omitiu foi que isso aconteceu não por causa da inteligência de Madeline, mas pelo fato de Elizabeth ter descoberto a composição química da tinta da caneta esferográfica e encontrado um jeito de alterar a certidão de nascimento de Madeline. Tecnicamente, Mad era nova demais para frequentar o jardim de infância, mas Elizabeth não achava que uma questão técnica dessas precisava afetar a educação da filha.

– Escola Primária Woody – disse ela, entregando uma folha de papel a Harriet. – Sra. Mudford. Sala seis. Acho que ela até pode ser um pouco mais adiantada do que as outras crianças, mas duvido que seja a única que está lendo Zane Grey, você não acha?

Seis e Meia levantou a cabeça, preocupado. Ele também não ficou muito animado com a notícia. Mad na escola? E o trabalho *dele*? Como ele ia conseguir proteger a criatura se ela estivesse dentro de uma sala de aula?

Elizabeth recolheu as xícaras de café e levou-as para a pia. Essa ideia repentina de matricular a filha na escola não tinha sido tão repentina assim. Ela havia ido ao banco várias semanas antes para fazer uma hipoteca reversa dando o bangalô como garantia. Elas estavam falidas. Se Calvin não tivesse colocado o nome dela na escritura, um fato que ela só tinha descoberto depois da morte dele, as duas estariam dependendo da assistência social.

O gerente do banco avaliou a situação de forma sombria.

– As coisas só vão piorar – avisou ele. – Matricule sua filha na escola assim que ela tiver idade suficiente. Depois, arrume um emprego com um salário de verdade. Ou se case com alguém rico.

Ela voltou para o carro e analisou as opções.

Roubar um banco.

Roubar uma joalheria.

Ou uma ideia detestável: voltar para o lugar onde tinha sido roubada.

VINTE E CINCO MINUTOS DEPOIS, ela entrou no saguão do Instituto Hastings, com as mãos trêmulas, a pele suada, o sistema de defesa do corpo tocando todos os alarmes. Ela inspirou fundo, tentando ganhar força.

– Dr. Donatti, por favor – disse para a recepcionista.

– EU VOU GOSTAR DA ESCOLA? – perguntou Mad, aparecendo de repente.

– Claro que vai – respondeu Elizabeth, sem muita convicção. – O que é isso? – Ela apontou para uma cartolina grande e preta que Madeline segurava na mão direita.

– Meu retrato – respondeu a menina, colocando-o na mesa em frente à mãe enquanto se apoiava nela. Era outro desenho a giz; Madeline preferia giz a lápis de cera. Mas, como o giz se espalhava com muita facilidade, os desenhos sempre pareciam borrados, como se as figuras tentassem sair da página. Elizabeth olhou para o desenho: alguns bonecos de palito, um cachorro, um cortador de grama, um sol, uma lua, talvez um carro, flores, uma caixa comprida. A parte sul parecia destruída pelo fogo; a chuva dominava o norte. E havia outra coisa: uma grande massa branca em espiral bem no centro.

– Uau – reagiu Elizabeth –, impressionante. Dá para ver que você trabalhou muito nisso.

Mad bufou como se a mãe não tivesse a menor ideia.

Elizabeth analisou o desenho de novo. Ela estava lendo para Madeline um livro sobre como os egípcios usavam as superfícies dos sarcófagos para contar a história da vida de alguém – os altos e baixos, os mínimos detalhes –, tudo apresentado através de uma simbologia precisa. Mas, enquanto lia, ela se via refletindo: será que o artista nunca ficava distraído? Pintava uma víbora em vez de uma cabra? E, se isso acontecesse, ele tinha como corrigir? Provavelmente não. Por outro lado, essa não era a própria definição da vida? Constantes adaptações provocadas por uma série interminável de erros? Sim, e ela sabia muito bem disso.

O DR. DONATTI TINHA APARECIDO no saguão dez minutos depois. O mais estranho é que ele quase pareceu aliviado ao vê-la.

– Srta. Zott! – dissera ele, dando um abraço nela, enquanto Elizabeth, enojada, prendia a respiração. – Eu estava mesmo pensando na senhorita!

Para falar a verdade, ele não estava pensando em outra coisa *que não fosse* a Srta. Zott.

– ME FALE DESSAS PESSOAS – pediu Elizabeth a Mad, apontando para os bonecos de palito.

– Aqui sou eu, você e a Harriet – respondeu Mad. – E o Seis e Meia. E aqui é você remando – continuou, apontando para a coisa que parecia uma caixa comprida –, e aqui é o nosso cortador de grama. Aqui é fogo. E aqui são outras pessoas. Aqui é o nosso carro. E o sol aparece e depois a lua aparece e depois as flores. Entendeu?

– Acho que sim – respondeu Elizabeth. – É uma história sazonal.

– Não – disse Mad. – É a história da minha vida.

Elizabeth assentiu, fingindo ter entendido. Um cortador de grama?

– E o que é essa parte aqui? – perguntou Elizabeth, apontando para a espiral que dominava o desenho.

– É o poço da morte – respondeu Mad.

Elizabeth arregalou os olhos de preocupação.

– E isso? – Ela apontou para uma série de linhas diagonais. – Chuva?

– Lágrimas – respondeu Mad.

Elizabeth se ajoelhou, para ficar da mesma altura de Mad ao olhá-la.

– Você está triste, querida?

Mad envolveu o rosto da mãe com as mãozinhas sujas de giz.

– Não. Mas você está.

DEPOIS QUE MAD FOI BRINCAR do lado de fora, Harriet disse algo como “criança fala cada uma...”, mas Elizabeth fingiu não ouvir. Ela sabia que a filha conseguia lê-la como se fosse um livro. Ela já havia notado que Mad tinha a

capacidade de captar coisas que todo mundo queria esconder: “Harriet nunca se apaixonou”, dissera ela durante o jantar na semana anterior, a troco de nada; “Seis e Meia ainda se sente responsável”, falara com um suspiro no café da manhã; “O Dr. Mason está cansado das vaginas”, comentara na hora de dormir.

– Não estou triste, Harriet – mentiu Elizabeth. – Na verdade, eu tenho uma ótima notícia. O Instituto Hastings me ofereceu um emprego.

– Um emprego? – repetiu Harriet. – Mas você já tem um emprego que te deixa trabalhar, criar a Mad, levar o Seis e Meia para passear, realizar sua pesquisa e remar. Quantas mulheres conseguem isso?

Nenhuma, pensou Elizabeth, incluindo a si mesma. A agenda apertada estava matando Elizabeth, a falta de renda ameaçava a família, a autoestima tinha descido a um nível mais baixo do que nunca.

– Não gostei disso – comentou Harriet, infeliz por causa da escola, que ia roubar o propósito dela. – Depois da maneira como trataram você e o Sr. Evans? Já é horrível você se submeter a todos aqueles idiotas que vêm aqui.

– A ciência é igual a qualquer outra área – disse Elizabeth. – Algumas pessoas são melhores do que outras.

– É exatamente isso que eu quero dizer – disse Harriet. – De todas as áreas, não é a ciência que deveria conseguir descartar os incompetentes intelectuais? Não era essa a teoria de Darwin? Que os mais fracos acabariam desaparecendo? – Mas ela percebeu que Elizabeth não estava ouvindo.

– COMO ESTÁ O BEBÊ? – perguntara Donatti, pegando-a pelo braço e levando-a até o escritório. Ele olhou para baixo, surpreso ao ver que os dedos dela estavam enfaixados do mesmo jeito de quando ela fora embora.

Elizabeth disse alguma coisa em resposta, mas Donatti estava ocupado demais calculando o próximo passo para prestar atenção. Nos últimos anos gloriosos, ele tinha ficado livre da dupla Zott-Evans e, por isso, as coisas tinham melhorado. Não em termos de inovações de verdade, mas as coisas vinham funcionando bem. Até aquele idiota, Boryweitz, parecia ter adquirido um cérebro maior. Era quase como se Evans tivesse que morrer e

Elizabeth tivesse que sair para permitir que os outros químicos desabrochassem.

No entanto, ele tinha um grande problema. O investidor endinheirado estava de volta. Ele queria saber que diabos o Sr. Zott estava fazendo com o dinheiro dele esse tempo todo. Onde estavam os artigos? As descobertas? Os resultados?

Ele olhou pela janela enquanto Elizabeth tagarelava sobre uma reação inesperada de íons positivos. Deus, como a ciência era chata. Ele tossiu, tentando disfarçar a falta de atenção. Já estava quase na hora do coquetel; ele poderia sair em poucos minutos. Lembrou-se de muito tempo atrás, na faculdade, quando alguém o elogiou por causa de seus martinis extrassecos. E de repente ele teve a ideia: por que não ser um barman? Ele adorava beber; era bom nisso. Suas misturas deixavam as pessoas felizes, ou seja, embriagadas. Além do mais, a mixologia tinha um quê de ciência. Qual era a desvantagem? O salário?

Falando em salários, ele não tinha espaço no orçamento para contratar a Srta. Zott. Mas tinha que fazer isso: ele precisava dela porque o investidor precisava dela. Ou melhor, o investidor precisava *dele*, o Sr. Zott, e da porra da abiogênese. Para falar a verdade, a coisa toda estava ficando meio complicada. Ele vinha evitando as ligações do homem havia meses. Por fim, ficou tão desesperado que perguntou à equipe se alguém tinha feito alguma pesquisa que chegasse perto do tópico. Adivinhem quem levantou a mão? Boryweitz.

O único problema era que Boryweitz não sabia explicar a própria pesquisa. Foi quando Donatti ficou desconfiado e Boryweitz revelou que tinha esbarrado em Elizabeth por acaso e os dois tinham conversado sobre abiogênese e... que coincidência! Os resultados de ambos eram semelhantes.

– QUERO DEIXAR REGISTRADO QUE aceitar um emprego no Instituto Hastings é um grande erro – disse Harriet, enxugando as xícaras de café.

– A segunda vez é melhor – insistiu Elizabeth.

Um erro de lógica, pensou Seis e Meia.

CAPÍTULO 21

E.Z.

O Departamento de Química comemorou o retorno de Elizabeth com um novo jaleco.

– Um presente de todos nós – disse Donatti. – Para mostrar como sentimos sua falta.

Surpresa com o gesto, ela aceitou com entusiasmo, vestindo o jaleco em meio a aplausos dispersos seguidos por algumas gargalhadas. Ela olhou para o monograma em cima do bolso. Onde antes estava escrito “E. Zott”, agora só havia “E.Z.”.

– Gostou? – perguntou o Dr. Donatti, piscando. – Por falar nisso – ele fez um sinal com o dedo, indicando que ela o seguisse até o escritório dele –, um passarinho me contou que a senhorita ainda está fazendo pesquisas na área da abiogênese.

Elizabeth recuou. Ela não tinha contado a ninguém sobre a própria pesquisa. A única pessoa que talvez pudesse saber era Boryweitz e só porque, na última vez em que ele aparecera, Mad tinha acordado de um cochilo e, quando ela voltou, encontrou Boryweitz sentado à mesa, vasculhando seus arquivos.

– O que você está *fazendo*? – perguntara ela, chocada.

– Nada, Srta. Zott – respondera ele, obviamente magoado pelo tom de voz de Elizabeth.

– EU TAMBÉM TENHO UM TEXTO que está para sair – disse Donatti, se acomodando atrás da mesa. – Vai ser publicado nos *Cadernos de Ciência* em breve.

– Qual é o assunto?

– Nada bombástico – respondeu ele, dando de ombros. – É sobre RNA. Sabe como é: a gente tem que mostrar serviço de vez em quando ou pagar o preço na esfera profissional. Mas estou interessado na sua pesquisa. Quando vou poder ler seu artigo?

– Ainda preciso me concentrar em algumas coisas que faltam – respondeu ela. – Se eu puder me concentrar só nisso, sem nenhuma distração nas próximas seis semanas, devo conseguir alguma coisa para você.

– Se concentrar só no *seu* trabalho? – disse ele, surpreso. – Isso me parece coisa de Calvin Evans, não acha?

À menção do nome de Calvin, o rosto de Elizabeth ficou paralisado.

– Tenho certeza de que você se lembra que este departamento não funciona assim – falou Donatti. – Aqui nós ajudamos uns aos outros. Somos uma equipe. Como guarnições – zombou ele. Sem querer, tinha ouvido ela contar a um dos outros químicos que ela continuava remando. Bem, talvez, se ela *não estivesse* remando, poderia ter avançado mais na própria pesquisa. Se bem que ele já tinha avaliado os arquivos que Elizabeth levara e ficara chocado ao perceber que a pesquisa tinha ido muito além do que Boryweitz parecia perceber. O homem era um idiota.

– Tome – disse Donatti, entregando-lhe uma enorme pilha de papéis. – Comece datilografando isso. Ah, e estamos com pouco café na despensa. E converse com cada um dos seus colegas... pergunte de qual suporte eles estão precisando.

– Suporte? – perguntou Elizabeth. – Mas eu sou química, não técnica de laboratório.

– Não, você é técnica de laboratório – disse Donatti com firmeza. – Você esteve fora do jogo por um tempo. Com certeza não achou que podia entrar aqui e conseguir seu antigo emprego de volta, não depois de ficar anos sem fazer nada. Mas vamos combinar o seguinte: se esforce bastante e vamos ver.

- Mas não foi isso que combinamos.
- *Relaxe*, Delícia – disse ele com a voz arrastada. – Não é...
- *Do que foi* que o senhor me chamou?

Mas, antes que ele pudesse responder, a secretária lembrou a ele de uma reunião.

- Olhe – disse ele, se virando de novo para Elizabeth –, você teve privilégios quando Evans estava aqui e muita gente não te perdoou por isso. Dessa vez, porém, vamos garantir que todo mundo saiba que você conquistou o seu posto. Você é uma garota esperta, Lizzie. Tudo é possível.

- Mas eu estava contando com o salário de química, Dr. Donatti. Não posso sobreviver financeiramente como técnica de laboratório. Tenho uma filha para sustentar.

- Quanto a isso – disse ele, acenando a mão –, tenho boas notícias. Pedi ao instituto para financiar a continuação dos seus estudos.

- Sério? – reagiu ela, atônita. – O Hastings pagaria pelo meu doutorado?

Donatti se levantou, alongando os braços acima da cabeça como se tivesse acabado de se exercitar.

- Não – respondeu ele. – O que eu quis dizer é que você pode se beneficiar de aulas de estenografia, ditado. Descobri um curso por correspondência – comentou, entregando um folheto a ela. – E o bom é que você pode fazer em casa, no seu tempo livre.

COM O CORAÇÃO DISPARADO NO PEITO, Elizabeth voltou à sua mesa, jogou as pastas ali e foi direto para o banheiro feminino, onde escolheu a cabine mais distante da porta e se trancou lá dentro. Harriet estava certa. *O que ela havia feito?* Mas, antes que pudesse começar a refletir sobre o problema, um som de pancada veio da cabine ao lado.

- Olá? – chamou Elizabeth.

As pancadas pararam.

- Olá? – tentou Elizabeth de novo. – Está tudo bem?

- Não é da sua conta – disparou uma voz.

Elizabeth hesitou e depois tentou mais uma vez.

- Precisa de alguma...
- Você é surda? Me deixe em paz, droga!

Ela fez uma pausa. A voz era familiar.

– Srta. Frask? – perguntou, visualizando a secretária do departamento de pessoal que a tinha torturado por causa da morte de Calvin anos antes. – É você?

- Quem quer saber, diabos? – respondeu a voz beligerante.
- Elizabeth Zott. Química.
- Meu Deus! Logo a Srta. Zott. – Houve um longo momento de silêncio.

A SRTA. FRASK, AGORA COM 33 anos, que, nos quatro anos anteriores, seguira todos os passos que prometessem uma promoção – desde supervalorizar os benefícios do instituto até espionar departamentos específicos, passando por criar uma coluna de fofocas interna chamada “Você ouviu aqui primeiro” –, ainda não tinha sido promovida. Na verdade, agora ela estava subordinada a alguém que tinha acabado de ser admitido: um rapaz de 21 anos recém-saído da universidade, sem nenhuma habilidade distinta além de criar correntes com cliques. Quanto a Eddie – o geólogo com quem ela dormira para provar que era uma mulher para casar –, ele a abandonara dois anos antes para ficar com uma virgem.

O tapa na cara do dia fora: o novo chefinho tinha dado a ela um plano de sete pontos para melhoria. Item um: perder dez quilos.

– Quer dizer que você voltou mesmo – disse a Srta. Frask da cabine. – Como o filho pródigo.

- Como é?
- Trouxe o cachorro também?
- Não.
- Quer dizer que você começou a seguir as regras?
- Meu cachorro está ocupado todas as tardes.

– Seu cachorro está *ocupado* todas as tardes. – A Srta. Frask revirou os olhos.

- Ele pega a minha filha na escola.

A Srta. Frask se ajeitou no assento. É verdade, a Srta. Zott teve um bebê.

– É uma menina?

– É.

A Srta. Frask girou o rolo de papel higiênico.

– Lamento ouvir isso.

Em sua cabine, Elizabeth analisou a cerâmica do piso. Ela sabia muito bem do que a Srta. Frask estava falando. No primeiro dia de Mad na escola, ela assistira horrorizada enquanto a professora, uma mulher de olhos inchados e com um permanente fedorento no cabelo, tentava espetar uma flor cor-de-rosa na blusa de Mad com os dizeres O ABC É DIVERTIDO.

– Posso pegar a flor azul em vez da rosa? – perguntara Madeline.

– Não – respondera a professora. – A azul é para os meninos e a rosa é para as meninas.

– Não é, não – replicara Madeline.

A professora, uma tal de Sra. Mudford, ergueu o olhar de Madeline para Elizabeth, analisando a mãe bonita demais como se quisesse identificar a origem do mau comportamento. Ela deu uma olhada no dedo sem aliança de Elizabeth. Bingo.

– ENTÃO, O QUE TRAZ VOCÊ de volta ao Hastings? – perguntou a Srta. Frask. – Procurando um novo gênio?

– A abiogênese.

– Ah, certo – zombou ela. – A mesma história de sempre. Ouvi falar que o investidor tinha voltado e shazam! Você apareceu. Vou te falar uma coisa: você é previsível. Pelo menos está caçando um homem mais rico dessa vez. Mas, cá entre nós, ele não é um pouco velho demais?

– Não estou entendendo.

– Não precisa ter vergonha.

Elizabeth retesou a mandíbula.

– Eu nem saberia como começar.

A Srta. Frask pensou um pouco. Verdade. A Srta. Zott não era do tipo envergonhado. Ela era obtusa, distraída, como naquele dia em que a Srta.

Frask teve que explicar que Calvin tinha deixado um presente de despedida para ela, um presente que agora (como era possível?) já estava na escola, onde era o cachorro que ia buscá-la. Sério?

– O homem – disse a Srta. Frask – que fez uma doação gigantesca ao Hastings para financiar a abiogênese com base no seu trabalho? Ou melhor, no trabalho do Sr. E. Zott.

– Do que você está falando?

– Você sabe muito bem! De qualquer modo, o ricaço voltou e, Deus do céu, *você também*. Acho que você é a única mulher, entre os três mil funcionários do instituto, que não trabalha como secretária. Não consigo imaginar como *isso* pode ter acontecido. E, ainda assim, você tentou se passar por um homem. Tem algum nível ao qual você não vai se rebaixar? Aliás, sabe por que o instituto diz que as mulheres não são um bom investimento? Porque estamos sempre fugindo e tendo filhos. Como *você* fez.

– Eu fui *demitida* – rebateu Elizabeth, a voz se enchendo de fúria. – Graças, em parte, a mulheres como você – vociferou ela –, mulheres que bajulam...

– Eu não bajulo...

– Que se alinham...

– Eu não me alinho...

– Que parecem pensar que seu valor tem a ver com o que um homem...

– Como se atreve...

– Não! – gritou Elizabeth, esmurrando a fina chapa de metal que separava as duas. – Como *você* se atreve? Que audácia! – Ela se levantou, abriu a porta da cabine e foi até a pia a passos fortes, girando a torneira com tanta força que saiu na mão dela. A água jorrou, encharcando o jaleco. – Droga! – gritou ela. – Droga!

– Ai, Jesus – disse a Srta. Frask se materializando ao lado dela. – Deixe que eu cuide disso.

Ela empurrou Elizabeth para a esquerda, depois se agachou e fechou o registro de água embaixo da pia. Quando se levantou, as duas mulheres se encararam.

– Eu nunca fingi ser homem, Srta. Frask! – gritou Elizabeth enquanto tentava enxugar o jaleco com uma toalha de papel.

– E eu não sou bajuladora!

– Eu sou química. Não uma *mulher* química. Uma *química*. E muito boa, droga!

– Bom, eu sou especialista em recursos humanos! Quase uma psicóloga – gritou a Srta. Frask.

– *Quase* uma psicóloga?

– Cale a boca.

– Não, é sério – disse Elizabeth. – *Quase!*

– Eu não tive a oportunidade de terminar meus estudos, entendeu? E você? Por que você não é ph.D.? – retrucou a Srta. Frask.

Elizabeth se enrijeceu e, sem querer, revelou um fato sobre si mesma que nunca tinha dito a ninguém além do policial.

– Porque fui estuprada pelo meu orientador e depois expulsa do programa de doutorado – contou. – *E você?*

A Srta. Frask a fitou de volta, chocada.

– A mesma coisa – respondeu, hesitante.

CAPÍTULO 22

○ presente

– Como foi o primeiro dia? – perguntou Harriet assim que Elizabeth chegou em casa.

– Bom – mentiu Elizabeth. – Mad – chamou ela, se curvando para pegar a filha no colo. – Como foi a escola? Se divertiu lá? Aprendeu alguma coisa nova?

– Não.

– Claro que aprendeu – insistiu a mãe. – Me conte.

Madeline baixou o livro.

– Bem. Algumas das crianças têm incontinência.

– Meu Deus – disse Harriet.

– Elas só devem estar nervosas – disse Elizabeth, acariciando o cabelo de Madeline. – Começar uma coisa nova pode ser difícil.

– Tem mais uma coisa – disse Madeline. – A Sra. Mudford quer te ver. – Ela mostrou um bilhete.

– Ótimo – disse Elizabeth. – É isso que professores proativos fazem.

– O que é proativo? – perguntou Madeline.

– Encrenca – resmungou Harriet.

ELIZABETH SE DIRIGIU AO departamento de pessoal algumas semanas depois.

– Você pode me dar informações sobre aquele investidor? – perguntou

Elizabeth à Srta. Frask. – Qualquer coisa que você tiver.

– Por que não? – disse a Srta. Frask ao puxar uma pasta fina da contabilidade com o selo CONFIDENCIAL. – Eu ganhei um quilo na semana passada.

– Não tem mais nada? – perguntou Elizabeth examinando a pasta. – Não há nada aqui.

– Você sabe como são os ricos. Reservados. Mas por que não almoçamos juntas na semana que vem? Assim eu vou ter mais tempo para vasculhar os arquivos.

Mas, quando a semana seguinte chegou, a única coisa que a Srta. Frask fez foi levar um sanduíche.

– Não consegui encontrar nada – admitiu ela. – O que é estranho, com toda a comoção causada pela última visita do homem. Provavelmente isso significa que ele resolveu levar o dinheiro para outro lugar; acontece o tempo todo. Aliás, como está indo o trabalho de técnica de laboratório? Já chegou ao ponto de querer se matar?

– Como você sabe disso? – perguntou Elizabeth enquanto uma veia na têmpora começava a latejar.

– Sou do departamento de pessoal, lembra? Sabemos de tudo, vemos tudo. Ou, no meu caso, eu sabia de tudo, via tudo.

– O que você quer dizer?

– Agora foi minha vez de ser demitida – explicou a Srta. Frask de forma casual. – Saio na próxima sexta-feira.

– O quê? *Por quê?*

– Lembra do meu plano de sete pontos para melhoria? Perder dez quilos? Eu ganhei três.

– Você não pode ser demitida por ganhar peso – disse Elizabeth. – Isso é ilegal.

A Srta. Frask se inclinou para perto e apertou o braço de Elizabeth.

– Caramba, quer saber de uma coisa? Eu nunca me canso da sua ingenuidade.

– Estou falando sério – reforçou Elizabeth. – Você tem que lutar. Não pode deixar que eles façam isso.

– Bem – disse a Srta. Frask, com a expressão séria –, como profissional de recursos humanos, eu sempre defendo uma conversa sincera com o chefe. Salientar as realizações da pessoa; se concentrar nos impactos futuros na vida dela.

– É isso mesmo.

– Eu estou brincando – explicou a Srta. Frask. – Isso nunca funciona. De qualquer modo, não se preocupe; eu já tenho um monte de empregos temporários de datilógrafa pela frente. Mas, antes de ir embora, tenho um presentinho para você. Uma coisa para compensar toda a tristeza que eu causei depois que o Sr. Evans morreu. Por que você não se encontra comigo na sexta-feira no elevador sul? Quatro horas. Eu prometo que você não vai se decepcionar.

– VAMOS SEGUIR POR ESSE CORREDOR – instruiu a Srta. Frask quando chegou a tarde de sexta-feira. – Cuidado onde pisa. Um monte de ratos fugiu do laboratório de biologia. – Juntas, Elizabeth e ela pegaram o elevador até o porão e depois seguiram por um longo corredor até alcançarem uma porta identificada com ENTRADA PROIBIDA. – Chegamos – disse a Srta. Frask, toda alegre.

– Que lugar é esse? – perguntou Elizabeth, encarando uma fila de portinhas de metal rotuladas com números de um a 99.

– Depósito – respondeu Frask, pegando um molho de chaves. – Você tem carro, não tem? E um porta-malas grande e vazio? – Ela procurou entre as chaves até encontrar a número 41, inseriu-a no cadeado e convidou Elizabeth a dar uma olhada lá dentro.

A pesquisa de Calvin. Encaixotada e selada.

– Podemos usar esse carrinho de armazém – disse a Srta. Frask, puxando um carrinho. – São oito caixas no total. Mas temos que ser rápidas, porque preciso devolver as chaves até as cinco horas.

– Isso é permitido?

A Srta. Frask pegou a primeira caixa.

– Isso importa?

CAPÍTULO 23

Estúdio da KCTV

UM MÊS DEPOIS

Walter Pine trabalhava na televisão quase desde os primórdios. Ele gostava da ideia da televisão – o modo como prometia às pessoas uma fuga da rotina diária. Foi por isso que ele a escolheu – porque quem não queria fugir da realidade? Ele queria.

Mas, conforme os anos passavam, Pine começou a se sentir como o prisioneiro que sempre era designado para cavar o túnel da fuga. No fim das contas, quando os outros prisioneiros saíam correndo por cima dele rumo à liberdade, ele ficava para trás com a colher.

Ainda assim, ele persistia pelo mesmo motivo que as outras pessoas persistem: ele tinha uma filha. Era o pai solo de Amanda, seis anos, aluna do jardim de infância da Escola Primária Woody e a luz da vida dele. Ele faria qualquer coisa por aquela criança. E isso incluía ser intimidado todos os dias pelo chefe, que nos últimos tempos vinha ameaçando demiti-lo se ele não aparecesse logo com alguma coisa que preenchesse aquele espaço vazio na programação vespertina.

Walter pegou um lenço e assoou o nariz, olhando para o lenço logo depois, como se quisesse ver o que havia nele.

Catarro. Nenhuma surpresa.

Uma mulher tinha ido vê-lo alguns dias antes – Elizabeth Zott, mãe de... ele não conseguia se lembrar o nome da criança. Segundo a mulher,

Amanda estava causando alguns problemas. Nenhuma surpresa; a professora, a Sra. Mudford, dizia que Amanda estava sempre causando problemas. Ele se recusava a acreditar nisso. Sim, Amanda era um pouco ansiosa como ele, um pouco acima do peso como ele, um pouco ávida para agradar as pessoas como ele, mas sabe o que Amanda também era? Uma criança *boa*. E crianças boas, assim como adultos bons, eram raras.

Sabe o que também era raro? Uma mulher como Elizabeth Zott. Ele não conseguia parar de pensar nela.

– ATÉ QUE ENFIM – falou Harriet, secando as mãos no vestido quando Elizabeth entrou pela porta dos fundos. – Eu estava começando a ficar preocupada.

– Desculpe – disse ela, tentando disfarçar a raiva no tom de voz. – Aconteceu uma coisa no trabalho. – Ela largou a bolsa e afundou em uma cadeira.

Tinha voltado a trabalhar no Instituto Hastings havia dois meses, e o estresse do subemprego estava acabando com ela. Elizabeth sabia que pessoas com cargos de muito estresse costumavam ansiar por um serviço mais simples – alguma coisa que não exigisse coração nem cérebro, algo que não minasse ânimos às três da madrugada. Mas ela descobriu que o subemprego era pior. Não só o contracheque refletia seu status humilde, como seu cérebro também doía com a inatividade. E, ainda assim, apesar de seus colegas saberem que ela era intelectualmente muito superior a eles, esperava-se que ela comemorasse cada pequena realização que eles alcançavam.

Mas a realização de hoje não tinha sido pequena. Tinha sido grande. A última edição do *Cadernos de Ciência* tinha saído e o artigo de Donatti estava lá.

“NADA BOMBÁSTICO.” Foi assim que Donatti descreveu seu artigo poucos meses antes. Mas a pesquisa *era* bombástica e ela sabia disso. Porque a

pesquisa era dela.

Elizabeth leu o artigo duas vezes só para ter certeza. Na primeira vez, devagar. Mas, na segunda, ela disparou até a pressão sanguínea saltar nas veias como uma mangueira de incêndio desenfreada. O artigo era um roubo direto dos arquivos dela. E adivinhem quem aparecia como coautor.

Ela ergueu a cabeça e viu Boryweitz olhando para ela. Ele ficou pálido e baixou o olhar.

– Tente compreender! – gritou Boryweitz quando ela bateu o periódico com força na mesa dele. – Eu preciso desse emprego!

– Todos nós precisamos do emprego. – Elizabeth estava fervendo de raiva. – O problema é que você nunca fez o seu trabalho.

Boryweitz a encarava de baixo para cima, com os olhos de lêmure implorando por misericórdia, mas tudo que viu foi uma onda maligna começando a ganhar força, com uma energia desconhecida cuja verdadeira potência ainda não tinha sido testada.

– Me desculpe – implorou ele. – Sinto muito mesmo. Eu não fazia a menor ideia de que Donatti chegaria a esse ponto. Ele tirou uma cópia de todos os seus arquivos no primeiro dia que você voltou, mas eu achei que era para se familiarizar com o nosso trabalho.

– *Nosso trabalho?* – Ela conseguiu se conter para não estender as mãos e quebrar o pescoço dele. – Eu cuido de você mais tarde – prometeu.

Ela deu meia-volta e saiu marchando pelo corredor em direção ao escritório de Donatti, mal parando para empurrar um microbiologista para fora do caminho.

– Você é um mentiroso e um traidor, Donatti – acusou ela, irrompendo na sala do chefe. – E eu juro: você não vai se safar dessa.

Donatti ergueu o olhar.

– Elizabeth Zott! – exclamou. – Que prazer em vê-la!

Ele se recostou, observando a fúria dela com uma espécie de prazer. Esse era o tipo de coisa que com certeza teria feito Evans se demitir. Se ao menos ele estivesse vivo para ver – mas não, Evans estragou o momento por já estar morto.

Ele escutava Elizabeth xingar sobre o roubo, tudo entrando por um

ouvido e saindo pelo outro. O investidor tinha ligado mais cedo para parabenizar Donatti pelo trabalho dele e soltou promessas de enviar mais dinheiro. Também perguntou sobre Zott – se ele tivera alguma participação na pesquisa. Donatti tinha respondido que não. Infelizmente, o Sr. Zott tinha provado que era um fiasco; na verdade, ele tinha sido rebaixado. O investidor suspirou, como se estivesse decepcionado, e depois perguntou quais eram os passos seguintes de Donatti em relação à abiogênese. Donatti enrolou com algumas palavras complicadas que tinha captado de outras partes da pesquisa de Elizabeth, sobre as quais ele teria que perguntar a ela mais tarde, *depois* que ela se acalmasse e se lembrasse que trabalhava para *ele*. Meu Deus, como era difícil ser chefe. De qualquer modo, não importava o que ele tinha dito, o ricoço parecia ter ficado satisfeito.

Mas Elizabeth tinha que aparecer para estragar tudo, fazendo a única coisa que nenhum dos dois podia se dar ao luxo de deixar acontecer.

– Tome – disse ela, largando a chave do laboratório no café de Donatti. – Pode ficar com seu maldito emprego. – Depois, jogou o crachá na lixeira e o jaleco no meio da mesa e saiu como um furacão, levando consigo todas aquelas palavras complicadas.

– VOCÊ RECEBEU QUATRO LIGAÇÕES – avisou Harriet. – A primeira foi sobre incluir sua família nas pesquisas da Nielsen. As outras três de um tal Walter Pine. Ele pediu que você ligasse de volta. Disse que é urgente. Ele explicou que vocês tiveram uma conversa agradável sobre comida. Ou não, não, desculpe, sobre *almoço* – corrigiu ela, tornando a verificar as anotações. – Ele parecia ansioso – completou, erguendo o olhar. – Profissionalmente ansioso. Como uma pessoa bem-educada, mas tensa.

– Walter Pine – disse Elizabeth, cerrando os dentes – é o pai da Amanda Pine. Fui até o escritório dele há alguns dias para falar do problema com o almoço das crianças.

– Como foi a conversa?

– Foi mais um confronto.

– Violento, espero.

– Mamãe? – chamou uma voz, aparecendo na porta.

– Oi, coelhinha – disse Elizabeth, tentando parecer calma enquanto abraçava a filha desengonçada. – Como foi a escola?

– Fiz um nó de porco – respondeu Madeline, segurando uma corda. – Na hora das novidades.

– E o pessoal gostou?

– Não.

– Tudo bem – Elizabeth a puxou para perto. – As pessoas nem sempre gostam do que a gente gosta.

– Ninguém nunca gosta das minhas novidades.

– Crianças idiotas – murmurou Harriet.

– Eles não gostaram daquela ponta de flecha que você levou?

– Não.

– Bem, na semana que vem, que tal levar a tabela periódica? É uma coisa que sempre agrada todo mundo.

– Ou você podia mostrar a minha faca de defesa pessoal – sugeriu Harriet. – E aí todo mundo vai te conhecer bem.

– Que horas é o jantar? – perguntou Madeline. – Estou com fome.

– Coloquei uma das suas travessas no forno – disse Harriet para Elizabeth enquanto se arrastava para a porta. – Preciso alimentar a fera. Retorne a ligação de Pine.

– Você *ligou* para Amanda Pine? – Madeline engoliu em seco.

– Para o pai dela – respondeu Elizabeth. – Eu te contei. Fui ao trabalho dele três dias atrás e resolvi o problema do almoço. Acho que ele entendeu nosso argumento, e tenho certeza de que Amanda nunca mais vai roubar o seu almoço. Roubar é *errado* – vociferou, pensando em Donatti e no artigo. – *Errado!* – Madeline e Harriet levaram um susto.

– Ela... ela leva almoço, mamãe – disse Madeline com cuidado. – Só que não é normal.

– Isso não é problema nosso.

Madeline olhou para a mãe como se ela não estivesse entendendo direito.

– Você precisa comer seu próprio almoço, coelhinha – disse Elizabeth,

mais calma. – Para crescer e ficar alta.

– Mas eu já sou alta – reclamou Madeline. – Alta demais.

– Ninguém é alta demais – observou Harriet.

– Robert Wadlow *morreu* porque era alto demais – retrucou Madeline, dando um tapinha na capa do livro *Guinness World Records*.

– Mas foi uma disfunção da glândula pituitária, Mad – argumentou Elizabeth.

– Dois metros e setenta e quatro de altura! – enfatizou Madeline.

– Coitado – disse Harriet. – Onde é que uma pessoa assim compra roupas?

– Ser alto demais *mata* – disse Madeline.

– Sim, mas tudo mata, no fim das contas – argumentou Harriet. – É por isso que todo mundo acaba morrendo um dia, querida. – Mas, quando reparou a boca entreaberta de Elizabeth e o abatimento de Madeline, ela logo se arrependeu das palavras. Então abriu a porta dos fundos. – Eu te vejo amanhã de manhã, antes do remo – disse para Elizabeth. – E vejo você, Mad, quando você acordar.

Esse era o esquema que Elizabeth e ela tinham programado desde que Elizabeth tinha voltado a trabalhar. Harriet levava Mad para a escola, Seis e Meia a buscava e Harriet tomava conta de Mad até Elizabeth voltar para casa.

– Ah, já ia me esquecendo. – Ela pegou um pedaço de papel no bolso. – Você recebeu mais um bilhete. – Ela lançou um olhar expressivo para Elizabeth. – De você-sabe-quem.

DA SRA. MUDFORD.

Elizabeth já sabia que a Sra. Mudford não gostava de Madeline. Não gostava do fato de Mad saber ler nem de como ela conseguia chutar uma bola nem de como conhecia uma série de nós de marinheiro complicados – uma habilidade que ela praticava com frequência, inclusive no escuro, na chuva, sem ajuda, por precaução.

– Que precaução, Mad? – tinha perguntado Elizabeth certa vez, depois

de encontrar a criança encolhida no lado de fora à noite, coberta por uma lona, a chuva caindo em todas as direções, com um pedaço de corda nas mãos.

Mad erguera o olhar para a mãe, surpresa. Não era óbvio que “por precaução” não era uma opção, mas a única opção? A vida exigia prontidão; bastava perguntar ao falecido pai dela.

Se bem que, para ser sincera, se ela pudesse perguntar alguma coisa ao falecido pai, teria sido como ele se sentiu na primeira vez em que viu a mãe dela. Foi amor à primeira vista?

OS EX-COLEGAS DE CALVIN também tinham perguntas para ele: como conseguiu ganhar tantos prêmios quando sempre parecia não estar fazendo nada? E como era o sexo com Elizabeth Zott? Ela parecia frígida – era mesmo? Até a professora de Madeline, a Sra. Mudford, tinha perguntas para o ausente Calvin Evans. Mas era óbvio que perguntar qualquer coisa ao pai de Madeline estava fora de cogitação, não só porque ele estava morto, mas porque, em 1959, os pais não tinham nada a ver com a educação dos filhos.

O pai de Amanda Pine era uma exceção, mas só porque não existia mais uma Sra. Pine. Ela o deixara (e fizera muito bem, como acreditava a Sra. Mudford), e depois se seguiu um divórcio escancarado e cheio de rumores, no qual ela alegava que Walter Pine, muito mais velho, não servia para ser pai, muito menos marido de alguém. Houve uma conotação sexual constrangedora na coisa toda; a Sra. Mudford não gostava de pensar nos pormenores. Mas, por causa disso, a Sra. Walter Pine acabou levando tudo que Walter Pine tinha, inclusive Amanda, que, como ficou claro depois, ela não queria de verdade. E quem podia culpá-la? A menina não era uma criança fácil. No fim, Amanda voltou para Walter e Walter foi até a escola, onde a Sra. Mudford foi obrigada a escutar as desculpas esfarrapadas em relação ao conteúdo dos almoços bem incomuns de Amanda.

Mesmo assim, embora as reuniões com Walter Pine fossem irritantes, não eram nada em comparação com as reuniões com Zott. Não era muita sorte que os dois pais de quem ela menos gostava fossem os que ela mais

via? Se bem que, na verdade, era assim que funcionava. Os problemas comportamentais das crianças começavam em casa. Ainda assim, se ela tivesse que escolher entre Amanda Pine, ladra de almoços, e Madeline Zott, que fazia perguntas inconvenientes, ela optaria por Amanda sem hesitar.

– MADELINE FAZ PERGUNTAS INCONVENIENTES? – indagou Elizabeth, assustada, na última reunião que tiveram.

– Faz, sim – respondeu a Sra. Mudford com firmeza, pinçando fiapos da manga da própria blusa como uma aranha atacando sua presa. – Por exemplo, ontem, na hora da roda, estávamos conversando sobre a tartaruga de estimação do Ralph e a Madeline interrompeu para perguntar como ela poderia lutar pela liberdade em Nashville.

Elizabeth fez uma pausa como se tentasse entender qual era o problema.

– Ela não devia ter interrompido – comentou por fim. – Vou falar com ela.

A Sra. Mudford trincou os dentes.

– A senhora me entendeu mal, Sra. Zott. As crianças costumam interromper; eu consigo lidar com isso. Mas não consigo lidar com uma criança que quer mudar o assunto para direitos civis. Isso é um jardim de infância, não o *Relatório Huntley-Brinkley* nem um noticiário de TV. Além disso, sua filha reclamou há pouco tempo com a nossa bibliotecária que não conseguiu encontrar nenhum livro de Norman Mailer nas nossas estantes. Parece que ela pediu o livro *Os nus e os mortos*. – A professora ergueu uma sobrancelha, os olhos mirando o monograma E.Z., bordado em uma letra cursiva de aparência promíscua sobre o bolso frontal do jaleco.

– Ela aprendeu a ler cedo – disse Elizabeth. – Acho que me esqueci de mencionar isso.

A professora entrelaçou as mãos e depois se inclinou para a frente, parecendo ameaçadora.

– *Norman. Mailer.*

DE VOLTA À COZINHA, Elizabeth desdobrou o bilhete que Harriet tinha lhe dado. Nele, duas palavras berravam na letra de Mudford:

VLADIMIR. NABOKOV.

ELIZABETH COLOCOU UMA PORÇÃO de espaguete à bolonesa no prato de Madeline.

– Tirando a hora das novidades, seu dia foi bom? – Tinha parado de perguntar se a filha tinha aprendido alguma coisa na escola. Não fazia sentido.

– Eu não gosto da escola.

– Por quê?

Madeline ergueu o olhar do prato, desconfiada.

– Ninguém gosta da escola.

Do seu posto embaixo da mesa, Seis e Meia suspirou. Bem, aí estava: a criatura não gostava da escola e, como ele e a criatura concordavam em tudo, agora ele também não gostava da escola.

– Você gostava da escola, mamãe? – perguntou Mad.

– Bem, nós mudávamos muito de cidade, então às vezes não havia uma escola para eu frequentar. Mas eu ia à biblioteca. Mesmo assim, sempre achei que frequentar uma escola de verdade devia ser muito divertido.

– Como quando você foi para a UCLA?

Uma imagem súbita e marcante de Meyers flutuou diante dela.

– Não.

Madeline inclinou a cabeça para o lado.

– Você está bem, mamãe?

Sem perceber, Elizabeth tinha coberto o rosto com as mãos.

– Só estou cansada, coelhinha – disse ela, deixando as palavras escaparem por entre os dedos.

Madeline deixou o garfo de lado e avaliou a postura abalada da mãe.

– Aconteceu alguma coisa, mamãe? – perguntou ela. – No trabalho?

Ainda com as mãos no rosto, Elizabeth refletiu sobre a pergunta da filha.

– Nós somos pobres? – perguntou Madeline, como se essa pergunta se

seguisse naturalmente à anterior.

Elizabeth baixou as mãos.

- Por que você está perguntando isso, querida?
- Tommy Dixon diz que nós somos pobres.
- Quem é Tommy Dixon? – indagou ela de repente.
- Um menino da escola.
- O que *mais* esse Tommy Dixon...
- O papai era pobre?

Elizabeth se encolheu.

A RESPOSTA À PERGUNTA DE MAD estava dentro de uma das caixas que ela e a Srta. Frask tinham roubado do instituto. Bem no fundo da caixa número três havia uma pasta sanfonada com a etiqueta “Remo”. Antes de vasculhar a caixa pela primeira vez, Elizabeth achou que estaria cheia de recortes de jornais registrando as vitórias gloriosas da equipe dele em Cambridge. Mas não; estava ocupada com as ofertas de emprego que Calvin recebera ao sair de Cambridge.

Ela folheou as ofertas com inveja: cátedras em universidades importantes, cargos de direção em empresas farmacêuticas, participações importantes em empresas privadas. Ela revirou a pilha até encontrar a oferta do Instituto Hastings. Lá estava: a promessa de um laboratório particular, embora todos os outros locais também garantissem isso. A única coisa que fazia a oferta do Hastings se destacar das outras? Um salário tão baixo que chegava a ser um insulto. Ela olhou a assinatura. Donatti.

Enquanto enfiava as cartas de volta na caixa, ficou imaginando por que a pasta tinha sido etiquetada como “Remo” já que não havia nada relacionado ao remo ali dentro. Até que ela notou duas anotações a lápis no alto de cada oferta: distância até um clube de remo e precipitação na região. Ela voltou à carta com a oferta do Hastings: sim, as anotações também estavam ali. Mas havia mais uma coisa: um círculo grande e grosso desenhado ao redor do endereço do remetente.

Commons, Califórnia.

– SE O PAPAÍ ERA FAMOSO, nós devíamos ser ricas, não é? – perguntou Mad, enroscando o espaguete no garfo.

– Não, querida. Nem todas as pessoas famosas são ricas.

– Por que não? Elas fizeram alguma besteira?

Ela pensou de novo nas ofertas de emprego. Calvin tinha aceitado a que oferecia a remuneração mais baixa. Quem faz isso?

– Tommy Dixon diz que é fácil ficar rico. Você pinta umas pedras de amarelo e diz que é ouro.

– Tommy Dixon é o que chamamos de trambiqueiro – comentou Elizabeth. – Alguém que planeja um esquema para conseguir o que quer por meios ilegais. – *Como Donatti*, pensou ela, travando a mandíbula.

Ela também pensou em outra pasta que tinha achado nas caixas de Calvin, cheia de cartas de pessoas exatamente como Tommy Dixon – malucos, investidores que oferecem riqueza rápida –, mas também de uma grande variedade de familiares falsos, todos pedindo desesperadamente a ajuda de Calvin: uma meia-irmã, um tio que se afastara havia tempos, uma mãe infeliz, um primo distante.

Ela deu uma olhada rápida nas cartas de familiares falsos, surpresa com a semelhança entre eles. Todos alegavam uma ligação biológica, todos compartilhavam uma lembrança de uma idade da qual ele não conseguiria se lembrar, todos pediam dinheiro. A única exceção era a Mãe Infeliz. Apesar de ela também alegar uma ligação biológica, em vez de pedir dinheiro, ela insistia em oferecer. “Para ajudar na sua pesquisa”, alegava. A Mãe Infeliz escreveu para Calvin pelo menos cinco vezes, implorando que ele respondesse. A forma como ela insistia era bem impiedosa, pensou Elizabeth. Até o Tio Afastado tinha desistido depois de duas tentativas. “Eles me disseram que você tinha morrido”, escrevera a Mãe Infeliz várias vezes. Sério? Se fosse assim, por que ela só tinha escrito para Calvin *depois* de ele ficar famoso, como todos os outros? Elizabeth imaginou que a estratégia da mulher era conquistá-lo e depois roubar a pesquisa dele. E por que Elizabeth achava isso? Porque tinha acabado de acontecer com ela.

– EU NÃO ENTENDI – disse Mad, empurrando um cogumelo para o canto do prato. – Se você é inteligente e trabalha muito, isso não significa que você ganha muito dinheiro?

– Nem sempre. Mesmo assim, tenho certeza de que seu pai poderia ter ganhado mais dinheiro – disse Elizabeth. – Só que ele fez uma escolha diferente. Dinheiro não é tudo.

Mad olhou desconfiada para ela.

O QUE ELIZABETH NÃO CONTOU a Mad foi que ela sabia muito bem por que Calvin tinha aceitado com tanta empolgação a oferta ridícula de Donatti. Mas o motivo era tão sem sentido – tão *idiota* – que ela hesitava em compartilhar. Ela queria que Mad pensasse no pai como um homem racional, que tomava decisões acertadas. Aquilo provava exatamente o contrário.

Ela descobriu isso em uma pasta rotulada “Wakely”, que continha uma série de cartas trocadas entre Calvin e um futuro teólogo. Estava claro que os dois homens nunca tinham se encontrado ao vivo. Mas as inúmeras cartas datilografadas eram fascinantes, e, para sorte dela, a pasta incluía as respostas de Calvin em cópias carbono. Isto era uma coisa que ela sabia sobre Calvin: ele fazia cópia de tudo.

Wakely, que frequentava a Harvard Divinity School na mesma época em que Calvin estudava em Cambridge, parecia estar lutando contra a própria fé com base na ciência em geral e na pesquisa de Calvin em específico. De acordo com as cartas, ele tinha participado de um simpósio em que Calvin falara brevemente e, por isso, decidiu escrever para ele.

“Caro Sr. Evans, eu quis entrar em contato com o senhor depois de assistir a sua breve intervenção no simpósio de ciências em Boston na semana passada. Eu gostaria de conversar sobre o seu artigo recente ‘A geração espontânea de moléculas orgânicas complexas’”, escrevera Wakely na primeira carta. “Especificamente, eu gostaria de perguntar: o senhor não acha possível acreditar em Deus e na ciência?”

“Claro”, respondera Calvin. “Isso se chama desonestidade intelectual.”

A petulância de Calvin costumava aborrecer muita gente, mas não pareceu inquietar o jovem Wakely. Ele respondeu imediatamente.

“Mas o senhor há de convir que o campo da química não existiria se não fosse criado por um químico – um *mestre* da química”, argumentou Wakely na carta seguinte. “Do mesmo jeito que uma pintura não pode existir até ser criada por um artista.”

“Eu lido com fatos baseados em provas, não em conjecturas”, respondeu Calvin com a mesma rapidez. “Por isso, sua teoria do mestre da química é uma bobagem. Aliás, percebi que o senhor estuda em Harvard. O senhor é remador? Eu remo por Cambridge. Bolsa de estudos integral por causa do remo.”

“Eu não remo”, escreveu Wakely. “Mas adoro a água. Sou surfista. Cresci em Commons, Califórnia. Já estive na Califórnia? Se não estive, deveria ir. Commons é linda. O melhor clima do mundo. Tem um pessoal lá que também rema.”

ELIZABETH SE SENTOU NOS CALCANHARES. Ela se lembrava de como Calvin tinha feito um círculo chamativo em volta do endereço do remetente no envelope da oferta de emprego do Hastings. *Commons, Califórnia*. Quer dizer que ele tinha aceitado a oferta ultrajante de Donatti não para alavancar a própria carreira, mas para remar? Graças à previsão do tempo feita por um surfista religioso? *O melhor clima do mundo*. Sério? Ela começou a ler a carta seguinte.

“O SENHOR SEMPRE QUIS SER PASTOR?”, perguntou Calvin.

“Venho de uma longa linhagem de pastores”, respondeu Wakely. “Está no meu sangue.”

“O sangue não funciona assim”, corrigiu Calvin. “Aliás, eu estava para perguntar: por que você acha que tanta gente acredita em textos escritos milhares de anos atrás? E por que parece que, quanto mais sobrenatural, improvável, não comprovável e antiga a fonte desses textos, mais as pessoas

acreditam?”

“Os seres humanos precisam de conforto”, respondeu Wakely. “Precisam saber que outros sobreviveram em tempos difíceis. E, ao contrário de outras espécies, que aprendem com os próprios erros, os seres humanos necessitam de constantes ameaças e lembretes para serem boas pessoas. Conhece aquela máxima ‘As pessoas nunca aprendem’? É porque nunca aprendem mesmo. Mas os textos religiosos tentam mantê-las nos trilhos.”

“Mas não existe ainda mais conforto na ciência?”, respondeu Calvin. “Em coisas que podemos provar e, por isso, trabalhamos para melhorar? Não consigo entender como alguém acha que qualquer coisa escrita milênios atrás por um pessoal bêbado seja remotamente verossímil. E não estou fazendo um julgamento moral: aquelas pessoas tinham que beber álcool, porque a água era insalubre. Ainda assim, eu me pergunto como aquelas histórias malucas – arbustos em chamas, pão caindo dos céus – parecem plausíveis, ainda mais quando comparadas à ciência baseada em evidências. Não existe uma pessoa viva que optaria por aceitar as técnicas de sangria de Rasputin em detrimento das terapias avançadas de Sloan Kettering. Ainda assim, muita gente insiste em acreditar nessas histórias e tem a ousadia de insistir que outras pessoas também acreditem.”

“Seu ponto de vista faz algum sentido, Evans”, escreveu Wakely. “Mas as pessoas precisam acreditar em algo maior do que elas.”

“Por quê?”, pressionou Calvin. “O que há de errado em acreditar em nós mesmos? De qualquer maneira, se for necessário usar histórias, por que não usar uma fábula ou um conto de fadas? Eles não são veículos igualmente válidos para ensinar a moralidade? Talvez até melhores, já que ninguém precisa fingir acreditar que as fábulas e os contos de fada são verdadeiros.”

Apesar de não admitir, Wakely acabou concordando. Ninguém tinha que rezar para a Branca de Neve ou temer a ira de Rumpelstiltskin para entender a mensagem. As histórias são curtas, inesquecíveis e abordam todas as bases do amor, do orgulho, do desatino e do perdão. As regras podem ser resumidas: Não seja um babaca. Não magoe os animais nem as pessoas. Compartilhe o que você tem com os menos favorecidos. Em outras palavras, seja uma pessoa boa. Ele decidiu mudar de tópico.

“Tudo bem, Evans”, escreveu ele, se referindo a uma carta anterior, “eu aceito seu argumento, muito *literal*, de que ser pastor não é uma herança genética, mas nós, Wakelys, nos tornamos pastores assim como os filhos dos sapateiros se tornam fabricantes de sapatos. Tenho que confessar: sempre gostei de biologia, mas isso nunca prosperaria na minha família. Talvez eu só esteja tentando agradar o meu pai. Não é isso que todos fazemos, afinal? E o seu pai, era cientista? Você está tentando agradar a ele? Em caso afirmativo, posso dizer que foi muito bem-sucedido.”

“EU ODEIO O MEU PAI”, tinha datilografado Calvin em letras maiúsculas no que foi a última carta entre os dois. “ESPERO QUE ELE ESTEJA MORTO.”

EU ODEIO O MEU PAI; espero que ele esteja morto. Elizabeth leu de novo, pasma. Mas o pai de Calvin *estava* morto – atingido por um trem pelo menos duas décadas antes. Por que ele escreveria isso? E por que Calvin e Wakely interromperam a troca de cartas? A última datava de quase dez anos antes.

– MAMÃE – CHAMOU MAD. – Mamãe! Você está me ouvindo? Nós somos pobres?

– Querida – disse Elizabeth, tentando evitar um colapso nervoso (*será que ela havia mesmo largado o emprego?*). – Eu tive um dia longo. Por favor, coma o seu jantar.

– Mas, mamãe...

Elas foram interrompidas pelo toque do telefone. Mad pulou da cadeira.

– Não atenda, Mad.

– Pode ser importante.

– *Estamos no meio do jantar.*

– Alô? – falou Mad. – Aqui é a Mad Zott.

– Querida – disse Elizabeth pegando o telefone –, não damos informações pessoais por telefone, lembra? Alô? – disse ela perto do bocal. – Quem está falando?

– Sra. Zott? – perguntou uma voz. – Sra. Elizabeth Zott? Aqui é Walter Pine, Sra. Zott. Nós nos conhecemos no início da semana.

Elizabeth suspirou.

– Ah, sim, Sr. Pine.

– Tentei encontrar a senhora o dia inteiro. Talvez a sua empregada não tenha dado os meus recados.

– Ela não é minha empregada e não deixou de passar seus recados.

– Ah – disse ele, envergonhado. – Entendo. Desculpe. Espero não estar incomodando. A senhora tem um minuto? Agora é uma boa hora?

– Não.

– Vou ser rápido, então – disse ele, não querendo perdê-la. – E de novo, Sra. Zott, já resolvi a questão do almoço. Está tudo acertado: a partir de agora, Amanda só vai comer o próprio almoço. Peço desculpas mais uma vez. Mas estou ligando por outro motivo, um motivo profissional.

Ele lembrou a ela que era produtor da programação vespertina da televisão local.

– KCTV – informou ele, orgulhoso, embora não estivesse. – E fiquei pensando em mudar um pouco a programação, adicionar um programa de culinária. Tentar dar um tempero novo, pode-se dizer – continuou ele, experimentando salpicar um pouco de humor, algo que não costumava fazer, mas para o qual apelou naquela hora porque Elizabeth Zott o deixava nervoso. E quando não ouviu a risada educada que deveria ter surgido do outro lado da linha, ele ficou ainda mais ansioso. – Como um produtor de televisão *maduro*, sinto que está na hora de colher o *fruto* de um programa desse tipo.

De novo, nada.

– Andei fazendo algumas pesquisas – continuou ele – e, com base em umas tendências muito interessantes, combinadas com meu conhecimento pessoal do que faz sucesso na programação vespertina, acho que a culinária está pronta para ser um sucesso na televisão.

Elizabeth continuou sem esboçar nenhuma reação e, mesmo que oferecesse, não importava, porque nada do que Walter estava dizendo era verdade.

A verdade era que Walter Pine não tinha feito pesquisa nenhuma nem estava a par de nenhuma tendência. Falando com sinceridade, ele tinha muito pouco conhecimento do que fazia uma programação vespertina ter sucesso. Como prova disso, em geral o canal oscilava perto da escala mais baixa em termos de audiência. A situação real era a seguinte: Walter tinha um espaço vazio na programação, e os anunciantes estavam no pé dele para preencher o espaço imediatamente. Antes, um programa infantil com um palhaço tinha ocupado o espaço que agora estava vazio, mas, para início de conversa, não era muito bom e, para piorar, o palhaço que estrelava o programa tinha sido assassinado em uma briga de bar, matando a atração no sentido mais genuíno.

Nas três semanas anteriores, ele vinha se esfalfando para encontrar algo que ocupasse o espaço. Tinha passado oito horas por dia filtrando vídeos promocionais de incontáveis possíveis estrelas da televisão: mágicos, conselheiros sentimentais, comediantes, professores de música, cientistas, especialistas em etiqueta, titereiros. Atravessando aquele mar de propostas, Walter não conseguia acreditar nos disparates que as pessoas produziam nem que tivessem o atrevimento de filmar, colocar no correio e mandar para ele. Será que elas não tinham vergonha? Mesmo assim, ele precisava achar alguma coisa rapidamente: sua carreira dependia disso. O chefe tinha deixado isso mais do que claro.

Além das dificuldades no trabalho, ele tinha sido convocado quatro vezes naquele mês para uma reunião com a Sra. Mudford, professora da Amanda no jardim de infância, que pouco tempo antes tinha ameaçado denunciá-lo pelo simples fato de que, em um arroubo de exaustão e depressão, ele colocara sem querer a garrafa de gim no lugar da garrafa térmica de leite da filha. Ele também tinha mandado um grampeador no lugar de um sanduíche, um roteiro no lugar de um guardanapo e algumas trufas de champanhe quando o pão acabou.

– SR. PINE? – disse Elizabeth, interrompendo os pensamentos de Walter. – Eu tive um longo dia. Posso fazer alguma coisa pelo senhor?

– Eu quero criar um programa de culinária no horário vespertino da TV – respondeu ele depressa. – E eu gostaria que a senhora o apresentasse. É óbvio que a senhora sabe cozinhar, mas também acho que a senhora daria um certo charme ao programa. – Pine não dizia isso porque Elizabeth era bonita. Muitas pessoas bonitas se fiavam na própria aparência, mas alguma coisa lhe dizia que Elizabeth Zott não era uma dessas pessoas. – Seria um programa divertido, de mulher para mulher. A senhora estaria se dirigindo à sua classe. – E, como ela não respondeu logo, ele acrescentou: – Donas de casa?

Do outro lado da linha, Elizabeth estreitou os olhos.

– *O que foi que o senhor disse?*

O tom de voz. Walter devia ter entendido e desligado na mesma hora. Mas não fez isso porque estava desesperado, e as pessoas desesperadas tendem a não perceber os sinais mais óbvios. Elizabeth tinha nascido para ficar diante das câmeras, disso ele tinha certeza. Além do mais, ela era exatamente o tipo de mulher pela qual o chefe dele ficaria maluco.

– A senhora está nervosa por ter plateia – continuou ele –, mas não precisa ficar. Usamos cartazes com as falas. Tudo que a senhora tem a fazer é ler e agir com naturalidade. – Ele esperou uma resposta, mas, como nada aconteceu, prosseguiu. – A senhora tem uma presença forte – pressionou. – É exatamente o tipo de pessoa que o público quer ver na televisão. A senhora é como... – Ele se esforçou muito para pensar em alguém como ela, mas não veio ninguém à mente.

– Sou uma cientista – vociferou ela.

– Isso mesmo!

– O senhor está dizendo que o público quer ouvir coisas ditas por cientistas?

– Isso. Quem não quer? – Embora ele não quisesse e tivesse quase certeza de que ninguém mais queria. – Se bem que seria um programa de culinária.

– Cozinhar é ciência, Sr. Pine. Uma coisa não exclui a outra.

– Caramba, eu estava prestes a dizer isso!

Da mesa da cozinha, Elizabeth visualizou as contas que não tinham sido

pagas.

– Quanto eu vou ganhar por isso? – perguntou.

Ele disse um número que provocou uma breve arfada no outro lado da linha. Ela estava ofendida ou atônita?

– O problema – disse ele na defensiva – é que estaremos correndo um risco. A senhora nunca esteve na televisão, não é? – Depois ele resumiu o contrato básico da série-piloto, destacando que o período inicial seria de seis meses. Depois disso, se não estivesse funcionando, acabava. Finito.

– Seria para começar quando?

– Agora mesmo. Queremos que o programa de culinária entre na programação o mais rápido possível, no máximo daqui a um mês.

– O senhor quer dizer um programa de culinária com *ciência*.

– A senhora mesma disse: uma coisa não exclui a outra. – Mas uma pequena margem de dúvida sobre a viabilidade de Elizabeth como apresentadora começou a se infiltrar. Ela com certeza sabia que um programa de culinária não era ciência. Ou não sabia? – Queremos chamar de *Hora do Jantar* – acrescentou, enfatizando a palavra “jantar”.

No outro lado da linha, Elizabeth encarava o nada. Ela simplesmente odiava a ideia: fazer comida na televisão para donas de casa. Mas qual era a alternativa? Ela se virou para Seis e Meia e Mad, os dois deitados juntos no chão. Madeline estava contando ao cachorro sobre Tommy Dixon. Seis e Meia mostrava os dentes.

– Sra. Zott? – chamou Walter, preocupado com o silêncio no outro lado da linha. – Alô? *Sra. Zott? Ainda está aí?*

CAPÍTULO 24

A zona da depressão vespertina

– Não dá para usar isso de jeito nenhum – disse Elizabeth para Walter Pine, ao sair da sala de figurinos da KCTV. – Todos os vestidos ficaram apertadíssimos. Quando o seu alfaiate tirou as minhas medidas na semana passada, achei que ele tinha feito um serviço decente, mas acho que não. Ele é mais velho. Deve estar precisando de óculos.

– Na verdade – disse Walter, enfiando as mãos nos bolsos em um esforço para parecer descontraído –, os vestidos são apertados de propósito. A câmera faz a pessoa engordar quatro quilos e meio, por isso usamos roupas apertadas para compensar. Você vai se acostumar rapidinho.

– Eu não consegui respirar em nenhum deles.

– São só trinta minutos. Você pode respirar quanto quiser depois.

– A cada inspiração, nosso corpo inicia o processo de purificação do sangue; a cada expiração, nossos pulmões liberam hidrogênio e gás carbônico. Se comprimirmos uma parte dos pulmões, colocamos esse processo em risco. Coágulos se formam. A circulação diminui.

– Mas a questão – falou Walter, tentando uma tática diferente – é que você não vai querer parecer gorda.

– Como é que é?

– Por favor, não me entenda mal, mas, diante das câmeras, você parece uma novilha.

Ela ficou boquiaberta.

– Walter. Vou deixar uma coisa bem clara. Eu não vou usar aquelas roupas.

Ele cerrou os dentes. Será que aquilo daria certo? Enquanto ele se debatia em busca de outra forma de argumentar com Elizabeth, a orquestra da estação de TV ao fundo iniciava o ensaio da sua música mais recente. Era o tema de *Hora do Jantar* – uma melodia alegre que ele próprio tinha encomendado. Uma mistura de chá-chá-chá moderno com uma estridente sirene de bombeiros, a peça era uma obra-prima de vigor e animação que, no dia anterior, tinha sido descrita pelo chefe dele como Lawrence Welk à base de anfetaminas.

– Que diabos é isso? – perguntou ela, trincando os dentes.

PHIL LEBENSMAL, CHEFE DE PINE, diretor da emissora e produtor executivo da KCTV, tinha sido bem claro quando aprovou a ideia do programa de culinária.

– Você sabe o que fazer – disse ele depois de conhecer Elizabeth Zott. – Cabelo solto, vestidos colados, cenário acolhedor. A mãe-dedicada-esposa-sensual que todo homem quer ver no fim do dia. Faça isso acontecer.

Walter olhou para Phil do outro lado da mesa ridiculamente larga. Ele não gostava de Phil, jovem, bem-sucedido e obviamente melhor do que Walter em tudo, embora fosse grosseiro. Walter não gostava de pessoas grosseiras. Elas o faziam se sentir recatado e constrangido, como se ele fosse o último membro remanescente da Gente Educada, uma comunidade agora extinta, mais conhecida pelo decoro e pelas boas maneiras à mesa. Ele passou a mão pela cabeça, que começava a ficar grisalha aos 53 anos.

– Veja que reviravolta interessante, Phil. Eu te contei que a Sra. Zott sabe cozinhar? Quero dizer, cozinhar *mesmo*. Ela é uma química de verdade. Trabalha em um laboratório com tubos de ensaio e coisas assim. Tem até mestrado em química, se é que isso é possível. Eu estava pensando se poderíamos dar ênfase às qualificações dela; dar às donas de casa alguém com quem elas se identifiquem.

– O quê? – reagiu Phil, surpreso. – Não, Walter, Elizabeth não é alguém

com quem elas se identifiquem, e isso é bom. As pessoas não querem se ver na televisão, elas querem ver as pessoas que nunca vão ser. Gente bonita, gente sexy. Você sabe como funciona. – Ele encarou Walter, perturbado.

– Claro, claro – concordou Walter –, só achei que podíamos incrementar um pouco as coisas. Dar a esse programa um ar mais profissional.

– Profissional? É televisão vespertina. Você produzia um programa com um palhaço nesse mesmo horário.

– Sim, essa é a grande surpresa. Em vez de palhaços, vamos fazer algo com conteúdo: a Sra. Zott vai ensinar as donas de casa a preparar uma refeição nutritiva.

– Conteúdo? – disparou Phil. – Você ficou doido? Quanto à parte nutritiva: não. Você está matando o programa antes mesmo de começar. Olha, Walter, é fácil. Vestidos apertados, movimentos sugestivos, talvez fazendo assim para calçar os pegadores de panela – falou ele, gesticulando como se estivesse calçando luvas de cetim. – E depois tem o coquetel que ela vai preparar no fim de cada programa.

– Coquetel?

– Não é uma excelente ideia? Acabei de pensar nisso.

– Acho que a Srta. Zott não vai...

– Aliás. O que foi aquilo que ela disse na semana passada, sobre ser incapaz de solidificar hélio no zero absoluto? Era para ser uma piada?

– Era – respondeu ele. – Tenho quase certeza de que...

– Bem, não teve a menor graça.

Phil tinha razão, não fora engraçado e, pior, Elizabeth não teve a intenção de fazer graça. Ela tinha dito isso como uma das coisas que poderia comentar durante uma transmissão. O que era um problema, porque, por mais que ele explicasse o conceito do programa, ela parecia não entender.

– Você vai falar com donas de casa comuns – explicou Walter.

Elizabeth o encarou de um jeito que o assustou.

– Não existe nada comum na dona de casa comum – corrigiu ela.

– WALTER – DISSE ELIZABETH depois que a música acabou. – Você está me ouvindo? Acho que posso resolver o problema do figurino em uma palavra. Jaleco.

– Não.

– Isso daria ao programa um toque mais profissional.

– *Não* – repetiu ele, pensando nas expectativas muito claras de Lebensmal. – Estou falando sério. Não.

– Por que não usar uma abordagem científica? Posso usar o jaleco na primeira semana e depois analisamos os resultados.

– Isso não é um laboratório – explicou ele pela bilionésima vez. – É uma *cozinha*.

– Por falar em cozinha, como está o cenário?

– Não ficou pronto. Ainda estamos trabalhando na iluminação.

Mas isso não era verdade: o cenário estava pronto havia dias. Desde as cortinas de ilhós na janela falsa até as bugigangas que entupiam as bancadas, era a síntese de uma cozinha de revista. Ela ia odiar.

– Você conseguiu os instrumentos necessários? – perguntou ela. – O bico de Bunsen? O osciloscópio?

– Sobre isso... A questão é que a maioria das cozinheiras não vai ter esse tipo de coisa em casa. Mas eu consegui quase todo o restante da sua lista: os utensílios, a batedeira...

– Fogão a gás?

– Sim.

– Um lava-olhos, claro.

– S-Sim – disse ele, pensando na pia.

– Acho que podemos acrescentar o bico de Bunsen depois. Ele é bem útil.

– Com certeza.

– E as bancadas?

– As de aço inoxidável que você pediu estavam caríssimas.

– Nossa, que estranho – comentou ela. – Superfícies não reativas costumam ser bem baratas.

Walter assentiu como se também estivesse surpreso, mas não estava. Ele

tinha escolhido pessoalmente as bancadas de fórmica: um laminado divertido salpicado de confete dourado brilhante.

– Olhe – disse ele. – Eu sei que nosso objetivo é preparar comida de verdade, comida nutritiva e gostosa, mas precisamos ter cuidado para não alienar as pessoas. Temos que fazer a culinária parecer convidativa. Você sabe. Divertida.

– *Divertida?*

– Porque senão as pessoas não vão assistir.

– Mas cozinhar não é diversão – explicou ela. – É um assunto sério.

– Certo. Mas pode ser um pouco divertido, não?

Elizabeth franziu a testa.

– Não exatamente.

– Certo – disse ele –, talvez só um pouco divertida. Um tiquinho de nada – acrescentou, juntando o indicador e o polegar para mostrar um tamanho reduzido. – O problema, Elizabeth, e você já deve saber disso, é que a TV é regida por três regras estritas.

– Você quer dizer regras de decência – corrigiu ela. – Ética.

– Decência? Ética? – Ele pensou em *Lebensmal*. – Não. Estou falando de regras práticas. – Ele usou os dedos para contar. – Regra número um: entreter. Regra número dois: entreter. Regra número três: entreter.

– Mas eu não sei entreter. Sou química.

– Sim, mas, na TV, precisamos que você seja uma química *que entretém*. E sabe por quê? Posso resumir em duas palavras: programação vespertina.

– Programação vespertina.

– *Vespertina*. Só de falar a palavra eu já sinto sono. Você não?

– Não.

– Bem, talvez porque você seja cientista. Você já conhece os ritmos circadianos.

– Todo mundo conhece os ritmos circadianos, Walter. Minha filha de quatro anos conhece os ritmos...

– Você quer dizer a sua filha de cinco anos – interrompeu ele. – Madeline tem que ter pelo menos cinco anos para estar no jardim de

infância.

Elizabeth gesticulou como se quisesse seguir em frente.

– Você estava falando de ritmos circadianos.

– Exato. Como você bem sabe, os seres humanos são biologicamente programados para dormir duas vezes por dia: uma sesta de tarde e depois oito horas de sono à noite.

Ela concordou.

– Só que quase todos nós pulamos a sesta porque os empregos exigem isso. E, quando digo quase todos nós, estou falando só dos americanos. O México não tem esse problema, nem a França, nem a Itália, nem nenhum dos países que bebem mais do que nós na hora do almoço. No entanto, o fato é que a produtividade humana cai naturalmente durante a tarde. Na TV, chamamos isso de zona da depressão vespertina. Tarde demais para fazer alguma coisa significativa; cedo demais para ir para casa. Não importa se você é uma dona de casa, um aluno do quarto ano, um pedreiro, um empresário; ninguém está imune. Entre 13h31 e 16h44, a vida produtiva deixa de existir. É uma zona morta em termos práticos.

Elizabeth ergueu uma sobrancelha.

– E, apesar de eu ter dito que isso afeta todo mundo – continuou ele –, é uma hora ainda mais perigosa para a dona de casa. Porque, ao contrário de um aluno do quarto ano, que pode adiar o dever de casa, ou um empresário, que pode fingir estar escutando, a dona de casa tem que continuar trabalhando de qualquer jeito. Ela tem que colocar os filhos para cochilar porque, se não fizer isso, a noite será um inferno. Ela tem que limpar o chão porque, se não fizer isso, alguém pode escorregar no leite derramado. Ela tem que correr até o mercado porque, se não fizer isso, não vai ter nada para comer. Aliás – ele fez uma pausa –, você já reparou como as mulheres sempre falam que precisam *correr* até o mercado? Elas não falam “caminhar” nem “ir” nem “passar”. *Correr*. É isso que eu quero dizer. A dona de casa funciona em um nível insano de hiperprodutividade. E, mesmo que não esteja mais aguentando, ela *ainda* precisa preparar o jantar. Não é sustentável, Elizabeth. Ela vai ter um enfarte ou um derrame, ou no mínimo ficar de mau humor. E tudo porque não pode procrastinar como o filho do

quarto ano nem fingir estar fazendo alguma coisa como o marido. Ela é obrigada a ser produtiva apesar de estar em um período fatal: a zona da depressão vespertina.

– É a clássica privação neurogênica – disse Elizabeth, concordando com a cabeça. – O cérebro não tem o descanso que precisa, e isso resulta em uma queda da função executiva, acompanhada de uma alta nos níveis de corticosterona. Fascinante! Mas o que isso tem a ver com a televisão?

– Tudo, porque a cura para essa, hum, privação neurogênica, como você chama, é a programação vespertina. Ao contrário da programação matinal e da noturna, os programas da tarde são feitos para deixar o cérebro descansar. Analise um guia de programação e você vai ver que é verdade: de uma e meia até as cinco da tarde, a televisão está cheia de programas infantis, novelas e programas de perguntas. Nada que exija uma atividade cerebral de verdade. E é tudo planejado: os executivos da televisão reconhecem que, nesse período, as pessoas estão semimortas.

Elizabeth visualizou os ex-colegas do Instituto Hastings. Eles eram semimortos.

– De certa maneira – continuou Walter –, o que oferecemos é um serviço público. Damos às pessoas, especificamente à dona de casa sobrecarregada, o descanso necessário. Os programas infantis são cruciais: são feitos para servir como uma babá eletrônica, de forma que a mãe tenha uma oportunidade de se recuperar para a tarefa seguinte.

– E a tarefa seguinte seria...

– Preparar o jantar – completou ele –, e é aí que você entra. Seu programa vai ao ar às quatro e meia, exatamente na hora em que a sua plateia vai estar saindo da zona da depressão vespertina. É um espaço complicado. As pesquisas mostram que a maioria das donas de casa se sente mais pressionada nesse horário. Elas têm muita coisa para fazer em uma janela de tempo muito curta: preparar o jantar, pôr a mesa, localizar os filhos. É uma lista comprida. Mas elas ainda estão tontas e deprimidas. É por isso que esse espaço específico vem com tanta responsabilidade. Porque a pessoa que vai se dirigir ao público deve *energizá-lo*. E é por isso que, quando digo que o seu trabalho é entreter, é com toda a sinceridade. Você

deve fazer essas pessoas voltarem à vida, Elizabeth. Deve despertá-las.

– Mas...

– Você lembra aquele dia em que entrou como um raio no meu escritório? Era de tarde. E, apesar de eu estar na zona da depressão vespertina, você me despertou, e posso garantir que isso é quase estatisticamente impossível porque tudo que eu *faço* é programação vespertina. Mas foi assim que eu entendi: se você teve o poder de me despertar e me fazer escutar, não há dúvida de que pode fazer o mesmo por outras pessoas. Eu acredito em você, Elizabeth Zott, e acredito na sua missão “a comida é importante”, mas *não* é só preparar um jantar. Você precisa entender o seguinte: tudo tem que parecer pelo menos *um pouco* divertido. Se eu quisesse que você colocasse os espectadores para dormir, teria incluído você e seus utensílios no horário das duas e meia.

Elizabeth refletiu por um instante.

– Acho que eu não tinha pensado no assunto por esse ângulo.

– É a ciência da TV – disse Walter. – Quase ninguém sabe isso.

Ela ficou em silêncio, ponderando as palavras dele.

– Mas eu não sou divertida – retrucou depois de alguns instantes. – Sou uma cientista.

– Cientistas podem ser divertidos.

– Cite um.

– Einstein. Quem não adora Einstein?

Elizabeth pensou no exemplo.

– Bem, a teoria da relatividade de Einstein é cativante.

– Está vendo? É isso!

– Apesar de *também* ser verdade que a esposa dele, que também era física, nunca foi reconhecida por...

– Lá vai você de novo, conquistando a nossa audiência. Esposas! E como você despertaria essas esposas que gostam de Einstein? Usando motivadores televisivos já testados ao longo do tempo: piadas, roupas, competência e, claro, comida. Por exemplo, quando você dá um jantar, tenho certeza que todo mundo quer ir.

– Eu nunca dei um jantar.

– Claro que deu – retrucou ele. – Garanto que você e o Sr. Zott dão muitos...

– Não existe nenhum Sr. Zott, Walter – interrompeu Elizabeth. – Eu sou solteira. Nunca fui casada.

– Ah. – Walter engoliu em seco, visivelmente surpreso. – Ora, isso é muito interessante. Mas você se importa... Espero que não interprete isso de maneira errada, mas será que você se importaria de nunca mencionar essa informação? Especificamente para o Lebensmal, meu chefe? Ou, melhor ainda, para ninguém?

– Eu amava o pai da Madeline – explicou ela, a testa ligeiramente franzida. – Só que eu não pude me casar com ele.

– Foi um caso – disse Walter, solidário, baixando a voz. – Ele estava largando a esposa. Foi isso?

– Não – respondeu ela, balançando a cabeça. – Nós nos amávamos por completo. Na verdade, já estávamos morando juntos havia...

– Isso é outra coisa para você nunca mencionar – interrompeu Walter. – Jamais.

– ... dois anos. Éramos almas gêmeas.

– Que ótimo – comentou ele, pigarreando. – Tenho certeza de que está tudo certo. Mesmo assim, esse não é o tipo de coisa que precisamos contar para todo mundo. Jamais! Se bem que tenho certeza de que você tinha planos para se casar com ele em algum momento.

– Eu não tinha – disse ela em voz baixa. – Mas ele morreu. – E, com essas palavras, seu rosto se cobriu de desespero.

Walter ficou chocado com a mudança drástica no comportamento dela. Tinha alguma coisa naquela mulher, uma autoridade que ele sabia que a câmara iria adorar, mas ela também era uma pessoa frágil. Pobrezinha. Sem pensar duas vezes, ele abraçou Elizabeth.

– Lamento profundamente – disse ele enquanto a puxava para perto.

– Eu também. – A voz saiu abafada no ombro dele. – Eu também.

Ele se encolheu. Quanta solidão. Ele deu tapinhas nas costas dela como fazia com Amanda, comunicando, da melhor maneira que podia, que não só sentia muito pela perda dela, como a entendia. Ele já estivera apaixonado

daquela maneira? Não. Mas agora tinha uma ideia bem precisa de como era.

– Me desculpe – disse ela, afastando-se, surpresa por precisar tanto daquele abraço.

– Tudo bem – disse ele com delicadeza. – Você passou por muita coisa.

– Mesmo assim – falou ela, se apurando –, eu já devia ter aprendido que não posso falar desse assunto. Já fui demitida por isso.

Pela terceira vez naquela manhã, Walter se encolheu. Quando ela falou “isso”, ele não sabia a que ela se referia. Será que havia sido demitida por matar o amante? Ou por ser mãe solteira? As duas explicações eram plausíveis, mas ele preferia a segunda. De longe.

– Eu o matei – admitiu ela baixinho, eliminando a preferência de Walter.

– Eu insisti que ele usasse uma guia e ele morreu. Seis e Meia nunca mais foi o mesmo.

– Que horrível – disse Walter em um tom de voz ainda mais baixo, porque, mesmo não entendendo o que ela havia falado sobre a guia ou o horário das seis e meia, ele entendeu o que ela queria dizer. Ela havia feito uma escolha que tivera consequências ruins. Ele também já tinha feito isso. E as escolhas ruins de ambos resultaram em pessoinhas que agora arcavam com o fardo das escolhas equivocadas dos pais. – Lamento muito.

– Eu também lamento por você – disse ela, tentando recuperar a compostura. – Pelo seu divórcio.

– Ah, nem precisa – disse ele, abanando a mão, envergonhado pelo fato de sua experiência afetiva poder ser comparada à dela de algum jeito. – Não era como no seu caso. O meu não teve nada a ver com amor. Amanda nem é tecnicamente minha, de acordo com o DNA – disse ele sem querer. Na verdade, só tinha descoberto isso três semanas antes.

A ex-esposa havia muito insinuava que Amanda não era filha biológica dele, mas antes Walter achava que ela só dizia isso para magoá-lo. Tudo bem, ele e Amanda não eram parecidos, mas muitas crianças não se parecem com os pais. Sempre que ele carregava Amanda no colo, sabia que ela era dele; sentia a profunda e permanente conexão biológica. Mas a insistência cruel da ex-esposa o consumiu e, quando finalmente passaram a existir testes de paternidade, ele enviou uma amostra de sangue. Cinco dias

depois, soube a verdade. Ele e Amanda não tinham nada em comum.

Ficara encarando o resultado do teste, na esperança de se sentir traído ou decepcionado ou qualquer outro sentimento que achou que deveria ter, mas, em vez disso, ficou muito confuso. Os resultados não importavam nem um pouco. Amanda era filha dele, e ele era pai dela. Ele a amava de todo o coração. A biologia era superestimada.

– Eu nunca planejei ser pai – contou ele a Elizabeth. – Mas aqui estou eu, um pai dedicado. A vida é um mistério, não é? As pessoas que tentam planejá-la sempre acabam decepcionadas.

Ela assentiu. Ela era uma daquelas pessoas que planejavam. E estava decepcionada.

– Seja como for – continuou Walter –, acho que podemos fazer um bom trabalho com *Hora do Jantar*. Mas existem coisas na TV que você simplesmente vai ter que, bem, tolerar. Quanto ao figurino, vou mandar o alfaiate alargar um pouco. Mas, em compensação, eu queria que você treinasse sorrir.

Ela franziu a testa.

– Jack LaLanne sorri quando está fazendo flexões – prosseguiu Walter. – É o modo que ele tem para fazer as coisas difíceis parecerem divertidas. Estude o estilo de Jack, ele é um mestre.

Ao ouvir o nome de Jack, Elizabeth ficou tensa. Ela não assistia ao programa de Jack LaLanne desde que Calvin morrera, em parte porque culpava Jack pela morte de Calvin – sim, ela sabia que isso era injusto. A lembrança de Calvin entrando na cozinha depois do programa de Jack a inundou com um calor repentino.

– E aí está – disse Walter.

Elizabeth ergueu o olhar para ele.

– Você estava quase sorrindo.

– Ah – disse ela. – Não foi intencional.

– Tudo bem. Intencional, sem querer. Tanto faz. A maioria dos meus sorrisos é forçada. Inclusive os que eu dou na Escola Primária Woody, para onde estou indo agora. Fui convocado pela Sra. Mudford.

– Eu também – contou Elizabeth, surpresa. – Tenho uma reunião

amanhã. A sua tem a ver com a lista de leituras da Amanda?

– Leituras? – disse ele, surpreso. – Elas estão no jardim de infância, Elizabeth; elas não sabem ler. De qualquer maneira, o problema não é a Amanda. Sou eu. Ela está desconfiada de mim porque sou um pai criando uma filha sozinho.

– Por quê?

Ele pareceu surpreso.

– Por que você acha?

– Ah – disse ela, entendendo de repente. – Ela acredita que você seja um tarado sexual.

– Eu não colocaria de forma tão... tão escancarada, mas é isso. É como se eu usasse um crachá dizendo “Oi! Eu sou pedófilo e tomo conta de uma criança!”.

– Acho que nós dois somos suspeitos, então – disse Elizabeth. – Calvin e eu fazíamos sexo quase todo dia, o que era totalmente normal para a nossa juventude e o nosso nível de energia, mas, como não éramos casados...

– Ah – soltou Walter, empalidecendo. – Bem...

– Como se o casamento tivesse alguma coisa a ver com a sexualidade...

– Ah...

– Tinha vezes – explicou ela de um jeito casual – que eu acordava no meio da noite cheia de desejo, e tenho certeza de que isso já aconteceu com você, mas Calvin estava no meio de um ciclo REM, então eu não o incomodava. Mas, quando contei isso a ele, ele ficou praticamente apoplético. “Não, Elizabeth”, disse ele, “pode me acordar sempre. Com ou sem ciclo REM. Não pense duas vezes”. Só depois que eu li mais sobre a testosterona foi que entendi melhor o impulso sexual masculino...

– Falando de impulso – interrompeu Walter, com o rosto vermelho. – Eu queria te lembrar de deixar o carro no estacionamento norte.

– No estacionamento norte – repetiu ela, com as mãos nos quadris. – É aquele à esquerda quando eu entro?

– Exatamente.

– De qualquer modo – continuou ela –, lamento que a Sra. Mudford ache que você é alguma coisa diferente de um pai amoroso. Duvido muito

que ela tenha lido os Relatórios Kinsey.

– Os Relatórios...

– Porque, se tivesse, ela perceberia que, na verdade, eu e você somos o oposto de tarados sexuais. Você e eu somos...

– Pais *normais*? – ele se apressou em concluir.

– Exemplos de pais amorosos.

– Protetores.

– Semelhantes – concluiu ela.

Foi essa última palavra que cimentou a estranha e reveladora amizade entre os dois, do tipo que surge apenas quando uma pessoa injustiçada encontra outra que também foi injustiçada e descobre que, embora a injustiça possa ser a única coisa que eles compartilham, é mais do que suficiente.

– Olhe – disse Walter, maravilhado com o fato de nunca ter tido uma conversa tão aberta sobre sexo ou biologia com ninguém, inclusive consigo mesmo. – A questão do figurino. Se o alfaiate não conseguir tornar os vestidos mais respiráveis, escolha uma roupa do seu armário, por enquanto.

– Você não quer nem pensar na ideia do jaleco.

– Quero que você seja *você* – afirmou ele. – Não uma cientista.

Ela ajeitou alguns fios rebeldes de cabelo atrás das orelhas.

– Mas eu *sou* uma cientista – argumentou ela. – É isso que eu sou.

– Pode até ser, Elizabeth Zott – disse ele, sem saber como seu comentário acabaria se tornando verdadeiro. – Mas isso é só o começo.

CAPÍTULO 25

A dona de casa comum

Pensando bem, ele devia ter deixado Elizabeth ver o cenário.

Quando a música começou a tocar – aquela charmosa canção pela qual Walter pagara tão caro e que ela já detestava –, Elizabeth subiu no palco. Ele inspirou de maneira curta e acentuada. Ela usava um vestido sem graça com pequenos botões que desciam até a bainha, um avental branco simples e cheio de bolsos amarrado na cintura e um relógio de pulso Timex tão barulhento que Walter jurava que conseguia ouvi-lo apesar da bateria da banda. Na cabeça, um par de óculos de proteção. Apoiado na orelha esquerda, um lápis número dois. Em uma das mãos ela carregava um caderno; na outra, três tubos de ensaio. Parecia uma mistura de camareira de hotel com especialista de esquadrão antibomba.

Ele observou enquanto ela esperava a música terminar, os olhos viajando pelo cenário de um canto a outro, os lábios comprimidos e os ombros tensos indicando insatisfação. Quando a última nota soou, ela se voltou para o teleponto, passou os olhos rapidamente e se virou. Colocando o caderno e os tubos de ensaio na bancada, foi até a pia, de costas para a câmera, e se inclinou para a janela falsa para apreciar a vista falsa.

– Isso é abominável – disse ela direto no microfone.

O câmera se virou com os olhos arregalados para Walter.

– Lembre a ela que estamos ao vivo – sibilou Walter para ele.

AO VIVO!!! O assistente de câmera rabiscou apressadamente em um

quadro grande, levantando-o para que ela pudesse ver.

Elizabeth leu o lembrete e, levantando um dedo como se quisesse avisar que ia demorar só mais um segundo, continuou seu passeio sem guia, parando para analisar os quadros escolhidos a dedo – uma tapeçaria com os dizeres “Abençoe esta casa”, um Jesus Cristo deprimido rezando de joelhos, uma pintura amadora de barcos velejando –, antes de seguir até as bancadas abarrotadas, as sobancelhas se arqueando em um gesto de desânimo diante de uma cesta de costura repleta de alfinetes de segurança, um pote de conserva recheado de botões indesejados, uma bola de lã marrom, uma bombonière lascada repleta de balas de hortelã e uma caixa de pão com os dizeres “O pão nosso de cada dia” escritos com uma caligrafia religiosa.

No dia anterior, Walter dera ao cenógrafo uma nota dez pelo bom gosto.

– Gostei especialmente das bugigangas – dissera ele. – Estão excelentes.

Mas, naquele dia, perto dela, parecia um monte de lixo. Ele a viu caminhar até o outro lado da bancada, empalidecer ao avistar o saleiro e o pimenteiro em formato de galinha e galo, encarar com hostilidade a capa cor de rosa da torradeira, feita em tricô, e se encolher ao ver uma estranha bolinha feita de elásticos. À esquerda da bola, havia um pote de biscoito no formato de uma mulher alemã gorda fazendo pretzels. Ela parou de repente, olhando para cima, para o enorme relógio pendurado por fios, os ponteiros indicando seis horas. “*Hora do Jantar*” estava impresso em uma letra com purpurina.

– Walter – chamou Elizabeth, protegendo os olhos enquanto o procurava atrás das luzes fortes. – Walter, uma palavrinha, por favor.

– Comercial, comercial! – sibilou Walter para o câmera quando Elizabeth começou a sair do cenário e vir em direção ao local onde ele estava sentado. – Coloque agora! *Agora!* E Elizabeth – disse ele, pulando da cadeira e indo em direção a ela. – Você não pode fazer isso! Volte para lá! Estamos ao vivo!

– Estamos? Bem, não podemos estar. Esse cenário não funciona.

– Tudo funciona! O fogão, a pia, tudo foi testado; agora volte para lá – disse ele, enxotando-a de volta com um gesto das mãos.

– Quero dizer que não funciona para *mim*.

– Olhe, você está nervosa. É por isso que estamos transmitindo sem uma plateia ao vivo hoje, para te dar uma chance de se acostumar. Mas você ainda está *on*, ou seja, *no ar*, e tem um trabalho a fazer. Este é o nosso piloto; as coisas podem ser ajustadas depois.

– Então você está dizendo que alterações *são* possíveis – falou ela, voltando a colocar as mãos nos quadris enquanto reavaliava o cenário. – Vamos precisar fazer muitas alterações.

– Tudo bem, espere, não – corrigiu ele, preocupado. – Para ser claro, não é possível alterar o cenário. O que você está vendo representa semanas de pesquisa apurada por parte do nosso cenógrafo. Esta cozinha é exatamente o que a mulher de hoje deseja.

– Bem, eu sou mulher e não quero isso.

– Eu não estou falando de você, estou falando da dona de casa comum.

– Comum.

– Você sabe o que eu quero dizer. A dona de casa normal.

Ela soltou um som que parecia o de uma baleia esguichando.

– Tudo bem – disse Walter em voz mais baixa, a mão abanando inutilmente ao lado do corpo. – Está bem, está bem, olhe, eu entendo, mas lembre-se de que este programa não é só *nosso*, Elizabeth, este programa também é do canal e, já que eles nos pagam, é importante fazer o que eles pedem. Você sabe como funciona; você já teve outro emprego.

– Mas, no fim das contas, todos nós trabalhamos para o público – concluiu ela.

– Certo – declarou ele. – Mais ou menos. Não, espere. Na verdade, não. Nossa função é dar às pessoas o que elas querem mesmo que elas não saibam que querem o que estamos oferecendo. Eu já te expliquei isso: é o modelo da programação vespertina. Semimorto, agora desperto, *você sabe!*

– Outro anúncio? – sussurrou o câmera.

– Não precisa – disse ela rapidamente. – Desculpe, pessoal. Estou pronta.

– Nós *estamos* alinhados, não é? – gritou Walter enquanto ela voltava para o cenário.

– Estamos – respondeu Elizabeth. – Você quer que eu fale com a dona

de casa *comum*. Com a dona de casa *normal*.

Ele não gostou da maneira como ela falou.

– Em cinco... – anunciou o câmara.

– *Elizabeth* – advertiu ele.

– Quatro...

– *Está tudo escrito para você.*

– Três...

– *Simplesmente leia o teleponto.*

– Dois...

– *Por favor* – implorou ele. – *É um roteiro excelente!*

– Um e... ação!

– OLÁ – DISSE ELIZABETH diretamente para a câmara. – Meu nome é Elizabeth Zott e esta é a *Hora do Jantar*.

– Por enquanto, tudo bem – murmurou Walter para si mesmo. *SORRIA*, ele fez a mímica para ela, puxando os cantos da boca.

– Sejam bem-vindas à minha cozinha – saudou ela de um jeito rígido, enquanto o Jesus deprimido espiava por cima do ombro esquerdo dela. – Hoje vamos ter tanta...

Ela parou quando chegou à palavra “diversão”.

Um silêncio desconfortável se seguiu. O câmara se virou para Walter.

– Vamos para os comerciais de novo? – perguntou ele com gestos.

NÃO, Walter mexeu os lábios sem emitir som. *NÃO! DROGA! ELA TEM QUE FAZER ISSO! MAS QUE DROGA, ELIZABETH!*, continuou ele em silêncio enquanto agitava as mãos.

Mas Elizabeth parecia estar em um transe e nada – nem Walter mexendo as mãos nem o câmara se preparando para os comerciais nem a maquiadora empando o próprio rosto com a esponja reservada para Elizabeth – conseguia quebrar o encanto. Qual era o problema dela?

MÚSICA, disse Walter sem emitir som para o responsável pela sonoplastia. *MÚSICA*.

Mas, antes que a música começasse, o tique-taque do relógio de

Elizabeth chamou a atenção dela, e ela voltou à vida.

– Desculpem – disse ela. – Bem, onde estávamos? – Ela deu uma olhada no teleponto, fez uma pausa e, de repente, apontou para o relógio acima da cabeça. – Antes de começar, eu gostaria de pedir a vocês que ignorem esse relógio. Ele não funciona.

Da cadeira do produtor, Walter soltou uma expiração curta e brusca.

– Eu levo a cozinha muito a sério – continuou Elizabeth, ignorando completamente o teleponto –, e sei que vocês também. – Ela empurrou a cesta de costura que estava na bancada para dentro de uma gaveta aberta. – Também sei – continuou, olhando diretamente para as poucas famílias que por acaso tinham sintonizado o canal naquele horário – que o seu tempo é precioso. Assim como o meu. Então vamos fazer um pacto, você e eu...

– Mãe – chamou um garotinho entediado em uma sala de TV em Van Nuys, Califórnia –, não tem *nada* passando.

– Desligue, então! – gritou a mãe do garotinho da cozinha. – Estou ocupada! Brinque lá fora...

– *Manhêê... Manhêê...* – chamou o garotinho de novo.

– Ah, pelo amor de Deus, Petey – disse a mãe estressada, entrando na sala, as mãos molhadas segurando uma batata descascada pela metade, um bebê chorando na cadeira alta na cozinha –, será que eu tenho que fazer tudo para você?

Mas, ao esticar o braço para desligar o programa de Elizabeth, Elizabeth falou com ela.

– Pela minha experiência, vejo que muitas pessoas não reconhecem o trabalho e o sacrifício envolvidos em ser esposa, mãe, mulher. Bem, eu não sou uma dessas pessoas. No final destes trinta minutos que teremos juntas, nós *vamos* ter feito alguma coisa que vale a pena. Nós *vamos* ter criado alguma coisa que não vai passar despercebida. Nós *vamos* ter preparado o jantar. E isso *vai* ser importante.

– O que é isso? – perguntou a mãe de Petey.

– Não sei – respondeu Petey.

– Agora, vamos começar – disse Elizabeth.

MAIS TARDE, NO CAMARIM, Rosa, a maquiadora e cabeleireira, passou para se despedir.

– Só para constar, eu gostei do lápis no cabelo.

– Só para constar?

– Lebensmal está gritando com Walter há uns vinte minutos.

– Por causa do lápis?

– Porque você não seguiu o roteiro.

– Ah, sim. É porque não dava para ler o teleponto.

– Ah – disse Rosa, com um alívio evidente. – Foi por isso? A letra não era grande o suficiente?

– Não, não. Quis dizer que o teleponto era enganoso.

Walter apareceu na porta do camarim, o rosto vermelho:

– *Elizabeth*.

– Seja como for – sussurrou ela –, adeus para sempre.

Ela apertou de leve o braço de Elizabeth.

– Oi, Walter – disse Elizabeth. – Eu estava fazendo uma lista de algumas coisas que vamos precisar mudar imediatamente.

– Não me venha com “oi” – disparou ele. – Qual é o seu problema?

– Bom, eu não tenho problema nenhum. Na verdade, acho que foi tudo muito bom. Admito que gaguejei no início, mas só porque eu estava em estado de choque. Não vai acontecer de novo, depois de consertarmos o cenário.

Ele atravessou o cômodo a passos pesados e se jogou em uma cadeira.

– Elizabeth, isso é um *emprego*. Você tem duas obrigações: sorrir e ler o teleponto. Só isso! Você não tem direito a dar a sua opinião sobre o cenário nem sobre o roteiro.

– Eu acho que tenho.

– Não!

– Mesmo assim, eu não conseguia ler o teleponto.

– Balela. Praticamos com diversos tamanhos de letra, lembra? Eu *sei* que você consegue ler o maldito teleponto. Caramba, Elizabeth, Lebensmal quer cancelar o programa. Percebe que colocou o nosso emprego em risco?

– Desculpe. Vou lá falar com ele agora mesmo.

– Ah, não – disse Walter rapidamente. – Você não.

– Por quê? – perguntou ela. – Quero esclarecer algumas coisas, principalmente a questão do cenário. E quanto ao teleponto, mais uma vez, me desculpe, Walter. Eu não quis dizer que não *conseguia ler*; o que eu quis dizer foi que a minha consciência não me *deixava ler* aquilo. Porque o texto era horrível. Quem escreveu o roteiro?

Ele contraiu os lábios.

– Eu.

– Ah – disse ela, perplexa. – Mas aquelas falas... Elas não pareciam nem um pouco comigo.

– Sim – retrucou ele com os dentes cerrados. – Era *de propósito*.

Ela pareceu surpresa.

– Achei que você tinha dito para eu ser eu mesma.

– Não *essa* você. Não a você tipo “isso vai ser muito, muito complicado”. Não a você tipo “muitas pessoas não reconhecem o trabalho e o sacrifício envolvidos em ser esposa, mãe, mulher”. Ninguém quer ouvir isso, Elizabeth. Você tem que ser positiva, feliz, para cima!

– Mas essa não sou eu.

– Mas poderia ser você.

Elizabeth analisou a própria vida até aquele dia.

– Sem chance.

– Será que podemos *não* discutir sobre isso? – disse Walter, com o coração batendo desconfortável no peito. – Eu sou o especialista em programação vespertina e já te expliquei como funciona.

– E eu sou a mulher falando para um público só de mulheres.

Uma secretária apareceu na porta.

– Sr. Pine, estamos recebendo ligações sobre o programa. Não sei muito bem o que fazer.

– Nossa mãe de Deus – reagiu ele. – Já estão chegando as reclamações.

– É sobre a lista de compras. Uma confusão com os ingredientes de amanhã. Especificamente, CH₃COOH.

– Ácido acético – esclareceu Elizabeth. – Vinagre. É quatro por cento ácido acético. Desculpe, acho que eu devia ter escrito a lista em termos

leigos.

– Você *acha*? – disse Walter.

– Muito obrigada – agradeceu a secretária e saiu.

– Aliás, de onde veio a ideia de uma lista de compras? – questionou ele.

– Nós nunca falamos de uma lista de compras, muito menos uma lista escrita com fórmulas químicas.

– Eu sei – respondeu ela –, isso me ocorreu quando eu estava prestes a deixar o cenário. É uma ótima ideia, não acha?

Walter afundou a cabeça nas mãos. *Era* de fato uma boa ideia; ele só não queria admitir.

– Você não pode fazer isso – disse ele com a voz abafada. – Você não pode fazer qualquer coisa que quiser.

– Não estou fazendo qualquer coisa que eu quero – provocou Elizabeth.

– Se eu estivesse fazendo qualquer coisa que eu quero, estaria em um laboratório de pesquisa. Escute. Posso estar equivocada, mas acho que você está com níveis elevados de corticosterona... o que você chama de zona da depressão vespertina. Você devia comer alguma coisa.

– Não me venha com aulas – disse ele de forma rígida – sobre a zona da depressão vespertina.

Nos minutos seguintes, os dois ficaram sentados no camarim, um olhando para o chão, o outro para a parede. Nenhuma palavra trocada.

– Sr. Pine? – Uma secretária diferente enfiou a cabeça pelo vão da porta.

– O Sr. Lebensmal tem um voo para pegar, mas me pediu para lembrar que o senhor tem o resto da semana para consertar “aquilo”. Me desculpe, não sei o que significa “aquilo”. Ele disse que é melhor o senhor deixar “aquilo” – ela consultou as anotações de novo – *sexy*. – Em seguida, ficou ruborizada. – E também tem isso aqui. – Ela entregou um bilhete que Lebensmal tinha rabiscado às pressas. *E o que aconteceu com o coquetel, porra?*

– Obrigado – disse Walter.

– Me desculpe – pediu ela.

– Sr. Pine – disse a primeira secretária, que voltou a aparecer à porta quando a outra saiu. – Está tarde. Eu preciso ir para casa. Mas os telefones...

– Pode ir, Paula – disse ele. – Eu cuido disso.

– Posso ajudar? – perguntou Elizabeth.

– Você já ajudou o suficiente hoje – respondeu Walter. – Logo, quando digo “Não, obrigado”, eu realmente quero dizer *não, obrigado*.

Em seguida, ele foi até a mesa da secretária, com Elizabeth em seu encalço, e atendeu uma ligação.

– KCTV – disse ele, cansado. – Sim. Desculpe. É vinagre.

– Vinagre – respondeu Elizabeth em outra linha.

– Vinagre.

– Vinagre.

– Vinagre.

– Vinagre.

ELE NUNCA RECEBERA um único telefonema sobre o programa do palhaço.

CAPÍTULO 26

○ funeral

– Olá, meu nome é Elizabeth Zott e esta é a *Hora do Jantar*.

Da cadeira do produtor, Walter estreitou os olhos.

– Por favor – sussurrou ele. – Por favor, por favor, por favor.

Era o décimo quinto dia do programa e Walter estava exausto. Ele tinha explicado várias vezes a ela que, assim como ele não podia escolher a mesa onde trabalhava, ela também não podia escolher a cozinha onde ia preparar a comida. Não era nada pessoal; os cenários, assim como as mesas, eram escolhidos com base em pesquisas e orçamentos. Mas sempre que ele usava esse argumento, Elizabeth assentia como se tivesse entendido e depois dizia:

– Sim... *mas...*

E eles começavam tudo de novo. A mesma coisa acontecia com o roteiro. Ele disse que a tarefa dela era *envolver* as espectadoras, não entediá-las. Mas, com todos os seus comentários químicos cansativos, ela ficava *muito* chata. Foi por isso que ele decidiu que finalmente era hora de colocar uma plateia ao vivo. Ele sabia que pessoas de carne e osso sentadas a seis metros de distância iam ensinar a ela o perigo de ser monótona.

– Bem-vindas ao nosso primeiro programa com plateia ao vivo – disse Elizabeth.

Por enquanto, tudo bem.

– Todas as tardes, de segunda a sexta, vamos preparar o jantar juntas.

Exatamente o que ele tinha escrito.

– Começamos com o jantar de hoje: espinafre no forno.

Fera domada. Ela está seguindo as ordens.

– Mas antes precisamos limpar a nossa área de trabalho.

Os olhos de Walter se abriram de repente quando ela pegou a bola de lã marrom e a jogou para o público.

Não, não, implorou ele em silêncio. O câmara deu uma espiada em Walter enquanto a plateia explodia em uma gargalhada nervosa.

– Alguém precisa de elástico? – perguntou ela, levantando a bola de elásticos. Diversas mãos se ergueram, então ela também jogou a bola de elásticos para a plateia.

Abismado, ele se segurou nos braços da cadeira de lona dobrável.

– Eu gosto de ter espaço para trabalhar – continuou ela. – Reforça a ideia de que o trabalho que você e eu estamos prestes a fazer é importante. E hoje eu tenho muito a fazer, e preciso de ajuda para ter mais espaço. Alguém aqui quer um pote de biscoitos?

Para pânico de Walter, quase todas as mãos se levantaram e, antes que ele se desse conta, as pessoas estavam andando pelo cenário enquanto Elizabeth as encorajava a pegar o que quisessem. Em menos de um minuto, todos os enfeites da cozinha tinham desaparecido, inclusive os quadros. As únicas coisas que continuaram foram a janela falsa e o relógio grande.

– Muito bem – disse Elizabeth em um tom de voz sério enquanto as pessoas da plateia voltavam aos seus lugares. – Agora, vamos começar.

WALTER PIGARREOU. Uma das primeiras regras da televisão, além de entreter, é fingir que, não importa o que aconteça, tudo faz parte do planejado. É isso que os apresentadores de TV são treinados para fazer e foi isso que Walter, que nunca foi apresentador, decidiu tentar naquele momento. Ele se sentou ereto na cadeira de lona e se inclinou para a frente como se tivesse orquestrado essa quebra total do protocolo televisivo. Mas, obviamente, ele não tinha feito isso e todo mundo sabia, e todos registraram a própria impotência de maneiras específicas: o câmara balançou a cabeça, o sonoplasta suspirou, o cenógrafo mostrou o dedo do meio para Walter à

direita do palco. Enquanto isso, Elizabeth estava ao vivo, picando um enorme maço de espinafre com a maior faca que ele já vira.

Lebensmal ia matá-lo.

Ele fechou os olhos por um instante, escutando a agitação da plateia no estúdio, as pessoas se remexendo nos lugares, as tossidas curtas. De longe, ele ouviu Elizabeth falar sobre o papel que o potássio e o magnésio desempenham no organismo. O teleponto que ele tinha escrito para esse segmento específico era um dos seus preferidos: *Não é linda a cor do espinafre? Verde. Me faz lembrar da primavera.* Ela o havia ignorado.

– ... muita gente acredita que o espinafre nos deixa fortes porque contém quase tanto ferro quanto a carne, mas a verdade é que o espinafre é rico em ácido oxálico, que inibe a absorção do ferro. Então, quando o Popeye diz que está ficando mais forte por causa do espinafre, não acredite nele.

Fantástico. Agora ela está chamando o Popeye de mentiroso.

– Mesmo assim, o espinafre tem grande valor nutritivo, e vamos falar disso e muito mais – continuou ela, brandindo a faca para a câmera – logo depois do intervalo.

Meu Deus do céu, maldição! Ele nem se deu o trabalho de se levantar.

– Walter – chamou ela, se aproximando dele poucos instantes depois. – O que você achou? Eu segui o seu conselho. Envolvi a plateia.

Com o rosto inexpressivo, ele se virou para olhar para ela. Ela prosseguiu:

– Foi exatamente como você falou: *divertir*. Sabendo que eu precisava de mais espaço na bancada, pensei no beisebol: como os vendedores jogam os amendoins para a multidão, entende? E funcionou.

– Sim – disse ele sem emoção. – E aí você convidou todo mundo para se servir do campo, dos tacos, das luvas e de todo o resto que eles encontrassem por ali.

Ela pareceu surpresa.

– Você parece zangado.

– Trinta segundos, Sra. Zott – avisou o câmera.

– Não, não – disse ele com calma. – Eu não estou zangado. Eu estou

furioso!

– Mas você me disse para divertir as pessoas.

– Não. O que você fez foi pegar coisas que não lhe pertenciam e doá-las.

– Mas eu *precisava* de espaço.

– Na segunda-feira, prepare-se para morrer – avisou ele. – Primeiro eu, depois você.

Ela se virou e se afastou.

– Já estou de volta – ele a ouviu falar com uma voz irritada enquanto a plateia aplaudia, aprovando. Felizmente, ele ouviu muito pouco depois disso, mas só porque o estômago estava doendo e o coração estava zunindo no peito de um jeito que ele esperava que indicasse algo muito grave. Ele fechou os olhos para acelerar a morte – derrame ou enfarte, ele aceitaria qualquer um.

Ele ergueu o olhar e viu Elizabeth acenando na cozinha vazia.

– Cozinhar é química – disse ela. – E química é vida. Sua capacidade de mudar tudo, inclusive a si mesma, começa aqui.

Meu Deus.

A secretária dele se curvou e sussurrou alguma coisa sobre Lebensmal querer vê-lo logo de manhã cedo. Ele fechou os olhos de novo. *Relaxe*, disse a si mesmo. *Respire*.

Atrás das pálpebras, ele viu algo que não queria ver. Era ele mesmo em um funeral – o *próprio* funeral –, e muitas pessoas com roupas coloridas andavam de um lado para outro. Ele entreouviu alguém – sua secretária? – contar como ele tinha morrido. Era uma história enfadonha e ele não gostou, mas se encaixava no seu perfil de programação vespertina. Ele escutou com atenção, esperando ouvir notícias da própria vida misturadas com os cumprimentos, mas as pessoas diziam coisas como “E aí, o que você vai fazer no fim de semana?”.

Ao fundo, ele ouviu Elizabeth falar sobre a importância do trabalho. Ela estava dando um sermão de novo, enchendo a cabeça das participantes do funeral com ideias relacionadas ao respeito próprio.

– Assumam riscos – dizia ela. – Não tenham medo de experimentar.

Não sejam como Walter, era o que ela queria dizer.

As pessoas não deveriam se vestir de preto em funerais?

– Ser destemida na cozinha significa ser destemida na vida – alegava Elizabeth.

Afinal, quem tinha pedido a ela para fazer o discurso fúnebre dele? Phil? Que grosseria. E que ironia, considerando que o único risco que ele, Walter Pine, já tinha assumido na vida – o de contratá-la – acabou sendo o motivo da sua morte prematura. Assuma-riscos-não-tenha-medo-de-experimentar *o caralho*, Elizabeth. Quem tinha morrido?

Ele continuou a ouvir a voz dela ao fundo, acompanhada por pancadas insistentes de uma faca. Em seguida, depois de mais ou menos dez minutos, ela fez os comentários finais.

– Crianças, ponham a mesa. Sua mãe precisa de um tempo para ela.

Em outras palavras, chega de falar sobre o falecido Walter – de volta a *ela*.

Os participantes do funeral aplaudiram com entusiasmo. Hora de ir para o bar.

Não houve muita coisa depois disso. Infelizmente, a morte que Walter imaginara se adequava muito à vida dele. Ocorreu-lhe que “morrer de tédio” podia não ser só uma expressão.

– SR. PINE?

– Walter?

Ele sentiu uma mão tocar no seu ombro.

– Quer que eu chame um médico? – perguntou a primeira voz.

– Talvez – respondeu a segunda.

Ele abriu os olhos e viu Elizabeth e Rosa paradas perto dele.

– Achamos que você desmaiou – disse Elizabeth.

– O senhor caiu para a frente – acrescentou Rosa.

– Seu batimento está acelerado – disse Elizabeth, com os dedos no pulso de Walter.

– Quer que eu chame um médico? – perguntou Rosa de novo.

– Walter, você está de estômago vazio? Quando foi a última vez que

comeu alguma coisa?

– Estou bem – disse Walter com a voz rouca. – Vão embora.

Mas ele não se sentia muito bem.

– Ele não almoçou – comentou Rosa. – Não pegou nada no carrinho de comida. E sabemos que não jantou.

– Walter – falou Elizabeth, assumindo o controle. – Leve isso para casa.

– Ela colocou um pirex grande nas mãos dele. – É o prato de espinafre que acabei de fazer. Coloque no forno a cento e noventa graus por quarenta minutos. Você consegue fazer isso?

– Não – disse ele, sentando-se ereto. – Não consigo. Além disso, Amanda detesta espinafre. Então vou repetir: NÃO. – E, em seguida, percebendo que estava parecendo uma criança birrenta, ele se virou para a mulher responsável por cabelo e maquiagem (qual era o nome dela?) e acrescentou: – Desculpe ter feito você se preocupar... – tentou abafar as tentativas de acertar o nome –, mas estou muito bem. Tenha uma boa noite.

Para provar que estava bem, ele se levantou e seguiu com passos irregulares até a própria sala, esperando as duas saírem do prédio antes de ir embora. Mas quando chegou ao estacionamento, viu o prato de espinafre pousado no capô do carro. *Asse no forno a 190° por quarenta minutos*, dizia o bilhete.

Quando chegou em casa, e só porque estava cansado, enfiou o maldito prato no forno e, não muito tempo depois, se sentou para jantar com a filha.

Depois de três garfadas, Amanda declarou que aquilo era a melhor coisa que ela já tinha comido na vida.

CAPÍTULO 27

Tudo sobre mim

MAIO DE 1960

– Meninos e meninas – disse a Sra. Mudford na primavera seguinte –, vamos começar um novo projeto. O nome é Tudo Sobre Mim.

Mad inspirou fundo.

– Por favor, peçam para a mãe de vocês preencherem isso aqui. Chama-se árvore genealógica. O que ela escrever nessa árvore vai ajudar vocês a aprenderem coisas relacionadas a uma pessoa muito importante. Quem sabe quem é essa pessoa importante? Uma dica: o *título* do projeto, Tudo Sobre Mim.

As crianças estavam sentadas em um círculo malfeito, aos pés da Sra. Mudford, as mãos segurando os queixos.

– Quem quer adivinhar? – incentivou a Sra. Mudford. – Sim, Tommy.

– Posso ir no banheiro?

– Posso ir *ao* banheiro, Tommy, e não. Já está quase na hora da saída. Você vai poder ir daqui a pouquinho.

– O presidente – arriscou Lena.

– *Poderia ser* o presidente? – corrigiu a Sra. Mudford. – E a resposta está errada, Lena.

– Poderia ser a Lassie? – perguntou Amanda.

– Não, Amanda. Isso não é a árvore genealógica de um canil. Estamos falando de *pessoas*.

– As pessoas são animais – disse Madeline.

– Não são, não, Madeline – bufou a Sra. Mudford. – As pessoas são seres humanos.

– E que tal o Zé Colmeia? – perguntou outra criança.

– *Poderia ser* o Zé Colmeia? – corrigiu a Sra. Mudford, irritada. – É claro que não. Uma árvore genealógica não tem lugar para ursos e não tem nada a ver com programas de TV. Somos pessoas!

– Mas as pessoas são animais – insistia Madeline.

– Madeline – disse a Sra. Mudford de um jeito severo. – Já chega!

– Nós somos bichos? – perguntou Tommy para Madeline, com os olhos arregalados.

– NÃO! NÃO SOMOS, NÃO! – gritou a Sra. Mudford.

Mas Tommy já tinha enfiado os dedos embaixo das axilas e começado a pular pela sala de aula gritando como um chimpanzé.

– UU! – berrou para os colegas, e metade deles se juntou a ele na mesma hora.

– UUA! UUA!

– PARE COM ISSO, TOMMY! – vociferou a Sra. Mudford. – PAREM, TODOS VOCÊS! SE NÃO PARAREM AGORA, VOU MANDAR TODO MUNDO PARA A SALA DO DIRETOR! – E a aspereza na voz dela, combinada com a ameaça de uma autoridade maior, fez as crianças voltarem aos seus lugares no chão. – AGORA – continuou a professora de um jeito seco –, como eu estava dizendo, vocês vão aprender coisas novas sobre uma pessoa muito importante. UMA PESSOA – enfatizou ela, olhando de cara feia para Madeline. – Então, quem pode ser essa PESSOA?

Ninguém se mexeu.

– QUEM? – insistiu ela.

Algumas cabeças balançaram.

– Bem, é sobre VOCÊS, crianças – gritou ela, irada.

– O quê? Por quê? – perguntou Judy, um pouco alarmada. – O que eu fiz de errado?

– Não seja boba, Judy – resmungou a Sra. Mudford. – Pelo amor de Deus!

– Minha mãe falou que não vai dar mais nem um centavo para a escola – disse um menino com aparência desleixada chamado Roger.

– Quem falou de dinheiro, Roger? – guinchou a Sra. Mudford.

– Dá pra eu ver a árvore? – perguntou Madeline.

– Posso ver – vociferou a Sra. Mudford.

– Posso ver? – perguntou Madeline.

– NÃO PODE, NÃO – chiou a Sra. Mudford, dobrando o papel duas vezes, como se aquele gesto o deixasse à prova de Madeline. – A árvore não é para *você*, Madeline; é para a sua *mãe*. Agora, crianças – agora ela estava tentando se controlar –, façam uma fila, um atrás do outro. Vou prender o papel na camisa de vocês com um alfinete. Depois vocês vão para casa.

– Minha mãe quer que a senhora pare de espetar coisas em mim – disse Judy. – Ela falou que a senhora está fazendo buracos nas minhas roupas.

Sua mãe é uma piranha exagerada, a Sra. Mudford queria dizer, mas, em vez disso, falou:

– Tudo bem, Judy. Vou grampear, em vez de espetar.

Uma por uma, as crianças permitiram que a Sra. Mudford prendesse o bilhete nos suéteres e saíram em fila. Elas mal passavam pela porta e já ganhavam velocidade como pequenos pôneis que tinham ficado amarrados durante horas.

– *Você não*, Madeline – disse a professora. – *Você fica aqui*.

– DEIXA EU VER SE ENTENDI – falou Harriet quando Mad revelou por que chegara tarde. – *Você teve que ficar na escola porque disse à professora que as pessoas são animais? Por que você diria isso, querida? Não é muito gentil.*

– Não é? – perguntou Madeline, confusa. – *Mas por quê? Nós somos animais.*

Harriet ficou matutando se Mad tinha razão: as pessoas eram mesmo animais? Ela não sabia ao certo.

– O que eu quero dizer é que às vezes é melhor não discutir – explicou Harriet. Sua professora merece respeito, e às vezes isso significa concordar com ela, mesmo que você não concorde. É assim que funciona a diplomacia.

- Achei que diplomacia significava ser legal.
- Foi o que eu disse.
- Mesmo se ela falar alguma coisa errada?
- É.

Madeline mordeu o lábio inferior.

– Você comete erros às vezes, não é? – continuou Harriet. – E você não ia gostar de alguém te corrigindo na frente de um monte de pessoas, ia? Talvez a Sra. Mudford só estivesse com vergonha.

– Ela não parecia com vergonha. E não é primeira vez que ela dá uma informação errada. Na semana passada ela falou que Deus criou a Terra.

– Muita gente acredita nisso – disse Harriet. – Não tem nada de errado em acreditar nisso.

– Você acredita nisso?

– Deixe eu dar uma olhada nesse bilhete – respondeu Harriet às pressas, soltando o papel do suéter de Madeline.

– É um projeto de árvore genealógica – contou Madeline, batendo a lancheira na bancada. – A mamãe tem que preencher.

– Eu não gosto dessas coisas – murmurou Harriet enquanto examinava o carvalho mal desenhado, com os galhos esperando o nome dos parentes (vivos, mortos, perdidos), relacionando-os por casamento, nascimento ou azar. – Que criaturinha mais abelhuda. Ela mandou uma intimação junto?

– Ela devia ter mandado? – perguntou Madeline, perplexa.

– Quer saber o que eu acho? – disse Harriet, dobrando o bilhete de novo. – Acho que essas árvores são uma tentativa tosca de fazer você se sentir alguém por causa de outra pessoa. Em geral é acompanhada de uma invasão de privacidade. Sua mãe vai perder as estribeiras. Se eu fosse você, não mostraria isso para ela.

– Mas eu não sei nenhuma resposta. Não sei nada sobre o meu pai.

Ela pensou no bilhete que a mãe tinha deixado na lancheira naquela manhã. *A bibliotecária é a educadora mais importante da escola. O que ela não sabe, consegue descobrir. Isso não é uma opinião: é um fato. Não compartilhe esse fato com a Sra. Mudford.*

Mas, quando Madeline pediu à bibliotecária da escola para mostrar

alguns anuários de Cambridge, a mulher fez uma careta e entregou a ela a cópia do mês anterior da revista infantil *Highlights*.

– Você sabe muitas coisas sobre o seu pai – corrigiu Harriet. – Por exemplo, você sabe que os pais do seu pai, seus avós, morreram em um acidente de trem quando ele era criança. E que ele foi morar com uma tia até que ela bateu de carro em uma árvore. Depois ele foi morar em um orfanato; esqueci o nome, mas parecia meio de menininha. E que o seu pai tinha uma espécie de madrinha, se bem que madrinhas não entram na árvore genealógica.

ASSIM QUE MENCIONOU A MADRINHA, Harriet desejou não ter feito isso. Ela só sabia da madrinha porque tinha bisbilhotado. E, mesmo assim, ficou óbvio que não era uma madrinha de verdade, era mais parecida com uma fada-madrinha. E ela sabia disso porque um dia, muito antes de Calvin conhecer Elizabeth, ele tinha saído para o trabalho às pressas, deixando a porta da frente aberta, e Harriet, sendo uma boa vizinha, tinha ido fechá-la.

Naturalmente, como era o tipo de pessoa que sempre se excedia, Harriet entrou para garantir que a casa não tinha sido assaltada. Um passeio solitário e abrangente pela casa mostrou que absolutamente nada tinha acontecido nos 46 segundos que tinham se passado desde a saída de Calvin.

Depois que entrou, porém, Harriet descobriu várias coisas. Primeiro, Calvin Evans era uma espécie de cientista aclamado – ele estava na capa de uma revista. Segundo, era um porcalhão. Terceiro, ele tinha crescido em um orfanato com aspecto decadente e conotações religiosas em Sioux City. Ela só soube do orfanato porque viu um pedaço de papel amassado na lixeira – um pedaço de papel que ela recuperou porque, afinal, às vezes a gente sem querer joga no lixo uma coisa que gostaria de guardar. De acordo com a carta, o orfanato precisava de dinheiro. Eles tinham perdido o principal doador, alguém que tinha assegurado que os meninos recebessem “oportunidades de educação científica e atividades saudáveis ao ar livre”. O orfanato agora estava recorrendo aos antigos residentes. Será que Calvin Evans poderia ajudar? *Diga sim! Faça hoje mesmo uma doação para o*

Orfanato para Meninos Todos os Santos! A resposta dele também estava na lixeira. Basicamente, dizia “como se atrevem, fodam-se, vocês deviam estar na cadeia”.

– O QUE É UMA MADRINHA? – perguntou Madeline.

– Uma amiga próxima da família ou uma parente – respondeu Harriet, enxotando a recordação. – Alguém que deve cuidar da sua vida espiritual.

– Eu tenho uma?

– Uma madrinha?

– Uma vida espiritual.

– Ah – soltou Harriet. – Não sei. Você acredita em coisas que você não vê?

– Eu gosto de truques de mágica.

– Eu não – retrucou Harriet. – Não gosto de ser enganada.

– Mas você acredita em Deus.

– É. Acredito.

– Por quê?

– Simplesmente acredito. Como a maioria das pessoas.

– Minha mãe não acredita.

– Eu sei – disse Harriet, tentando disfarçar que desaprovava aquilo.

Harriet achava errado não acreditar em Deus. Isso não era humilde. Na opinião dela, acreditar em Deus era obrigatório, assim como escovar os dentes e usar roupa de baixo. Com certeza, todas as pessoas decentes acreditavam em Deus. Até as pessoas indecentes, como o marido dela, acreditavam em Deus. Deus era o motivo de eles ainda estarem casados e de o casamento ser um fardo que ela se obrigava a suportar – porque tinha sido dado por Deus. Deus era pródigo em fardos e garantia que todo mundo tivesse um para carregar. Além do mais, se você não acreditava em Deus, também não acreditava no céu e no inferno, e ela queria muito acreditar no inferno porque queria muito acreditar que o Sr. Sloane iria para lá. Ela se levantou.

– Onde está a sua corda? Acho que está na hora de treinar os nós.

- Eu já sei todos de cor – disse Mad.
- Você consegue dar os nós de olhos fechados?
- Consigo.
- Mas e nas costas? Você consegue fazer isso?
- Consigo.

Harriet fingia apoiar os hobbies esquisitos de Mad, mas a verdade era que ela não apoiava. A menina não gostava de brincar de Barbie nem de bolinha de gude; gostava de nós, livros de guerra, desastres naturais. No dia anterior, ela por acaso tinha ouvido Madeline interrogando a responsável pela biblioteca do centro da cidade sobre o Krakatoa – quando ela achava que aconteceria a próxima erupção? Como eles avisariam os moradores? Quantas pessoas iriam morrer?

Harriet se virou para observar Madeline encarando a árvore genealógica, os grandes olhos cinzentos contemplando os galhos vazios, os dentes mordiscando sem parar o lábio inferior. Calvin tinha o mesmo hábito. Será que esse tipo de coisa podia ser transmitido pelos genes? Ela não tinha certeza. Harriet tinha gerado quatro filhos, cada um completamente diferente dos outros e totalmente diferente dela. E agora? Eram todos estranhos, cada um vivendo em uma cidade distante, com vidas e filhos próprios. Ela queria pensar que havia alguma conexão cunhada a ferro que a ligasse a eles por toda a vida, mas não foi assim que aconteceu. As famílias precisavam de manutenção constante.

- Você está com fome? – perguntou Harriet. – Quer um pedaço de queijo?

Ela vasculhou o fundo da geladeira enquanto Madeline tirava um livro da mochila da escola. *Cinco anos com os canibais do Congo*.

Harriet olhou para trás.

- Querida, a sua professora sabe que você está lendo isso?
- Não.
- Não conte para ela, então.

Essa era outra área em que Elizabeth e ela ainda não se entendiam: leituras. Quinze meses antes, Harriet achou que Madeline estava só fingindo que sabia ler. As crianças adoram imitar os pais. Mas logo ficou óbvio que

Elizabeth não só ensinara Madeline a ler, como também inculcava na criança um gosto por leituras complexas: jornais, romances, *Mecânica popular*.

Harriet considerou a possibilidade de a menina ser um gênio, assim como o pai. Mas não. O fato é que Mad teve uma boa professora. Elizabeth simplesmente se recusava a aceitar limites, não só para si mesma, mas também para os outros. Mais ou menos um ano depois da morte do Sr. Evans, Harriet tinha encontrado umas anotações na mesa de Elizabeth que pareciam sugerir que ela estava tentando ensinar uma quantidade ridícula de palavras a Seis e Meia. Na época, Harriet achou que era só um surto temporário – uma parte do luto. No entanto, quando tinha três anos, Mad perguntou se alguém tinha visto o ioiô dela, e, um minuto depois, Seis e Meia colocou o ioiô no colo da menina.

Hora do Jantar tinha esse mesmo elemento de impossibilidade. Elizabeth abria todos os programas insistindo que cozinhar não era fácil e que os trinta minutos seguintes podiam ser uma tortura.

– A culinária não é uma ciência exata – dissera Elizabeth no dia anterior.
– O tomate que está na minha mão é diferente do que está na sua. É por isso que você tem que se envolver com os ingredientes. Experimente: prove, toque, cheire, escute, teste, avalie.

Em seguida, ela conduziu as espectadoras a uma descrição elaborada das decomposições químicas, que, quando induzidas pela combinação de ingredientes diferentes em formas específicas de calor, resultariam em uma mistura complicada de interações enzimáticas que levaria a uma comida saborosa. Ela falou muito de ácidos, bases e íons de hidrogênio, e, depois de semanas ouvindo essas conversas, Harriet estranhamente estava começando a entender.

Durante todo o processo, Elizabeth, com o rosto sério, dizia às espectadoras que elas estavam à altura daquele desafio, que sabia que elas eram pessoas capazes e engenhosas e que acreditava nelas. Era um programa muito esquisito. Não era bem um entretenimento. Era mais como subir uma montanha. Algo com o qual você se sentia bem, mas só depois de ter concluído.

No entanto, ela e Madeline assistiam a *Hora do Jantar* juntas todo dia,

prendendo a respiração, certas de que cada novo episódio seria o último.

MADLINE TINHA ABERTO O LIVRO e agora estava analisando a gravura de um homem roendo o fêmur de outro.

– Gente tem gosto bom?

– Não sei – respondeu Harriet enquanto colocava uns cubinhos de queijo na frente dela. – Tenho certeza de que tudo é uma questão de como preparar. Sua mãe provavelmente faria qualquer um ter gosto bom. – *Menos o Sr. Sloane*, pensou ela. *Porque ele é podre.*

Madeline assentiu.

– Todo mundo gosta do que a mamãe faz.

– Quem é todo mundo?

– As crianças – disse Madeline. – Algumas delas levam um almoço igual ao meu agora.

– Sério? – observou Harriet, surpresa. – Sobras? Do jantar da noite anterior?

– É.

– As mães das crianças assistem ao programa da sua mãe?

– Acho que sim.

– Sério?

– Sério – enfatizou Madeline, como se Harriet fosse lenta para entender.

Harriet achava que *Hora do Jantar* tinha pouquíssima audiência, e Elizabeth tinha confirmado isso confidenciando que seu período de experiência de seis meses estava quase acabando, que tinha sido uma batalha em tempo integral. Ela tinha quase certeza de que eles não renovariam o contrato.

– Mas será que você não consegue chegar a um meio-termo com eles? – perguntara Harriet, tentando não parecer desesperada. Ela adorava assistir ao programa de Elizabeth. – Talvez tentar sorrir.

– Sorrir? – fora a resposta de Elizabeth. – Por acaso os cirurgiões sorriem durante uma apendicectomia? Não. Você ia querer que sorrissem? Não. Cozinhar, assim como operar, exige concentração. De qualquer

maneira, Phil Lebensmal quer que eu me comporte como se as telespectadoras fossem idiotas. Não vou fazer isso, Harriet, não vou perpetuar o mito de que as mulheres são incompetentes. Se me cancelarem, paciência. Vou fazer outra coisa.

Mas nada que pague tão bem, pensou Harriet. Graças ao dinheiro da televisão, Elizabeth tinha cumprido sua palavra: ela agora remunerava Harriet. Foi o primeiro salário de Harriet e ela nem conseguia acreditar como isso a fazia se sentir poderosa.

– Você sabe que eu concordo – dissera Harriet, prosseguindo com cautela –, mas talvez você pudesse fingir que está fazendo o que eles querem. Você sabe, cooperar.

Elizabeth inclinou a cabeça.

– Cooperar?

– Você sabe o que eu quero dizer. Você é esperta. Pode ser desagradável para o Sr. Pine ou para esse tal de Lebensmal. Você sabe como são os homens.

Elizabeth pensou nisso. Não, ela não sabia como os homens eram. Com exceção de Calvin, de seu falecido irmão, John, do Dr. Mason e talvez de Walter Pine, tinha a impressão de que ela só conseguia trazer à tona o pior nos homens. Eles queriam controlá-la, tocar nela, dominá-la, silenciá-la, corrigi-la ou mandar nela. Elizabeth não entendia por que eles não conseguiam tratá-la como ser humano, como colega, amiga, uma igual ou até como uma desconhecida na rua, alguém que merece respeito até você descobrir que a pessoa enterrou um monte de cadáveres no quintal.

Harriet era sua única amiga de verdade e elas concordavam na maioria das coisas, mas não nisso. Segundo Harriet, os homens são muito diferentes das mulheres. Eles precisam ser mimados, têm egos frágeis, não conseguem aceitar que uma mulher seja mais inteligente ou mais habilidosa do que eles.

– Harriet, isso é ridículo – argumentara Elizabeth. – Tanto homens quanto mulheres são seres humanos. E, como seres humanos, somos o resultado da nossa criação, vítimas dos nossos sistemas educacionais medíocres, e escolhemos os nossos comportamentos. Em suma, reduzir as mulheres a algo *inferior* aos homens e elevar os homens a algo *superior* às

mulheres não é biológico: é cultural. E começa com duas palavras: rosa e azul. A partir daí, tudo sai do controle.

Falando em sistemas educacionais medíocres, na semana anterior, ela havia sido convocada pela Sra. Mudford para discutir um problema relacionado a isso: aparentemente, Madeline se recusava a participar das atividades de meninas, como brincar de casinha.

– Madeline quer fazer coisas que são mais adequadas aos meninos – dissera a Sra. Mudford. – Isso não é certo. A senhora obviamente acredita que o lugar de uma mulher é em casa, tendo em vista esse seu – ela tossiu de leve – *programa de televisão*. Por isso, converse com a sua filha. Ela queria participar da patrulha de segurança esta semana.

– Por que isso é um problema?

– Porque só os meninos participam da patrulha de segurança. Os meninos protegem as meninas. Porque eles são maiores.

– Mas Madeline é a mais alta da turma.

– E esse é outro problema – completou a Sra. Mudford. – A altura dela faz os meninos se sentirem mal.

– ENTÃO, NÃO, HARRIET – disse Elizabeth de um jeito rígido, voltando ao assunto em pauta. – Eu não vou cooperar.

Harriet tirou uma sujeira de baixo da unha enquanto Elizabeth reclamava das mulheres que aceitavam posições subalternas como se fossem predeterminadas, como se acreditassem que ter o corpo menor fosse uma indicação biológica de que elas têm um cérebro menor, como se fossem naturalmente inferiores, mas de um jeito encantador. Pior ainda, explicara Elizabeth, muitas dessas mulheres transmitiam essas ideias para os filhos, usando frases como “Meninos sendo meninos” ou “Você sabe como são as meninas”.

– O que tem de errado com as mulheres? – indagou Elizabeth. – Por que elas aceitam esses estereótipos culturais? Pior: por que elas perpetuam isso? Elas não sabem do papel dominante das mulheres nas tribos isoladas da Amazônia? Será que Margaret Mead está fora de catálogo?

Ela só parou quando Harriet se levantou, indicando que não queria ouvir outro sermão.

– HARRIET, *HARRIET* – repetiu Madeline. – Você está me ouvindo? Harriet, o que aconteceu com ela? Também morreu?

– Quem morreu? – perguntou Harriet distraída, pensando que nunca tinha lido Margaret Mead. Será que era a autora de *E o vento levou*?

– A madrinha.

– Ah, ela. Não tenho a menor ideia. E, no fim das contas, ela ou ele não era tecnicamente uma madrinha.

– Mas você disse...

– Era uma *fada*-madrinha, alguém que deu dinheiro para o orfanato do seu pai. Foi isso que eu quis dizer. *Fada*-madrinha. Aliás, podia ser até um homem; ele *ou* ela deu dinheiro para todo mundo no orfanato. Não só para o seu pai.

– Quem era?

– Não tenho a menor ideia. Isso importa? *Fada*-madrinha é só outra palavra para filantropo. Uma pessoa rica que dá dinheiro para uma causa, como Andrew Carnegie e as bibliotecas. Se bem que é importante você saber que existe uma dedução de imposto na filantropia, então não é uma coisa totalmente altruísta. Você tem outro dever de casa, Mad? Além da maldita árvore?

– Talvez eu pudesse escrever uma carta para o orfanato do papai e perguntar quem era esse *fado*-padrinho. Depois eu poderia colocar o nome dele na árvore. Talvez como um fruto. Não como um galho inteiro nem nada assim.

– Não. *Não* existem frutos em árvores genealógicas. Além disso, as *fad*as-madrinhas, ou os filantropos, são pessoas reservadas. O orfanato nunca vai contar quem deu o dinheiro para os garotos. Em terceiro lugar, nunca dizemos *fado*-padrinho. A *fada* é sempre mulher.

– Por causa dos mafiosos? – perguntou Madeline.

Harriet expirou fazendo um ruído, uma mistura de admiração e

irritação.

– A questão é que um fado-padrinho não aparece na árvore genealógica. Primeiro, porque eles não são pessoas ligadas por sangue e, segundo, porque são muito reservados. Têm que ser, senão todo mundo ficaria pedindo dinheiro para eles.

– Mas guardar segredos é errado.

– Nem sempre.

– Você guarda segredos?

– Não – mentiu Harriet.

– Você acha que a mamãe faz isso?

– Não – respondeu Harriet, mas estava falando a verdade. Como ela gostaria que Elizabeth *conseguisse* manter alguns segredos ou, pelo menos, opiniões para si mesma... – Então, vamos preencher essa árvore com uma misturada. Sua professora nunca vai saber, e aí podemos assistir ao programa da sua mãe.

– Você quer que eu *mint*a?

– Mad – disse Harriet, irritada. – Eu falei para você mentir?

– As fadas não têm sangue?

– É claro que as fadas têm sangue! – guinchou Harriet. Ela apoiou a mão na testa. – Vamos parar com isso por enquanto. Vá brincar lá fora.

– Mas...

– Vá jogar bola para o Seis e Meia.

– Tenho que levar uma fotografia também, Harriet – acrescentou Madeline. – Uma que tenha a família toda.

Embaixo da mesa, Seis e Meia apoiou a cabeça no joelho ossudo de Madeline.

– A família *toda* – enfatizou Madeline. – Isso significa que também tem que ter o meu pai.

– Não significa, não.

Seis e Meia se levantou e foi até o quarto de Elizabeth.

– Se você não quer jogar bola para o Seis e Meia, leve ele até a biblioteca. Os seus livros já estão com o prazo vencido. Você tem o tempo certinho para ir e voltar antes do programa da sua mãe.

- Não estou com vontade.
- Bem, às vezes temos que fazer coisas que não temos vontade de fazer.
- O que você faz sem vontade?

Harriet fechou os olhos. Ela visualizou o Sr. Sloane.

CAPÍTULO 28

Santos

– Madeline – disse a bibliotecária. – Como posso te ajudar hoje?

– Preciso achar o endereço de um lugar em Iowa.

– Venha comigo.

A bibliotecária conduziu Madeline pelo labirinto de estantes, pausando brevemente para repreender um leitor por dobrar os cantos das páginas para marcar onde parou e outro por apoiar as pernas na cadeira ao lado.

– Esta é a Biblioteca Carnegie – sussurrara ela, zangada. – Posso te barrar para sempre.

– Aqui em cima, Madeline – chamou, levando a menina até uma prateleira com catálogos telefônicos. – Você disse Iowa, não foi? – Ela esticou o braço e puxou três catálogos grossos. – Alguma cidade específica?

– Estou procurando um orfanato para meninos – respondeu Madeline –, mas com nome de menina. É tudo que eu sei.

– Vamos precisar de mais informações. Iowa não é um estado pequeno – explicou a bibliotecária.

– Eu apostaria em Sioux City – veio uma voz de trás.

– Sioux não é nome de menina – disse a bibliotecária, se virando. – É um nome indígena... ah, reverendo, olá. Desculpe... esqueci de pegar o livro que o senhor pediu. Vou fazer isso agora mesmo.

– Mas poderia ser confundido com um nome de menina, não acha? – continuou o homem de batina preta. – Sue em vez de Sioux? Uma criança

poderia cometer esse erro.

– Não esta criança – disse a bibliotecária.

– NÃO ESTÁ AQUI – disse Madeline, quinze minutos depois, enquanto seu dedo traçava uma linha descendo a coluna “O”. Nenhum Orfanato de Meninos.

– Ah – reagiu o reverendo do outro lado da mesa da biblioteca. – Eu devia ter mencionado... às vezes esses lugares adotam nomes de santos.

– Por quê?

– Porque as pessoas que cuidam dos filhos de outras pessoas são santas.

– Por quê?

– Porque é difícil cuidar de crianças.

Madeline revirou os olhos.

– Tente São Vicente – sugeriu ele, passando o dedo no colarinho da camisa clerical para deixar o ar entrar.

– O que você está lendo? – perguntou Madeline enquanto folheava as letras S do catálogo.

– Coisas religiosas – disse ele. – Sou pastor.

– Não, quero dizer a outra coisa... aquilo – falou ela, apontando para uma revista que o reverendo tinha enfiado entre as páginas das escrituras.

– Ah – respondeu ele, envergonhado. – Isso é só... para me distrair.

– Revista *Mad* – leu ela em voz alta enquanto a puxava do esconderijo.

– É de humor – explicou o reverendo, pegando-a de volta rapidamente.

– Posso ver?

– Acho que sua mãe não aprovaria.

– Porque tem gente nua?

– Não! – disse ele. – Não, não... nada assim. É que às vezes eu preciso dar umas risadas. Não tem muita coisa engraçada no meu trabalho.

– Por quê?

O reverendo hesitou.

– Porque Deus não é muito engraçado, acho. Por que você está procurando um orfanato para meninos?

– Foi onde meu pai cresceu. Estou fazendo uma árvore genealógica.
– Entendo – disse ele, sorrindo. – Bem, fazer uma árvore genealógica parece bem divertido.

– Há controvérsias.

– *Controvérsias?*

– Significa “ser discutível” – explicou Mad.

– Significa mesmo – comentou ele, surpreso. – Você se importa se eu perguntar quantos anos você tem?

– Não tenho permissão para dar informações pessoais.

– Ah – disse ele, com o rosto vermelho. – Claro que não. Isso é ótimo.

Madeline mastigou a ponta da borracha.

– De qualquer forma – disse ele –, é divertido saber mais sobre os nossos antepassados, não é? Eu acho. O que você conseguiu até agora?

– Bem – respondeu Mad, balançando as pernas embaixo da mesa –, pelo lado da minha mãe, o pai dela está na cadeia porque botou fogo em umas pessoas, a mãe está no Brasil por causa dos impostos e o irmão dela morreu.

– Ah...

– Ainda não sei nada do lado do meu pai. Mas acho que as pessoas do orfanato são meio da família.

– De que maneira?

– Porque tomaram conta dele.

O reverendo massageou a nuca. Pelo que ele sabia, esses orfanatos eram cheios de funcionários pedófilos.

– *Santos*, foi assim que você chamou esse pessoal – lembrou ela.

O reverendo suspirou internamente. O problema de ser pastor era quantas vezes por dia ele tinha que mentir. Isso porque as pessoas sempre precisavam escutar que as coisas estavam bem ou iam ficar bem, em vez da realidade mais óbvia de que as coisas estavam mal e tendiam a piorar. Ele tinha celebrado uma cerimônia fúnebre na semana anterior – um membro da congregação morrera de câncer de pulmão – e sua mensagem para a família, cujos integrantes também fumavam como chaminés, foi de que o homem tinha morrido não pelo hábito de fumar quatro maços por dia, mas porque Deus precisava dele. Os familiares, todos suspirando, agradeceram

ao pastor pela sabedoria.

– Mas por que você tem que escrever para o orfanato? – indagou ele. – Por que você não pergunta ao seu pai?

– Porque ele também morreu – disse ela e soltou um suspiro.

– Meu bom Deus! – exclamou o reverendo, balançando a cabeça. – Lamento muito.

– Obrigada – disse Madeline, séria. – Algumas pessoas acham que a gente não pode sentir falta do que nunca teve, mas eu acho que pode. Você não acha?

– Claro – disse ele, tocando na nuca até localizar o cabelo que estava um pouco comprido demais. Quando ele visitara um amigo em Liverpool, os dois foram ver um novo grupo musical chamado The Beatles. Os integrantes eram britânicos e usavam franjas. Quase não se ouvia falar de homens usando franjas, mas ele descobriu que gostava da aparência deles quase tanto quanto tinha gostado da música.

– O que você está procurando aí? – perguntou ela, apontando para o livro do reverendo.

– Inspiração – respondeu ele. – Alguma coisa para tocar a alma das pessoas no sermão de domingo.

– Que tal falar das fadas-madrinhas? – sugeriu ela.

– Fadas...

– O orfanato do meu pai tinha uma fada-madrinha. Ela dava dinheiro para eles.

– Ah. Acho que você está falando de um doador. O orfanato deve ter tido vários. É preciso muito dinheiro para administrar um lugar desses.

– Não – rebateu ela. – Estou falando de uma fada-madrinha. Acho que a pessoa tem que ser um pouco mágica para dar dinheiro para gente que ela nem conhece.

O reverendo sentiu outro choque de surpresa.

– É verdade – admitiu.

– Mas Harriet diz que ganhar um salário é melhor. Ela não gosta de magia.

– Quem é Harriet?

– Minha vizinha. Ela é católica. Não pode se divorciar. Harriet acha que eu devo preencher minha árvore genealógica com uma misturada, mas eu não quero. Isso me dá a impressão de que tem alguma coisa errada com a minha família.

– Bem – respondeu o reverendo com cuidado, pensando que realmente parecia haver alguma coisa errada com a família da menina –, vai ver que a Harriet estava só querendo dizer que algumas coisas são pessoais.

– Você quer dizer secretas.

– Não, quero dizer pessoais. Por exemplo, eu perguntei a sua idade e você corretamente me respondeu que era uma informação pessoal. Não é um segredo, só que você não me conhece o suficiente para me contar. Mas um segredo é uma coisa que guardamos porque existe uma chance de que alguém, caso descubra, use essa informação contra nós ou para nos fazer sentir mal. Os segredos em geral envolvem coisas das quais temos vergonha.

– Você guarda segredos?

– Guardo – admitiu ele. – E você?

– Eu também.

– Tenho certeza de que acontece com todo mundo, principalmente com as pessoas que dizem que não guardam segredos. Não existe a menor possibilidade de alguém passar pela vida sem ficar envergonhado ou constrangido com alguma coisa.

Madeline assentiu.

– De qualquer maneira, as pessoas acham que sabem mais sobre si mesmas com base nesses galhos tolos cheios de nomes de pessoas que elas nunca viram – continuou ele. – Por exemplo, conheço uma pessoa que tem muito orgulho de ser descendente direta de Galileu, e outra que consegue traçar suas raízes até a época do navio *Mayflower*. As duas falam de suas linhagens como se tivessem um pedigree, mas não têm. Seus parentes não podem te tornar importante nem inteligente. Eles não podem fazer com que você seja *você*.

– O que faz com que eu seja *eu*, então?

– As suas escolhas. O modo como você vive a sua vida.

– Mas muita gente não consegue escolher como vai viver. Como os

escravos.

– Bem – disse o reverendo, se sentindo diminuído pela sabedoria simplória da menina. – Isso também é verdade.

Os dois ficaram em silêncio durante alguns minutos, Madeline correndo o dedo pelas páginas do catálogo, o reverendo avaliando se comprava um violão.

– De qualquer maneira – acrescentou ele –, não acho que as árvores genealógicas sejam um jeito muito inteligente de entender as raízes de uma pessoa.

Madeline ergueu o olhar.

– Um minuto atrás você falou que seria divertido conhecer os meus antepassados.

– É – confessou ele –, mas eu estava mentindo. – E isso fez os dois rirem. Do outro lado do corredor, a bibliotecária ergueu a cabeça como um aviso.

– Sou o reverendo Wakely – sussurrou ele, fazendo um gesto de desculpas para a bibliotecária. – Da Primeira Igreja Presbiteriana.

– Mad Zott – disse Madeline. – Mad, como a sua revista.

– Bem, Mad – repetiu ele com cuidado, pensando que “Mad” devia significar alguma coisa em francês. – Se não é São Vicente, tente Santo Elmo. Ou, espere... Tente Todos os Santos. Era assim que chamavam os lugares quando não conseguiam escolher um único santo.

– Todos os Santos – repetiu ela, indo para a letra T. – Todos, todos, todos. Aqui está! Orfanato para Meninos Todos os Santos! – Mas seu entusiasmo durou pouco. – Não tem o endereço. Só um número de telefone.

– Isso é um problema?

– Minha mãe diz que a gente só pode fazer uma ligação interurbana se alguém morrer.

– Bem, talvez eu possa ligar por você do meu escritório. Tenho que fazer ligações interurbanas o tempo todo. Posso dizer que estou ajudando um membro da minha congregação.

– Você estaria mentindo de novo. Você faz muito isso?

– Seria uma mentira *inofensiva*, Mad – argumentou ele, um pouco irritado. Será que ninguém nunca ia entender as contradições do trabalho

dele? – Ou – falou com mais convicção – você pode seguir o conselho de Harriet e preencher a árvore com uma misturada, o que não é uma ideia tão ruim. Porque muitas vezes o passado deve ficar no passado.

– Por quê?

– Porque o passado é o único lugar em que ele faz sentido.

– Mas o meu pai não está no passado. Ele ainda é meu pai.

– Claro que é – disse o reverendo de maneira suave. – Eu só quis dizer que, quando eu ligar para o orfanato, eles podem se sentir mais à vontade falando comigo porque somos todos religiosos. Do mesmo modo como você deve se sentir mais à vontade conversando com os colegas da escola sobre coisas da escola.

Madeline demonstrou surpresa. Ela nunca tinha se sentido à vontade conversando com os colegas da escola.

– Ou, já sei – disse ele, agora querendo se livrar da situação. – Peça para a sua mãe ligar. É o marido dela, tenho certeza de que eles vão ajudar. Pode ser que eles peçam uma prova do casamento antes de darem alguma informação muito significativa, uma certidão ou alguma coisa assim, mas isso vai ser fácil.

Madeline ficou paralisada.

– Pensando bem – disse Madeline, escrevendo rapidamente duas palavras em um pedaço de papel –, aqui está o nome do meu pai. – Depois, anotou o número do telefone e entregou o papel a ele. – Quando é que você vai poder ligar?

O pastor leu o nome.

– *Calvin Evans?* – exclamou ele, recuando de surpresa.

QUANDO AINDA ESTAVA NA Harvard Divinity School, Wakely frequentou um curso de química como ouvinte. Seu objetivo: aprender como o campo inimigo explicava a criação para que ele pudesse refutá-lo. Mas, depois de um ano estudando química, ele estava encrascado. Graças ao recém-adquirido conhecimento sobre átomos, matéria, elementos e moléculas, ele agora lutava para acreditar que Deus tivesse criado alguma coisa. O céu, a

terra. Ou até mesmo a pizza.

Como representante da quinta geração de uma família de pastores e frequentador de uma das mais prestigiosas faculdades de teologia do mundo, isso era um problema enorme. Não era só uma questão de expectativas familiares; também envolvia a própria ciência. A ciência insistia em algo que ele raramente encontrava no seu futuro campo de atuação: evidências. E, no meio dessas evidências, havia um rapaz. Seu nome era Calvin Evans.

Evans tinha ido a Harvard para participar de um painel formado por pesquisadores de RNA, e Wakely, não tendo nada melhor para fazer em um sábado à noite, compareceu. Evans, que de longe era o mais jovem do painel, mal abriu a boca. Os outros deram muitas explicações técnicas sobre como as ligações químicas se formavam, se rompiam e depois se uniam de novo seguindo um negócio chamado “colisão efetiva”. Para falar a verdade, a coisa toda era meio entediante. Ainda assim, um dos apresentadores falava sem parar de como uma mudança real só se dava por meio da aplicação da energia cinética. Foi quando alguém na plateia pediu um exemplo de uma colisão que não fosse efetiva – alguma coisa que não tivesse energia e nunca mudasse, mas ainda assim tivesse um grande efeito. Evans se inclinou em direção ao microfone.

– Religião – disse ele. E depois se levantou e saiu.

O COMENTÁRIO SOBRE RELIGIÃO o corroe; por isso, ele decidiu escrever para Evans e falar isso. Para sua surpresa, Evans respondeu – e Wakely respondeu para Evans, que respondeu de novo e assim por diante. Embora os dois discordassem, estava claro que gostavam um do outro. E foi por isso que, uma vez superados os obstáculos da religião e da ciência, as cartas se tornaram pessoais. Foi assim que descobriram que não só tinham a mesma idade mas também compartilhavam duas outras coisas: um amor quase fanático por um esporte aquático (Calvin era remador; ele era surfista) e uma obsessão pelo clima ensolarado. Além do mais, nenhum deles tinha namorada. Nenhum deles gostava da faculdade. Nenhum deles sabia como

seria a vida depois da formatura.

Mas Wakely tinha estragado tudo falando alguma coisa relacionada a ele estar seguindo os passos do pai. Ele quis saber se Evans também seguia os do dele. Em resposta, Calvin escreveu em letras garrafais que odiava o pai e esperava que ele estivesse morto.

Wakely ficou chocado. Era óbvio que o pai de Evans o tinha magoado profundamente e, conhecendo Evans, que esse ódio se baseava na coisa mais cruel de todas. Evidências.

Por diversas vezes, ele começou a escrever uma resposta para Evans, mas não conseguiu decidir o que dizer. Logo ele. Um pastor. O sujeito que, no momento, estava escrevendo uma tese em teologia intitulada “A necessidade de consolação na sociedade moderna”. Sem palavras.

A correspondência entre os dois foi encerrada.

Pouco depois da formatura, o pai de Wakely morreu de repente. Ele voltou para Commons para acompanhar o enterro e decidiu ficar. Encontrou um lugarzinho perto da praia, assumiu a congregação do pai, desencavou sua prancha de surfe.

Ele já estava ali havia alguns anos quando descobriu que Evans também tinha se mudado para Commons. Ele mal conseguiu acreditar. Quais eram as possibilidades de isso acontecer? Mas, antes que ele pudesse ter coragem para se reconectar com o amigo famoso, Evans morreu em um acidente bizarro.

Correu a notícia de que precisavam de alguém para officiar a cerimônia fúnebre do cientista. Wakely se ofereceu. Ele sentiu o impulso de prestar homenagem a uma das poucas pessoas que admirava, de ajudar da maneira que fosse possível a guiar o espírito de Evans até um lugar de paz. Além disso, ele estava curioso. Quem estaria lá? Quem choraria a morte desse homem brilhante?

A resposta: uma mulher e um cachorro.

– SE AJUDAR – ACRESCENTOU MADELINE –, diga a eles que o meu pai era remador.

WAKELY FEZ UMA PAUSA, recordando o caixão extralongo.

Tentou lembrar exatamente o que tinha dito para a jovem que estava diante do túmulo: *Lamento a sua perda?* Provavelmente. Ele tinha planejado falar com ela após a cerimônia, mas, antes que ele terminasse a oração final, ela se afastou, acompanhada do cachorro. Ele disse a si mesmo que ia vê-la, mas não sabia o nome dela nem onde morava e, ainda que não fosse difícil descobrir, ele não tentou. Havia alguma coisa nela que o fez sentir que falar sobre a alma de Evans poderia simplesmente piorar a situação.

Depois do funeral – durante meses –, ele não conseguia tirar da cabeça a brevidade da vida de Evans. Havia muito poucas pessoas no mundo que efetivamente realizavam coisas que importavam – que faziam descobertas capazes de mudar as coisas. Evans tinha se enfiado por entre as brechas do desconhecido e explorara o universo de um modo que a teologia evitava por completo. E, por um período muito breve, Wakely sentiu que fazia parte daquilo.

Mas isso foi antes, e agora era diferente. Ele era pastor, não precisava da ciência. O que ele *realmente* precisava era de maneiras mais criativas de pedir às pessoas do rebanho para agirem como pessoas decentes, para não serem mesquinhas umas com as outras, para se comportarem. No fim das contas, apesar das dúvidas, ele se tornou reverendo, mas continuou a pensar no notável Evans. E agora, ali estava aquela menininha dizendo que era filha dele. Deus realmente agia de formas misteriosas.

– Só para esclarecer – disse ele –, estamos falando de Calvin Evans. Aquele que morreu em um acidente de carro há uns cinco anos.

– Foi por causa de uma guia, mas sim.

– Ah. Mas tem uma coisa estranha. Calvin Evans não tinha filhos. Na verdade, ele não era... – Hesitou.

– O quê?

– Nada – disse ele rapidamente. Obviamente, a menininha, além de tudo, era filha ilegítima. – E o que é isso aqui? – perguntou, apontando para um recorte de jornal amarelado se destacando do caderno dela. – Outra parte do dever?

– Tenho que levar uma foto da família – disse ela, pegando um recorte

de jornal ainda úmido com saliva de cachorro. Ela o segurava com cuidado, como se fosse um tesouro insubstituível. – É a única foto de todos nós.

Ele desdobrou o jornal com cuidado. Era uma matéria sobre o enterro de Calvin Evans e mostrava uma foto da mesma mulher e do mesmo cachorro, de costas para a câmera, mas claramente desesperados ao verem a terra engolir o caixão que ele tinha abençoado. Uma onda de tristeza se apossou dele.

– Mas, Mad, como é que isso pode ser um retrato da família?

– Bem, aqui está a minha mãe – disse Madeline, apontando para as costas de Elizabeth – e o Seis e Meia. – Ela apontou para o cachorro. – Eu estou dentro da minha mãe, bem aqui. – Ela apontou para Elizabeth de novo. – E o meu pai está dentro do caixão.

Wakely tinha passado os últimos sete anos da vida consolando as pessoas, mas alguma coisa na maneira casual como essa criança falava da própria perda o abalou.

– Mad, eu preciso que você entenda uma coisa – disse ele, reparando, em choque, que as mãos dele também estavam na fotografia. – As famílias não são feitas para caber em árvores. Talvez porque as pessoas não fazem parte do reino vegetal; nós fazemos parte do reino animal.

– Exatamente. – Madeline soltou um suspiro. – Foi *exatamente* o que eu tentei dizer para a Sra. Mudford.

– Se nós fôssemos árvores – acrescentou ele, preocupado com a tristeza que essa criança ainda teria que suportar explicando as próprias origens –, talvez fôssemos um pouco mais sábios. Vida longa e tudo o mais.

Então ele se deu conta de que Calvin Evans não teve uma vida longa e que tinha acabado de insinuar que provavelmente foi porque Evans não tinha sido muito inteligente. Sinceramente, ele era um péssimo pastor – o pior de todos.

Madeline pareceu avaliar a resposta dele e depois se inclinou por cima da mesa.

– Wakely – disse ela em voz baixa –, tenho que ir ver a minha mãe agora, mas eu estava pensando. Você consegue guardar um segredo?

– Consigo – respondeu ele, tentando entender o que ela queria dizer

com “ver a mãe”. Será que a mãe dela estava doente?

Ela o encarou, como se tentasse identificar se ele estava mentindo de novo, depois se levantou, foi até o lado dele e cochichou algo com tanto vigor no ouvido dele que os olhos de Wakely se arregalaram, admirados. Antes que ele conseguisse se controlar, pôs a mão em concha no ouvido dela e fez o mesmo. Depois os dois se afastaram um do outro, surpresos.

– Não é tão ruim, Wakely – disse Madeline. – De verdade.

Mas, quanto ao segredo dela, ele não conseguiu achar palavras.

CAPÍTULO 29

Ligações

– Meu nome é Elizabeth Zott e esta é a *Hora do Jantar*.

Com as mãos nos quadris, os lábios delineados em vermelho-tijolo, o cabelo volumoso puxado para trás em um desprezioso coque banana preso com um lápis número dois, Elizabeth nivelou o olhar e encarou a câmera.

– Uma notícia empolgante – disse ela. – Hoje vamos estudar três tipos diferentes de ligações químicas: iônicas, covalentes e de hidrogênio. Por que aprender sobre essas ligações? Porque, ao fazer isso, você vai entender a base da vida. Além disso, seus bolos vão crescer.

Nos lares de todo o sul da Califórnia, as mulheres pegaram lápis e papel.

– Iônica é a ligação química em que “os opostos se atraem” – explicou Elizabeth, saindo de trás da bancada e começando a fazer um esboço em um cavalete. – Por exemplo, vamos supor que você escreveu sua tese de doutorado em economia de livre mercado, mas o seu marido ganha a vida fazendo rotação de pneus. Vocês dois se amam, mas ele provavelmente não tem o menor interesse em ouvir sobre a mão invisível do mercado. E quem pode culpá-lo? Você sabe que a mão invisível é um lixo libertário.

Ela olhou para a plateia e viu que várias pessoas faziam anotações, em muitas das quais se lia “Mão invisível: lixo libertário”.

– A questão é a seguinte: você e o seu marido são completamente diferentes. Mas, mesmo assim, vocês têm uma ligação forte. Ótimo. Isso

também é iônico.

Ela fez uma pausa, passando a folha de papel por cima do cavalete para mostrar uma nova folha de papel-jornal.

– Ou talvez seu casamento seja mais como uma ligação covalente – continuou ela, desenhando uma nova fórmula estrutural. – Se for assim, sorte sua, pois significa que vocês dois têm forças que, quando combinadas, criam algo ainda melhor. Por exemplo, quando o hidrogênio e o oxigênio se combinam, o que temos? Água. Ou H_2O , como é mais conhecida. Em muitos aspectos, a ligação covalente não difere muito de uma festa, que fica melhor por causa da torta que você fez e do vinho que ele levou. A não ser que você não goste de festas, como eu, e nesse caso você pode pensar na ligação covalente como um pequeno país europeu, digamos, a Suíça. *Alpes*, ela escreveu rapidamente na folha de papel, + *uma economia forte = Todo mundo quer morar lá.*

Em uma sala de estar em La Jolla, Califórnia, três crianças brigavam por um caminhão basculante de brinquedo, cujo eixo quebrado estava caído bem ao lado de um arranha-céu de roupa para passar que ameaçava soterrar uma mulher baixa, com bobs no cabelo e um bloquinho de papel nas mãos. *Suíça*, escreveu ela. *Mudança.*

– Isso nos leva à terceira ligação – continuou Elizabeth, apontando para outro conjunto de moléculas –, a ligação de hidrogênio, a ligação mais frágil e delicada de todas. Chamo de ligação “amor à primeira vista”, porque as partes são atraídas uma para a outra com base apenas na informação visual: você gosta do sorriso dele, ele gosta do seu cabelo. Mas aí vocês conversam e você descobre que ele é um nazista enrustido e acha que as mulheres reclamam demais. Ora! Em um instante, aquela ligação frágil se rompe. Esta é a ligação de hidrogênio, senhoras: um lembrete químico de que, se uma coisa parece boa demais para ser verdade, provavelmente é mesmo.

Ela voltou para trás da bancada e, trocando a caneta por uma faca, deu um golpe digno de lenhador e cortou uma cebola grande em duas partes.

– Hoje é dia de empadão de frango – anunciou ela. – Vamos ao trabalho.

– Viu? – indagou uma mulher de Santa Mônica ao se virar para a filha emburrada de dezessete anos, com o delineador tão grosso que parecia uma

pista de pouso. – O que foi que eu te disse? A sua ligação com aquele garoto é só hidrogênio. Quando é que você vai acordar e cheirar os íons?

– Ah, não! Isso de novo?

– Você pode ir para a faculdade. Pode ser alguma coisa!

– Ele me ama!

– Ele está te impedindo de progredir!

– Voltamos em instantes – disse Elizabeth quando o câmara indicou um intervalo comercial.

Na cadeira de produtor, Walter Pine afundou. Depois de muita humilhação, ele tinha conseguido que Phil Lebensmal estendesse o contrato de Elizabeth por mais seis meses, mas a ciência teria que dar lugar à sensualidade. Desta vez, Phil tinha avisado que o tempo deles estava se esgotando. De acordo com o chefe, o programa estava recebendo muitas reclamações. Walter abordou o assunto com Elizabeth pouco antes do programa.

– Temos que fazer algumas alterações – explicou ele.

Ela escutou, assentindo com ar de reflexão, como se ponderasse com cuidado cada alteração.

– Não – disse ela.

Além desse probleminha, Amanda tinha um dever de casa estúpido de árvore genealógica que exigia uma fotografia atual da família *com* a mamãe, muito embora a mamãe já tivesse saído da cena havia muito tempo. Pior: a tarefa insistia em homenagear o vínculo biológico entre ele e a filha, um vínculo que não existia e nunca existiria. Obviamente, ele planejava contar a verdade a Amanda em breve: que a mãe malvada não ia voltar nunca mais e que, biologicamente, ele e Amanda não eram parentes. Crianças adotadas tinham o direito de saber. Ele estava esperando o momento certo. Quando Amanda fizesse quarenta anos.

– WALTER – CHAMOU ELIZABETH, se aproximando dele a passos largos. – Você teve algum retorno do pessoal do seguro? Como você sabe, o programa de amanhã vai falar sobre combustão. Apesar de eu ainda achar que não existe

um perigo significativo, eu... Walter? – Ela acenou a mão na frente do rosto dele. – Walter?

– Sessenta segundos, Sra. Zott – disse o câmara.

– Não seria ruim ter mais extintores de incêndio à mão. De novo, eu preferia o que usa nitrogênio como propelente aos modelos mais modernos de água e espuma, mas isso é coisa da minha cabeça; tenho certeza de que qualquer um vai funcionar. Walter? Você está me ouvindo? Responda. – Ela fechou a cara e se virou para o palco. – Eu falo com você no próximo intervalo.

Enquanto ela voltava para o cenário, Walter se virou para observá-la subir os degraus, com a calça comprida azul de cintura alta – ela estava usando *calça comprida* – presa por um cinto. Quem ela achava que era? Katharine Hepburn? Lebensmal ia ficar louco de raiva. Ele se virou, fazendo um movimento para a maquiadora.

– Sim, Sr. Pine? – disse Rosa, com as mãos cheias de pequenas esponjas.

– O senhor precisa de alguma coisa? A propósito, o rosto da Sra. Zott estava ótimo. Ela não estava brilhando.

Walter suspirou.

– Ela *nunca* brilha. Apesar de essas luzes fritarem um bife em trinta segundos, nunca escorre nem uma gota de suor dela. Como é possível?

– Isso é pouco comum mesmo – concordou Rosa.

– E estamos de volta.

Ele ouviu Elizabeth dizer enquanto apontava as duas mãos para a câmara.

– Por favor, aja como uma pessoa normal – sussurrou Walter.

– Agora – disse Elizabeth às telespectadoras –, acredito que você usou nosso curto intervalo para cortar as cenouras, as cebolas e o aipo em unidades pequenas e heterogêneas, criando assim a superfície necessária para facilitar a absorção dos temperos e reduzir o tempo de cocção. Então as coisas devem estar assim. – Ela virou uma panela para a câmara. – Agora coloque uma quantidade generosa de cloreto de sódio...

– Ela vai morrer se falar sal? – sibilou Walter. *Vai?*

– Eu gosto de como ela usa palavras científicas – comentou Rosa. – Me

faz sentir... sei lá... capaz.

– Capaz? – repetiu ele. – *Capaz?* O que aconteceu com querer ser magra e bonita? E que diabos é aquela calça? De onde veio isso?

– O senhor está bem? – perguntou Rosa. – Posso trazer alguma coisa para o senhor?

– Pode – respondeu ele. – Cianeto.

Muitos minutos se passaram enquanto Elizabeth falava para as espectadoras sobre a composição química de vários outros ingredientes, explicando, ao acrescentar cada um à panela, quais ligações estavam sendo criadas.

– Pronto – disse ela, inclinando a panela para a câmera de novo. – O que temos agora? Uma mistura, que é uma combinação de duas ou mais substâncias puras em que cada substância retém suas propriedades químicas individuais. No caso do empadão de frango, veja só como as cenouras, as ervilhas, as cebolas e o aipo se misturam, mas continuam sendo entidades separadas. Pense nisso! Um empadão de frango de sucesso é como uma sociedade que funciona com muita eficiência. Podem chamar de Suécia. Aqui cada legume tem o seu lugar. Nenhum produto exige ser mais importante do que o outro. E, quando você acrescenta outros temperos, como alho, tomilho, pimenta do reino e cloreto de sódio, cria um sabor que não só realça a textura de cada substância, como também equilibra a acidez. O resultado? Creche subsidiada. Se bem que tenho certeza de que a Suécia também tem seus problemas. Câncer de pele, no mínimo. – Ela viu a deixa do câmera. – Voltamos já, já, depois da vinheta da KCTV.

– O que foi *aquilo*? – Walter engoliu em seco. – O que foi que ela falou?

– Creche subsidiada – respondeu Rosa, passando uma esponja na testa dele. – Nós deveríamos pleitear isso nas eleições. – Ela se inclinou, percebendo uma veia pulsar na testa de Walter. – Escute, por que o senhor não toma um ácido acetilsalicílico? Vai fazer...

– O que *você* disse? – sibilou ele, jogando a esponja longe.

– Creche subsidiada.

– Não, a outra coisa...

– Ácido acetilsalicílico?

– *Aspirina* – vociferou ele com a voz rouca. – Aqui na KCTV, nós chamamos de *aspirina*. Aspirina Bayer. Sabe por quê? Porque a Bayer é um dos nossos patrocinadores. Paga as nossas contas. Deu para entender? Repita. *Aspirina*.

– Aspirina – disse ela. – Volto em um segundo.

– Walter? – A voz de Elizabeth veio de cima, de repente, fazendo-o dar um salto.

– Nossa, Elizabeth! – exclamou ele. – Não chegue assim de fininho!

– Eu não cheguei de fininho. Você estava de olhos fechados.

– Eu estava *pensando*.

– Nos extintores de incêndio? Eu também. Vamos combinar três. Dois são suficientes, mas três devem eliminar qualquer possibilidade de tragédia. Até noventa e nove por cento ou um pouco mais do que isso.

– Meu Deus. – Ele estremeceu enquanto secava a palma das mãos úmidas na calça. – Será que estou no meio de um pesadelo? Por que não consigo acordar?

– Você está pensando no um por cento restante – disse Elizabeth. – Bem, não precisa. Essa porção ínfima se refere a atos de Deus, como terremotos ou tsunamis, coisas que não podemos prever porque a ciência ainda não chegou a esse ponto. – Ela fez uma pausa, endireitando o cinto. – Walter, você não acha curioso que as pessoas usem esta expressão, “ato de Deus”? A maioria quer acreditar que Deus está relacionado a cordeiros, amor e bebês em manjedouras, mas esse ser supostamente benevolente golpeia pessoas inocentes a torto e a direito. Isso só pode indicar um problema de controle da raiva, talvez até um transtorno bipolar. Em uma instituição psiquiátrica, um paciente desse tipo seria submetido a uma terapia com eletrochoque, com a qual eu não concordo. A eficácia da terapia com eletrochoque ainda não está comprovada. Mas não é interessante que os atos de Deus e a terapia com eletrochoque tenham tanta coisa em comum? Em termos de violência, crueldade...

– Sessenta segundos, Sra. Zott.

– ... hostilidade, barbárie...

– Pelo amor de Deus, Elizabeth, por favor.

– Seja como for, podemos pensar em três. Toda mulher precisa saber apagar um incêndio. Vamos começar com a técnica de abafar e depois, se não der certo, passamos para o nitrogênio.

– Quarenta segundos, Sra. Zott.

– E que história é essa de usar calça comprida? – indagou Walter, com os dentes tão trincados que as palavras mal saíram.

– O que você quer dizer com isso?

– Você sabe o que eu quero dizer.

– Você gostou? Deve ter gostado. Você usa o tempo todo e agora eu entendo o motivo. É muito confortável. Não se preocupe; vou te dar os créditos por isso.

– Não! Elizabeth, eu *nunca*...

– Aqui está a sua aspirina, Sr. Pine – interrompeu Rosa, aparecendo ao lado dele. – E, Sra. Zott, deixe eu dar uma espiadinha rápida no seu... ótimo, ótimo... vire o rosto para o outro lado agora... ótimo... impressionante, na verdade. Tudo bem, está tudo certo.

– Sra. Zott, em dez – chamou o câmera.

– Você está doente, Walter?

– Você viu o projeto da árvore genealógica? – sussurrou ele.

– Oito segundos.

– Você está pálido, Walter.

– Não tem a menor graça. A árvore – disse ele com dificuldade.

– De graça? Mas eu achei que você tinha dito que eu não podia dar mais nada.

Elizabeth voltou para o cenário e, se virando para a câmera, disse:

– E estamos de volta.

– Eu não sei o que você acha que me deu – disparou Walter para Rosa –, mas não está funcionando.

– Leva tempo.

– Que eu não *tenho*. Me dê o frasco.

– O senhor já tomou a dose máxima.

– Ah, é? – vociferou ele, agitando o frasco. – Então me explique por que ainda tem alguns aqui.

– Agora despeje a sua versão da Suécia – dizia Elizabeth – na configuração de molécula de proteína, lipídeo e gordura que você abriu antes, a sua massa de empadão, aquela cujas ligações químicas foram ativadas usando a molécula de água, H₂O, resultado do casamento perfeito entre estabilidade e estrutura.

Ela fez uma pausa, as mãos agora cheias de farinha apontando para a massa de empadão recheada de legumes e frango.

– Estabilidade e estrutura – repetiu ela, olhando para a plateia no estúdio. – A química é inseparável da vida; por definição, química é vida. Mas, assim como o seu empadão, a vida precisa de uma base forte. Na sua casa, você é essa base. É uma responsabilidade enorme, o trabalho mais subestimado do mundo que, apesar disso, mantém todas as coisas juntas.

Diversas mulheres no estúdio assentiram vigorosamente.

– Pare um pouquinho para apreciar o seu experimento – continuou Elizabeth. – Você usou a elegância das ligações químicas para construir uma massa que vai abrigar e realçar o sabor dos seus ingredientes. Analise de novo o seu recheio e pergunte a si mesma: o que a Suécia quer? Ácido cítrico? Talvez. Cloreto de sódio? Provavelmente. Ajuste. Quando ficar satisfeita, coloque a segunda massa por cima, como um cobertor, apertando as bordas para vedar. Depois, faça alguns cortes pequenos na cobertura, criando fendas. O propósito da fenda é dar à molécula de água o espaço necessário para se converter em vapor e escapar. Sem essa fenda, o empadão vira o Monte Vesúvio. Para proteger os moradores da morte certa, sempre faça esses cortes.

Ela pegou uma faca e fez três pequenas fendas na tampa.

– Pronto. Agora coloque no forno a 190 graus Celsius. Asse por mais ou menos 45 minutos. – Ela olhou para o relógio no alto. – Parece que temos um tempo sobrando. Talvez eu possa responder a uma pergunta da plateia.

Ela olhou para o câmara, que passou um dedo pela garganta, como se fosse cortá-la.

“Não, não, não”, comunicou ele sem emitir nenhum som.

– Olá – disse ela, apontando para uma mulher na primeira fila, com os óculos empoleirados em um penteado rígido e as pernas grossas cobertas

por uma meia de compressão.

– Sou a Sra. George Fillis, de Kernville – apresentou-se a mulher, nervosa, ao se levantar –, e tenho 38 anos. Eu só queria dizer que gosto muito do seu programa. Eu... eu nem consigo acreditar em quantas coisas eu aprendi. Eu sei que não sou das mais brilhantes – continuou, com o rosto vermelho de vergonha –, é isso que o meu marido sempre diz, mas, mesmo assim, na semana passada, quando você disse que osmose era o movimento de um solvente menos concentrado através de uma membrana semipermeável para outro solvente mais concentrado, eu acabei pensando se... bem...

– Continue.

– Bem, se o edema da minha perna não poderia ser um efeito colateral da condutividade hidráulica defeituosa combinada com um coeficiente de reflexão osmótica irregular de proteínas de plasma. O que a senhora acha?

– Um diagnóstico muito detalhado, Sra. Fillis – disse Elizabeth. – Que tipo de medicina a senhora pratica?

– Ah – a mulher vacilou –, não, não sou médica. Sou só uma dona de casa.

– Não existe nem uma mulher no mundo que seja *só* uma dona de casa – retrucou Elizabeth. – O que mais você faz?

– Nada. Tenho alguns hobbies. Gosto de ler revistas de medicina.

– Interessante. O que mais?

– Costura.

– Roupas?

– Corpos.

– A senhora costura feridas?

– Isso. Tenho cinco filhos. Eles estão sempre se rasgando.

– E, quando tinha a idade deles, a senhora se via sendo...

– Mãe e esposa amorosa.

– Não, de verdade...

– Uma cardiologista cirurgiã de peito aberto – respondeu a mulher antes de conseguir se conter.

O estúdio se encheu com um silêncio pesado, a carga do sonho absurdo

da mulher pendurada como uma roupa molhada demais em um dia sem vento. Cirurgiã de peito aberto? Por um instante, parecia que o mundo inteiro estava esperando a gargalhada que deveria se seguir. Mas então, de uma ponta da plateia, veio um único e inesperado aplauso, logo seguido por outro, e depois outro, e depois mais dez, e depois mais vinte e, em pouco tempo, todos na plateia estavam de pé e alguém gritou “Dra. Fillis, cirurgiã cardíaca”, e os aplausos se tornaram estrondosos.

– Não, não – insistia a mulher acima do barulho. – Eu só estava brincando. Não posso fazer isso de verdade. De qualquer maneira, está tarde demais.

– Nunca é tarde demais – comentou Elizabeth.

– Mas eu não poderia. Não posso.

– Por quê?

– Porque é difícil.

– E criar cinco meninos não é?

Com as pontas dos dedos, a mulher enxugou as pequenas gotas de suor que salpicavam a sua testa.

– Mas onde alguém como eu poderia começar?

– Numa biblioteca pública – respondeu Elizabeth. – Depois o teste de admissão para a faculdade de medicina, a faculdade em si e a residência.

De repente, a mulher pareceu perceber que Elizabeth a levava a sério.

– Você *realmente* acha que eu seria capaz? – perguntou ela com a voz trêmula.

– Qual é o peso molecular do cloreto de bário?

– 208, 23.

– Você vai se sair bem.

– Mas o meu marido...

– É um homem de sorte. Por falar nisso, hoje é Dia de Pegar de Graça, Sra. Fillis, algo que meu produtor acabou de inventar. Para mostrar nosso apoio ao seu futuro destemido, a senhora vai levar para casa meu empadão de frango. Pode vir pegá-lo.

Em meio a aplausos retumbantes, Elizabeth entregou à Sra. Fillis, agora com uma aparência determinada, o empadão embrulhado em papel

laminado.

– Nosso tempo já acabou – disse Elizabeth –, mas espero que vocês nos sintonizem de novo amanhã, quando vamos explorar o mundo das conflagrações na cozinha.

Em seguida, ela olhou para a lente da câmera e, como se os visualizasse, encarou os rostos perplexos dos cinco filhos da Sra. George Fillis, esparramados na frente da televisão em Kernville, com os olhos arregalados e a boca aberta, como se tivessem acabado de ver a mãe pela primeira vez na vida.

– Crianças, ponham a mesa – ordenou Elizabeth. – Sua mãe precisa de um tempo para ela.

CAPÍTULO 30

99 por cento

– Mad – começou Elizabeth com cuidado uma semana depois. – A Sra. Mudford ligou para o meu trabalho hoje. Falou sobre uma foto de família inadequada.

Madeline demonstrou um interesse súbito por uma cicatriz no joelho.

– E junto com a foto tinha uma árvore genealógica – disse Elizabeth com delicadeza – em que você alega ser descendente direta – ela fez uma pausa, consultando uma lista – de Nefertiti, Sojourner Truth e Amelia Earhart. Isso parece familiar?

Madeline ergueu o olhar com inocência.

– Não muito.

– E a árvore inclui um fruto intitulado “Fada-Madrinha”.

– Hum.

– E embaixo alguém escreveu “Os seres humanos são animais”. Isso foi sublinhado três vezes. E depois “Geneticamente, os seres humanos são noventa e nove por cento iguais”.

Madeline olhou para o teto.

– Noventa e nove por cento? – repetiu Elizabeth.

– O quê? – perguntou Madeline.

– Isso é impreciso.

– Mas...

– Em ciência, a precisão importa.

– Mas...

– O fato é que pode chegar a até noventa e nove vírgula nove por cento. Noventa e nove *vírgula nove*. – Depois ela parou e abraçou a filha. – É culpa minha, querida. Com exceção do número pi, nós ainda não falamos dos decimais.

– Desculpe me intrometer – chamou Harriet ao entrar pela porta dos fundos. – Recados telefônicos. Esqueci de deixar. – Ela jogou uma lista na frente de Elizabeth e se virou para sair.

– Harriet – chamou Elizabeth, analisando a lista. – Quem é esse aqui? O reverendo da Primeira Igreja Presbiteriana?

Os pelos dos braços de Madeline se eriçaram.

– Parecia uma daquelas ligações para pedir apoio para a igreja. Ele perguntou pela Mad. Devia estar usando uma lista ruim. De qualquer maneira, esse recado aqui é o que eu queria que você visse – disse ela, apontando para um item da lista. – O *L.A. Times*.

– Eles também ligaram para o meu trabalho – disse Elizabeth. – Querem uma entrevista.

– Uma entrevista!

– Você vai sair no jornal de novo? – perguntou Mad, preocupada. Sua família tinha aparecido no jornal duas vezes: a primeira quando o pai morreu e a outra quando a lápide do pai foi despedaçada por uma bala perdida. Não era um bom histórico.

– Não, Mad – respondeu Elizabeth. – O rapaz que quer me entrevistar nem é repórter de ciências; ele escreve para a coluna feminina. E já me disse que não tem interesse em falar de química, só de culinária. É óbvio que ele não entende que é impossível separar as duas coisas. E desconfio que ele também quer fazer perguntas sobre a nossa família, mesmo que isso não seja da conta dele.

– Por que não? – perguntou Madeline. – O que a nossa família tem de *errado*?

Embaixo da mesa, Seis e Meia levantou a cabeça. Ele detestava o fato de Mad pensar que tinha alguma coisa errada com a família. Quanto a Nefertiti e as outras pessoas incluídas, não era só um desejo de Mad – a inclusão era

correta em um sentido crucial: todos os seres humanos têm um ancestral comum. Como a Sra. Mudford não sabia disso? Ele era um cachorro e até *ele* sabia disso. Aliás, no caso de alguém estar interessado, ele tinha acabado de aprender uma palavra nova: “diário”. Era um lugar onde a pessoa escrevia coisas maldosas sobre a família e os amigos e pedia a Deus que eles nunca vissem. Com “diário”, a contagem de palavras de Seis e Meia agora chegava a 648.

– Vejo vocês duas de manhã! – gritou Harriet, saindo e batendo a porta.

– O que tem de errado com a nossa família, mamãe? – repetiu Madeline.

– Nada – respondeu Elizabeth bruscamente, tirando a mesa. – Seis e Meia, me ajude com a capela de exaustão. Quero tentar limpar a louça usando vapor de hidrocarboneto.

– Me fale do papai.

– Já te contei tudo, querida – disse ela, o rosto de repente iluminado de afeto. – Ele era um homem amoroso, honesto e inteligente. Um grande remador e um químico talentoso. Era alto, tinha olhos cinza, como você, e mãos muito grandes. Os pais dele morreram em uma infeliz colisão com um trem e a tia bateu com o carro em uma árvore. Então ele foi morar em um orfanato, onde... – Ela fez uma pausa, o vestido xadrez azul e branco balançando nas canelas enquanto ela pensava no experimento de lavar a louça. – Me faça um favor, Mad, e coloque essa máscara de oxigênio. Seis e Meia, deixe eu te ajudar com os óculos de proteção. Pronto – disse ela, ajustando as tiras de todos. – Bem, aí o seu pai foi para Cambridge, onde ele...

– Fanato – Mad tentou falar através da máscara.

– Já tivemos essa conversa, querida. Não sei muita coisa sobre o orfanato. O seu pai não gostava de falar desse assunto. Era particular.

– Pa-ticula? Ou se-reto? – Mad tentou falar através da máscara de novo.

– Particular – respondeu a mãe com firmeza. – Às vezes coisas ruins acontecem. É um fato da vida. Desconfio que seu pai não falava muito do orfanato porque ele sabia que ficar pensando no assunto não ia mudar nada. Ele foi criado sem uma família, sem pais com quem pudesse contar, sem a proteção e o amor que toda criança merece. Mas ele perseverou. Muitas

vezes, a melhor maneira de lidar com uma coisa ruim – ela tateou à procura do lápis – é virá-la do avesso, usá-la como uma força, se recusar a deixar que essa coisa ruim te defina. *Lutar* contra ela.

O modo como ela falou – igual a uma guerreira – deixou Madeline preocupada.

– Coisas ruins também aconteceram com você, mamãe? Além da morte do papai? – Mas o experimento de lavar louça estava a todo vapor, e a pergunta se perdeu no casulo da máscara e no toque do telefone.

– ALÔ, WALTER – disse Elizabeth um instante depois.

– Espero não estar atrapalhando...

– De jeito nenhum – disse ela, apesar do zumbido incomum ao fundo. – Como posso te ajudar?

– Bem, eu liguei por dois motivos. O primeiro é a tarefa da árvore genealógica. Eu estava pensando...

– É – confirmou ela. – Nós aqui estamos encrocadas.

– Nós também – comentou ele, arrasado. – Ela parecia saber que os nomes que coloquei nos galhos eram inventados. Você também fez isso?

– Não. A Mad cometeu um erro de matemática.

Ele fez uma pausa, sem entender.

– Tenho que ver a Sra. Mudford amanhã – continuou ela. – Aliás, não sei se você soube, mas as duas foram designadas para a turma dela de novo no próximo ano. Ela vai dar aula no primeiro ano e, quando digo “dar aula”, estou sendo irônica, claro. Já registrei uma reclamação.

– Meu Deus – disse Walter, soltando um suspiro.

– Qual é a segunda coisa, Walter?

– É o Phil. Ele... ahn... ele não está... satisfeito.

– Nem eu – retrucou Elizabeth. – Como foi que ele chegou ao cargo de produtor executivo? Ele não tem visão, liderança, nem bons modos. E o jeito como ele trata as mulheres do canal é desprezível.

– Bem – disse Walter, lembrando que, ao falar sobre Elizabeth algumas semanas antes, Lebensmal tinha cuspidado nele. – Eu concordo que ele pode

ser uma figura em alguma medida.

– Isso não é ser uma figura, Walter. É ser uma abominação. Vou registrar uma reclamação na direção.

Walter balançou a cabeça. *Lá vem ela com as reclamações de novo.*

– Elizabeth, Phil *faz parte* da direção.

– Bem, alguém precisa saber do comportamento dele.

– Com certeza – disse Walter, com um suspiro –, mas a essa altura você com certeza já sabe que o mundo está cheio de Phils. A melhor coisa que a gente pode fazer é tentar se adaptar. Tirar o melhor de uma situação ruim. Por que você não consegue simplesmente fazer isso?

Ela tentou pensar em um bom motivo para tirar o melhor de Phil Lebensmal. Não... não conseguiu pensar em nada.

– Eu tenho uma ideia – continuou Walter. – O Phil está tentando conseguir um novo patrocinador, um fabricante de sopas. Ele quer que você use a sopa no programa, em algum prato. Se você conseguir atrair um grande patrocinador, acho que ele nos dá uma folga.

– Fabricante de sopas? Eu só trabalho com ingredientes frescos.

– Você não pode pelo menos *tentar* ceder um pouco? – implorou ele. – É uma lata de sopa. Pense nos outros, em todas as pessoas que trabalham no seu programa. Todos nós temos famílias para sustentar, Elizabeth. Todos nós precisamos do emprego.

Do outro lado do telefone veio um silêncio, como se ela estivesse ponderando as palavras dele.

– Eu queria me encontrar com Phil cara a cara – disse ela. – Para esclarecer as coisas.

– *Não* – enfatizou Walter. – Isso não. Isso nunca!

Ela expirou com força.

– Tudo bem. Hoje é segunda-feira. Leve a sopa na quinta. Vou ver o que posso fazer.

MAS A SEMANA SÓ FOI PIORANDO. No dia seguinte – terça-feira –, as revelações da tarefa da árvore da Sra. Mudford foram o assunto da escola: Madeline era

ilegítima; Amanda não tinha mãe; o pai de Tommy Dixon era alcoólatra. Não que as outras crianças se importassem com esses fatos, mas a Sra. Mudford, com os olhos mesquinhos úmidos de empolgação, consumiu os dados como um vírus faminto e depois os transmitiu para as outras mães, que os espalharam pela escola toda como uma labareda.

Na quarta-feira, alguém empurrou furtivamente por baixo da porta de Elizabeth uma folha de papel com a remuneração de todos os funcionários da KCTV. Elizabeth encarou as cifras. Ela ganhava um terço do que o cara dos esportes ganhava? Um cara que ficava no ar menos de três minutos por dia e cuja única habilidade era ler placares? Pior, existia uma coisa chamada “participação nos lucros” na KCTV, mas só os funcionários homens tinham sido convidados a participar.

Mas foi a aparência de Harriet ao chegar na manhã de quinta-feira que fez Elizabeth se enfurecer.

Ela tinha acabado de enfiar um bilhete na lancheira de Madeline – *A matéria não pode ser criada nem destruída, mas pode ser transformada. Em outras palavras, não se sente perto de Tommy Dixon* – quando Harriet se sentou perto dela e, apesar da escuridão da manhã, não tirou os óculos escuros.

– Harriet? – disse Elizabeth, imediatamente assustada.

Com uma voz que tentava muito dar a entender que aquilo não era nada, Harriet explicou que o Sr. Sloane estava meio mal-humorado na noite anterior. Ela havia jogado fora algumas revistas de mulheres nuas dele, os Dodgers tinham perdido, ele não aprovava o modo como Elizabeth tinha incentivado aquela mulher a se tornar uma cirurgiã cardíaca. Ele jogou uma garrafa de cerveja vazia em Harriet, que caiu para trás como um alvo em um estande de tiro.

– Vou chamar a polícia – afirmou Elizabeth, pegando o telefone.

– Não – pediu Harriet, colocando a mão no braço de Elizabeth. – Eles não vão fazer nada, e eu me recuso a dar essa satisfação a ele. Além do mais, eu bati nele com a minha bolsa.

– Eu vou lá agora mesmo. Ele precisa saber que esse tipo de comportamento não vai ser tolerado. – Ela se levantou. – Vou pegar meu

taco de beisebol.

– Não. Se você bater nele, a polícia vem atrás de você, não dele.

Elizabeth pensou nisso. Harriet tinha razão. Ela retesou a mandíbula e sentiu uma ira familiar por causa de seu próprio contato com a polícia anos antes. *Nada de declaração de arrependimento, então?* Ela levou a mão para trás e bateu à procura do lápis.

– Eu consigo cuidar de mim. Não tenho medo dele, Elizabeth; só sinto nojo. Existe uma diferença.

Elizabeth conhecia bem a sensação. Ela se curvou e abraçou Harriet. Apesar da amizade, as duas mulheres raramente se tocavam.

– Não existe nada que eu não faria por você – disse Elizabeth, puxando a outra para mais perto. – Você sabe disso, não é?

Surpresa, Harriet ergueu os olhos para Elizabeth, as lágrimas se formando.

– É, eu também. Igualmente. – Depois a mulher mais velha se afastou. – Vai ficar tudo bem – prometeu Harriet, secando o rosto. – É só deixar para lá.

Mas Elizabeth não era o tipo de pessoa que deixava as coisas para lá. Quando saiu da garagem cinco minutos depois, já tinha formulado um plano.

– OLÁ, ESPECTADORAS – disse Elizabeth três horas depois. – E bem-vindas de volta. Estão vendo isto? – Ela mostrou uma lata de sopa para a câmera. – É um verdadeiro poupa-tempo.

Na cadeira do produtor, Walter ofegou de gratidão. Ela está usando a sopa!

– Porque ela é cheia de substâncias químicas – continuou ela, jogando a lata, com um barulho surdo, em uma lixeira próxima. – Alimente seus entes queridos com isso e eles vão acabar morrendo, poupando o seu tempo, já que você não vai precisar alimentar mais ninguém.

O câmera se virou para olhar para Walter, confuso. Walter olhou para o relógio no pulso, como se tivesse se esquecido de um compromisso

importante, depois se levantou e saiu, indo direto para o estacionamento, onde entrou no carro e dirigiu até em casa.

– Felizmente, existem métodos muito mais rápidos para matar os seus entes queridos – continuou ela, indo até o cavalete, onde havia uma série de desenhos de cogumelos –, e os cogumelos são excelentes para começar. Eu escolheria o *Amanita phalloides* – e apontou para um dos desenhos –, também conhecido como cicuta verde. O veneno dele resiste a altas temperaturas, o que faz dele o ingrediente perfeito para um guisado de aparência inofensiva. Além disso, ele também se parece muito com o parente não tóxico dele, o cogumelo de palha. Assim, se alguém morrer e houver uma investigação, você pode facilmente se passar por uma dona de casa burra e fingir que trocou o cogumelo.

Phil Lebensmal ergueu os olhos da mesa para uma das telas no escritório abarrotado de aparelhos de televisão. O que foi que ela acabou de dizer?

– A grande questão dos cogumelos venenosos – continuou ela – é que eles se adaptam a formas diferentes com facilidade. Se não for um guisado, por que não tentar cogumelos recheados? Um prato que você pode compartilhar com o seu vizinho de porta, aquele que faz de tudo para tornar a vida da esposa um martírio. Ele já está com um pé na cova. Por que não ajudá-lo a colocar o outro?

Com essas palavras, alguém da plateia soltou uma risada inesperada e bateu palmas. Enquanto isso, a câmera também conseguiu capturar diversas mãos anotando com atenção as palavras “*Amanita phalloides*”.

– É claro que eu só estou brincando com essa história de envenenar seus entes queridos – disse Elizabeth. – Tenho certeza de que seus maridos e filhos são seres humanos maravilhosos, que sempre se empenham ao máximo para te dizer que apreciam o seu trabalho árduo. Ou, no caso improvável de você trabalhar fora, que o seu chefe justo garante que você receba a mesma remuneração dos seus colegas masculinos. – Essa fala recebeu ainda mais risadas e aplausos, que a acompanharam enquanto ela voltava para trás da bancada. – Hoje à noite, vamos preparar um guisado com brócolis e cogumelos – disse ela, mostrando uma cesta de, supõe-se, cogumelos de palha. – Vamos começar.

Podemos dizer que ninguém na Califórnia tocou no jantar naquela noite.

– ELIZABETH – DISSE ROSA, a maquiadora, quando estava de saída. – Lebensmal quer te ver às sete.

– Sete? – Elizabeth empalideceu. – Está na cara que esse homem não tem filhos. Por falar nisso, você viu o Walter? Acho que ele está danado comigo.

– Ele saiu cedo – disse Rosa. – Olhe, acho que você não deve ir ver o Lebensmal sozinha. Eu vou com você.

– Tudo bem, Rosa.

– Você deveria ligar para o Walter antes. Ele nunca deixa a gente se reunir com o Lebensmal sozinho.

– Eu sei. Não se preocupe.

Rosa hesitou, olhando o relógio.

– Vá para casa – falou Elizabeth. – Não vai ser nada de mais.

– Pelo menos ligue para o Walter antes – pediu Rosa. – Avise a ele. – Ela se virou para pegar seus pertences. – Aliás, adorei o programa de hoje. Foi engraçado.

Elizabeth ergueu o olhar, com as sobrancelhas levantadas.

– Engraçado?

ALGUNS MINUTOS ANTES DAS SETE, depois de terminar as anotações para o programa do dia seguinte, Elizabeth pendurou a bolsa grande no ombro e atravessou os corredores vazios da KCTV até a sala de Lebensmal. Ela bateu duas vezes e depois entrou.

– Você queria falar comigo, Phil?

Lebensmal estava sentado atrás de uma enorme mesa coberta de pilhas de papel e restos de comida, quatro aparelhos de televisão colossais passando, em som alto, reprises com imagens em um preto e branco fantasmagórico, o ar saturado de fumaça de cigarro. Um dos aparelhos

passava uma novela; outro, Jack LaLanne; o terceiro, um programa infantil; e o quarto, *Hora do Jantar*. Ela nunca tinha assistido ao próprio programa, nunca tinha ouvido o som da própria voz saindo de um microfone. Era horrível.

– Já era hora – disse Lebensmal, irritado, enquanto apagava um cigarro no cinzeiro de cristal. Ele apontou para uma cadeira, indicando que Elizabeth devia se sentar, depois foi bufando até a porta, fechando-a com um estrondo e apertando o botão de trancar.

– Me disseram para vir às sete.

– Eu te mandei falar? – vociferou ele.

Da esquerda, ela ouviu a própria voz explicando a interação entre calor e frutose. Ela inclinou a cabeça para o televisor. Será que tinha conseguido o pH certo? Tinha.

– Você sabe quem sou eu? – perguntou ele do outro lado da sala. Mas as TVs berrando embaralharam as palavras dele.

– Você sabe quem... *comeu*?

– *Eu disse* – ele falou mais alto dessa vez, enquanto voltava para a mesa – *você sabe quem sou eu?*

– Você é Phil LEBENSMAL – respondeu Elizabeth com a voz bem alta. – Você se importa se eu desligar as TVs? Está difícil ouvir.

– Não seja atrevida! – exclamou ele. – Quando eu pergunto se você sabe quem sou eu, eu quero dizer *você sabe quem sou eu*.

Por um instante, ela pareceu confusa.

– Repito: você é Phil Lebensmal. Mas, se quiser, podemos confirmar na sua carteira de motorista.

Ele estreitou os olhos.

– Exercício para a cintura! – gritou Jack LaLanne.

– Vamos cantar e dançar! – riu um palhaço.

– Eu nunca te amei – confessou uma enfermeira.

– Níveis de acidez do pH – ela ouviu a própria voz.

– Eu sou o *senhor* Lebensmal, produtor executivo da...

– Me desculpe, Phil – disse Elizabeth, fazendo um gesto para o televisor mais próximo dela –, mas eu realmente não estou conseguindo... – Ela

esticou o braço para abaixar o volume.

– NÃO TOQUE NAS MINHAS TELEVISÕES!

Ele se levantou, pegando uma pilha de pastas de arquivos, e atravessou a sala pisando forte, se plantando na frente dela com as pernas bem afastadas como um tripé.

– Sabe o que é isso? – perguntou ele, sacudindo os arquivos no rosto dela.

– Pastas de arquivos.

– Não banque a espertinha comigo. São questionários dos espectadores de *Hora do Jantar*. Números de venda de anúncios. Índices de audiência Nielsen.

– Sério? Eu adoraria... – Mas, antes que ela pudesse dar uma olhada, ele os tirou de perto.

– Como se você soubesse interpretar as pesquisas – disse ele com rispidez. – Como se você tivesse *alguma ideia* do que isso significa. – Ele bateu as pastas na coxa e depois voltou para o outro lado da mesa. – Eu deixei esse absurdo ir longe demais. Walter não conseguiu te controlar, mas eu vou fazer isso. Se quiser manter o seu emprego, você vai vestir o que eu escolher, fazer os coquetéis que eu quiser e preparar o jantar usando palavras normais. Você também vai...

Ele se interrompeu no meio da frase, revoltado com a reação dela – ou melhor, com a falta de reação. Era o modo como ela estava sentada na cadeira. Como uma mãe esperando o filho terminar a birra.

– Pensando melhor – cuspiu ele por impulso –, você está demitida! – E, como ela continuou sem reagir, ele se levantou e saiu pisando forte até as quatro televisões e desligou todas, quebrando dois botões. – **ESTÁ TODO MUNDO DEMITIDO!** – berrou. – Você, Pine e todos que tenham alguma função que ajude o programa ou compactue com essa porcaria. Estão todos na RUA! – Com a respiração ofegante, ele voltou para a mesa e se jogou na cadeira, esperando as duas reações de Elizabeth que podiam ou deviam se seguir: choro ou um pedido de desculpa, de preferência ambas.

Na sala agora silenciosa, Elizabeth assentiu enquanto alisava a frente da calça.

– Você está me demitindo por causa do episódio de hoje, dos cogumelos. E todas as pessoas ligadas ao programa.

– Isso mesmo – enfatizou ele, sem conseguir ocultar a surpresa pelo fato de a ameaça não a ter impressionado. – Todo mundo vai para a rua por *sua* causa. Empregos perdidos. Tudo por sua causa! – Ele se apoiou no encosto da cadeira e esperou que ela se humilhasse.

– Então, para esclarecer, estou sendo demitida porque não uso as roupas que você quer, não sorrio para a câmera e também, me corrija se eu estiver errada, porque não sei “quem você é”. E, para enfatizar isso, você está demitindo todas as pessoas ligadas ao *Hora do Jantar*, mesmo que elas também trabalhem em outros quatro ou cinco programas, que de repente vão ficar desfalcados. O que significa que esses outros programas também vão ser afetados a ponto de não poderem ir ao ar.

Frustrado pela lógica óbvia, Phil ficou mais tenso.

– Eu consigo preencher essas vagas em 24 horas – disse ele, estalando os dedos. – Menos, até.

– E essa é a sua decisão final, apesar do sucesso do programa.

– É, essa é a minha decisão final – confirmou ele. – E *não*, o programa *não* é um sucesso, essa é a questão. – Ele pegou as pastas de novo e as sacudiu. – Todos os dias recebemos cada vez mais reclamações... sobre você, suas opiniões... sua ciência. Nossos patrocinadores estão ameaçando nos abandonar. Aquele fabricante de sopas provavelmente vai nos processar.

– Patrocinadores – disse ela, batendo as pontas dos dedos, como se estivesse feliz por ter sido lembrada. – Eu queria mesmo conversar com você sobre eles. Pastilhas contra azia? Aspirina? Produtos como esses parecem dar a impressão de que os jantares preparados no programa vão causar uma indigestão.

– Mas vão mesmo! – disparou Phil em resposta.

Ele já tinha mastigado mais de dez pastilhas antiácidas nas últimas duas horas e suas entranhas ainda estavam reviradas.

– Quanto às reclamações, tivemos algumas – reconheceu ela. – Mas não são nada em comparação com as cartas de apoio. Que eu não esperava, confesso. Tenho um histórico de não me encaixar, Phil, mas estou

começando a achar que o programa funciona exatamente pelo fato de eu não me encaixar.

– *O programa não funciona* – insistiu ele. – É um desastre!

O que estava acontecendo? Por que ela continuava falando como se não tivesse sido demitida?

– Não se encaixar é uma sensação terrível – continuou ela, sem se abalar.

– É natural que os seres humanos queiram pertencer a um grupo; faz parte da nossa natureza biológica. Mas a sociedade nos faz sentir que nunca somos bons o suficiente para pertencer a um grupo. Você entende o que eu estou falando, Phil? Porque nós nos avaliamos com base em padrões de sexo, raça, religião, política, escolaridade. Até altura e peso...

– *O quê?*

– *Hora do Jantar*, ao contrário, foca nos nossos pontos em comum, nas nossas químicas. Então, mesmo que os espectadores possam estar presos a um comportamento social aprendido, por exemplo, o velho mote de “os homens são assim e as mulheres são assado”, o programa incentiva as pessoas a pensarem além dessa simplificação cultural. A pensarem com bom senso. Como um cientista.

Phil se recostou na cadeira, desacostumado à sensação de perder.

– É por isso que você quer me demitir. Porque você quer um programa que reforce as normas sociais. Que limite a capacidade do indivíduo. Eu entendo perfeitamente.

As têmperas de Phil começaram a pulsar. Com as mãos tremendo, ele pegou um maço de Marlboro, deu uma batidinha para tirar um cigarro e o acendeu. Por um instante, tudo ficou em silêncio, enquanto ele tragava com vigor, a extremidade acesa emitindo um pequeno crepitar, como uma fogueira de brinquedo. Enquanto expirava, ele analisou o rosto dela. Ele se levantou de repente, com o corpo vibrando de frustração, e foi até um aparador cheio de uísques e bourbons cor de âmbar com aparência sofisticada. Pegando uma garrafa, despejou o líquido em um copo de shot de vidro grosso até atingir a borda e quase transbordar. Ele entornou o conteúdo goela abaixo e se serviu de outro; em seguida, se virou e olhou para ela.

– Existe uma hierarquia aqui – disse ele. – E já está na hora de você aprender como ela funciona.

Ela o encarou, desconcertada.

– Eu gostaria de registrar que Walter Pine foi incansável nos esforços de me fazer seguir as suas sugestões, apesar de ele também acreditar que o programa poderia e *deveria* oferecer mais. Ele não deve ser punido pelas minhas ações. Ele é um homem bom e um funcionário leal.

Ao ouvir o nome de Walter, Lebensmal baixou o copo e deu outra tragada no cigarro. Ele não gostava que ninguém questionasse sua autoridade e não podia nem ia tolerar que uma mulher fizesse isso. Com o paletó do terno risca de giz entreaberto na cintura, ele cravou os olhos nela e começou a abrir o cinto bem devagar.

– Eu devia ter feito isso desde o início – disse ele, puxando o cinto dos passadores. – Estabelecer as regras básicas. Mas, no seu caso, vamos considerar isso como parte da sua entrevista de demissão.

Elizabeth apertou os braços da cadeira. Com a voz firme, falou:

– Se eu fosse você, não chegaria mais perto, Phil.

Ele a olhou com malícia.

– Parece que você não entende mesmo quem é que manda aqui, não é? Mas vai entender logo, logo. – Em seguida, ele olhou para baixo, abrindo o botão e o zíper da calça. Despindo-se, ele cambaleou até ela, com o órgão genital balançando solto a poucos centímetros do rosto de Elizabeth.

Ela sacudiu a cabeça, espantada. Ela não conseguia entender por que os homens acreditavam que as mulheres achavam a genitália masculina impressionante ou assustadora. Ela se curvou e enfiou a mão dentro da bolsa.

– Eu sei quem eu sou! – gritou ele com grosseria, se jogando contra ela.
– A pergunta é: quem você pensa que é?

– Sou Elizabeth Zott – disse ela com tranquilidade, tirando da bolsa uma faca de chef de 35 centímetros recém-afiada. Mas ela não sabia se Phil escutara. Ele tinha desmaiado.

CAPÍTULO 31

○ cartão de melhoras

Foi um ataque cardíaco. Não de grandes proporções, mas em 1960 a maioria das pessoas não sobrevivia nem a ataques cardíacos mais leves. O homem teve sorte de sobreviver. Os médicos disseram que ele continuaria hospitalizado por três semanas e, depois, ia fazer repouso total em casa por pelo menos um ano. Trabalhar estava fora de cogitação.

– Foi *você* quem chamou a ambulância? – Walter arfou. – *Você estava lá?*
– Era o dia seguinte, e Walter tinha acabado de ouvir a notícia.

– Estava – respondeu Elizabeth.

– E ele estava... o quê? No chão? Com a mão no coração? Ofegante?

– Não exatamente.

– Bem, então *como* foi? – perguntou Walter, abrindo os braços de frustração enquanto Elizabeth e a maquiadora se entreolhavam. – *O que aconteceu?*

– Acho melhor eu voltar mais tarde – disse Rosa rapidamente enquanto pegava sua maleta. Antes de sair, ela apertou o ombro de Elizabeth de leve. – É sempre uma honra, Elizabeth. Uma grande honra.

Walter a observou, as sobrancelhas erguidas em pânico.

– *Você salvou a vida do Phil* – disse ele, nervoso, ao ouvir o clique da porta se fechando. – Isso eu já entendi. Mas o que aconteceu exatamente? Não me esconda nada, comece contando por que *você* estava lá. Depois das sete da noite? Não faz sentido. Me conte. Não omita nada.

Elizabeth virou a cadeira para ficar de frente para Walter. Esticando o braço, ela tirou o lápis número dois do coque e o prendeu atrás da orelha esquerda, depois pegou uma xícara de café e tomou um gole.

– Ele me chamou para uma reunião – afirmou ela. – Disse que não podia esperar.

– Uma *reunião*? – repetiu ele, horrorizado. – Mas eu falei... você sabe... nós *conversamos* sobre isso. Você nunca deve se reunir sozinha com o Phil. Não que eu ache que você não seja capaz de lidar com ele; é só que eu sou o seu produtor e acho que sempre é melhor se... – Ele pegou um lenço e o levou à testa. – Elizabeth – a voz dele foi sumindo. – Cá entre nós, Phil Lebensmal não é um homem bom. Você entende o que eu quero dizer? Ele não é confiável. Ele tem um jeito de lidar com os problemas que...

– Ele me demitiu.

Walter ficou branco.

– E a você também.

– *Meu Deus!*

– Ele demitiu todo mundo que trabalha no programa.

– Não!

– Ele disse que você não conseguiu me controlar.

Walter ficou cinza.

– Você tem que entender – disse ele, apertando o lenço. – Você sabe como eu me sinto em relação ao Phil, sabe que eu não concordo com tudo que ele diz. Eu *controlei* você? Não me faça rir. Eu *obriguei* você a usar aqueles figurinos ridículos? Nem uma vez. Eu *implorei* para você ler os telepontos alegres? Bem, sim, mas só porque fui eu que escrevi. – Ele jogou as mãos para o alto. – Olhe, Phil me deu duas semanas para encontrar um modo de fazê-lo ver que o seu jeito extravagante de fazer as coisas funciona, que você recebe mais cartas de fãs, mais ligações, mais pessoas fazendo fila para participar da plateia no estúdio do que todos os outros programas juntos, e só por esses motivos você devia ficar. Mas você sabe que não posso entrar lá e dizer “Phil, você está errado e ela está certa”. É suicídio. Não. Lidar com Phil significa afagar o ego dele, ir pelas beiradas, falar o que ele quer ouvir. Você *sabe* o que eu quero dizer. Quando você ergueu a lata de

sopa, achei que estava tudo certo. Até você dizer para todo mundo que aquilo era veneno.

– Porque é.

– Olhe, eu vivo no mundo real, e, nesse mundo, dizemos e fazemos coisas para manter um emprego idiota. Você tem alguma ideia de quanta porcaria eu aturei no último ano? E mais, você sabia que os nossos patrocinadores estão prestes a debandar?

– Phil te disse isso?

– Sim. E eu tenho uma notícia fresquinha. Não importa quantas cartas acolhedoras e fofinhas *you* receba. Se os patrocinadores disserem “Detestamos Elizabeth Zott”, acabou. E a pesquisa de Phil diz que eles odeiam você. – Ele enfiou o lenço de volta no bolso, depois se levantou e encheu um copo descartável com água, esperando o gorgolejo do garrafão de água, um som desagradável que sempre fazia ele se lembrar da própria úlcera. – Olha – continuou ele, com a mão no abdome –, vamos deixar isso entre nós até eu achar uma solução para o problema. Quantas pessoas sabem? Só você e eu, certo?

– Eu contei para todos do programa.

– *Não*.

– Acho que posso afirmar que o prédio inteiro já sabe.

– *Não* – repetiu ele, batendo a palma da mão na testa. – Que droga, Elizabeth, onde você estava com a cabeça? Você não sabe como funciona uma demissão? Passo um: nunca conte a verdade para ninguém. Diga que você ganhou na loteria, herdou uma fazenda de gado no Wyoming, recebeu uma oferta incrível em Nova York, esse tipo de coisa. Passo dois: beba muito até decidir o que fazer. Meu Deus! É como se você não conhecesse esse meio!

Elizabeth tomou mais um gole de café.

– Você quer saber o que aconteceu ou não?

– Tem mais? – perguntou ele, ansioso. – O quê? Ele vai pedir os nossos carros de volta também?

Ela o olhou fixamente, com a testa, que costuma ser lisa, um pouco enrugada, e, num piscar de olhos, a atenção de Walter se voltou para ela. Ele

se sentiu incomodado. Tinha deixado passar o componente mais crítico da reunião entre Elizabeth e Phil. Ela se encontrou com ele sozinha.

– Me conte – pediu ele, sentindo ânsias de vômito. – Por favor, me conte.

A maioria dos homens era como Phil? Na opinião de Walter, não. Mas a maioria dos homens, inclusive ele próprio, *fazia* alguma coisa a respeito de homens como Phil? Não. Claro, talvez isso parecesse covardia ou motivo de vergonha, mas, sinceramente, o que qualquer pessoa *podia* fazer de verdade? Não dava para desafiar homens como Phil. Para evitar essas consequências, as pessoas simplesmente faziam o que eles mandavam. Todo mundo sabia disso e todo mundo agia de acordo. Mas Elizabeth não era todo mundo. Ele pousou a mão trêmula na testa, odiando cada osso do seu corpo covarde.

– Ele tentou alguma coisa? Você teve que lutar contra ele? – sussurrou Walter.

Ela estava sentada ereta, a luz do espelho de maquiagem formando uma aura extra de fortaleza. Temeroso, ele analisou o rosto dela, pensando que aquela devia ser a aparência de Joana d’Arc pouco antes de acenderem a fogueira.

– Tentou.

– Meu Deus! – gritou Walter, amassando o copo descartável na mão. – Meu Deus, não!

– Walter, relaxe. Ele não conseguiu nada.

Walter hesitou.

– Por causa do ataque cardíaco – comentou ele, aliviado. – Claro! Aconteceu no momento certo. O enfarte. Graças a Deus!

Ela olhou para ele, intrigada, e depois enfiou a mão na bolsa, aquela mesma bolsa que tinha levado à sala de Phil na noite anterior.

– Eu não daria graças a Deus – disse ela, tirando da bolsa aquela mesma faca de chef de 35 centímetros.

Ele engoliu em seco. Como a maioria dos cozinheiros, Elizabeth insistia em usar as próprias facas. Ela as levava para o estúdio toda manhã e as levava de volta toda noite. Todo mundo sabia disso. Todo mundo menos Phil.

– Eu não toquei nele – explicou ela. – Ele simplesmente caiu de joelhos.

– Minha nossa... – sussurrou Walter.

– Eu chamei uma ambulância, mas você sabe como é o trânsito naquela hora do dia. Demorou uma eternidade. Enquanto eu esperava, fiz um bom uso do meu tempo. Aqui. Dê uma olhada. – Ela entregou a ele as pastas que Lebensmal tinha sacudido na frente dela. – Ofertas de retransmissão – disse ela, quando ele demonstrou surpresa com o conteúdo. – Sabia que temos sido retransmitidos para o estado de Nova York há três meses? Além disso, algumas ofertas novas e interessantes de patrocínio. Apesar do que Phil te falou, os patrocinadores estão se matando para participar do nosso programa. Como este aqui – disse ela, mostrando um anúncio da companhia RCA Victor.

Walter baixou os olhos, encarando a pilha de papéis. Ele fez um gesto para Elizabeth passar a xícara de café dele e, quando ela fez isso, ele tomou de um gole só.

– Desculpe – conseguiu dizer. – Isso tudo é muito incrível.

Ela olhou impaciente para o relógio da parede.

– Não consigo acreditar que estamos sem emprego – continuou ele. – Quero dizer, temos um programa de sucesso e *fomos demitidos*?

Elizabeth o encarou, preocupada.

– Não, Walter – disse ela devagar. – Nós *não* estamos sem emprego. Nós estamos no controle.

QUATRO DIAS DEPOIS, Walter estava sentado à velha mesa de Phil, a sala sem nenhum cinzeiro, o tapete persa removido, os botões do telefone em chamadas com ligações importantes.

– Walter, faça as mudanças que você sabe que precisam ser feitas – disse Elizabeth, lembrando que ele estava assumindo o cargo de produtor executivo. E, quando ele hesitou em assumir a responsabilidade, ela simplificou a descrição do cargo. – Faça o que você sabe que é correto, Walter. Não é tão difícil assim, é? Depois mande os outros fazerem o mesmo.

Não era tão fácil quanto ela queria dar a entender. O único estilo de

administração que ele conhecia era a intimidação e a manipulação; era assim que sempre falavam com *ele*. Mas ela parecia crer – meu Deus, como ela era ingênua! – que os empregados eram mais produtivos quando se sentiam respeitados.

– PARE DE SE DEBATER, WALTER – disse ela quando os dois se encontraram na frente da Escola Primária Woody para mais uma reunião com a Sra. Mudford. – Agarre o leme. Conduza. Quando tiver dúvida, finja.

FINGIR. ISSO ELE SABIA FAZER. Em poucos dias, tinha feito uma série de negociações para transmitir *Hora do Jantar* de costa a costa. Depois, negociou um novo conjunto de patrocínios que poderiam duplicar o resultado financeiro da KCTV. Por fim, antes que perdesse a coragem, convocou uma reunião com todos do canal para atualizá-los sobre a situação cardiovascular de Phil e sobre como Elizabeth foi fundamental para salvar a vida de Phil. Além disso, falou que, apesar do “incidente”, esperava que todos continuassem gostando do trabalho significativo que eles faziam na KCTV. De todas essas coisas, a notícia do enfarte de Phil foi a que ganhou os aplausos mais altos.

– Pedi ao nosso artista gráfico que criasse um cartão de melhoras – disse ele, mostrando um cartão gigantesco com uma caricatura de Phil fazendo o gol da vitória. Mas, no lugar de uma bola normal, Phil estava chutando o próprio coração, o que, pensando bem, talvez não tivesse sido a melhor escolha. – Por favor, aproveitem a ocasião para assinar o cartão – pediu Walter. – E, se quiserem, acrescentem uma mensagem pessoal.

Mais tarde naquele dia, quando foi a vez dele de assinar o cartão, Walter deu uma olhada nas mensagens. A maioria era “Boa recuperação!”, como de costume, mas algumas eram pesadas.

Foda-se, Lebensmal.

Eu não teria chamado uma ambulância.

Morra logo.

Ele reconheceu a caligrafia da última frase: uma das secretárias de Phil.

Mesmo sabendo ser impossível que ele fosse a única pessoa que detestava o chefe, Walter não fazia ideia de que era membro de um clube tão numeroso. Fazia com que se sentisse melhor, claro, mas também era angustiante. Porque, como produtor, ele fazia parte da equipe administrativa de Phil, e isso significava que ele era responsável por conduzir os planos de Phil ao mesmo tempo que ignorava aqueles que, no fim das contas, sofriam as consequências. Ele pegou uma caneta e, pela quarta vez naquele dia, seguiu o conselho simples de Elizabeth Zott: faça a coisa certa.

“TOMARA QUE VOCÊ NÃO SE RECUPERE *NUNCA*”, escreveu em letras enormes bem no meio do cartão. Depois, enfiou o cartão em um envelope imenso, colocou na cesta de saída e fez uma promessa solene. As coisas tinham que mudar. Ele começaria consigo mesmo.

CAPÍTULO 32

Malpassado

– A mamãe sabe? – perguntou Mad quando Harriet a apressou para entrar no seu Chrysler. O novo ano letivo já tinha começado havia um tempo, e, conforme previsto, a Sra. Mudford continuava sendo professora dela. Era por isso que Harriet achava que ela podia perder um dia de aula. Ou vinte.

– Claro que não! Deus me livre! – exclamou Harriet ao ajustar o espelho retrovisor. – Se ela soubesse, nós estaríamos fazendo isso?

– Mas ela não vai ficar brava?

– Só se ela descobrir.

– Você falsificou muito bem a assinatura dela – comentou Mad, analisando o bilhete que Harriet tinha escrito para tirar Mad da escola. – Menos o E e o Z.

– Bem – disse Harriet, irritada –, ainda bem que a escola não tem peritos grafotécnicos, não é?

– Ainda bem mesmo – concordou Mad.

– O plano é o seguinte – retomou Harriet, ignorando-a. – Ficamos na fila como todo mundo e, depois de entrarmos, vamos direto para a última fileira da plateia. Ninguém escolhe ficar ali. Nós vamos escolher esses lugares porque, se alguma coisa der errado, estamos perto da saída de emergência.

– Mas a saída da emergência *só deve* ser usada em emergências – disse Mad.

– Bem, se a sua mãe nos vir, vai ser uma emergência.
– Mas as portas vão estar fechadas.
– Sim, outro bônus. Se tivermos que sair depressa, o barulho vai distrair a sua mãe.

– Você tem *certeza* de que devemos fazer isso, Harriet? – perguntou Mad. – A mamãe diz que os estúdios de TV não são seguros.

– Bobagem.

– Ela diz que é...

– Mad, é seguro. É um ambiente de aprendizagem. Sua mãe ensina culinária na TV, não é?

– Ela ensina química – corrigiu Madeline.

– Que tipo de perigo poderíamos encontrar?

Madeline olhou pela janela.

– Excesso de radioatividade – respondeu ela.

Harriet soltou um suspiro barulhento. A menina estava ficando igual à mãe. Esse tipo de coisa costumava acontecer mais tarde na vida, mas Mad fazia tudo muito antes do esperado. Ela pensou em Mad na idade adulta. *Eu já te disse antes, já disse mil vezes, ela gritaria para o próprio filho. Nunca deixe um bico de Bunsen sem vigilância!*

– Chegamos! – soltou Mad de repente quando o estacionamento do estúdio apareceu. – KCTV! Ah, que bom! – Mas logo em seguida ficou desanimada. – Harriet, olhe só a fila.

– Mas que droga – xingou Harriet quando percebeu a massa de pessoas serpenteando pelo estacionamento. Havia centenas de pessoas, principalmente mulheres com bolsas pesadas nos antebraços suados, mas também algumas dezenas de homens com paletós pendurados em dois dedos. Todo mundo usava alguma coisa como leque: mapas, chapéus, jornais.

– Todos eles estão aqui para ver o programa da mamãe? – perguntou Madeline, boquiaberta.

– Não, querida, eles gravam vários programas aqui.

– Com licença – disse um funcionário do estacionamento, fazendo sinal para Harriet parar. Ele se abaixou ao lado de Madeline –, a senhora não viu

o cartaz? O estacionamento está lotado.

– Tudo bem. Onde posso estacionar?

– Vocês vieram para *Hora do Jantar*?

– Sim.

– Desculpe ter que falar isso, mas... vocês não vão entrar – disse ele, apontando para a longa fila. – Todo esse pessoal, quase todo mundo está aqui para nada. As pessoas começam a fazer fila às quatro da manhã. A maioria da plateia ao vivo de hoje já foi selecionada.

– O quê? – exclamou Harriet. – Eu não fazia ideia.

– O programa é muito popular – explicou o homem.

Harriet hesitou.

– Mas eu tirei a menina da escola só para isso.

– Desculpe, vovó – disse o homem. Depois ele se inclinou mais para dentro do carro. – Desculpe você também, menina. Eu recuso muitas pessoas todo dia. Não é um trabalho divertido, pode acreditar. As pessoas berram comigo o tempo todo.

– Minha mãe não ia gostar disso – disse Mad. – Ela não ia gostar de ninguém berrando com os outros.

– Sua mãe deve ser legal – disse o homem. – Mas vocês podem seguir? Ainda tenho que dispensar muita gente.

– Tudo bem – concordou Mad. – Mas você poderia me fazer um favor rápido? Pode escrever o seu nome no meu caderno? Vou contar para a minha mãe que o seu trabalho é difícil aqui fora.

– *Mad* – sibilou Harriet.

– Você quer o meu autógrafo? – Ele riu. – Uau, é a primeira vez. – E, antes que Harriet pudesse contê-lo, ele pegou o caderno de Mad e escreveu “Seymour Browne”, tomando o cuidado de usar as linhas do caderno escolar da menina que mostravam a altura certa para as letras maiúsculas e a altura certa para as letras minúsculas. Depois fechou o caderno, e as duas palavras na capa o fizeram sacudir como um fio elétrico solto.

– *Madeline Zott*? – leu ele, incrédulo.

O ESTÚDIO ESTAVA ESCURO E FRIO, com grossas cordas correndo de uma ponta à outra e câmeras enormes de cada lado, preparadas para girar e gravar o que as luzes de cima iluminassem.

– Chegamos – avisou a secretária de Walter Pine, levando Madeline e Harriet para dois assentos subitamente vagos na primeira fila. – Os melhores lugares da casa.

– Na verdade – disse Harriet –, será que você se importa? Nós queríamos muito ficar lá trás.

– Ah, não – rebateu a mulher. – O Sr. Pine me mataria.

– Alguém vai morrer – murmurou Harriet.

– Eu gostei desses lugares – disse Madeline, se sentando.

– Ver um programa ao vivo é muito diferente de assistir em casa – explicou a secretária. – Você não vai só ver o programa, vai fazer parte dele. E as luzes, elas mudam tudo. Garanto que estes são os melhores lugares.

– É que não queremos distrair a Sra. Zott – tentou de novo Harriet. – Não queremos que ela fique nervosa.

– Elizabeth, nervosa? – A secretária riu. – Que engraçado. De qualquer forma, ela não consegue ver a plateia. As luzes do cenário fazem a pessoa ficar cega.

– Tem certeza? – perguntou Harriet.

– Absoluta. É garantido como a morte e os impostos.

– Todo mundo morre – assinalou Mad. – Mas nem todo mundo paga imposto.

– Você é uma menininha precoce, hein? – disse a secretária, a voz irritada de repente. Mas antes que Madeline pudesse dar as estatísticas sobre sonegação de impostos, o quarteto iniciou a música tema de *Hora do Jantar* e a secretária desapareceu. À esquerda, Madeline viu Walter Pine se acomodar em uma cadeira com encosto de tecido. Ele fez um sinal com a cabeça e, em seguida, uma câmera se moveu até ficar na posição e um homem que usava fones de ouvido fez um sinal com os polegares para cima. Quando a música chegou aos acordes finais, uma figura conhecida entrou com passos firmes, como um presidente subindo ao pódio, a cabeça erguida, a postura ereta, o cabelo cintilando sob as luzes brilhantes.

MADÉLINE TINHA VISTO A MÃE de mil maneiras diferentes – a primeira visão da manhã, a última visão à noite, se afastando de um bico de Bunsen, espiando em um microscópio, enfrentando a Sra. Mudford, franzindo a testa para um estojo de pó compacto, saindo do chuveiro, pegando-a no colo. Mas nunca tinha visto a mãe daquele jeito – nunca, jamais daquele jeito. *Mamãe!*, pensou, com o coração se enchendo de orgulho. *Mamãe!*

– Olá – disse Elizabeth. – Meu nome é Elizabeth Zott e esta é a *Hora do Jantar*.

A secretária estava certa. Tinha alguma coisa nas luzes, no modo como elas revelavam coisas, que o granulado preto e branco em casa não conseguia captar.

– Hoje é dia de bife – avisou Elizabeth –, o que significa que vamos explorar a composição química da carne, com foco na diferença entre “água ligada” e “água livre”. Vocês podem se surpreender – e ela pegou um pedaço grande de alcatra –, mas a carne é composta de 72 por cento de água.

– Como a alface – sussurrou Harriet.

– Obviamente, não como a alface – disse Elizabeth –, que contém muito mais água, até 96 por cento. Por que a água é importante? Porque é a molécula em maior quantidade no nosso corpo: sessenta por cento da nossa composição. Embora nosso corpo possa viver sem alimentos por até três semanas, sem água nós morremos em três dias. No máximo, quatro.

Um murmúrio de desconforto veio da plateia.

– E é por isso – continuou Elizabeth – que, quando você pensa em abastecer o seu organismo, pensa em água primeiro. Agora, de volta à carne.

Ela pegou um facão afiado e, enquanto demonstrava como fazer um corte borboleta em um pedaço de carne, discorreu sobre o conteúdo vitamínico do bife, explicando não só o que o organismo faz com o ferro, o zinco e as vitaminas B, mas por que a proteína é fundamental para o crescimento. Depois, explicou qual percentual da água no tecido muscular existia como moléculas livres, terminando com a definição de água livre e água ligada, que ela obviamente achava empolgante.

Durante toda a explicação, a plateia no estúdio estava extasiada: nenhuma tosse nem cochicho nem o barulho de cruzar e descruzar as

pernas. Se havia algum som, era o de canetas rabiscando o papel enquanto as pessoas faziam anotações.

– Hora da nossa vinheta – disse Elizabeth, seguindo a deixa do câmara.
– Fiquem conosco. – Ela baixou a faca e saiu do cenário, fazendo uma breve pausa enquanto a maquiadora passava uma esponja na testa dela e alisava alguns fios de cabelo soltos.

Madeline se virou para observar a plateia. As pessoas estavam nervosas, impacientes para que Elizabeth Zott voltasse a aparecer. Ela sentiu uma pontinha de ciúme. De repente, percebeu que tinha que dividir a mãe com muitas outras pessoas. Ela não gostou daquilo.

– DEPOIS DE ESFREGAR MEIO DENTE de alho fresco no bife – disse Elizabeth após alguns minutos –, salpique os dois lados da carne com cloreto de sódio e piperina. Em seguida, quando você notar a manteiga espumando – continuou ela, apontando para uma frigideira de ferro fundido quente –, coloque o bife na frigideira. Espere até ter certeza de que a manteiga está espumando. A espuma indica que a água da manteiga evaporou com a fervura. Isso é essencial, porque agora o bife pode cozinhar em lipídeos em vez de absorver H₂O.

Quando o bife começou a chiar, ela tirou um envelope do bolso do avental.

– Enquanto o bife está cozinhando, eu gostaria de compartilhar com vocês uma carta que recebi de Nanette Harrison, de Long Beach. Nanette escreveu: “Querida Sra. Zott, sou vegetariana. Não é por motivos religiosos. Só não acho muito simpático comer coisas vivas. Meu marido diz que o corpo precisa de carne e que estou sendo idiota, mas eu detesto pensar que um animal deu a vida por mim. Jesus Cristo fez isso e olhe o que aconteceu com ele. Sinceramente, Sra. Nanette Harrison, Long Beach, Califórnia.”

Elizabeth se dirigiu ao público:

– Nanette, você levantou uma questão interessante. O que nós comemos tem consequências para outros seres vivos. No entanto, os vegetais também são vivos e, mesmo assim, raramente pensamos que eles *ainda* estão vivos

quando os cortamos em pedacinhos, esmagamos com nossos molares, forçamos para dentro do nosso esôfago e depois digerimos no nosso estômago cheio de ácido clorídrico. Em suma, palmas para você, Nanette. Você pensa antes de comer. Mas saiba que você ainda está tirando uma vida para sustentar a sua. Não tem como escapar. Quanto a Jesus Cristo, sem comentários. – Ela se virou e, depois de espetar o bife e tirá-lo da frigideira, com os sumos vermelho-sangue gotejando, olhou diretamente para a câmara: – E agora uma mensagem do nosso patrocinador.

Harriet e Madeline se entreolharam, ambas com os olhos arregalados.

– Às vezes eu fico me perguntando: *como* um programa desses é popular? – sussurrou Harriet.

– Com licença, mocinhas. – A secretária estava de volta. – O Sr. Pine perguntou se pode falar rapidinho com vocês. – Ela deu uma entonação de interrogação, embora não fosse. – Me sigam.

A mulher as conduziu para fora da plateia e por um corredor até chegarem a um escritório onde Walter Pine estava andando de um lado para outro. Quatro aparelhos de TV estavam alinhados na parede, todos transmitindo *Hora do Jantar*.

– Olá, Madeline – disse ele. – É um prazer te ver, mas também uma surpresa. Você não devia estar na escola?

Mad inclinou a cabeça.

– Oi, Sr. Pine. – Ela apontou para Harriet. – Esta é a Harriet. Foi ideia dela. Ela falsificou a assinatura.

Harriet olhou de cara feia para Mad.

– Walter Pine – apresentou-se Walter, apertando a mão de Harriet. – Até que enfim. É um prazer te conhecer, Harriet... Sloane, certo? Só ouvi coisas boas a seu respeito. Mas – a voz dele foi diminuindo – que ideia foi essa? Se ela descobrir que vocês estão aqui...

– Eu sei – admitiu Harriet. – Eu só quero deixar registrado que pedimos para sentar na última fileira.

– Amanda também queria vir – disse Mad –, mas Harriet não quis agravar o crime. Falsificação é um delito grave, mas sequestro...

– Quanta consideração, Sra. Sloane – interrompeu ele. – Mas quero que

vocês saibam que, se dependesse de mim, vocês sempre seriam bem-vindas. Só que não depende de mim. Sua mãe – e ele se virou para Madeline – só está tentando te proteger.

– Da radioatividade?

Ele hesitou.

– Você é uma menininha muito inteligente, Madeline. Então, quando eu digo que a sua mãe está tentando te proteger da fama, aposto que você sabe do que estou falando.

– Não sei.

– Significa que ela quer proteger a sua privacidade. Te proteger de todas as coisas que as pessoas dizem e pensam sobre alguém que está sob o olhar do público. Alguém que é famoso.

– A minha mãe é *tão* famosa assim?

– Desde a retransmissão do programa – explicou Walter, tocando na testa com a ponta dos dedos –, ela ficou bem mais conhecida. Porque agora espectadores de lugares como Chicago, Boston e Denver também podem assistir ao programa da sua mamãe.

– Pique o alecrim – dizia Elizabeth em voz baixa ao fundo – com a faca mais afiada que você tiver. Isso minimiza o dano à planta e evita o excesso de fuga de eletrólitos.

– Por que ser famoso é ruim? – perguntou Madeline.

– Eu não diria que é ruim – respondeu Walter. – É que a fama tem algumas surpresas, e nem todas são boas. Às vezes as pessoas querem acreditar que são amigas pessoais de uma celebridade como a sua mãe. Isso faz com que elas se sintam importantes. Mas, para isso, elas têm que inventar histórias sobre a sua mãe, e nem todas as histórias são muito agradáveis. Sua mãe só está tentando garantir que ninguém vai inventar uma história sobre você.

– As pessoas estão inventando histórias sobre a minha mãe? – indagou Madeline, preocupada. Devia ser por causa das luzes, a maneira como faziam sua mãe parecer invencível. Elizabeth era o que a plateia precisava ver: uma mulher que exigia respeito e o conseguia, apesar de ela ter problemas como todo mundo. Mad imaginou que devia ser como quando

ela fingia que não conseguia ler muito bem. Você faz o que é necessário para sobreviver.

– Não se preocupe – disse Walter, colocando a mão no ombro ossudo de Mad. – Se existe alguém que sabe cuidar de si mesma, é a sua mãe. Pouquíssimas pessoas tentam enfrentar Elizabeth Zott. Ela só quer garantir que as pessoas não tentem tirar vantagem de você. Entendeu? Sra. Sloane, isso também serve para a senhora – disse ele, se virando para Harriet –, que passa mais tempo perto de Elizabeth do que a maioria das pessoas. Tenho certeza de que seus amigos adorariam ouvir os segredos de Elizabeth.

– Eu não tenho muitos amigos – confessou Harriet. – E, mesmo que tivesse, também tenho juízo.

– Mulher inteligente – disse Walter. – Eu também não tenho muitos amigos.

Na realidade, pensou Walter, ele só tinha uma amiga: Elizabeth Zott. E ela não era só uma amiga, era sua melhor amiga. Ele nunca tinha dito isso para ela, mas era verdade. Sim, havia várias pessoas que argumentavam que um homem e uma mulher não podem ser amigos. Elas estavam erradas. Elizabeth e ele discutiam tudo, coisas íntimas: morte, sexo e filhas. Além do mais, os dois se apoiavam em todos os aspectos, como fazem os amigos, até riam juntos, como fazem os amigos. Tudo bem que ela não ria com facilidade. Sem contar que, apesar da crescente popularidade do programa, ela parecia mais deprimida do que nunca.

– Então – disse Walter –, por que vocês não saem daqui agora, antes que sua mãe nos veja e nos frite em ácido estomacal?

– Mas por que você acha que minha mãe é tão popular? – indagou Madeline, ainda desejando não ter que compartilhá-la.

– Porque ela fala exatamente o que pensa – respondeu Walter. – E isso é muito raro. Mas também porque a comida que ela prepara é muito, muito boa. E porque todo mundo parece querer aprender química. E isso é estranho.

– Mas por que é tão raro alguém falar o que pensa?

– Porque isso traz consequências – respondeu Harriet.

– Enormes consequências – concordou Walter.

De uma TV no canto, Elizabeth disse:

– Parece que hoje temos tempo para responder a uma pergunta da nossa plateia no estúdio. Sim, você ali, de vestido lilás.

Uma mulher se levantou, radiante.

– Olá, meu nome é Edna Flattistein e sou de China Lake. Só queria dizer que eu adoro o seu programa e adorei mais ainda o que você falou sobre ser grata pela comida. Aí eu fiquei pensando se você tem alguma oração de agradecimento que seja sua preferida para recitar antes de cada refeição, para agradecer ao nosso Senhor e Salvador pela dádiva! Eu adoraria ouvi-la! Obrigada!

Elizabeth colocou a mão sobre a testa para proteger os olhos, como se quisesse dar uma espiada melhor em Edna.

– Olá, Edna, e obrigada pela sua pergunta. A resposta é não; eu não tenho uma oração de agradecimento preferida. Na verdade, eu não faço nenhuma oração.

Na sala de Walter, tanto ele quanto Harriet ficaram pálidos.

– Por favor – sussurrou Walter. – Não fale.

– Porque sou atea – disse Elizabeth de modo descontraído.

– E, pronto, ela explodiu tudo – comentou Harriet.

– Em outras palavras, eu não acredito em Deus – acrescentou Elizabeth, enquanto a plateia ofegava.

– Espere. Isso é raro? – soltou Madeline. – Não acreditar em Deus é uma daquelas coisas *raras*?

– Mas acredito nas pessoas que tornaram o alimento possível – continuou Elizabeth. – Os fazendeiros, os colhedores, os caminhoneiros, os estoquistas que abastecem as prateleiras dos mercados. Mas, acima de tudo, eu acredito em você, Edna. Porque você faz a refeição que nutre a sua família. Por sua causa, uma nova geração floresce. Por sua causa, outros vivem.

Ela fez uma pausa, olhando para o relógio, depois se virou diretamente para a câmera.

– E o nosso tempo acabou. Espero que vocês voltem amanhã, quando vamos explorar o fascinante mundo da temperatura e como ela afeta o

sabor. – Em seguida, ela inclinou a cabeça um pouco para a esquerda, quase como se estivesse avaliando se tinha ido longe demais. – Crianças, ponham a mesa – falou com uma determinação extra. – Sua mãe precisa de um tempo para ela.

E, em poucos segundos, o telefone de Walter começou a tocar e não parou mais.

CAPÍTULO 33

Fé

Em 1960, as pessoas não iam à televisão e diziam que não acreditavam em Deus e esperavam continuar na televisão por muito mais tempo. Como prova, o telefone de Walter logo se encheu de ameaças de patrocinadores e espectadores que queriam Elizabeth Zott demitida, presa e/ou apedrejada até a morte. A última veio do autoproclamado povo de Deus – o mesmo Deus que pregava tolerância e perdão.

– Mas que merda, Elizabeth – disse Walter, depois de fazer Harriet e Madeline escaparem porta afora dez minutos antes. – Algumas coisas são melhores se não forem ditas! – Eles estavam sentados no camarim de Elizabeth, ela com o avental quadriculado amarelo ainda amarrado na cintura fina. – Você tem todo o direito de não acreditar no que quiser, mas não deveria jogar sua opinião em cima dos outros, muito menos em rede nacional.

– Como foi que eu joguei a minha opinião em cima dos outros? – perguntou ela, surpresa.

– Você sabe do que estou falando.

– Edna Flattistein me fez uma pergunta direta e eu respondi. Estou feliz que ela possa expressar a crença dela em Deus e reconheço o direito que ela tem de fazer isso. Mas eu deveria ser tratada com o mesmo respeito. Muita gente não acredita em Deus. Alguns acreditam em astrologia ou cartas de tarô. Harriet acredita que, se ela soprar os dados, dá mais sorte em jogos de

tabuleiro.

- Acho que nós dois sabemos – disse Walter por entre os dentes cerrados
- que Deus é um pouco diferente de jogos de tabuleiro.
- Concordo. Jogos de tabuleiro são divertidos.
- Nós vamos pagar por isso – avisou Walter.
- Vamos lá, Walter – disse ela. – Tenha um pouco de fé.

FÉ – ESSA ERA A ÁREA DE conhecimento do reverendo Wakely, mas naquele dia ele estava com problemas para encontrá-la. Depois de passar horas consolando uma paroquiana rabugenta, que culpava todo mundo por tudo, ele voltou para o escritório querendo ficar sozinho. Mas, em vez disso, encontrou a Srta. Frask, a datilógrafa de meio expediente, na mesa dele, usando a máquina de escrever dele, se arrastando a trinta palavras por minuto, com os olhos grudados no aparelho de televisão da sala.

- Dê uma boa olhada no seu tomate – ele ouviu dizer a mulher na televisão, de aparência meio familiar, com um lápis se destacando atrás da cabeça. – Você pode não acreditar que tem alguma coisa em comum com esse fruto, mas tem. DNA. Até sessenta por cento. Agora, vire-se e olhe para a pessoa ao seu lado. Ela parece familiar? Pode ser que sim, pode ser que não. No entanto, você e ela compartilham ainda mais: 99,9 por cento do DNA, como todos os outros seres humanos na terra. – Ela deixou o tomate de lado e mostrou uma fotografia de Rosa Parks. – É por isso que eu apoio os líderes do movimento dos direitos civis, inclusive a corajosa Rosa Parks. A discriminação pela cor da pele não é apenas um sinal de profunda ignorância, mas também cientificamente absurda.

- Srta. Frask? – chamou Wakely.

- Só um instante, reverendo – disse ela, levantando um dedo. – Já está quase pronto. Aqui está o seu sermão. – Ela arrancou uma folha da máquina.

- A gente poderia pensar que os ignorantes morreriam mais cedo – continuou Elizabeth. – Mas Darwin não levou em conta que os ignorantes raramente se esquecem de comer.

– O que é isso?

– *Hora do Jantar*. O senhor nunca ouviu falar de *Hora do Jantar*?

– Eu tenho tempo para uma pergunta – dizia Elizabeth. – Sim, você aí no...

– Olá, meu nome é Francine Luftson e sou de San Diego! E só quero dizer que sou uma grande fã, mesmo que você não acredite em Deus! Mas eu estava pensando: existe algum tipo de dieta que você recomende? Eu sei que preciso perder peso, mas não quero passar fome. Eu tomo pílulas emagrecedoras todo dia. Obrigada!

– Obrigada, Francine. Mas é óbvio que você não está acima do peso. Portanto, vou supor que você está sendo equivocadamente influenciada pelas imagens implacáveis de mulheres magérrimas que agora enchem as revistas, destruindo o seu moral e afogando a sua autoestima. Em vez de fazer dieta e tomar pílulas... – Ela fez uma pausa. – Posso perguntar? Quantas pessoas aqui tomam pílulas emagrecedoras?

Algumas mãos nervosas se ergueram.

Elizabeth esperou.

A maioria das outras mãos também se ergueu.

– Parem de tomar essas pílulas – pediu ela. – São anfetaminas. Podem provocar uma psicose.

– Mas eu não gosto de fazer exercícios – disse Francine.

– Talvez você não tenha encontrado o exercício certo.

– Eu assisto ao programa do Jack LaLanne.

Ao ouvir o nome de Jack, Elizabeth fechou os olhos.

– E que tal o remo? – comentou ela, repentinamente cansada.

– Remo?

– *Remo* – repetiu ela, abrindo os olhos. – É uma forma brutal de diversão, feita para testar todos os músculos do seu corpo e da sua mente. É praticado antes do amanhecer, muitas vezes na chuva. Provoca calos grossos. Enrijece os braços, o peito e as coxas. As costelas racham; as mãos criam bolhas. Os remadores às vezes se perguntam: “Por que estou fazendo isso?”

– Nossa – disse Francine, preocupada. – Remar parece horrível!

Elizabeth estava com uma expressão confusa.

– A questão é que o remo acaba com a necessidade de dietas e de pílulas. Também é bom para a alma.

– Mas eu achava que você não acreditava em almas.

Elizabeth soltou um suspiro. Fechou os olhos de novo. Calvin. *Você está me dizendo que as mulheres não podem remar?*

– EU TRABALHAVA COM ELA – disse a Srta. Frask, desligando a televisão – no Instituto Hastings, até nós duas sermos demitidas. Sério... o senhor nunca ouvir falar nela? Elizabeth Zott. O programa dela é transmitido para vários locais.

– Ela também rema? – comentou Wakely, admirado.

– O que o senhor quer dizer com “também”? – perguntou a Srta. Frask. – O senhor conhece outros remadores?

– MAD – DISSE WAKELY, avaliando o cachorro enorme que Madeline tinha levado para o parque –, por que você não me contou que sua mãe tinha um programa de televisão?

– Achei que você soubesse. Todo mundo sabe. Ainda mais agora que ela não acredita em Deus.

– Tudo bem não acreditar em Deus. Essa é uma das coisas que argumentamos quando queremos afirmar que este é um país livre. As pessoas têm abertura para acreditar no que quiserem, seja o que for, contanto que as crenças não magoem outras pessoas. Além disso, eu acho que a ciência é uma forma de religião.

Madeline ergueu uma sobrancelha.

– Aliás, quem é este aqui? – perguntou ele, esticando a mão para que o cachorro a cheirasse.

– Seis e Meia – respondeu ela enquanto duas mulheres passavam por eles conversando em voz alta.

– Me corrija se eu estiver errada, Sheila – perguntou uma das mulheres

–, mas ela não disse que o ferro fundido requer zero-vírgula-um-um caloria para aumentar a temperatura de um único grama de massa atômica em um grau Celsius?

– Foi isso mesmo, Elaine – respondeu a outra. – É por isso que eu vou comprar uma frigideira nova.

– Eu me lembro dele agora – continuou Wakely depois que as mulheres passaram. – Da sua fotografia de família. Que cachorro bonito!

Seis e Meia apoiou a cabeça na palma da mão do reverendo. *Bom homem.*

– Por falar nisso, aposto que você acha que esqueci aquilo que me pediu, já que se passou tanto tempo, mas eu finalmente consegui entrar em contato com o orfanato Todos os Santos. A verdade é que eu liguei várias vezes depois que conversamos aquela primeira vez, mas o bispo nunca estava lá. Mas hoje eu consegui falar com a secretária dele, e ela disse que não existe nenhum registro de um Calvin Evans. Parece que é o orfanato errado.

– Não – disse Madeline. – É lá mesmo. Eu tenho *certeza*.

– Mad, duvido que uma secretária da igreja minta.

– Wakely – disse ela. – Todo mundo mente.

CAPÍTULO 34

Todos os Santos

– Como se chama mesmo? Todos os Santos? – repetiu o bispo em choque.

Era 1933 e, embora estivesse esperando um novo cargo em uma paróquia rica inundada de uísque, ele tinha sido designado para um orfanato molambento no meio do Iowa, onde mais de cem meninos de idades variadas, em treinamento para se tornarem criminosos, serviam como uma constante lembrança de que, na próxima vez que fosse caçar do arcebispo, tentaria não fazer isso na cara dele.

– Todos os Santos – confirmou o arcebispo. – O lugar precisa de disciplina. Assim como você.

– A verdade é que não sou bom com crianças – confessou ao arcebispo. – Viúvas, prostitutas, é aí que eu brilho. E se eu for para Chicago?

– Além de disciplina – continuou o arcebispo, ignorando o apelo –, o local precisa de dinheiro. Parte do seu trabalho lá vai ser garantir fundos no longo prazo. Faça isso e talvez eu encontre alguma coisa melhor para você no futuro.

Mas o futuro nunca parecia chegar. No ano de 1937, o bispo ainda não tinha resolvido o problema de fluxo de caixa. A única coisa produtiva que fizera? Reduzir sua enfurecida lista “odeio este lugar” de dez páginas para cinco problemas principais: padres de terceira categoria, comida rica em amidos, mofo, pedófilos e um fluxo constante de meninos considerados selvagens demais ou famintos demais para fazerem parte de uma família

normal. Eram crianças que ninguém queria e o bispo entendia bem, porque ele também não as queria.

Eles seguiam aos trancos e barrancos pelos habituais meios católicos de angariar fundos: vendas de vinho, marcadores de página para Bíblia, pedidos, bajulações. Mas eles precisavam mesmo era daquilo que o arcebispo tinha sugerido – doações frequentes. O problema era que as pessoas ricas costumavam doar coisas que não teriam serventia para o orfanato. Cátedras. Bolsas de estudo. Memoriais. Não importava quantas vezes ele tentasse vender a ideia de doações frequentes, os doadores potenciais identificavam os problemas fatais na mesma hora: “Bolsas de estudo?”, zombavam eles. O orfanato não era uma escola de verdade do mesmo jeito que uma prisão não é um local para reabilitação de verdade – ninguém quer estar em nenhum dos dois. Fundar uma cátedra? Idem – o orfanato não tinha departamentos, muito menos cátedras. Memoriais? Seus ocupantes eram jovens demais para morrer e, além do mais, quem iria querer homenagear crianças que todo mundo estava tentando esquecer?

Assim, lá estava ele, quatro anos depois, ainda preso no meio dos campos de milho com um bando de crianças marginalizadas. Parecia bem claro que nem todas as orações do mundo mudariam isso. Para passar o tempo, às vezes ele classificava os meninos pelo critério dos que davam mais problemas, mas até isso era perda de tempo, pois o mesmo menino sempre aparecia no topo da lista. Calvin Evans.

– AQUELE PASTOR DA CALIFÓRNIA ligou de novo perguntando sobre Calvin Evans – informou a secretária ao bispo, agora muito mais velho, com os cabelos brancos, colocando algumas pastas na mesa dele. – Eu fiz o que senhor mandou. Falei que verifiquei os registros e que nunca existiu ninguém aqui com esse nome.

– Meu bom Deus! Por que ele não nos deixa em paz? – reclamou o bispo, empurrando as pastas para o lado. – Protestantes. Nunca sabem quando parar!

– Mas, afinal, quem é Calvin Evans? – perguntou ela, curiosa. – Um

padre?

– Não – respondeu o bispo, visualizando o garoto que era o motivo de ele *ainda* estar em Iowa depois de décadas. – Uma maldição.

ASSIM QUE ELA SAIU, O BISPO balançou a cabeça, lembrando quantas vezes Calvin tinha sido mandado ao escritório dele, culpado por mais uma infração – quebrar uma janela, roubar um livro, deixar com o olho roxo um padre que só estava tentando fazê-lo se sentir amado. Casais bem-intencionados às vezes apareciam no orfanato para adotar um dos meninos, mas nenhum deles mostrava interesse em Calvin. Nunca. Como ele poderia culpá-los?

No entanto, certo dia, aquele homem, Wilson, apareceu do nada. Disse que era da Fundação Parker, uma fundação católica podre de rica. Quando o bispo soube que alguém da Fundação Parker estava no prédio, teve certeza de que seu sucesso finalmente estava próximo. O coração bateu acelerado enquanto ele imaginava o montante da doação que o tal Wilson poderia oferecer. Ele ouviria a oferta e, de forma digna, faria uma pressão para receber mais.

– OLÁ, BISPO – DISSE O SR. WILSON, como se não tivesse tempo a perder. – Estou procurando um garoto de dez anos de idade, provavelmente alto, cabelo claro. – Ele explicou que o menino tinha perdido a família por causa de uma série de acidentes mais ou menos quatro anos antes. Ele tinha motivos para acreditar que a criança estava ali, no Todos os Santos. O menino tinha parentes vivos, que tinham descoberto a sua existência havia pouco tempo, e eles o queriam de volta. – O nome dele é Calvin Evans – concluiu, verificando o relógio de pulso como se tivesse outro compromisso. – Se houver um menino com essa descrição aqui, eu gostaria de conhecê-lo. Na verdade, meu plano é levá-lo comigo.

O bispo encarou Wilson, os lábios entreabertos de decepção. Entre o momento em que ouviu que o homem rico estava no prédio e o aperto de

mãos que trocaram, ele já tinha rascunhado um discurso de aceitação.

– Está tudo bem? – perguntou o Sr. Wilson. – Detesto ter que apressá-lo, mas tenho um voo daqui a duas horas.

Nem uma única menção a dinheiro. O bispo pôde sentir Chicago escorregando por entre seus dedos. Ele lançou um olhar demorado para Wilson. O homem era alto e arrogante. Exatamente como Calvin.

– Talvez eu pudesse ir lá fora, andar entre os garotos. Ver se consigo reconhecê-lo.

O bispo se virou para a janela. Bem naquela manhã, tinha visto Calvin lavando as mãos na pia batismal.

– Essa água não tem nada de benta – informou Calvin. – Ela veio direto da torneira.

No entanto, por mais ansioso que estivesse para se livrar de Calvin, seu problema maior – dinheiro – persistia. Ele encarou as lápides desenxabidas, cerca de uma dúzia, que entulhavam o pátio. *In memoriam*, diziam.

– Bispo? – Wilson estava de pé, já com a mala em uma das mãos.

O bispo não respondeu. Ele não gostou do homem nem das roupas elegantes nem da maneira como ele chegou sem marcar hora. Ele era um bispo, pelo amor de Deus. Onde estava o respeito? Ele pigarreou, ganhando tempo enquanto encarava as lápides de todos os bispos maltratados que vieram antes dele. Não podia deixar a Fundação Parker escapar com suas promessas de verbas inestimáveis.

Ele se virou para Wilson.

– Tenho uma notícia horrível – disse ele. – Calvin Evans morreu.

– ALIÁS, SE AQUELE PASTOR irritante ligar de novo – instruiu o velho bispo quando a secretária tirou a xícara de café da frente dele –, diga que eu morri. Não, espere. Diga – o bispo bateu a ponta dos dedos – que você soube que tinha um Calvin Evans em outro orfanato, algum lugar como, não sei, Poughkeepsie? Mas o lugar sofreu um incêndio e todos os registros foram perdidos.

– O senhor quer que eu invente uma história? – Ela mostrou

preocupação.

– Você não estaria inventando uma história – respondeu ele. – Não exatamente. Prédios pegam fogo o tempo todo. Dificilmente as pessoas levam a sério as regulamentações de obras.

– Mas...

– Faça o que estou mandando – disse o bispo. – Aquele pastor está desperdiçando o nosso tempo. Nosso foco é captar recursos, lembra? Dinheiro para as *nossas crianças vivas e ativas*. Se você receber uma ligação sobre dinheiro, me chame. Mas esse absurdo sobre Calvin Evans... não tem futuro.

WILSON PARECEU NÃO TER escutado direito.

– O que... o que o senhor acabou de dizer?

– Calvin morreu há pouco tempo de pneumonia – disse o bispo de forma neutra. – Um choque terrível. Ele era muito querido. – Conforme fazia o relato, ele mencionou os bons modos de Calvin, sua liderança na aula de catecismo, seu gosto por milho. Quanto mais detalhes dava, mais rígido Wilson ficava. Encorajado pela fluência da história, o bispo foi até o armário do arquivo para pegar uma foto. – Vamos usar esta foto para um fundo em homenagem a ele – informou, apontando para um retrato em preto e branco de Calvin, com as mãos empoleiradas na cintura, o tórax curvado para a frente, a boca aberta como se estivesse repreendendo alguém. – Eu adoro essa foto. É a cara do Calvin.

Ele aguardou enquanto Wilson encarava o retrato em silêncio. O bispo esperou que ele pedisse alguma prova. Mas não – ele parecia em choque, até de luto.

De repente, se perguntou se o Sr. Wilson não era um suposto parente distante. Uma coisa combinava: a altura. Será que Calvin era sobrinho dele, talvez? Ou *filho*? Meu bom Deus. Se fosse isso, o homem não tinha a menor ideia de como o bispo o estava poupando de muitos problemas. Ele pigarreou e esperou mais alguns minutos para que Wilson digerisse a notícia triste.

– É claro que vamos oferecer uma doação permanente para o fundo em homenagem a ele – disse Wilson por fim, com a voz trêmula. – A Fundação Parker vai querer homenagear a memória desse menino. – Ele suspirou e pareceu murchar, depois se abaixou e pegou um talão de cheques.

– É claro – disse o bispo, solidário. – O Fundo em Memória de Calvin Evans. Um tributo especial para um menino especial.

– Vou voltar a fazer contato para falar dos detalhes de como vamos estruturar nossa contribuição contínua, bispo – afirmou Wilson, com esforço –, mas, enquanto isso, por favor, aceite este cheque em nome da Fundação Parker. Nós agradecemos por tudo que vocês... fizeram.

O bispo se obrigou a pegar o cheque sem olhar o valor, mas, assim que Wilson saiu pela porta, ele pousou a tira de papel na mesa. Um belo trocado. E tinha mais por vir, graças à sua ideia de criar um fundo em homenagem a alguém que ainda nem estava morto. Ele se recostou na cadeira e entrelaçou os dedos na frente do peito. Se alguém precisava de mais uma prova da existência de Deus, ela estava bem ali. Todos os Santos: o local onde Deus ajudava aqueles que se ajudavam.

DEPOIS DE DEIXAR MADELINE NO PARQUE, Wakely voltou para o escritório e, relutante, pegou o telefone. O único motivo para ligar para o Todos os Santos de novo era provar para Mad que ela estava errada. Nem todo mundo mentia. Mas, por ironia, ele tinha que mentir primeiro.

– Boa tarde – disse ele, imitando um sotaque britânico depois de reconhecer a voz da secretária. – Eu gostaria de falar com alguém do departamento de doações. Eu gostaria de fazer uma contribuição considerável.

– Ah! – soltou a secretária, animada. – Vou passar o senhor direto para o nosso bispo.

– FUI INFORMADO DE QUE O SENHOR gostaria de fazer uma doação – disse o velho bispo para Wakely alguns minutos depois.

– Exatamente – mentiu Wakely. – Meu ministério se dedica a auxiliar... ahn... crianças – disse, visualizando a cara triste de Mad. – Órfãos, especificamente.

Mas será que Calvin Evans era órfão?, pensou Wakely. Quando os dois se correspondiam, Calvin deixou muito claro que o pai estava vivo. *EU ODEIO O MEU PAI, ESPERO QUE ELE ESTEJA MORTO*. Wakely ainda conseguia ver as palavras datilografadas em letras maiúsculas.

– Para ser mais específico, estou procurando o lugar onde Calvin Evans cresceu.

– Calvin Evans? Me desculpe, mas desconheço esse nome.

Do outro lado da linha, Wakely fez uma pausa. O homem estava mentindo. Ele escutava mentirosos todo dia; ele sabia. Mas quais eram as chances de dois homens do clero mentirem um para o outro ao mesmo tempo?

– Ah, que pena – disse Wakely com cautela. – Porque minha doação está reservada para o orfanato onde Calvin Evans passou a juventude. Tenho certeza de que o senhor faz um trabalho maravilhoso, mas o senhor sabe como podem ser os doadores. Determinados.

No outro lado da linha, o bispo apertou as pálpebras com a ponta dos dedos. Sim, ele sabia bem como podiam ser os doadores. A Fundação Parker tinha transformado a vida dele em um inferno na terra; primeiro com as bobagens dos livros de ciência e de remo, depois com a reação desproporcional quando descobriram que as doações estavam homenageando a vida de alguém que não estava morto. E como eles souberam disso? Porque o bom e velho Calvin tinha conseguido se erguer do túmulo e aparecera na capa de uma revista desconhecida chamada *Química Hoje*. E, cerca de dois segundos depois, uma mulher chamada Avery Parker estava no telefone ameaçando-o com uns cem processos diferentes.

Quem era Avery Parker? A Parker por trás da Fundação Parker.

O bispo nunca falara com ela – só tinha lidado com Wilson, que ele agora percebia se tratar do advogado e representante pessoal de Avery. Mas, pensando bem, ele se lembrou de uma assinatura desleixada que constava ao

lado da de Wilson em todos os documentos de doação nos quinze anos anteriores.

– Você *mentiu* para a Fundação Parker? – gritou ela ao telefone. – Você fingiu que Calvin Evans morreu de pneumonia com dez anos só para conseguir uma doação?

E ele pensou, *Minha querida, a senhora não faz ideia de como é ruim aqui em Iowa.*

– Sra. Parker – dissera ele para tranquilizá-la. – Eu entendo o seu aborrecimento, mas juro que o Calvin Evans que frequentou este orfanato *está* morto. A pessoa que apareceu na capa tem o mesmo nome, só isso. É um nome muito comum.

– Não – insistiu ela. – Era o Calvin. Eu o reconheci.

– A senhora já conhecia o Calvin?

Ela hesitou.

– Bem. Não.

– Entendo – disse ele, usando um tom que insinuava que ela estava sendo ridícula.

Ela cancelou as doações cinco segundos depois.

– NOSSO NEGÓCIO É COMPLICADO, não é, reverendo Wakely? – comentou o bispo. – Os doadores são escorregadios como peixe. Mas tenho que ser sincero. Nós realmente poderíamos fazer uso da sua contribuição. Calvin Evans pode não ter passado por aqui, mas temos outros meninos que merecem tanto quanto ele.

– Tenho certeza disso – concordou Wakely. – Mas estou de mãos atadas. Só posso fazer essa doação para o local onde Calvin Evans... Eu falei que são cinquenta mil dólares?

– Espere! – exclamou o bispo, com o coração acelerado à menção de uma cifra tão alta. – Por favor, tente entender: é uma questão de privacidade. Não falamos dos indivíduos. Mesmo que esse menino tivesse passado por aqui, não temos permissão para falar.

– Certo – disse Wakely. – Ainda assim...

O bispo ergueu o olhar para o relógio. Estava quase na hora do seu programa preferido: *Hora do Jantar*.

– Não, *espere* – grunhiu ele, sem querer perder a doação nem o programa. – O senhor realmente me obriga a falar. Cá entre nós, sim, foi aqui que Calvin Evans cresceu.

– Sérioo? – disse Wakely, se endireitando. – O senhor tem prova disso?

– *É claro* que eu tenho prova – confirmou o bispo, ofendido, tocando com a ponta dos dedos todas as rugas que Calvin tinha provocado ao longo dos anos. – Se ele não tivesse passado por aqui, como seríamos a sede do Fundo em Memória de Calvin Evans?

Wakely levou um susto.

– O que foi que o senhor disse?

– O Fundo em Memória de Calvin Evans. Nós o estabelecemos anos atrás para homenagear esse menino precioso que se tornou um químico incrível. Qualquer biblioteca decente tem a declaração de impostos provando a existência do fundo. Mas a Fundação Parker, que foi financiadora, insistiu em nunca espalhar esse assunto. E o senhor deve imaginar o motivo. Eles não conseguiriam financiar um fundo para todos os orfanatos que perdessem uma criança.

– Que perdessem uma criança? – questionou Wakely. – Mas Evans era adulto quando morreu.

– S-Sim – gaguejou o bispo. – É isso mesmo. É que ainda nos referimos aos nossos antigos residentes como crianças. Porque foi nessa época da vida que os conhecemos melhor, como crianças. Calvin Evans era um garoto extraordinário. Esperto como uma raposa. Muito alto. Agora, sobre a sua doação.

ALGUNS DIAS DEPOIS, WAKELY se encontrou de novo com Madeline no parque.

– Tenho boas e más notícias – disse ele. – Você tinha razão. Seu pai esteve no Orfanato Todos os Santos. – Ele continuou relatando o que o bispo tinha dito: que Calvin Evans tinha sido um “garoto extraordinário” e “esperto como uma raposa”. – Eles até têm um Fundo em Memória de

Calvin Evans. Eu confirmei na biblioteca. Foi estabelecido há quase quinze anos por um lugar chamado Fundação Parker.

Ela franziu a testa.

– Foi?

– A fundação parou de financiar o fundo um tempo atrás. Isso acontece às vezes. As prioridades mudam.

– Mas, Wakely, meu pai morreu *seis* anos atrás.

– E daí?

– Por que a Fundação Parker financiaria um fundo em memória do meu pai por quinze anos quando... – ela fez as contas com os dedos – nos primeiros nove anos ele nem tinha morrido ainda?

– Ah – soltou Wakely, ficando vermelho. Ele não tinha reparado na discrepância de datas. – Bem, talvez naquela época não fosse um fundo em memória dele, Mad. Talvez fosse mais um fundo homenageando alguém. O bispo disse que era em *homenagem* ao seu pai.

– E, se eles tinham esse fundo, por que não disseram na primeira vez que você ligou?

– Problemas de privacidade – afirmou ele, repetindo o que o bispo dissera. Pelo menos isso fazia sentido. – Seja como for, aqui vem a parte boa. Pesquisei a Fundação Parker e descobri que ela é administrada por um Sr. Wilson. Ele mora em Boston. – Ele olhou para ela cheio de expectativa. – Wilson – repetiu ele. – Que também é conhecido como o seu fruto representando a fada-madrinha ou o fado-padrinho. – Ele se recostou no banco, esperando uma reação positiva. Mas quando a menina não falou nem uma palavra, ele acrescentou: – Wilson parece um homem muito nobre.

– Ele parece desinformado – disse Mad, examinando uma cicatriz. – Parece que ele nunca leu *Oliver Twist*.

Mad tinha alguma razão. Mas Wakely tinha dedicado muito do seu tempo a isso e esperava que ela pudesse ficar um pouco mais animada. Ou pelo menos agradecida. Se bem que por que ele pensaria isso? Ninguém jamais expressava gratidão pelo trabalho dele. Wakely estava nas trincheiras todos os dias, consolando as pessoas, acompanhando suas provações e adversidades, e tudo que ouvia era a mesma ladainha de sempre: “Por que

Deus está me punindo?” Jesus Cristo! Como diabos ele ia saber?

– Bem – disse ele, tentando não parecer frustrado. – Essa é a história.

Madeline cruzou os braços, decepcionada.

– Wakely, essa era para ser a notícia boa ou a ruim?

– Essa era a notícia *boa* – respondeu ele, cauteloso. Tinha pouquíssima experiência com crianças e estava começando a achar que queria ter menos ainda. – A única notícia ruim é que eu consegui o endereço do Wilson na Fundação Parker, mas é só uma caixa postal.

– Por que isso é ruim?

– Pessoas ricas usam caixas postais para se protegerem de correspondência indesejada. É como uma lixeira para cartas. – Ele procurou dentro da sacola e, depois de vasculhar um pouco, tirou um pedaço de papel, que entregou a ela, dizendo: – Este é o número da caixa postal. Mas, por favor, Mad, não tenha muitas esperanças.

– Eu não tenho esperanças – explicou Mad, analisando o endereço. – Eu tenho fé.

Ele olhou surpreso para ela.

– Bem, é engraçado ouvir essa palavra saindo da sua boca.

– Como assim?

– Porque, bem, você sabe. A religião é baseada na fé.

– Mas você sabe – retrucou ela com cuidado, como se não quisesse constrangê-lo ainda mais – que a fé não é baseada na religião, certo?

CAPÍTULO 35

○ cheiro do fracasso

Na madrugada de segunda-feira, às quatro horas, como sempre, Elizabeth saiu de casa, no escuro, com roupas quentes, em direção à marina. Mas quando chegou ao estacionamento, que costumava estar vazio, notou que quase todas as vagas já estavam ocupadas. Também notou outra coisa. Mulheres. Muitas mulheres. Caminhando em direção ao prédio no escuro.

– Ah, meu Deus – sussurrou ela ao puxar o capuz sobre a cabeça e passar pela pequena multidão, na esperança de encontrar o Dr. Mason a tempo de dar explicações. Mas era tarde demais. Ele estava sentado a uma mesa comprida entregando formulários de inscrição. Sem sorrir, ele ergueu o olhar para ela.

– Elizabeth.

– Você deve estar se perguntando o que está acontecendo – começou ela em voz baixa.

– Não exatamente.

– Acho que o que aconteceu – disse Elizabeth – foi que uma das minhas espectadoras pediu uma dica de dieta e eu sugeri que ela começasse a se exercitar. Talvez eu tenha mencionado o remo.

– Talvez.

– Possivelmente.

Uma mulher na fila se virou para a amiga.

– Uma coisa que eu já gosto no remo – comentou, apontando para uma

fotografia de oito homens dentro de um barco – é que a gente pratica sentada.

– Veja se isto refresca a sua memória – disse Mason, entregando uma caneta para a próxima mulher da fila. – Primeiro você descreveu o remo como a pior forma de punição, depois você sugeriu que as mulheres de todo o país deveriam experimentar.

– Bem. Acho que essas não foram as minhas palavras *exatas*...

– Foram. Eu sei porque vi o seu programa enquanto estava esperando uma paciente dilatar. Minha mulher também viu. Ela não perde um.

– Desculpe, Mason, de verdade. Eu nunca imaginei...

– Sério? – disparou ele. – Porque, duas semanas atrás, uma das minhas pacientes se recusou a fazer força no parto até você terminar de explicar a reação de Maillard.

Ela ergueu o olhar, surpresa, e reconsiderou.

– Bem. É uma reação complicada *mesmo*.

– Estou ligando para você desde sexta-feira para falar sobre isso – disse ele de um jeito crítico.

Elizabeth ficou em choque. Ele tinha ligado. Tinha ligado tanto para o estúdio quanto para a casa dela mas, com a avalanche de coisas que tinha para fazer, ela não tinha retornado a ligação.

– Me desculpe – disse ela. – Eu estava muito ocupada.

– Seria ótimo se você pudesse me ajudar a organizar esta bagunça.

– É.

– Obviamente nós *não vamos* para a água hoje.

– Mais uma vez, me desculpe.

– Você sabe o que me magoa de verdade? – indagou ele, apontando para uma mulher fazendo polichinelo. – Eu venho tentando trazer minha mulher para o remo há anos. Como você sabe, acredito que as mulheres têm uma resistência maior para a dor. Mesmo assim, nada que *eu* dissesse conseguia convencê-la. Mas bastou uma palavra de Elizabeth Zott...

A mulher que se exercitava parou e fez um sinal de positivo para Elizabeth.

– ... e ela veio voando.

– Ah, entendo – disse Elizabeth devagar, enquanto fazia um pequeno gesto de aprovação para a mulher. – Então, na verdade, você ficou contente.

– Eu...

– Então o que você está tentando dizer é “*obrigado, Elizabeth*”.

– *Não*.

– *De nada*, Dr. Mason.

– *Não*.

Ela olhou de novo para a mulher.

– Sua esposa está subindo no ergômetro.

– Ah, meu Deus! – exclamou Mason. – Betsy, isso *não*!

EM OUTRAS MARINAS DE TODO O país aconteceu algo semelhante. As mulheres apareceram e alguns clubes as encorajaram a participar. Mas isso não quer dizer que todos os clubes tiveram a mesma atitude. Ou que todo mundo que assistia ao programa de Elizabeth gostava do que ela dizia.

“ATEIA INFIEL!” eram os dizeres de um cartaz rabiscado às pressas, exibindo uma figura parecida com Elizabeth, empunhado por uma mulher de aparência maléfica no lado de fora dos estúdios da KCTV.

Era o segundo estacionamento a que Elizabeth chegava naquela manhã e, assim como o primeiro, estava mais cheio do que o normal.

– Manifestantes – esclareceu Walter ao se aproximar dela. – É por isso que não dizemos certas coisas na televisão, Elizabeth – lembrou a ela. – É por isso que guardamos as nossas opiniões para *nós mesmos*.

– Walter – rebateu Elizabeth –, o protesto pacífico é uma forma válida de discurso.

– Você chama isso de discurso? – perguntou ele quando alguém gritou “Queime no inferno!”.

– Eles estão querendo chamar atenção – disse ela como se falasse por experiência própria. – Uma hora eles vão embora.

MESMO ASSIM, WALTER ESTAVA PREOCUPADO. Elizabeth estava recebendo

ameaças de morte. Ele compartilhou essa informação com a polícia e a segurança do estúdio. Tinha até ligado para Harriet Sloane e contado a ela, mas não contou a Elizabeth porque sabia que ela resolveria o assunto com as próprias mãos. Além do mais, a polícia tinha sido bem tranquilizadora em relação às ameaças. “Um bando de malucos inofensivos” foi o que eles disseram.

HORAS DEPOIS, NO OUTRO LADO da cidade, na sala de estar da casa de Elizabeth, Seis e Meia também estava preocupado. No fim do programa de Elizabeth na última sexta-feira, ele tinha reparado que nem todo mundo estava aplaudindo. No programa daquele dia aconteceu o mesmo. Uma pessoa não aplaudiu.

Ele esperou que a criatura e Harriet estivessem ocupadas no laboratório e escapuliu pela porta dos fundos, correndo quatro quarteirões na direção sul, depois dois quarteirões para oeste, até estar bem posicionado perto de uma rampa de acesso à rodovia. Quando uma carreta diminuiu a velocidade para seguir uma fila de carros que entrava na rodovia, ele pulou para dentro.

Era óbvio que ele sabia como chegar à KCTV. Todo mundo que tivesse lido *The Incredible Journey* entenderia que não era nada incrível os cães conseguirem encontrar quase qualquer coisa. Ele costumava se surpreender com a história da agulha no palheiro que Elizabeth lera para ele – ele ficava surpreso porque qual era a dificuldade em encontrar uma agulha em um palheiro? O cheiro do aço de alto carbono era inconfundível.

Em suma, chegar à KCTV não era difícil. Entrar era outra história.

Enquanto perambulava pelo estacionamento, caminhando por entre os carros cujos enfeites de capô e traseiras cintilavam sob o sol quente, ele procurou uma porta de entrada.

– Ei, você aí, cachorro – disse um homem alto de uniforme azul-escuro. Ele estava parado na frente de uma porta que parecia importante. – Para onde você pensa que está indo?

O que Seis e Meia queria dizer era “para dentro”, pois, assim como aquele homem de uniforme azul, ele também era segurança. Mas, já que

explicar estava fora de cogitação, ele optou por atuar – na linguagem da televisão.

– Ah, meu Deus – disse o homem quando Seis e Meia, de maneira muito convincente, desabou no chão. – Agente firme, garoto, vou buscar ajuda! – Ele bateu na porta até alguém abrir e carregou Seis e Meia para dentro do prédio com ar-condicionado. Um minuto depois, Seis e Meia estava bebendo água de uma das tigelas de Elizabeth.

Podem falar o que for da raça humana, mas sua capacidade de fazer o bem era, na opinião de Seis e Meia, o que a colocava no topo das espécies.

– SEIS E MEIA?

Elizabeth!

Ele correu até ela como nenhum cão com insolação conseguiria.

– Mas o que... – começou o homem de uniforme azul, notando a recuperação milagrosa.

– Como foi que você entrou aqui, Seis e Meia? – perguntou Elizabeth, abraçando-o. – Como foi que você me encontrou? Este é o meu cachorro, Seymour – disse ela para o homem de uniforme azul. – Seis e Meia.

– Para falar a verdade, são cinco e meia, mas ainda está escaldante lá fora. Bem, o cachorro capotou e eu o trouxe para dentro.

– Obrigada, Seymour – disse ela, animada. – Fico te devendo uma. Ele deve ter vindo correndo até aqui – comentou ela, incrédula. – São quinze quilômetros.

– Ou talvez ele tenha vindo com a sua filhinha e a vovó no Chrysler, será? Como elas fizeram umas duas semanas atrás.

– Espere – disse Elizabeth, olhando intensamente para ele. – *O quê?*

– EU POSSO EXPLICAR – disse Walter, levantando as mãos como se quisesse se prevenir de um possível ataque.

Muito tempo antes, Elizabeth tinha deixado claro que Madeline nunca deveria ir ao estúdio. Ele não fazia ideia do motivo; Amanda ia o tempo

todo. Mas sempre que Elizabeth falava do assunto, ele assentia como se entendesse e concordasse mesmo que não tivesse uma pista da razão e não desse a mínima.

– Foi para um dever de casa – mentiu ele. – Observe Seus Pais em um Dia de Trabalho. – Ele não sabia por que tinha sentido uma necessidade repentina de inventar um álibi para Harriet Sloane, mas parecia o certo a fazer. – Você está ocupada, deve ter se esquecido.

Elizabeth ficou abalada. Talvez ela tivesse se esquecido mesmo. Mason não tinha dito exatamente a mesma coisa naquela manhã?

– É que eu não quero que a minha filha pense em mim como uma celebridade da televisão – explicou ela, enrolando uma das mangas. – Não quero que ela ache que estou atuando. – Ela visualizou o pai, e seu rosto endureceu como cimento.

– Não se preocupe – comentou Walter de um jeito seco. – Ninguém *já* vai confundir o que você faz com atuação.

Ela se inclinou para a frente e agradeceu com sinceridade.

– Obrigada.

A secretária entrou carregando uma enorme pilha de correspondências.

– Coloquei no topo o que precisa de atenção imediata, Sr. Pine – disse ela. – E não sei se o senhor está ciente, mas tem um cachorro enorme no corredor.

– Um o quê...?

– É meu – explicou Elizabeth rapidamente. – É o Seis e Meia. Foi por causa dele que descobri sobre a visita de “Observe Seus Pais em um Dia de Trabalho” da Mad. O Seymour me contou...

Ouvindo o próprio nome, Seis e Meia se levantou e entrou na sala, farejando o ar. *Walter Pine. Sofre de baixa autoestima.*

Com os olhos arregalados, Walter se recostou na cadeira. O cachorro era enorme. Ele inspirou rapidamente e depois voltou sua atenção para a pilha de correspondências, escutando ao fundo Elizabeth tagarelar sem parar sobre o que aquela coisa sabia fazer: sentar, ficar, provavelmente pegar. Só Deus sabe. Gente que gosta de cachorro era sempre muito chata, tinha um orgulho tão ridículo quando o tema eram as pequenas realizações do

bicho... Mas o discurso sem fim deu a ele o tempo necessário para pensar que teria que ligar para Harriet Sloane o mais rápido possível e alertá-la da mentira, para ela poder confirmar a história.

– O que você acha? Você estava querendo tentar uma coisa nova – dizia Elizabeth. – Será que vai funcionar?

– Por que não? – respondeu ele de um jeito simpático, sem saber com o que tinha acabado de concordar.

– Fantástico – disse ela. – Podemos começar amanhã?

– Parece ótimo! – respondeu ele.

– OLÁ! – COMEÇOU ELIZABETH no dia seguinte. – Meu nome é Elizabeth Zott e esta é a *Hora do Jantar*. Eu gostaria de apresentar o meu cachorro, Seis e Meia. Diga olá para todo mundo, Seis e Meia. – O cachorro inclinou a cabeça para o lado e a plateia riu e aplaudiu, e Walter, que dez minutos antes fora informado de que não só havia um cachorro no estúdio de novo, como o cabeleireiro tinha aparado a franja do bicho em preparação para um close, afundou na cadeira de produtor e jurou parar de mentir.

DEPOIS QUE SEIS E MEIA PARTICIPOU do programa por um mês, parecia quase inconcebível que ele não estivesse lá desde o início. Todo mundo o adorava. Ele tinha começado até a receber cartas de fãs.

A única pessoa que ainda não parecia entusiasmada com a presença dele era Walter. Seis e Meia imaginou que fosse porque Walter não gostava de cachorro – um conceito que o bicho tinha dificuldade para entender.

– Trinta segundos para as portas se abrirem, Sra. Zott – ele ouviu o câmara dizer enquanto se posicionava à direita no palco, pensando em novas maneiras de conquistar Walter.

Na semana anterior, ele tinha jogado uma bola aos pés do homem, convidando-o para brincar. Seis e Meia não gostava de brincar de pegar as coisas, achava um jogo sem propósito. E parecia que Walter tinha a mesma opinião.

– Muito bem, deixem a plateia entrar – ordenou alguém enquanto as portas se abriam e os espectadores, agradecidos, soltavam exclamações e encontravam seus lugares, alguns apontando para o grande relógio, os ponteiros marcando permanentemente a posição das seis horas.

– Olhem – diziam. – Ali está o relógio.

– E ali está o cachorro! – exclamavam quase todos. – Vejam. É o Seis e Meia!

Ele não entendia por que Elizabeth não gostava de ser uma estrela. Ele adorava.

– A CASCA DA BATATA – afirmava Elizabeth dez minutos depois – é composta de células suberizadas do felema, que formam o componente externo da periderme do tubérculo. Elas fazem parte da estratégia de proteção da batata...

Ele estava parado ao lado dela, como um agente do Serviço Secreto, analisando a plateia.

– ... provando que até os tubérculos entendem que a melhor defesa é um bom ataque.

A plateia estava absorta, por isso foi fácil catalogar todos os rostos.

– A casca da batata é repleta de glicoalcaloides – continuou ela –, toxinas tão indestrutíveis que conseguem sobreviver com facilidade à cocção e à fritura. Mesmo assim, eu uso a casca, não só porque é rica em fibras, mas porque serve como um lembrete diário de que, nas batatas, assim como na vida, o perigo está em toda parte. A melhor estratégia não é ter medo do perigo, mas respeitá-lo. E depois – acrescentou, pegando uma faca – lidar com ele. – A câmera deu um zoom enquanto ela escavava criteriosamente um olho de batata germinado. – Sempre elimine os olhos das batatas e os pontos verdes – instruiu ela, escavando outro tubérculo. – É aqui que se escondem as concentrações mais altas de glicoalcaloides.

Seis e Meia analisava a plateia, procurando um rosto específico. Ah, e lá estava ela. Aquela que não batia palmas.

Elizabeth anunciou que era a hora da vinheta da KCTV e saiu do palco.

Em geral, ele a seguia, mas, naquele dia, ao contrário, foi até a plateia, provocando alguns aplausos entusiasmados e gritos de “Aqui, garoto!”. Walter insistia que ele não fizesse isso, porque as pessoas podiam ter medo ou ser alérgicas, mas Seis e Meia fazia assim mesmo, porque sabia que era importante entreter a plateia e também porque queria chegar perto da pessoa que não aplaudia.

ELA ESTAVA SENTADA NA PONTA da quarta fileira, os lábios retesados demonstrando sua desaprovação. Ele conhecia o tipo. Enquanto as outras pessoas esticavam a mão para afagá-lo, ele analisava a mulher como uma máquina de raios X. Ela era rígida, rancorosa. Verdade seja dita, ele sentia um pouco de pena dela. Ninguém se tornava tão ruim assim sem ter sido vítima do mesmo tratamento.

A mulher de lábios retesados se virou para ele com a expressão severa. Ela enfiou a mão com cuidado na bolsa grande e tirou um cigarro, batendo-o duas vezes na coxa.

Fumante. Fazia sentido. É um fato conhecido que os seres humanos acreditam ser a espécie mais inteligente na face da terra; no entanto, são os únicos animais que inalam carcinógenos por vontade própria. Ele começou a dar meia-volta, mas parou, sentindo um cheiro diferente na nicotina. Era tênue, mas familiar. Ele farejou de novo enquanto o quarteto de *Hora do Jantar* lançava o refrão “E ela está de volta!”. Ele voltou a olhar para a mulher que não batia palmas. A bolsa dela estava de novo no chão, na saída do corredor. A mão dela tremia ao levar o cigarro aos lábios.

Ele ergueu o focinho. *Nitroglicerina? Não é possível.*

– Encha uma panela grande com H₂O – dizia Elizabeth no palco – e depois pegue as batatas...

Ele farejou de novo. *Nitroglicerina. Quando mal manuseada, fazia um barulho assustador, como fogos de artifício ou* – ele engoliu em seco, pensando em Calvin – *um escapamento de carro.*

– ... e coloque na panela em fogo alto.

“Encontre a bomba, merda”, ele ouvia o treinador em Camp Pendleton

insistindo. “Encontre a porra da bomba!”

– O amido da batata, um carboidrato complexo composto por moléculas de amilose e amilopectina...

Nitroglicerina. O cheiro do fracasso...

– ... conforme o amido começa a se decompor...

... está vindo da bolsa da mulher que não aplaude.

EM CAMP PENDLETON, o cachorro só precisava localizar a bomba, não removê-la – remover era tarefa do treinador. Mas, de vez em quando, alguns metidos – os pastores-alemães – também faziam essa parte.

Apesar do frio no estúdio, Seis e Meia começou a ofegar. Ele tentou avançar, mas suas pernas pareciam gelatina. Ele parou. Tudo que tinha a fazer, disse para si mesmo, era brincar do que menos gostava (pegar coisas) enquanto buscava o cheiro que mais detestava (nitroglicerina). A ideia o deixou enjoado.

– MAS QUE DROGA É ESTA? – exclamou Seymour Browne ao espiar uma bolsa de mulher, com a alça úmida, em cima da sua mesa perto da porta. – Alguma mulher deve estar morta de preocupação. – Ele abriu o fecho da bolsa procurando uma identificação, mas, ao dar uma olhada lá dentro, inspirou fundo e pegou o telefone.

– AGORA FIQUE COM OS BRAÇOS CRUZADOS – sugeriu um repórter para Seymour Browne enquanto trocava o flash da câmera. – Faça uma expressão de durão, tipo “quem fez isso se meteu com o cara errado”.

Inacreditavelmente, era o mesmo repórter, aquele do cemitério. Ainda tentando se promover no jornalismo, ele tinha instalado um rádio de polícia ilegal no carro e, naquele dia, fora recompensado: alguém tinha achado uma pequena bomba na bolsa de uma mulher no estúdio da KCTV.

Ele fez anotações enquanto Seymour explicava que a bolsa tinha

aparecido na mesa dele do nada, que ele não fazia ideia de como tinha chegado ali. Ele tinha vasculhado em busca de uma identificação, mas só encontrou um monte de panfletos acusando Elizabeth Zott de ser uma comunista atea e duas bananas de dinamite amarradas juntas com fios tão fracos que o negócio parecia um brinquedo quebrado.

– Mas por que cargas d’água alguém ia querer jogar uma bomba na KCTV? – perguntou o repórter. – A maior parte da programação de vocês não é vespertina? Novelas? Shows com palhaços?

– Temos todo tipo de programa – respondeu Seymour, passando a mão trêmula no topo da cabeça. – Mas, desde que uma de nossas apresentadoras comentou que não acredita em Deus, tivemos alguns problemas.

– O quê? – exclamou o repórter, incrédulo. – *Quem* não acredita em Deus? Que programa é esse?

– Seymour... Seymour! – chamou Walter Pine enquanto ele e um policial abriam caminho por uma pequena aglomeração de funcionários preocupados. – Seymour, graças a Deus você está bem. Depois do que você fez... Você arriscou a sua vida!

– Estou bem, Sr. Pine – tranquilizou Seymour. – E eu não fiz nada. Não foi tanto assim.

– Para falar a verdade, Sr. Browne – disse o policial, consultando as anotações –, fez, sim. Essa senhora está no nosso radar há algum tempo. Ela é uma macartista fanática, uma doida de verdade. Disse que vinha mandando ameaças de morte há meses. – Ele fechou o bloco. – Acho que ela cansou de ser ignorada.

– *Ameaças de morte?* – O repórter se animou. – Então é um... programa de notícias? De opinião política? De debates?

– De culinária – respondeu Walter.

– Se o senhor não tivesse apanhado essa bolsa, Sr. Browne, o dia podia ter terminado de maneira muito diferente. Como foi que o senhor fez isso, afinal de contas? – pressionou o policial. – Como foi que o senhor pegou a bolsa sem ela saber?

– É isso que estou falando para todo mundo. *Eu não peguei* – insistiu Seymour. – A bolsa simplesmente apareceu na minha mesa.

– Você está sendo modesto demais – disse Walter, dando uns tapinhas nas costas dele.

– A marca de um verdadeiro herói – concordou o policial.

– Meu editor vai adorar isso – disse o repórter.

De longe, Seis e Meia estava exausto, deitado em um canto e observando os homens.

– Só mais algumas fotos e isso deve... – Pelo canto do olho, o repórter viu Seis e Meia. – Ei. Eu não conheço esse cachorro? Eu conheço esse cachorro.

– Todo mundo conhece esse cachorro – respondeu Seymour. – Ele aparece no programa.

O jornalista olhou para Walter, confuso.

– Achei que você tinha dito que era um programa de culinária.

– E é.

– Um cachorro em um programa de culinária? O que o cachorro *faz* exatamente?

Walter hesitou.

– Nada – admitiu ele.

Mas, assim que as palavras saíram, ele se sentiu péssimo.

Do outro lado da sala, os olhos de Seis e Meia encontraram os dele. Walter não gostava de cachorros, mas até ele conseguiu ver: o vira-lata tinha ficado arrasado.

CAPÍTULO 36

Vida e morte

– *Tenho uma ótima notícia!* – disse Walter um mês depois, tremendo de entusiasmo ao se juntar a Elizabeth, Harriet, Madeline e Amanda na mesa. O evento tinha se tornado regular: jantar todo domingo à noite no laboratório de Elizabeth. – A revista *Life* ligou hoje. Querem fazer uma matéria de capa!

– Não estou interessada – afirmou Elizabeth.

– Mas é a *Life*!

– Eles vão querer detalhes pessoais, coisas que não são da conta deles. Eu sei como isso funciona.

– Escute. Nós realmente precisamos disso – argumentou Walter. – As ameaças de morte pararam, mas seria bom termos uma exposição positiva.

– Não.

– Você recusou todas as revistas, Elizabeth. Não pode continuar fazendo isso.

– Eu teria o maior prazer em falar com a *Química Hoje*.

– Sei – disse ele, revirando os olhos. – Fantástico. Não é exatamente o nosso público-alvo, mas estou tão desesperado que até liguei para eles.

– E aí? – perguntou ela, ansiosa.

– Eles falaram que não estão interessados em entrevistar uma mulher que cozinha na TV.

Elizabeth se levantou e saiu.

– ME AJUDE, HARRIET – implorou Walter enquanto os dois conversavam sentados nos degraus dos fundos depois do jantar.

– Você não devia ter chamado a Elizabeth de “mulher que cozinha na TV”.

– Eu sei, eu sei. Mas ela não devia ter dito para todo mundo que não acredita em Deus. Nós nunca vamos superar isso.

A porta de tela se abriu.

– Harriet? – interrompeu Amanda. – Venha brincar!

– Daqui a pouquinho – disse Harriet, abraçando a menina. – Por que você e a Mad não constroem um castelo antes? Depois eu vou.

– Amanda gosta muito de você, Harriet – comentou Walter em voz baixa enquanto a filha voltava correndo para dentro.

Ele conseguiu não acrescentar *Eu também*. Nos últimos meses, com as visitas constantes à casa de Elizabeth, ele vinha vendo Harriet cada vez mais. Toda vez que ia embora, ficava pensando nela durante horas. Ela era casada (infeliz no casamento, segundo Elizabeth), mas e daí, ela nunca tinha demonstrado nenhum interesse por ele, e ninguém podia culpá-la. Ele tinha 55 anos, estava ficando careca, era ruim no trabalho e tinha uma filha que tecnicamente nem era dele. Se houvesse um manual chamado *As características menos desejadas nos homens*, ele estaria na capa.

– Ah, é? – disse Harriet, o pescoço ficando vermelho com o elogio. Ela mexeu no vestido, puxando-o até as meias. – Vou falar com Elizabeth – prometeu. – Mas você deveria falar com o redator antes. Pedir para ele evitar perguntas pessoais. Principalmente qualquer coisa relacionada a Calvin Evans. Manter o foco em Elizabeth, no que *ela* conseguiu realizar.

A ENTREVISTA FOI MARCADA para a semana seguinte. O entrevistador, o premiado jornalista Franklin Roth, era conhecido por sua capacidade de conquistar a confiança até das estrelas mais resistentes. Quando ele se sentou no meio da plateia de *Hora do Jantar*, Elizabeth já estava no palco picando uma grande quantidade de verduras.

– Muitos acreditam que a proteína vem apenas da carne, dos ovos, do

peixe – dizia ela –, mas a proteína também vem das plantas, e os animais maiores e mais fortes do mundo comem plantas.

Ela mostrou uma edição da revista *National Geographic* que destacava a refeição de elefantes e continuou explicando, com detalhes excruciantes, o processo metabólico do maior animal terrestre, pedindo ao câmera para dar um close em uma foto das fezes do elefante.

– Dá para ver as fibras direitinho – explicou ela, dando um tapinha na fotografia.

Roth tinha assistido ao programa algumas vezes e o achava estranhamente divertido, mas agora, como parte da plateia, descobriu que as pessoas ao redor dele – 98 por cento da plateia era composta por mulheres – faziam parte da história do mesmo jeito que Elizabeth Zott. Parecia que todo mundo estava com caderno e lápis; alguns carregavam livros de química. Todos prestavam atenção absoluta, como as pessoas deveriam fazer em salas de aula de universidades ou em igrejas, mas poucas vezes o faziam.

Durante um dos intervalos comerciais, ele se virou para a mulher ao lado.

– Se não se importa que eu pergunte – disse ele com educação, mostrando as credenciais –, o que faz a senhora gostar do programa?

– Ser levada a sério.

– Não são as receitas?

Ela o fitou, incrédula.

– Às vezes eu acho – acrescentou ela devagar – que, se um homem tivesse que viver um único dia sendo mulher nos Estados Unidos, ele não passaria do meio-dia.

A mulher no outro lado do jornalista deu uma batidinha no joelho dele.

– Prepare-se para uma revolta.

DEPOIS DO PROGRAMA, ele foi até os bastidores, onde Elizabeth Zott apertou a mão dele e o cachorro dela, Seis e Meia, o cheirou como um agente da polícia fazendo uma revista. Depois de breves apresentações, ela o convidou, assim como ao fotógrafo, para ir até o camarim, onde ela falou sobre o

programa – ou melhor, sobre a química que ela abordava no programa. Ele escutou com educação e depois comentou sobre a calça comprida que ela usava – chamando aquilo de “uma escolha ousada”. Ela olhou surpresa para ele e depois o parabenizou pela mesma escolha ousada. Ele sentiu o tom.

Enquanto o fotógrafo fazia os cliques em silêncio, ele mudou o assunto para o corte de cabelo dela. Elizabeth o encarou com frieza.

O fotógrafo olhou para Roth, preocupado. Ele tinha sido encarregado de conseguir pelo menos uma fotografia de Elizabeth Zott sorrindo. *Faça alguma coisa*, gesticulou ele para Roth. *Diga alguma coisa engraçada*.

– Posso perguntar sobre o lápis no seu cabelo? – tentou Roth mais uma vez.

– Claro – respondeu ela. – É um lápis número dois. “Dois” se refere à dureza do chumbo, embora os lápis não contenham chumbo de verdade. Eles contêm grafite, que é um alótropo do carbono.

– Não, eu me referia ao motivo...

– Por que usar um lápis em vez de uma caneta? Porque, ao contrário da tinta, o grafite pode ser apagado. As pessoas cometem erros, Sr. Roth. Um lápis permite que a pessoa apague o erro e siga em frente. Os cientistas esperam erros e, por causa deles, nós aceitamos o fracasso.

Em seguida, ela olhou para a caneta do jornalista com ar de desaprovação. O fotógrafo revirou os olhos.

– Olhe – disse Roth, fechando o bloco de anotações. – Eu tinha a impressão de que a senhora tinha concordado com essa entrevista, mas dá para ver que foi obrigada a fazer isso. Eu nunca entrevisto ninguém contra a vontade da pessoa; peço desculpas sinceras pela intrusão.

Então ele se virou para o fotógrafo e fez um sinal com a cabeça em direção à porta. Eles estavam no meio do estacionamento quando Seymour Browne os deteve.

– A Sra. Zott pediu para vocês esperarem aqui – disse ele.

CINCO MINUTOS DEPOIS, Roth estava sentado no banco do carona do velho Plymouth azul de Elizabeth Zott, o cachorro e o fotógrafo relegados ao

banco traseiro.

– Ele não morde, não, né? – perguntou o fotógrafo, se espremendo na janela.

– Todos os cachorros têm capacidade para morder – disse ela por cima do ombro. – Assim como todos os seres humanos têm capacidade para fazer o mal. O truque é agir com bom senso, de modo que o mal não seja necessário.

– Isso foi um *sim*? – indagou ele, mas o carro estava entrando na rodovia, e a pergunta se perdeu com a aceleração do motor.

– Para onde vamos? – indagou Roth.

– Para o meu laboratório.

Mas, quando pararam na frente de um pequeno bangalô marrom em um bairro decadente mas arrumado, ele pensou que tinha ouvido mal.

– Agora sou eu que devo pedir desculpa – disse ela a Roth enquanto os conduzia para dentro de casa. – Minha centrífuga deu defeito. Mas ainda posso fazer um café.

Ela começou a trabalhar enquanto o fotógrafo fazia os cliques, a boca de Roth se abrindo de admiração enquanto observava o que antes devia ter sido uma cozinha. Parecia uma combinação de uma sala de cirurgia com um local de risco biológico.

– Foi uma carga desequilibrada – explicou ela, acrescentando alguma coisa sobre a separação de fluidos com base na densidade enquanto apontava para um grande objeto prateado. Uma centrífuga? Ele não fazia ideia do que se tratava. Ele abriu o bloco de novo. Ela colocou um prato de biscoitos na frente dele.

– São de cinamaldeído – explicou ela.

Ele se virou e percebeu que o cachorro estava observando.

– Seis e Meia é um nome incomum para um cachorro – disse ele. – O que significa?

– *Significa?* – Ela se virou para ele enquanto acendia um bico de Bunsen, franzindo a testa como se, mais uma vez, não entendesse por que ele insistia em fazer perguntas tão básicas. Em seguida, ela deu uma descrição detalhada dos babilônios, que usavam um sistema sexagesimal, contando de

sessenta em sessenta, explicou, na matemática e na astronomia. – Espero que eu tenha esclarecido – concluiu.

Nesse meio-tempo, o fotógrafo, que ela havia convidado a dar uma olhada em volta, perguntou sobre o aparelho no meio da sala de estar.

– O ergômetro? – indagou ela. – É um simulador de remo. Eu sou remadora. Assim como muitas mulheres.

Roth pousou o bloco na mesa do laboratório e os seguiu até a sala ao lado, onde ela demonstrou como era uma remada.

– Um erg é uma unidade de energia – explicava ela enquanto se movimentava para a frente e para trás de um jeito monótono e o fotógrafo tirava fotos de ângulos variados. – São necessários muitos ergs para remar. – Ela se levantou e o fotógrafo tirou várias fotos dos calos nas mãos dela antes de voltarem para o laboratório, onde Roth descobriu o cão babando em cima das anotações.

Foi assim que a entrevista aconteceu: de um extremo enfadonho ao outro. Ele continuava a fazer perguntas e ela as respondia de maneira educada, adequada, científica. Em outras palavras, ele não tinha nada.

Ela colocou uma xícara de café na frente do jornalista, que não gostava tanto assim de café – achava amargo demais. Mas ela tinha se esmerado em níveis extraordinários para prepará-lo: frascos, tubos, pipetas, vapores. Para ser educado, ele tomou um gole. Depois, outro.

– Isso é café? – perguntou, admirado.

– Talvez o senhor queira ver como o Seis e Meia me ajuda no laboratório – sugeriu Elizabeth.

Ela prendeu os óculos de proteção no cachorro e depois explicou sua área de pesquisa, que ela chama de abiogênese, soletrando o nome, a-b-i-o... Em seguida, pegou o bloco de notas de Roth e escreveu a palavra em letra de forma. Enquanto isso, o fotógrafo se ocupava em tirar uma foto atrás da outra de Seis e Meia apertando um botão que elevava e baixava a capela de exaustão.

– Eu trouxe o senhor aqui – disse ela a Roth – porque quero que os seus leitores entendam que não sou uma apresentadora de programa culinário na TV. Eu sou química. Por algum tempo, tentei resolver um dos maiores

mistérios químicos da nossa época.

Ela começou a explicar a abiogênese, o entusiasmo evidente conforme ela usava descrições precisas para pintar um quadro geral. Elizabeth tinha um dom para explicar as coisas, percebeu Roth, um jeito de fazer até os conceitos mais tediosos parecerem empolgantes. Ele fazia anotações detalhadas enquanto ela gesticulava e apontava para vários objetos no laboratório, às vezes compartilhando com ele resultados de testes e as interpretações dela, pedindo desculpa mais uma vez pelo defeito na centrífuga, explicando que um ciclotron caseiro estava fora de cogitação, dando a entender que as atuais leis de zoneamento da cidade a tinham impedido de instalar um equipamento radioativo.

– Os políticos não facilitam as coisas, não é? – comentou ela. – Seja como for, a origem da vida: era isso que eu estava procurando.

– Não está mais? – perguntou ele.

– Não – respondeu ela.

Roth se remexeu no banco. Ele nunca tivera o menor interesse em ciência – a praia dele eram as pessoas. Mas, no caso de Elizabeth, chegar à sua essência, além do que ela fazia, estava sendo impossível. Ele desconfiou que havia um jeito de ir mais fundo, mas tinha sido explicitamente avisado por Walter Pine para *não* seguir por esse caminho – e que, se ele tentasse, a entrevista terminaria mal. Mas Roth decidiu arriscar.

– Me fale sobre Calvin Evans – pediu ele.

AO OUVIR O NOME DE CALVIN, Elizabeth se virou depressa, com os olhos cheios de decepção. Ela lançou um olhar demorado para Roth, aquele tipo de olhar dedicado a alguém que quebrou uma promessa.

– Quer dizer que o senhor está mais interessado no trabalho de Calvin – disse ela sem emoção.

O fotógrafo balançou a cabeça na direção de Roth e expirou como se dissesse “Bom trabalho, gênio.” Ele colocou a tampa da lente, desistindo.

– Eu te espero lá fora – disse ele, indignado.

– Não é no trabalho dele que estou interessado – explicou Roth. – Eu

queria saber sobre o seu relacionamento com Evans.

– E isso é da sua conta?

Mais uma vez, ele sentiu o peso dos olhos do cachorro sobre si. *Eu mapeei e memorizei a localização da sua artéria carótida.*

– É que existem muitos boatos sobre o que aconteceu entre vocês dois.

– Boatos.

– Eu soube que ele veio de uma família rica, com o remo e Cambridge; e que a senhora – ele consultou as anotações – se formou na UCLA. Se bem que não encontrei seu nome na lista de graduados. Em que departamento a senhora estava? Eu também soube que foi demitida do Instituto Hastings.

– O senhor verificou as minhas credenciais.

– Faz parte do meu trabalho.

– E também verificou as credenciais do Calvin.

– Ah, não, isso não foi necessário. Ele era tão famoso que...

Ela inclinou a cabeça de um jeito que ele achou preocupante.

– Sra. Zott – disse ele. – A senhora também é muito famosa...

– A fama não me interessa.

– Não deixe o público contar sua história no seu lugar, Sra. Zott – alertou Roth. – O público costuma distorcer a verdade.

– Assim como os repórteres – retrucou ela, se sentando no banco ao lado dele. Por um instante, ela parecia tentada a cooperar, mas depois reconsiderou, voltando a atenção para a parede.

Eles ficaram sentados assim por muito tempo, tanto que o café esfriou e até o tique-taque do Timex dela pareceu ter perdido o entusiasmo. Lá fora, uma buzina soou e uma mulher gritou:

– Eu já te falei mil vezes!

SE EXISTE UMA VERDADE INCONTESTÁVEL no jornalismo, é a seguinte: quando o repórter para de perguntar, o entrevistado começa a falar. Roth sabia disso, mas não foi por esse motivo que ficou em silêncio. Foi porque ele estava se odiando. Tinha sido avisado para não ultrapassar aquele limite e fez isso mesmo assim. Ele tinha conquistado a confiança dela e depois pôs tudo a

perder. Queria se desculpar, mas sabia que as palavras não iriam funcionar. Quando alguém pede desculpas de verdade, elas raramente funcionam.

De repente, ouviram o som de uma sirene, e ela se assustou como uma corça.

Ela se inclinou para a frente e reabriu o bloco de notas de Roth.

– Você quer saber sobre mim e Calvin? – disse Elizabeth de repente. E começou a contar a única coisa que uma pessoa jamais deveria contar a um jornalista: a verdade nua e crua. E ele mal sabia o que fazer com ela.

CAPÍTULO 37

Edição esgotada

“Elizabeth Zott é, sem dúvida, a pessoa mais inteligente e influente da televisão na atualidade”, escreveu ele no assento 21C do voo que o levava de volta para Nova York. Fez uma pausa e depois pediu mais uma dose de uísque e uma água enquanto olhava para o nada lá embaixo. Era um bom redator e um bom jornalista, e os dois talentos combinados, somados a uma quantidade generosa de álcool, o fariam conseguir alguma coisa – era o que ele esperava. A história dela não era feliz e, no campo de atuação dele, isso costumava ser uma coisa boa. Mas nesse caso e com essa mulher...

Ele ficou tamborilando os dedos na mesa dobrável da companhia aérea. De modo geral, jornalistas não gostam de estar em um ponto que não seja no meio: imparciais e imunes à emoção. No entanto, lá estava ele, pendendo para um lado; para ser mais específico, para o lado *dela*, e sem a menor disposição para ver a história de outra maneira. Roth se mexeu na cadeira e tomou a bebida em um único gole demorado.

Droga. Ele tinha entrevistado muitas outras pessoas: Walter Pine, Harriet Sloane, algumas pessoas do Instituto Hastings, todos os membros da equipe de *Hora do Jantar*. Tinha até recebido acesso à menina, Madeline, que perambulava pelo laboratório, lendo – seria mesmo *O som e a fúria*? Mas ele não perguntou nada à criança porque pareceu errado e também porque o cachorro se intrometeu. Quando Elizabeth estava tratando um pequeno corte na perna de Madeline, Seis e Meia se virou para ele e mostrou

os dentes.

Mas não importava o que os outros tinham dito, eram as palavras dela que ficariam com ele pelo resto da vida.

– CALVIN E EU ÉRAMOS ALMAS GÊMEAS – começou ela.

E seguiu descrevendo seus sentimentos em relação ao homem estranho e temperamental com tamanha intensidade que ele ficou triste.

– Você não precisa entender muito de química para apreciar a singularidade da nossa relação – disse ela. – Entre Calvin e eu não houve apenas um clique, mas uma colisão. Literalmente, na verdade, no saguão de um teatro. Ele vomitou em cima de mim. Você conhece a teoria do big bang, não é?

Ela continuou a falar do caso de amor entre eles, usando palavras como “expansão”, “densidade”, “calor”, enfatizando que o que sustentava a paixão era um respeito mútuo pelas habilidades do outro.

– O senhor entende como isso é extraordinário? – perguntou ela. – Um homem tratar o trabalho da parceira com a mesma seriedade que o dele?

Ele inspirou fundo.

– Obviamente sou química, Sr. Roth, o que explicaria de maneira superficial por que Calvin estava interessado na minha pesquisa. Mas eu trabalhei com outros químicos, e nenhum deles acreditava que eu estava no mesmo nível que eles. Exceto Calvin e um outro. – Os olhos dela brilharam de fúria. – O outro era o Dr. Donatti, diretor do departamento de química no Instituto Hastings. Ele não só sabia que estávamos no mesmo nível como sabia que eu estava chegando a algum lugar. A verdade é que ele roubou a minha pesquisa. Publicou como se fosse dele.

Os olhos de Roth se arregalaram.

– Eu pedi demissão no mesmo dia.

– Por que a senhorita não avisou à publicação? Por que não exigiu receber os créditos?

Elizabeth olhou para Roth como se ele vivesse em outro planeta.

– Acredito que o senhor esteja brincando.

Roth sentiu uma onda de vergonha. Era óbvio. Quem acreditaria na palavra de uma mulher e não na do homem que era chefe do departamento? Sendo sincero, nem ele tinha certeza se acreditaria.

– Eu me apaixonei por Calvin porque ele era inteligente e bom, mas também porque foi o primeiro homem que me levou a sério. Imagine se todos os homens levassem as mulheres a sério. A educação ia mudar. A mão de obra passaria por uma revolução. Os conselheiros matrimoniais iam ficar sem trabalho. Entende o que quero dizer?

Ele entendia, mas não queria entender. A mulher dele o tinha abandonado havia pouco tempo, dizendo que ele não respeitava o trabalho dela como dona de casa e mãe. Mas ser dona de casa e mãe não era um trabalho de verdade, era? Era mais como um papel. De qualquer maneira, ela foi embora.

– Foi por isso que eu quis usar o programa *Hora do Jantar* para ensinar química. Porque quando as mulheres entendem a química, elas começam a entender como as coisas funcionam.

Roth pareceu confuso.

– Estou falando de átomos e moléculas, Sr. Roth. As verdadeiras regras que governam o mundo físico. Quando as mulheres entendem esses conceitos básicos, elas podem começar a ver os limites falsos que foram estabelecidos para elas.

– A senhora quer dizer pelos homens.

– Quero dizer por diretrizes religiosas e culturais que atribuem aos homens o papel nada natural de único sexo na liderança. Mesmo um conhecimento básico de química revela o perigo de uma abordagem tão torpe.

– Bem – disse ele, percebendo que nunca tinha visto as coisas daquela maneira –, eu concordo que a sociedade deixa muito a desejar, mas, quando se trata de religião, tendo a achar que ela nos torna humildes, nos ensina qual é o nosso lugar no mundo.

– Sério? – inquiriu ela, surpresa. – Eu acho que ela nos exime de responsabilidades. Acho que nos ensina que nada é culpa nossa, que algo ou alguém está intercedendo, que, em última análise, não somos responsáveis

pela maneira como as coisas estão e que, para melhorar as coisas, devemos rezar. Mas a verdade é que somos muito responsáveis pelo mal que existe no mundo. E temos o poder de consertar isso.

– Mas a senhora, sem dúvida, não está sugerindo que os seres humanos podem consertar o universo.

– Estou falando de consertar a *nós mesmos*, Sr. Roth, nossos erros. A natureza funciona em um plano intelectual mais elevado. Podemos aprender mais, podemos avançar, mas, para isso, precisamos abrir as portas por completo. Uma quantidade muito grande de mentes brilhantes está isolada da pesquisa científica por preconceitos ignorantes, como gênero e raça. Eu fico furiosa, e o senhor também deveria ficar. A ciência tem problemas importantes para resolver: fome, doenças, extinção. E as pessoas que fecham as portas para os outros de propósito, usando ideias culturais retrógradas e egoístas, não são só desonestas; são conscientemente preguiçosas. O Instituto de Pesquisas Hastings está cheio de gente assim.

Roth parou de escrever. Ele se lembrara de alguma coisa com aquela conversa. Ele trabalhava para uma revista bem conceituada, mas o novo editor tinha vindo do *The Hollywood Reporter* – uma publicação sensacionalista – e ele, Roth, apesar de ter um prêmio Pulitzer, agora era subordinado a alguém que se referia às notícias como “burburinho”, que insistia que a “lavação da roupa suja” era uma parte importante de toda história. *O jornalismo é um empreendimento com fins lucrativos!*, o chefe sempre lembrava a ele. *As pessoas querem baixaria!*

– Sou ateia, Sr. Roth – disse ela, soltando um suspiro pesado. – Na verdade, sou humanista. Mas tenho que admitir: tem dias em que a raça humana me dá náuseas.

Ela se levantou, recolheu as xícaras e as pousou perto do cartaz da estação lava-olhos. Ele teve a forte sensação de que a entrevista estava no fim, mas ela se virou de novo para ele.

– Quanto ao meu título de graduação – continuou ela –, eu não tenho um diploma e nunca aleguei ter. Minha admissão no programa de pós-graduação de Meyers se baseou unicamente em estudos autodidatas. Falando em Meyers – disse ela, a voz endurecendo quando tirou o lápis do

cabelo –, tem uma coisa que o senhor devia saber.

Então ela contou a história toda, explicando que teve que deixar a UCLA porque, quando os homens estupram as mulheres, preferem que as mulheres não contem.

Roth engoliu em seco.

– Quanto à minha formação, foi o meu irmão quem me criou – continuou ela. – Ele me ensinou a ler, me apresentou às maravilhas da biblioteca, tentou me proteger da devoção dos meus pais pelo dinheiro. No dia em que encontramos John pendurado nas vigas do galpão, meu pai nem esperou a polícia chegar. Não queria se atrasar para uma apresentação.

O pai, explicou ela, era um apresentador religioso que apregoava o fim do mundo e agora cumpria prisão perpétua por ter matado três pessoas enquanto fazia um milagre, sendo que o verdadeiro milagre era o fato de ele não ter matado mais pessoas. Quanto à mãe, ela não a via fazia mais de doze anos. A mãe tinha se mudado de vez para o Brasil com uma nova família. Afinal, evitar impostos é um compromisso para a vida toda.

– Mas acho que a infância do Calvin ganha o troféu.

Ela começou a explicar a morte dos pais dele e depois a da tia, e o resultado foi que ele tinha ido parar em um orfanato católico para meninos, onde sofreu abusos nas mãos de padres até crescer o suficiente para interromper aquilo. Ela havia encontrado o antigo diário de Calvin soterrado nas caixas que ela e a Srta. Frask tinham roubado. Muitas vezes era impossível ler os rabiscos infantis de Calvin, mas a tristeza dele era evidente.

O que Elizabeth não contou a Roth foi que, pelas páginas do diário de Calvin, ela encontrou a fonte do rancor permanente de seu amado. *Estou aqui apesar de não precisar estar*, escrevera ele, como se sugerisse que havia uma alternativa. *E eu nunca vou perdoar aquele homem. Nunca. Não enquanto eu viver*. Depois de ler a correspondência trocada com Wakely, agora ela entendia que aquele era o pai que, esperava ele, estivesse morto. Aquele que Calvin prometeu odiar até o último dia da vida. Uma promessa que ele tinha cumprido.

Roth baixou o olhar e o cravou na mesa. Ele teve uma criação normal:

pai e mãe juntos, nenhum suicídio, nenhum assassinato, nem mesmo um toque perverso do padre da sua paróquia. Mesmo assim, ainda encontrava muita coisa da qual se queixar. O que havia de errado com ele? Da mesma forma que as pessoas têm o mau hábito de desdenhar dos problemas e das tragédias dos outros, também têm o mau hábito de não apreciar o que têm. Ou tinham. Ele sentia saudade da esposa.

– Quanto à morte de Calvin – continuou ela –, eu sou cem por cento responsável.

Ele empalideceu quando ela começou a descrever o acidente e a guia e as sirenes e que, por causa disso, ela nunca mais ia voltar a restringir alguém. Nunca. Na visão dela, a morte dele desencadeou uma série de outros fracassos: pega de surpresa pelo roubo de Donatti, ela havia desistido da pesquisa; determinada a ajudar a filha a se adequar, ela a tinha matriculado em uma escola onde isso não acontecia. E o pior, ela havia se tornado exatamente a pessoa que menos queria ser, uma apresentadora como o pai. Ah, e também tinha provocado um enfarte em Phil Lebensmal.

– Se bem que não considero o último realmente um fracasso – concluiu ela.

– SOBRE O QUE VOCÊS ESTAVAM conversando lá dentro? – perguntou o fotógrafo no caminho para o aeroporto. – Perdi alguma coisa?

– Nada – mentiu Roth.

Antes de entrar no táxi, Roth já tinha decidido não revelar o que tinha descoberto. Ele escreveria a matéria no prazo, conforme o combinado, e nem uma palavra a mais. Escreveria muito, mas não diria nada. Ele falaria coisas sobre ela, mas não falaria *dela*. Em outras palavras, cumpriria o prazo e, no jornalismo, isso é 99 por cento da lei.

“Apesar do que Elizabeth Zott lhes diz, *Hora do Jantar* não é só uma introdução à química”, escreveu ele naquele dia no avião. “É uma lição de vida diária com duração de trinta minutos. E não é sobre quem somos ou do que somos feitos, mas, sim, sobre aquilo que somos capazes de nos tornar.”

Em vez de informações pessoais, ele escreveu uma descrição de duas mil

palavras sobre abiogênese, seguida de uma parte de quinhentas palavras sobre como o elefante metaboliza os alimentos.

“Isso não é uma história!”, tinha escrito o novo editor depois de ler o primeiro rascunho. “Onde estão os podres de Zott?”

“Não há nenhum”, respondeu Roth.

APENAS DOIS MESES DEPOIS, lá estava ela, na capa da revista *Life*, com os braços cruzados, o semblante soturno, ao lado da manchete “Por que comemos absolutamente tudo que ela prepara”. A matéria de seis páginas incluía quinze fotos de Elizabeth em ação – no programa, no ergômetro, na maquiagem, afagando Seis e Meia, em reunião com Walter Pine, arrumando o cabelo. O artigo começava com a frase de Roth sobre ela ser a pessoa mais inteligente da televisão na atualidade, só que o editor tinha apagado a palavra “inteligente” e substituído por “bonita”. Depois o artigo incluía uma curta descrição dos maiores sucessos do programa – o episódio dos extintores de incêndio, o episódio do cogumelo venenoso, o episódio eu-não-acredito-em-Deus e inúmeros outros –, terminando com a observação de que o programa era uma lição de vida. Mas e o resto?

– ELA É O ANJO DA MORTE – foi a citação que um ávido jornalista novato conseguiu do pai dela na sala de visitas da Prisão de Sing Sing. – A cria do demônio. E arrogante.

O novato também conseguiu uma citação do Dr. Meyers na UCLA, que caracterizou Elizabeth Zott como uma “aluna medíocre, mais interessada em homens do que em moléculas” e acrescentou que ela não era nem de longe tão bonita ao vivo como parecia na TV.

– Quem? – perguntara Donatti quando o jornalista novato trouxe à tona o registro de emprego de Elizabeth. – Elizabeth Zott? Ah, espere... você está falando da Lizzie Delícia? “Delícia” era como a chamávamos, e ela costumava protestar daquele jeito que as mulheres fazem quando não estão protestando *de verdade*. Lizzie Delícia era uma grande técnica de

laboratório, um cargo que oferecemos às pessoas que querem ter contato com a ciência, mas não têm cérebro.

A última citação foi da Sra. Mudford.

– As mulheres devem ficar em casa, e o fato de Elizabeth Zott não estar em casa se mostrou perturbador para o bem-estar da filha. Ela sempre supervalorizava as habilidades da menina, o primeiro sinal de uma mãe preocupada com o status. Naturalmente, quando ela era minha aluna, eu me empenhava muito para equilibrar esse efeito. – A citação da Sra. Mudford vinha acompanhada, por mais incrível que pareça, de uma cópia da árvore genealógica de Madeline. *Mentiras!*, tinha escrito a Sra. Mudford em cima. *Venha me ver!*

De tudo que havia no artigo, a árvore foi o que mais provocou danos. Porque nela Madeline não apenas descreveu Walter como um parente – e os leitores logo acharam que isso que significava que Elizabeth estava dormindo com o produtor –, como também incluiu um pequeno desenho de um avô usando uniforme de presidiário, uma avó comendo pastéis no Brasil, um cachorro grande lendo *Old Yeller*, um fruto rotulado como “Fada-Madrinha”, uma mulher chamada Harriet envenenando o marido, o túmulo do pai morto, uma criança com um nó correção no pescoço e algumas ligações nebulosas com Nefertiti, Sojourner Truth e Amelia Earhart.

A revista se esgotou em menos de 24 horas.

CAPÍTULO 38

Brownies

JUNHO DE 1961

Algumas pessoas dizem que não existe publicidade ruim e, nesse caso, elas estão certas. *Hora do Jantar* explodiu em popularidade.

– Elizabeth – disse Walter, enquanto ela, o rosto pétreo, estava sentada na frente dele na sala do produtor. – Eu sei que você ficou chateada com o artigo. Todos nós ficamos. Mas vamos olhar pelo lado bom. Novos anunciantes estão fazendo fila aos bandos. Diversos fabricantes estão implorando para criar linhas novas com o seu nome. Panelas, facas, vários tipos de coisa!

Ela franziu os lábios de um jeito que ele sabia que significava encrenca.

– A Matte até enviou especificações para um kit de química para meninas...

– Um kit de química? – Ela se animou um pouquinho.

– Tenha em mente que são apenas as especificações – explicou ele, cauteloso, entregando a proposta a ela. – Tenho certeza de que algumas coisas podem...

– “Garotas!” – leu ela em voz alta. – “Façam seus próprios perfumes... usando ciência!” Meu Deus, Walter! E a caixa é cor-de-rosa? Ligue para essas pessoas agora mesmo... Quero dizer onde elas devem enfiar o frasco de plástico.

– Elizabeth, não precisamos dizer sim para tudo – alegou ele, de modo

tranquilizador –, mas temos potencial aqui para conseguir segurança financeira pelo resto da vida. Não só para nós, mas também para as nossas filhas. Não podemos pensar só em nós mesmos.

– Isso não é pensar, Walter, isso é marketing!

– Sr. Pine – chamou uma secretária. – O Sr. Roth está na linha dois.

– Não atenda essa ligação – avisou Elizabeth, o rosto ainda revelando a mágoa por ela ter sido difamada.

– OLÁ – DISSE ELIZABETH várias semanas depois –, meu nome é Elizabeth Zott e esta é a *Hora do Jantar*.

Ela estava atrás de uma tábua de corte, com um leque de legumes disposto diante de si em uma impressionante gama de cores.

– No jantar de hoje teremos berinjela – continuou, pegando o legume grande e roxo. – A berinjela é muito nutritiva, mas pode ficar amarga por causa dos compostos fenólicos. Para eliminar o amargor... – Ela se interrompeu de repente, virando o legume nas mãos como se não estivesse satisfeita. – Vou reformular. Para evitar a *tendência* da berinjela de ficar amarga... – Ela parou de novo e suspirou ruidosamente.

Em seguida, deixou a berinjela de lado.

– Esqueçam. De amarga, já basta a vida. – Ela se virou para trás e abriu um armário, pegando novos ingredientes. – Mudança de planos – explicou. – Vamos fazer brownies.

Madeline estava deitada de bruços em frente à televisão, com as pernas cruzadas no alto.

– Parece que vamos ter brownies de novo hoje à noite, Harriet. Cinco dias seguidos.

– Eu faço brownies nos dias difíceis – confessou Elizabeth. – Não vou fingir que a sacarose é um ingrediente essencial para o nosso bem-estar, mas eu me sinto melhor quando consumo sacarose. Agora, vamos começar.

– MAD – DISSE HARRIET POR CIMA da voz de Elizabeth enquanto aplicava batom

e afofava o cabelo. – Tenho que dar uma saída rápida, está bem? Não atenda a porta nem o telefone e não saia de casa. Eu volto antes de sua mãe chegar. Entendeu? Mad? Você me ouviu?

– O quê?

– Eu te vejo daqui a pouco.

A porta se fechou com um clique.

– Os brownies ficam melhores quando são feitos com cacau em pó de boa qualidade ou chocolate culinário sem açúcar – continuou Elizabeth. – Eu prefiro cacau em pó alcalino. Ele contém um alto nível de polifenóis, que, como vocês sabem, são agentes redutores que protegem o corpo contra o estresse oxidativo...

Madeline observava a TV de perto enquanto a mãe combinava o cacau em pó com a manteiga derretida e o açúcar, batendo a mistura com tanto vigor que a tigela parecia prestes a se quebrar. Quando a *Life* chegou às bancas de jornal, ela tinha ficado muito orgulhosa. A mãe dela... numa capa! Mas, antes que ela pudesse ler, a mãe enfiou todas as cópias – incluindo as de Harriet – em um saco de lixo e jogou o saco pesado no meio-fio.

– Você *não* pode ler essa montanha de mentiras – disse ela a Madeline. – Entendeu? Em nenhuma circunstância.

Madeline assentiu. Mas, no dia seguinte, foi direto à biblioteca e leu sem parar, com o dedo guiando os olhos pelas colunas.

– Não – disse ela com a voz embargada. – Não, não, não. – As lágrimas respingaram em uma fotografia da mãe arrumando o cabelo como se ela fizesse isso o dia inteiro. – Minha mãe é cientista. Ela é química.

ELA VOLTOU A ATENÇÃO DE NOVO para a televisão, onde a mãe estava picando nozes.

– As nozes contêm um nível anormalmente alto de vitamina E na forma de gama-tocoferol – dizia ela. – Já foi comprovado que elas protegem o coração. – Se bem que, pelo modo como ela continuava picando, parecia claro que as nozes não iam fazer grande diferença nos danos provocados ao

coração.

De repente, a campainha tocou, e Mad levou um susto. Harriet não a deixava mais atender a porta, mas Harriet não estava lá. Ela deu uma espiada pela janela, esperando ver um desconhecido, mas, em vez disso, viu Wakely.

– Mad – disse o reverendo Wakely quando ela abriu a porta. – Eu estava muito preocupado.

NA TELEVISÃO, ELIZABETH ZOTT estava explicando como o ar era carregado pelas superfícies ásperas dos cristais do açúcar e depois era revestido por uma película de gordura, criando uma espuma.

– Quando acrescento os ovos – disse ela –, as proteínas do ovo evitam que as bolhas de ar revestidas de gordura se rompam quando são submetidas ao calor. – Ela pousou a tigela na bancada. – Voltamos logo depois da vinheta da KCTV.

– Espero que não se importe por eu ter vindo até aqui – disse Wakely. – Achei que te encontraria em casa durante o programa da sua mãe. Ela está fazendo brownies para o jantar?

– Ela teve um dia ruim.

– Aquele artigo da *Life*, posso imaginar. Onde está a vizinha que toma conta de você?

– Harriet vai voltar daqui a pouco. – Ela hesitou, sabendo que seria errado perguntar isso. – Wakely, você quer ficar para o jantar?

Ele fez uma pausa. Se dias ruins ditassem os cardápios, ele comeria brownies em todas as refeições pelo resto da vida.

– Eu nunca me intrometeria assim, Mad. Eu só queria confirmar que você está bem. Eu me sinto horrível por não ter podido te ajudar mais com a árvore genealógica, embora eu esteja orgulhoso do que você fez. Você definiu sua família com pinceladas honestas e abrangentes. A família é muito mais do que biologia.

– Eu sei.

Ele deu uma olhada na salinha repleta de livros e viu o ergômetro.

– Lá está – falou Wakely, maravilhado. – O simulador de remo. Eu o vi na revista. Seu pai era muito habilidoso.

– Minha *mãe* é muito habilidosa – afirmou ela. – Minha mãe transformou a nossa cozinha em um... – Mas, antes que ela pudesse mostrar o laboratório a ele, Elizabeth, na televisão, anunciou que estava de volta.

– Uma das coisas que eu gosto em cozinhar – disse ela ao adicionar a farinha de trigo – é a utilidade inerente. Quando fazemos uma comida, não criamos apenas algo saboroso; criamos algo que fornece energia para as nossas células, algo que sustenta a vida. É bem diferente do que os outros criam. Por exemplo – ela fez uma pausa e olhou diretamente para a câmera, estreitando os olhos –, revistas.

– Sua pobre mãe – disse Wakely, balançando a cabeça.

A porta dos fundos se abriu com um barulho alto.

– Harriet? – chamou Mad.

– Não, querida, sou eu. – A voz estava cansada. – Cheguei em casa cedo. Wakely ficou paralisado.

– Sua mãe?

Ele não estava preparado para encontrar Elizabeth Zott. Já era suficiente estar na casa onde Calvin Evans tinha morado, mas de repente conhecer a mulher que ele não tinha consolado no funeral de Evans? A famosa apresentadora atea de um programa de TV? A pessoa que no momento estava na capa da *Life*? Não. Ele tinha que sair imediatamente. Agora, antes que ela visse um homem adulto sozinho com a filha pequena na casa. Meu Deus! O que ele estava pensando? Será que a situação podia parecer pior?

– Tchau – sibilou ele para Mad, se virando para a porta da frente. Mas, antes que ele conseguisse abrir a porta, Seis e Meia correu para o lado dele.

Wakely!

– Mad? – chamou Elizabeth ao deixar as bolsas no laboratório e entrar na sala de estar. – Onde... – Ela parou. – Ah. – Ela franziu a testa, surpresa ao ver um homem usando um colarinho clerical segurando a maçaneta da porta da frente.

– Oi, mamãe – cumprimentou Madeline, tentando parecer natural. – Este é o Wakely. Ele é meu amigo.

– *Reverendo* Wakely – corrigiu ele, largando relutantemente a maçaneta para estender a mão. – Primeira Igreja Presbiteriana. Me desculpe por incomodá-la, Sra. Zott – disse, apressado. – Sinto muito mesmo. Tenho certeza de que a senhora está cansada depois de um longo dia. Madeline e eu nos conhecemos na biblioteca há algum tempo e ela está certa, somos amigos, somos... eu já estava de saída.

– Wakely me ajudou com a árvore genealógica.

– Uma tarefa horrível – comentou ele. – Muito equivocada. Eu discordo muito de deveres de casa que tocam em assuntos pessoais, mas eu não ajudei em nada. Eu gostaria de *poder* ter ajudado. Calvin Evans teve uma influência colossal na minha vida, o trabalho dele, bem, pode parecer estranho se considerarmos meu campo de atuação, mas eu era um admirador, até mesmo um fã. Evans e eu, na verdade, éramos... – Ele se deteve. – De novo, sinto muito pela sua perda... tenho certeza de que não foi...

Wakely se ouvia discorrendo como um rio que transbordava. Quanto mais tagarelava, mais Elizabeth Zott o fitava de um jeito que o assustava.

– Onde está Harriet? – perguntou ela, se virando para Madeline.

– Foi fazer umas coisas.

Na televisão, Elizabeth Zott disse:

– Tenho tempo para uma pergunta ou duas.

– Você é química mesmo? – perguntou alguém. – Porque a revista *Life* disse...

– *Sou*, sim – rosnou ela. – Alguém tem uma pergunta de verdade?

Na sala de estar, Elizabeth pareceu em pânico.

– Desligue isso agora – pediu ela. Mas, antes que conseguisse alcançar o botão, uma mulher na plateia do estúdio se intrometeu:

– É verdade que sua filha é ilegítima?

Wakely deu dois passos em direção à televisão e a desligou.

– Ignore isso, Mad – disse ele. – O mundo é cheio de gente ignorante. – Depois deu uma olhada ao redor como se quisesse se certificar que não tinha deixado nada para trás e acrescentou: – Peço muitas desculpas por ter incomodado a senhora.

No entanto, quando ele colocou a mão na maçaneta de novo, Elizabeth Zott pousou a mão na manga dele.

– Reverendo Wakely – disse ela com a voz mais triste que ele já ouvira. – Nós já nos encontramos antes.

– VOCÊ NUNCA ME CONTOU ISSO – disse Madeline ao pegar o segundo brownie.
– Por que não me contou que esteve no funeral do papai?

– Porque eu era só um figurante – respondeu ele. – Eu admirava muito o seu pai, mas isso não significa que eu o conhecesse. Eu queria ajudar, queria encontrar as palavras certas para ajudar a sua mãe com a perda, mas fracasei. Eu nunca encontrei o seu pai, sabe, mas eu sentia que o entendia. Isso pode parecer forçado – disse ele, se virando para Elizabeth. – Me desculpe.

Durante todo o jantar, Elizabeth falou muito pouco, mas a confissão de Wakely pareceu tocá-la de um jeito distante. Ela assentiu.

– Mad – disse ela. – Ilegítima quer dizer que você nasceu fora dos laços do matrimônio. Significa que seu pai e eu não éramos casados.

– Eu sei o que significa – rebateu Mad. – Só não sei por que isso é um problema tão grande.

– Só é um problema tão grande para quem é muito idiota – se intrometeu Wakely. – Eu falo com idiotas o dia inteiro, sei como eles são. Como pastor, eu esperava reduzir esse tipo de idiotice, fazer as pessoas entenderem que suas ações causam um desnecessário... seja como for, sua mãe estava certa quando disse ao repórter que a nossa sociedade se baseia muito em mitos, que a cultura, a religião e a política têm um jeito de distorcer a verdade. Ser ilegítimo é só mais um desses mitos. Não preste atenção na palavra nem em qualquer pessoa que usá-la.

Elizabeth ergueu o olhar, surpresa.

– Isso não entrou na matéria da *Life*.

– O quê?

– Essa parte sobre os mitos. Sobre a distorção da verdade.

Dessa vez, foi ele que pareceu surpreso.

– É, não saiu na *Life*. Mas no que Roth... – Ele olhou para Mad, como se tivesse acabado de lembrar por que tinha ido até lá. – Ah, meu Deus. – Ele se abaixou e pegou na sacola um envelope pardo sem lacre e o colocou diante de Elizabeth. Havia três palavras escritas na frente: *Elizabeth Zott. CONFIDENCIAL*.

– Mãe – disse Mad depressa. – O Sr. Roth veio aqui uns dias atrás. Eu não abri a porta porque não tenho permissão, mas também porque era o Roth, e a Harriet diz que ele é o Inimigo Público Número 1. – Ela fez uma pausa, baixando a cabeça. – Eu li o artigo dele na *Life* – confessou ela. – Sei que você me falou para não ler, mas eu li e está horrível. E eu também não sei como Roth conseguiu a minha árvore genealógica, mas ele conseguiu e é culpa minha e...

As lágrimas escorreram pelas bochechas dela.

– Querida – disse Elizabeth, com a voz mais suave ao puxar a menina para o colo. – Não, claro que não é culpa sua. Nada disso é culpa sua. Você não fez nada de errado.

– Ah, fiz, sim. – Mad soluçava enquanto a mãe afagava seu cabelo. – Aquilo – disse ela, apontando para o envelope pardo que Wakely tinha acabado de colocar na mesa –, aquilo veio do Roth. Ele deixou na entrada de casa e eu abri. E, mesmo dizendo que era confidencial, eu li. E depois levei para o Wakely.

– Mas, Mad, por que você faria... – Ela parou e olhou para Wakely, preocupada. – Espere. Você também leu?

– Eu não estava em casa quando Mad deixou o envelope – explicou Wakely –, mas a minha datilógrafa me contou que a Mad tinha passado lá e que estava muito aborrecida. Então tenho que confessar que também li o artigo. Na verdade, a minha datilógrafa também... é muito...

– Meu Deus! – explodiu Elizabeth. – Qual é o problema de vocês? A palavra “confidencial” não significa nada? – Ela pegou o envelope da mesa.

– Mas, Mad – disse Wakely, ignorando a ira de Elizabeth –, por que você ficou tão aborrecida? Pelo menos o Sr. Roth está tentando endireitar as coisas. Pelo menos ele escreveu a verdade.

– O que você quer dizer com “a verdade”? – perguntou Elizabeth. –

Aquele homem não saberia como... – Mas quando tirou o conteúdo do envelope, ela parou. “Por que a mente dessas mulheres importa” era o título do novo artigo.

Era o rascunho de um artigo – ainda não publicado. Sob o título havia uma foto de Elizabeth em seu laboratório caseiro e Seis e Meia com os óculos de proteção ao lado. Ao redor dela, uma borda fotográfica composta de outras cientistas em todo o mundo em seus respectivos laboratórios. “O preconceito na ciência e o que essas mulheres estão fazendo a respeito” era o subtítulo.

Um bilhete estava preso no alto da página.

Desculpe, Sra. Zott. Pedi demissão da Life. Ainda estou tentando mostrar a verdade, embora ninguém queira saber. Fui rejeitado por dez publicações científicas até agora. Viajei para cobrir uma história que está se desenrolando em um lugar chamado Vietnã. Atenciosamente, FR.

Quando leu a nova matéria, Elizabeth prendeu a respiração. Estava tudo lá: seus objetivos, seus experimentos. E as outras mulheres e os trabalhos delas – ela se sentiu fortalecida pelas batalhas e inspirada pelos progressos das outras.

Mas Madeline estava chorando.

– Querida, eu não entendi – disse Elizabeth. – Por que você ficou aborrecida com isso? O Sr. Roth fez um bom trabalho. É um artigo bom. Eu não estou brava com você. Estou feliz por você ter lido. Ele escreveu uma coisa verdadeira sobre mim e sobre essas outras mulheres, e espero sinceramente que ele consiga publicar. Em algum lugar. – Ela olhou de novo para o bilhete. Rejeitado dez vezes por revistas científicas? Sério?

– Eu sei – disse Madeline, passando a mão embaixo do nariz –, mas é por isso que eu estou triste, mamãe. Porque o seu lugar é no laboratório. Em vez disso, você fica fazendo o jantar na TV e... e... é por *minha* causa.

– Não – falou Elizabeth com delicadeza. – Não é verdade. Todo pai ou toda mãe tem que se sustentar. Isso faz parte de ser adulto.

– Mas você não está em um laboratório por *minha* causa...

– De novo, não é verdade...

– É, sim. A datilógrafa do Wakely me contou.

Elizabeth ficou boquiaberta.

– Meu Deus – reagiu Wakely, cobrindo o rosto com as mãos.

– O quê? Quem é essa datilógrafa? – perguntou Elizabeth.

– Acho que talvez a senhora conheça – respondeu Wakely.

– Me escute, Mad – disse Elizabeth. – Preste atenção. Eu ainda sou química. Uma química na televisão.

– Não – retrucou Mad com tristeza. – Não é, não.

CAPÍTULO 39

Prezados senhores

Isso tinha acontecido dois dias antes, e a Srta. Frask estava tendo um dia bom. Geralmente ela conseguia datilografar 145 palavras por minuto – rápido segundo qualquer parâmetro –, mas o recorde mundial era de 216 palavras por minuto, e nesse dia a Srta. Frask, que tinha tomado três pílulas emagrecedoras com o café, teve o pressentimento de que poderia quebrar o recorde. Mas assim que entrou na reta final, com os dedos batucando as teclas e um cronômetro funcionando ao lado, ela ouviu duas palavras inesperadas.

– Com licença.

– Minha nossa! – gritou ela, se afastando da mesa. Ela girou a cabeça para a esquerda e viu uma criança magricela segurando um envelope pardo.

– Oi – disse a menina.

– Mas que diabos! – A Srta. Frask engoliu em seco.

– A senhora é rápida.

A Srta. Frask levou a mão ao coração como se quisesse mantê-lo no peito.

– O-obrigada – conseguiu dizer.

– Suas pupilas estão dilatadas.

– C-como é que é?

– O Wakely está aqui?

A Srta. Frask se recostou na cadeira, o coração ainda disparado,

enquanto a menina se aproximava para esquadrihar o conteúdo da máquina de escrever.

– Quer me dar *licença*? – disse a Srta. Frask.

– Estou calculando – explicou a menina. Depois recuou, admirada. – Uau. A senhora está no grupo de Stella Pajuntas.

– C-como é que você sabe quem é Stella...

– A datilógrafa mais rápida do mundo. Duzentas e dezesseis palavras por...

Os olhos da Srta. Frask se arregalaram.

– ... mas eu interrompi seu trabalho, isso afeta a contagem...

– Quem é você? – insistiu Frask.

– A senhora está suando.

A mão da Srta. Frask voou até a testa úmida.

– A senhora está fazendo 180 palavras por minuto. Se arredondarmos.

– Qual é o seu nome?

– Mad – respondeu a menina.

A Srta. Frask observou os lábios inchados e arroxeados da criança, os braços e as pernas compridos e desajeitados.

– Evans? – completou sem pensar.

As duas se entreolharam com o mesmo assombro.

– SUA MÃE, SEU PAI E EU trabalhamos juntos – explicou a Srta. Frask para Mad, comendo um prato de biscoitos dietéticos. – No Instituto Hastings. Eu trabalhava no departamento de pessoal, e seus pais, no departamento de química. Seu pai era muito famoso, tenho certeza de que você sabe disso. E agora a sua mãe também é.

– Por causa da revista *Life* – disse a criança, baixando a cabeça.

– Não – retrucou a Srta. Frask com firmeza. – Apesar da *Life*.

– Como era o meu pai? – perguntou Mad, mordiscando o biscoito.

– Ele... – A Srta. Frask hesitou. Ela percebeu que não fazia ideia de como descrevê-lo. – Ele era totalmente apaixonado pela sua mãe.

Madeline ficou radiante.

– Sério?

– E a sua mãe – continuou ela, pela primeira vez sem inveja – era totalmente apaixonada por ele.

– O que mais? – perguntou Mad, ansiosa.

– Eles eram muito felizes juntos. Tão felizes que, antes de morrer, seu pai deixou um presente para a sua mãe. Sabe que presente foi esse? – Ela fez um gesto com a cabeça em direção a Mad. – Você.

Madeline revirou os olhos. Esse era o tipo de coisa que os adultos falavam quando queriam encobrir algo mais sinistro. Uma vez ela ouvira Wakely dizer a uma bibliotecária que, embora a prima da moça, Joyce, tivesse morrido – caiu morta no meio do mercado A&P, com a mão junto ao coração –, ela não tinha sofrido. Sério? Alguém perguntou à Joyce?

– E o que aconteceu?

O que aconteceu?, pensou a Srta. Frask. *Bem, eu espalhei boatos maldosos sobre a sua mãe, que culminaram na demissão dela, que a levou diretamente a um estado de penúria, que a levou a um posterior retorno ao instituto, que levou sua mãe a gritar comigo no banheiro das mulheres, que levou à descoberta de que nós duas tínhamos sofrido assédio sexual, que levou à nossa impossibilidade de conseguirmos nossos doutorados, que levou a carreiras insatisfatórias em uma empresa liderada por um bando de babacas incompetentes. Foi isso que aconteceu.*

Mas, em vez disso, ela respondeu:

– Bom, sua mãe decidiu que seria mais divertido ficar em casa e ter você.

Madeline deixou o biscoito de lado. Lá estava de novo. Os adultos e sua relação de idas e vindas com a verdade.

– Não consigo ver como isso seria divertido – disse Mad.

– Como assim?

– Ela não estava triste?

A Srta. Frask desviou o olhar.

– Quando estou triste, eu não gosto de ficar sozinha.

– Um biscoito? – ofereceu a Srta. Frask sem convicção.

– Sozinha em casa. Sem o papai. Sem o trabalho. Sem amigos.

A Srta. Frask ficou subitamente interessada em uma publicação chamada

Nosso pão diário.

– O que aconteceu de verdade? – insistiu Mad.

– Ela foi demitida – respondeu a Srta. Frask, sem considerar os efeitos que as palavras poderiam provocar. – Demitida porque estava grávida de você.

Madeline se encolheu, como se tivesse levado um tiro nas costas.

– DE VERDADE, NÃO FOI CULPA SUA – reafirmou a Srta. Frask para a criança, que estava soluçando havia dez minutos. – De verdade. Você não ia acreditar como aquele pessoal do instituto tinha a mente limitada. Uns completos idiotas.

A Srta. Frask, lembrando que era parte desse grupo de idiotas, comeu o restante dos biscoitos, enquanto Mad, apesar da respiração entrecortada, assinalou que os biscoitos continham tartrazina, um corante de alimentos associado a problemas no fígado e nos rins.

– De qualquer maneira – continuou a Srta. Frask –, você está analisando pelo ângulo errado. Sua mãe não saiu do Instituto Hastings por sua causa. Ela saiu graças a você. E depois ela tomou a decisão muito equivocada de voltar, mas isso é outra história.

Madeline soltou um suspiro.

– Tenho que ir embora – disse ela, assoando o nariz enquanto olhava para o relógio. – Desculpe ter estragado seu teste de datilografia. A senhora pode entregar isso ao Wakely? – Ela estendeu o envelope sem lacre com a anotação *Elizabeth Zott: CONFIDENCIAL*.

– Eu entrego – prometeu a Srta. Frask, dando um abraço na menina. Mas, assim que a porta se fechou, ela ignorou as instruções da criança e abriu o envelope. – Deus do céu! – exclamou ela, enfurecida depois de ler o artigo recente de Roth. – Elizabeth Zott é realmente incrível.

“PREZADOS SENHORES”, DATILOGRAFOU ELA, cheia de fúria, se dirigindo aos editores da revista *Life* trinta segundos depois. “Li a ridícula matéria de capa

sobre Elizabeth Zott e acho que a pessoa que verifica os fatos para vocês deveria ser demitida. Eu conheço Elizabeth Zott – trabalhei com ela – e sei, sem sombra de dúvidas, que tudo nesse artigo é uma mentira. Eu também trabalhei com o Dr. Donatti. Eu sei o que ele fez no Instituto Hastings e tenho documentos para provar.”

A carta continuava enumerando as realizações de Elizabeth como química, muitas das quais a Srta. Frask só descobriu depois de ler o novo artigo de Roth, ao mesmo tempo que salientava as injustiças que Zott tinha enfrentado no instituto. “Donatti realocou as verbas de Elizabeth”, escreveu ela, “e depois a demitiu sem nenhum motivo. Sei disso porque fui parte da trama”, admitiu, “um pecado pelo qual estou tentando me penitenciar datilografando sermões para me sustentar.” Em seguida, começou a explicar que, mais tarde, Donatti não só roubou a pesquisa de Elizabeth, mas também mentiu para investidores importantes. Ela terminou assegurando que, apesar de saber que a revista *Life* jamais teria coragem de publicar sua carta, ela sentia que tinha que escrevê-la mesmo assim.

A carta apareceu na edição seguinte.

– ELIZABETH, LEIA ISSO! – disse Harriet, empolgada, segurando o exemplar mais recente da *Life*. – Mulheres de todo o país escreveram para a revista para protestar. É uma rebelião; todas estão do seu lado. Tem até uma pessoa que diz que trabalhou com você no Instituto Hastings.

– Não estou interessada.

Depois de terminar de escrever o bilhete diário de Madeline, Elizabeth fechou a lancheira e fingiu mexer em um bico de Bunsen. Nas últimas semanas, tinha se esforçado para manter a cabeça erguida. “Ignore o artigo”, dizia para si mesma. “Siga em frente.” Essa fora a estratégia de enfrentamento que a tinha feito superar suicídio, estupro, mentiras, roubo e uma perda catastrófica; deveria funcionar de novo. Só que não estava funcionando. Dessa vez, por mais que ela mantivesse a cabeça erguida, a descrição enganosa da revista *Life* sobre quem ela era a tinha deixado arrasada de novo. O estrago parecia permanente, como uma cicatriz. Ela

nunca ia superar.

Harriet leu trechos das cartas em voz alta.

– Se não fosse por Elizabeth Zott...

– Harriet, eu disse que *não* estou interessada – disparou.

Por que fazer isso? A vida dela estava acabada.

– Mas e esse artigo não publicado de Roth? – perguntou Harriet, ignorando o tom de Elizabeth. – Aquele voltado para a ciência. Eu não fazia ideia de que existiam outras mulheres cientistas, além de você e madame Curie, quero dizer. Eu li o artigo todo duas vezes! Achei cativante. O que significa alguma coisa, porque você sabe... Ciência.

– Já foi rejeitado por dez periódicos científicos – disse Elizabeth, com a voz abatida. – Mulheres na ciência não é um tema pelo qual as pessoas se interessam. – Ela pegou as chaves do carro. – Vou dar um beijo de despedida em Mad antes de sair.

– Me faz um favor? Tente não acordar Mad dessa vez.

– Harriet – disse Elizabeth. – Alguma vez eu fiz isso?

DEPOIS DE OUVIR ELIZABETH dar a ré no Plymouth e descer a rua, Harriet abriu a lancheira de Madeline, curiosa para ver as palavras de sabedoria que Elizabeth tinha escrito naquele dia. *Não é imaginação sua*, dizia o bilhete no topo. *A maioria das pessoas é horrível.*

Harriet apertou a testa com a ponta dos dedos, preocupada. Ela vagou pelo laboratório, limpando as bancadas, o peso da depressão de Elizabeth evidente de um jeito que ela não tinha registrado antes. A pilha de cadernos de pesquisa em branco, os suprimentos químicos intocados, os lápis não apontados. Maldita revista *Life*, pensou. Apesar do nome, a revista tinha roubado a vida de Elizabeth – acabado com ela – por causa de citações fraudulentas de pessoas como Donatti e Meyers.

– Ah, querida – disse Harriet quando Mad apareceu na porta. – A sua mãe te acordou?

– Já é outro dia.

As duas se sentaram juntas e provaram os bolinhos que Elizabeth tinha

assado mais cedo para o café da manhã.

– Estou preocupada de verdade, Harriet. Com a mamãe.

– Bem, ela está muito chateada, mas logo vai se recuperar. Você vai ver.

– Tem certeza?

Harriet desviou o olhar. Não, ela não tinha certeza. Ela nunca teve tão pouca certeza de alguma coisa na vida. Todo mundo tem um ponto de ruptura; Harriet temia que Elizabeth tivesse atingido o dela.

Ela voltou a atenção para a última edição do *Ladies' Home Journal*. “Você confia no seu cabeleireiro?”, perguntava um artigo. “O ano da blusa importante”, informava outro. Com um suspiro, pegou outro bolinho. Foi ela quem convenceu Elizabeth a dar a entrevista para a *Life*. Se alguém tinha culpa, era ela.

As duas ficaram sentadas em silêncio, Mad tirando a forminha de papel do bolinho enquanto Harriet repassava as palavras de Elizabeth sobre ninguém ter interesse em ler sobre mulheres na ciência. Parecia verdade.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

– Espere um segundo, Mad – disse devagar ao ter uma ideia. – Espere só um segundo.

CAPÍTULO 40

Normal

– Eu penso muito na morte – confessou Elizabeth a Wakely em uma noite fria de novembro.

– Eu também – comentou Wakely.

Eles estavam sentados nos degraus dos fundos, conversando em voz baixa. Madeline estava dentro de casa, vendo TV.

– Acho que isso não é normal.

– Talvez não – concordou ele. – Mas eu já nem sei direito o que é normal. Será que a ciência reconhece o que é normal? Como você definiria normal?

– Bem... Acho que normal é parecido com mediano.

– Eu não tenho tanta certeza. Normal não é como o clima, não há uma expectativa de normalidade. Você não pode tornar algo normal. Pelo que vejo, o normal talvez nem exista.

Ela lançou um olhar de esguelha para ele.

– Palavras estranhas vindas de alguém que acha a Bíblia normal.

– De jeito nenhum – retrucou ele. – Posso dizer com segurança que não existe nenhum evento normal na Bíblia. Talvez essa seja uma das razões da grande popularidade dela. Quem quer acreditar que a vida é exatamente o que parece?

Ela olhou para ele com curiosidade.

– Mas você acredita nessas histórias. Você prega sobre elas.

– Acredito em algumas coisas – corrigiu ele. – Principalmente nos discursos sobre não desistir de ter esperança, não ceder à escuridão. Quanto à palavra “pregar”, prefiro “contar”. Além do mais, aquilo em que acredito é irrelevante. O que eu penso é que você se sente morta; logo, você acredita estar morta. Mas você não está morta. Você está muito viva. E isso te coloca em uma posição difícil.

– Do que você está falando?

– Você sabe do que eu estou falando.

– Você é um pastor esquisito.

– Não, eu sou um pastor horrível – corrigiu ele.

Elizabeth hesitou.

– Tenho que confessar uma coisa, Wakely. Eu li as suas cartas. As cartas que você e Calvin escreveram um para o outro. Sei que elas eram pessoais, mas estavam nos pertences do Calvin, e eu li. Anos atrás.

Wakely se virou para ela.

– Evans *guardou* a nossa correspondência? – Ele sentiu uma saudade repentina do velho amigo.

– Não sei se você sabe, mas foi por sua causa que ele aceitou o emprego no Instituto Hastings.

– O quê?

– Você disse a ele que Commons tinha o melhor dos climas.

– Eu falei isso?

– Você sabe o que Calvin achava do clima. Ele podia ter ido para um milhão de outros lugares e ganhado muito mais dinheiro, mas ele veio para cá, para Commons. “O melhor clima do mundo.” Acho que foram essas as suas palavras.

Wakely sentiu o peso de seu conselho leviano. Por causa de uma coisa que ele dissera, Evans tinha ido para Commons e morrido em Commons.

– Mas o clima só é bom ao longo do dia – explicou ele, como se sentisse a obrigação de fazer isso. – Depois que a neblina da madrugada se dissipa. Não acredito que ele veio para cá para remar ao sol. Não existe sol, não na hora em que os remadores estão na água.

– Você não precisa me falar isso.

– Eu fui o responsável – disse ele, horrorizado, reconhecendo o papel que tinha desempenhado na morte prematura de Calvin. – Foi tudo culpa minha.

– Não, não. – Elizabeth soltou um suspiro. – Fui eu que comprei a guia.

Os dois ficaram sentados ali, ouvindo Madeline cantar junto com o tema da TV que ecoava ao fundo. *Cavalo que fala assim não há, ninguém com ele vai falar, exceto se o cavalo for o grande Mister Ed!*

Com um sobressalto, Wakely se lembrou de um segredo que Madeline tinha cochichado no ouvido dele naquele dia na biblioteca. *O meu cachorro conhece 981 palavras.* Aquilo o pegou de surpresa. Por que uma criança como Madeline, obcecada pela verdade, diria uma mentira tão evidente?

Quanto ao que ele dissera a ela? Era pior ainda. *Eu não acredito em Deus.*

Ela fechou os olhos por um instante e depois pigarreou.

– Eu tinha um irmão, Wakely – contou ela, como se confessasse um pecado. – Ele também morreu.

Wakely franziu as sobrancelhas.

– Um irmão? Lamento muito. Quando foi isso? O que aconteceu?

– Aconteceu há muito tempo. Eu tinha dez anos. Ele se enforcou.

– Meu Deus – disse Wakely, com a voz trêmula. De repente, ele se lembrou da árvore genealógica de Madeline. Na parte de baixo, havia uma criança segurando uma corda de força.

– Eu mesma quase morri uma vez – continuou ela. – Pulei dentro de uma pedreira. Eu não sabia nadar. Ainda não sei.

– *O quê?*

– Meu irmão pulou atrás de mim. De algum modo, ele conseguiu me puxar para a margem.

– Entendi – disse Wakely, desvendando lentamente o sentimento de culpa de Elizabeth. – Seu irmão te salvou e você acha que tinha que ter salvado o seu irmão. É isso?

Ela se virou para olhar para ele, a expressão vazia.

– Mas, Elizabeth, você não sabia nadar. Foi por isso que ele pulou atrás de você. Você precisa entender que o suicídio não é assim. O suicídio é muito mais complicado.

– Wakely. Ele também não sabia nadar.

OS DOIS PARARAM DE FALAR. Wakely em desespero porque não sabia o que dizer. Elizabeth deprimida porque não sabia o que fazer. Seis e Meia empurrou a porta de tela e foi se sentar bem grudado em Elizabeth.

– Você nunca se perdoou – disse Wakely por fim –, mas é a ele que você tem que perdoar. O que você precisa fazer é aceitar.

Ela soltou um som triste, como um pneu perdendo o ar devagar.

– Você é cientista – continuou ele. – Sua função é questionar as coisas, procurar as respostas. Mas às vezes, e eu sei por experiência própria, não existe nenhuma resposta. Você conhece aquela oração que começa com “Senhor, concedei-me a serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar?”.

Ela franziu a testa e inclinou a cabeça.

– Definitivamente não tem a ver com você. Química é mudança, e mudança é o centro do seu sistema de crenças. O que é bom, porque é disso que mais precisamos: pessoas que se recusem a aceitar o status quo, que não tenham medo de encarar o inaceitável. Mas às vezes o inaceitável, como o suicídio do seu irmão ou a morte de Calvin, é permanente, Elizabeth. As coisas acontecem. Simplesmente acontecem.

– Às vezes eu entendo por que meu irmão tomou aquela decisão – admitiu ela em voz baixa. – Depois de tudo que aconteceu, às vezes eu também sinto que quero sumir.

– Eu entendo, acredite – disse Wakely, pensando no mal que o artigo da *Life* tinha causado. – Mas esse não é o seu problema. Não é que você queira sumir.

Ela se virou para olhar para ele, confusa.

– É que você quer voltar a *aparecer*.

CAPÍTULO 41

Reconectando

– Olá – disse Elizabeth –, meu nome é Elizabeth Zott e esta é a *Hora do Jantar*.

Da cadeira de produtor, Walter Pine fechou os olhos e pensou no dia em que os dois se conheceram.

Ela entrara como um raio, passando pelas secretárias, vestindo um jaleco branco, o cabelo puxado para trás, a voz clara. Ele se lembrou de ter ficado fascinado. Sim, ela era linda, mas só agora ele percebia que isso tinha pouco a ver com a aparência. Não, era a confiança dela, a certeza de quem ela era. Elizabeth espalhava essa confiança como uma semente até que ela se enraizasse nos outros.

– Vou começar o programa de hoje com um anúncio importante – avisou ela. – Vou sair da *Hora do Jantar* hoje.

Da plateia veio um arquejo de incredulidade.

– O quê? – as pessoas perguntavam umas às outras. – O que foi que ela disse?

– Este será o meu último programa – confirmou ela.

Em uma casa de fazenda em Riverside, uma mulher deixou cair uma caixa de ovos no chão.

– Você não pode estar falando sério! – gritou alguém na terceira fila.

– Eu sempre falo sério – disse Elizabeth.

Uma onda de angústia encheu o estúdio.

Pega de surpresa, Elizabeth se virou para Walter. Ele retribuiu o olhar, oferecendo um gesto de encorajamento com a cabeça. Era a única coisa que ele podia fazer sem desmoronar.

ELA FORA ATÉ A CASA DELE na noite anterior, sem avisar. Ele quase não atendeu à porta; tinha convidados. Mas, quando olhou pelo olho mágico e a viu lá fora, com Mad dormindo no carro estacionado no meio-fio e Seis e Meia encaixado atrás do volante como um motorista de fuga, ele abriu a porta rapidamente, preocupado.

– Elizabeth – disse ele, o coração aos pulos. – Qual é o problema? O que aconteceu?

– É a Elizabeth? – indagou uma voz preocupada logo atrás dele. – Nossa mãe do céu, o que foi? É a Mad? Ela está machucada?

– *Harriet?* – disse Elizabeth, recuando surpresa.

POR UM INSTANTE, NENHUM dos três disse nem uma palavra, como em uma peça em que os atores não conseguem se lembrar da fala seguinte. Por fim, Walter conseguiu dizer:

– Estávamos tentando manter a situação em segredo por mais um tempo.

– Até o meu divórcio sair – soltou Harriet.

Walter pegou a mão dela e Elizabeth soltou um grito de surpresa, assustando Seis e Meia, que sem querer apertou a buzina com força – várias vezes –, e isso acordou Madeline, depois Amanda e depois todo mundo na vizinhança que tinha cometido o erro de ir dormir cedo.

Elizabeth continuou imóvel na entrada.

– Eu não fazia ideia – repetia ela sem parar. – Como foi que eu não percebi? Sou tão cega assim?

Harriet e Walter se entreolharam como se quisessem confirmar que sim.

– Vamos te contar a história toda daqui a pouco – garantiu Walter. – Mas por que você está aqui? São nove da noite. – Elizabeth tinha aparecido

sem ser convidada, algo que nunca fizera. – Qual é o problema?

– Está tudo bem – respondeu Elizabeth. – Mas agora estou me sentindo mal pelo motivo que me trouxe aqui. A novidade de vocês é tão positiva e a minha é...

– É o quê? O quê?

– Na verdade – disse ela, como se emendasse sua resposta –, minha novidade também é positiva.

Walter agitou as mãos, impaciente, como se quisesse incentivá-la.

– Eu... Eu decidi sair do programa.

– O quê? – Walter engoliu em seco.

– Amanhã – acrescentou ela.

– Não! – exclamou Harriet.

– Vou pedir demissão – reafirmou Elizabeth.

O tom de voz dela deixava claro que, embora a decisão fosse precipitada, ela não ia recuar. Qualquer negociação seria inútil; não fazia sentido mencionar questões triviais como contratos ou fortunas desfeitas ou o que preencheria o espaço se ela saísse. A decisão de Elizabeth era definitiva e, por isso, Walter começou a chorar.

Harriet também reconheceu aquele tom de voz e, orgulhosa como uma mãe finge estar quando a filha anuncia que decidiu dedicar a vida a algo que paga muito mal, também começou a chorar. Usando os dois braços, ela puxou Walter e Elizabeth para perto de si.

– EU ADOREI MEU TEMPO como apresentadora de *Hora do Jantar* – continuou Elizabeth, olhando firmemente para a câmera –, mas decidi voltar ao mundo da pesquisa científica. Quero aproveitar essa oportunidade para agradecer a todas vocês não só pela audiência – e foi aumentando a voz para ser ouvida além do burburinho –, mas também pela amizade. Fizemos muitas coisas juntas nos últimos dois anos. Centenas de refeições, acreditam? Mas não fizemos só o jantar, senhoras. Nós também fizemos história.

Ela deu um passo para trás, surpresa, quando a plateia ficou de pé,

urrando para concordar com ela.

– ANTES DE IR EMBORA – gritou Elizabeth –, ACHO QUE VOCÊS VÃO GOSTAR DE OUVIR O SEGUINTE... – Ela ergueu as mãos, pedindo silêncio à plateia. – Alguém aqui se lembra da Sra. George Fillis, a mulher que teve a audácia de nos contar que queria ser cirurgiã cardíaca? – Ela enfiou a mão no bolso do avental e tirou uma carta. – Tenho uma atualização sobre esse assunto. Parece que a Sra. Fillis não apenas concluiu os estudos preparatórios em tempo recorde como também foi aceita na faculdade de medicina. Parabéns, Sra. George, não, desculpe, Sra. *Marjorie* Fillis. Nunca duvidamos de você, nem por um segundo.

Com essa notícia, a plateia recuperou o vigor, e Elizabeth, apesar de seu comportamento normalmente sério, imaginou a Dra. Fillis se preparando para operar. E, sem conseguir evitar, sorriu.

– E eu aposto que a Marjorie concorda comigo em uma coisa – prosseguiu Elizabeth, aumentando o tom de voz de novo. – A parte mais difícil não foi voltar a estudar, mas sim ter coragem para fazer isso.

Ela foi até o cavalete com o pincel atômico na mão. QUÍMICA É MUDANÇA, escreveu.

– Sempre que vocês começarem a duvidar de si mesmas – disse ela, se virando de novo para a plateia –, sempre que sentirem medo, lembrem-se: a coragem é a raiz da mudança, e somos quimicamente programados para mudar. Assim, quando vocês acordarem amanhã, assumam esse compromisso. Não se contenham. Não acatem as opiniões dos outros sobre o que vocês podem ou não podem conquistar. E não permitam que ninguém classifique vocês em categorias inúteis relacionadas a sexo, raça, status econômico ou religião. Não permitam que seus talentos fiquem obsoletos, senhoras. Planejem o futuro de vocês. Quando voltarem para casa hoje, perguntem a si mesmas o que cada uma de *vocês* vai mudar. E comecem logo.

Em todo o país, as mulheres saltaram do sofá e bateram na mesa da cozinha, externando uma combinação de entusiasmo pelas palavras de Elizabeth e tristeza pela despedida dela.

– *Antes de IR* – gritou ela por cima do barulho alto –, *eu gostaria de*

agradecer a uma AMIGA muito especial. O nome dela é HARRIET SLOANE.

Na sala de estar de Elizabeth, o queixo de Harriet caiu.

– Harriet – sussurrou Mad. – Você ficou famosa!

– Como vocês sabem – continuou Elizabeth, mais uma vez acalmando a plateia com as mãos –, eu sempre terminei o programa dizendo às crianças para elas colocarem a mesa, para que vocês tivessem um tempo para si mesmas. “Um tempo para você.” Esse foi o conselho que Harriet Sloane me deu no dia em que nos conhecemos, e esse é o conselho que resultou na minha decisão de deixar a *Hora do Jantar*. Foi Harriet quem me disse para usar aquele tempo para me reconectar com as minhas necessidades, identificar o meu verdadeiro rumo, me empenhar no meu propósito. E, graças a Harriet, eu finalmente estou fazendo isso.

– Santa mãe de Deus – disse Harriet, empalidecendo.

– Caramba, o Pine vai matar *você* – disse Mad.

– Obrigada, Harriet – agradeceu Elizabeth. – Obrigada a *todas* vocês. – Ela fez um gesto com a cabeça em direção à plateia. – E, pela última vez, eu gostaria de pedir às crianças para colocarem a mesa. E depois vou pedir a cada uma de vocês para separarem um tempo para si mesmas e se reconectarem. Desafiem-se, senhoras. Usem as leis da química e mudem o status quo.

Mais uma vez, a plateia se levantou e, novamente, os aplausos foram estrondosos. Mas, quando Elizabeth se virou para ir embora, ficou óbvio que os presentes não iam a lugar nenhum – não sem uma última instrução. Sem saber como proceder, ela olhou para Walter. Ele fez um sinal como se tivesse tido uma ideia e depois escreveu alguma coisa em um cartão e se levantou. Ela assentiu e olhou de novo para a câmera.

– Assim concluímos a aula de introdução à química – anunciou Elizabeth. – Turma dispensada.

CAPÍTULO 42

Departamento de pessoal

JANEIRO DE 1962

Todo mundo achou – todo mundo era Harriet, Walter, Wakely, Mason e a própria Elizabeth – que ela seria inundada de ofertas de emprego. Universidades, laboratórios de pesquisa, talvez até os Institutos Nacionais de Saúde. Apesar do escárnio que a revista *Life* tinha feito da vida de Elizabeth, ela era uma personalidade proeminente, uma celebridade da televisão.

Mas isso não aconteceu. Na realidade, nada aconteceu. Não só ela não recebeu nem uma ligação, como os currículos que ela enviou para empresas de pesquisa foram ignorados por completo. Apesar da popularidade diurna de Elizabeth, a comunidade científica ainda tinha dúvidas significativas quanto às credenciais acadêmicas dela. O Dr. Meyers e o Dr. Donatti – químicos muito conceituados – foram citados na revista *Life* afirmando que ela não era uma cientista de verdade. Isso bastou.

E assim ela foi apresentada a outra realidade incontestável da fama: ela é passageira. A única Elizabeth Zott por quem as pessoas se interessavam era aquela que usava um avental.

– VOCÊ PODE VOLTAR AO PROGRAMA quando quiser – disse Harriet quando Elizabeth entrou com Seis e Meia, os braços cheios de livros da biblioteca. – Você sabe que Walter te aceitaria de volta hoje mesmo, se você quisesse.

– Eu sei – respondeu Elizabeth, pousando os livros –, mas não posso. Pelo menos as reprises estão indo bem. Café? – perguntou ela, acendendo um bico de Bunsen.

– Não tenho tempo. Vou me encontrar com o meu advogado. Mas olhe aqui – disse Harriet, tirando bilhetinhos do bolso do avental. – O Dr. Mason quer falar sobre novos uniformes para a equipe feminina, e...está pronta para esta notícia? Ligaram do Instituto Hastings. Eu quase desliguei. Você consegue imaginar? *Hastings*. Eles tiveram a audácia de ligar para cá.

– Quem era? – perguntou Elizabeth, tentando disfarçar a preocupação na voz. Nos últimos dois anos e meio, ela vinha esperando que o Instituto Hastings notasse que as caixas de Calvin tinham sumido.

– A chefe do departamento de pessoal. Mas não se preocupe. Eu mandei a mulher para o inferno.

– Mulher?

Harriet checkou os recados.

– Aqui está. Uma tal de Srta. Frask.

– A Frask não trabalha no Hastings – disse Elizabeth, aliviada. – Ela foi mandada embora anos atrás. Ela datilografa os sermões do Wakely.

– Interessante – observou Harriet. – Bem, ela alegou ser chefe do departamento de pessoal do Instituto Hastings.

Elizabeth franziu a testa.

– Ela gosta de fazer graça.

DEPOIS QUE O CARRO DE HARRIET se afastou, Elizabeth se serviu de uma xícara de café e pegou o telefone.

– Escritório da Srta. Frask, Srta. Finch falando – disse a voz.

– *Escritório* da Srta. Frask? – questionou Elizabeth, surpresa.

– Como é? – disse a voz.

Elizabeth hesitou.

– Desculpe, mas quem está falando?

– *Quem* está falando? – quis saber a voz.

– Tudo bem, tudo bem – cedeu Elizabeth. – Vou entrar no jogo. Aqui é

Elizabeth Zott ligando para a Srta. Frask.

– Elizabeth Zott – disse a pessoa no outro lado da linha. – Essa é boa.

– Algum problema? – perguntou Elizabeth.

Foi o tom de voz. A mulher no outro lado o reconheceu na mesma hora.

– Ah – murmurou ela. – É a senhorita *mesmo*. Me desculpe, Srta. Zott. Eu sou sua fã. É uma honra falar com a senhorita. Por favor, aguarde.

– Zott. – A voz surgiu um minuto depois. – Já não era sem tempo, porra!

– Olá, Frask. Chefe do departamento de pessoal do Instituto Hastings? O Wakely sabe que você está passando trote?

– Três coisas, Elizabeth. Primeira: eu adorei o artigo. Sempre achei que eu te veria de novo na capa de alguma publicação, mas ali? Foi um golpe de mestre. As pessoas precisam saber qual é o seu público-alvo.

– O quê?

– Segunda: adorei a sua empregada...

– A Harriet não é minha empregada...

– ... no segundo em que eu disse que estava ligando do Hastings, ela me mandou para o inferno. Ganhei o dia.

– Frask...

– Terceira: preciso que você venha o mais rápido possível, hoje mesmo, daqui a uma hora, mais ou menos, se você conseguir. Lembra aquele investidor ricoço? Ele reapareceu.

– Frask – suspirou Elizabeth –, você sabe que eu adoro uma boa piada, mas...

A Srta. Frask riu.

– *Você* adora uma piada? E *isso* é para ser uma piada? Não, Elizabeth, escute. Eu voltei para o instituto; na verdade, voltei por cima. Aquele seu investidor viu a carta que escrevi para a *Life* e entrou em contato comigo. Eu te conto os detalhes depois, não tenho tempo agora. Estou limpando a casa. Meu Deus, como eu gosto de limpar! Você pode vir ou não? Além disso, nem acredito no que vou dizer, mas você pode trazer a porcaria do cachorro? O investidor quer conhecê-lo.

HARRIET ENTROU NO ESCRITÓRIO de advocacia Hanson & Hanson com as mãos trêmulas. Nos últimos trinta anos, tinha confessado ao padre que o marido dela bebia, falava palavrão e nunca frequentava a missa, que ele a tratava como uma escrava pessoal, que a xingava. E, nos últimos trinta anos, o padre havia apenas assentido e depois explicado que, embora o divórcio estivesse fora de questão, ela ainda tinha muitas opções. Por exemplo, podia rezar para achar maneiras de se tornar uma esposa melhor, podia fazer uma bela autoanálise e tentar entender de que maneira ela aborrecia o marido, podia cuidar mais da aparência.

Foi por isso que ela fez assinatura de tantas revistas femininas – porque eram bíblias de autoconhecimento e mostrariam o que ela devia fazer. Mas, mesmo com todos os conselhos que ela seguia, as coisas entre ela e o Sr. Sloane não melhoravam. Pior, às vezes o tiro saía pela culatra – como na ocasião em que ela fez permanente, algo que a revista alegava que “faria o marido prestar atenção”, mas, ao contrário, resultou em infundáveis reclamações sobre o fedor que ela exalava. Foi então que Elizabeth Zott entrou na vida dela e ela finalmente percebeu que talvez não precisasse de roupas novas nem de um penteado diferente. Talvez ela precisasse de uma carreira. Nas revistas.

Havia alguém no mundo que entendesse mais de revistas do que ela? Não era possível. E, para provar que estava certa, sabia exatamente por onde começar. Pelo artigo inédito de Roth.

Na opinião de Harriet, Roth cometera o erro clássico na hora de decidir onde tentar publicar o artigo – ele achava que só periódicos científicos estariam interessados em uma matéria sobre mulheres na ciência. Harriet sabia que ele estava errado. Ela ligou para Roth, preparada para apresentar seu ponto de vista, mas o serviço de secretária eletrônica repetiu que Roth ainda estava no... onde era mesmo? Vietnã. Assim, ela submeteu o artigo dele sem permissão. Por que não? Se fosse aceito, Roth ia agradecer-lhe e, se não fosse, ele não estaria em piores condições do que agora.

Harriet levou o pacote ao correio para pesar, adicionou um envelope selado e endereçado para garantir uma resposta rápida e depois rezou três Ave-Marias, fez dois sinais da cruz, respirou fundo uma vez e enfiou o

pacote na caixa de correio.

Depois de duas semanas sem nenhuma resposta, ela sentiu uma pontada de preocupação. Depois de dois meses, a chama da rejeição. Tentou encarar os fatos. Talvez não conhecesse o mercado de revistas tão bem quanto pensava. Talvez ninguém quisesse Harriet e o artigo de Roth, assim como ninguém queria Elizabeth e a abiogênese.

Ou talvez o Sr. Sloane, infeliz com a recém-descoberta felicidade de Harriet, tivesse decidido puni-la de formas totalmente novas. Talvez ele tivesse jogado fora a correspondência dela.

– SRTA. ZOTT. – A RECEPCIONISTA do Instituto Hastings se derreteu quando Elizabeth entrou no saguão. – Vou avisar à Srta. Frask que a senhorita está aqui. – Ela conectou um cabo em um console. – *Ela chegou!* – sibilou a mulher para alguém no outro lado. – Será que se importa? – Ela mostrou uma cópia de *A viagem do beagle*. – Eu acabei de começar o supletivo.

– Com prazer – disse Elizabeth, autografando a capa. – Que bom!

– Foi por sua causa, Srta. Zott – disse a jovem com sinceridade. – Se não for pedir muito, a senhorita poderia autografar também a minha revista?

– Não – respondeu Elizabeth. – *A Life* morreu para mim.

– Ah, desculpe, eu não leio a *Life*. Estou falando da mais recente. – Ela estava segurando uma publicação grossa e elegante.

Elizabeth baixou o olhar e ficou chocada ao ver seu rosto a encarando.

“Por que as mentes dessas mulheres importam”, dizia a capa da *Vogue*.

AO SEGUIREM PELO CORREDOR, o salto dos sapatos fazendo um contraste nítido com os sons de geradores e ventiladores de refrigeração dos outros laboratórios, a Srta. Frask informou a Elizabeth que a reunião seria no antigo laboratório de Calvin.

– Por que lá? – perguntou Elizabeth.

– O ricoço insistiu.

– É UM PRAZER, SRTA. ZOTT – disse Wilson, esticando as pernas compridas que estavam enroladas no banco alto. Ele estendeu a mão, enquanto Elizabeth o analisava: cabelo grisalho bem cortado, olhos cinza-esverdeados, terno de lã risca de giz. Seis e Meia também o farejou minuciosamente, e se virou para Elizabeth. *Tudo limpo.*

– Estou tentando conhecer a senhorita há muito tempo – contou Wilson. – Nós agradecemos pela sua boa-vontade em vir de última hora.

– Nós? – perguntou Elizabeth, surpresa.

– Ele está falando de mim – disse uma mulher na casa dos cinquenta anos, saindo do armário de suprimentos do laboratório com uma prancheta. O cabelo tinha sido louro, mas estava cedendo pouco a pouco à idade. Assim como Wilson, também usava um terno, mas o dela era de um azul vivo e, apesar do corte cuidadoso, parecia menos sério por causa de um broche barato de margarida preso na lapela. – Avery Parker – apresentou-se a mulher, nervosa, apertando a mão de Elizabeth. – Prazer.

Seis e Meia, depois de terminar seu escrutínio de Wilson, começou a analisar Avery. Ele farejou a perna dela.

– Olá, Seis e Meia – cumprimentou a mulher. Ela se curvou e encostou a cabeça dele na própria coxa. Ele deu uma farejada exploratória e depois afastou a cabeça, surpreso. – Ele deve estar sentindo o cheiro do meu cachorro – e o puxou de volta para perto. – O Bingo é seu grande fã – afirmou, olhando para Seis e Meia. – Ele adorou o seu trabalho no programa.

Que ser humano inteligente.

– Vamos precisar de um inventário completo de cada laboratório – continuou ela, se virando para a Srta. Frask. – E também queremos saber do que a senhorita vai precisar, Srta. Zott – acrescentou com um toque de deferência –, para a sua pesquisa. Sua pesquisa aqui no instituto, quero dizer.

– Para dar continuidade ao seu trabalho sobre abiogênese – interveio Wilson. – No último programa, a senhorita anunciou a intenção de voltar às suas pesquisas. Que lugar melhor para isso do que aqui?

Elizabeth inclinou a cabeça para o lado.

– Consigo pensar em vários – disse ela.

Na última vez em que estivera nesta sala, Frask também estava lá, mas, naquela ocasião, Frask informara que os objetos de Calvin tinham sido tirados do laboratório, que Seis e Meia tinha que ir embora e que Madeline estava a caminho. Ela observou o quadro-negro deprimente com a letra de outra pessoa e olhou para o Sr. Wilson, que estava enrolado no velho banco alto de Calvin como um pedaço de tecido.

– Eu não quero desperdiçar o tempo de vocês – disse Elizabeth –, mas não me vejo voltando para o Hastings. É uma questão pessoal.

– Entendo – afirmou Avery Parker. – Depois de tudo que ocorreu aqui, quem poderia culpá-la? Ainda assim, eu gostaria de ter uma oportunidade de fazer a senhorita mudar de ideia.

Elizabeth deu uma olhada ao redor, se fixando em um dos antigos cartazes de Calvin. MANTENHA DISTÂNCIA, alertava um deles.

– Lamento – disse ela. – A senhora estaria desperdiçando saliva.

Avery Parker olhou para Wilson, que, por sua vez, olhou para Frask.

– Por que não tomamos um café? – sugeriu a Srta. Frask, se levantando de um salto. – Vou fazer um fresquinho. E, enquanto esperamos, a Fundação Parker pode colocar você a par dos planos deles. – Mas antes que ela pudesse atravessar metade da sala, a porta do laboratório se abriu de repente.

– Wilson! – gritou Donatti como se estivesse cumprimentando um amigo que não via há tempos. – Acabei que saber que você estava na cidade. – Ele se lançou para a frente, com a mão estendida, como um vendedor superansioso. – Larguei tudo e vim na mesma hora. Tecnicamente, ainda estou de férias, mas... – Ele se interrompeu de repente, surpreso ao ver um rosto conhecido. – Srta. Frask? O que está fazendo... – Em seguida, girou a cabeça na direção de uma mulher mais velha com uma expressão séria, segurando uma prancheta. E logo atrás dela estava... *que diabos?*... Elizabeth Zott.

– Olá, Dr. Donatti – saudou Avery, estendendo a mão no momento em que ele baixou a dele. – É bom ter um rosto atrelado ao nome.

– Desculpe, mas a senhora é...? – perguntou ele, de um jeito

condescendente, enquanto tentava evitar olhar para Elizabeth como alguém que evita olhar para um eclipse solar.

– Sou Avery Parker – informou ela, puxando a mão de volta. E, como ele ainda parecia confuso, acrescentou: – Parker. Da Fundação *Parker*.

Os lábios de Donatti se abriram, trêmulos.

– Lamento saber que interrompemos suas férias, Dr. Donatti – disse Avery. – Mas a boa notícia é que o senhor está prestes a ter muito tempo livre.

Donatti balançou a cabeça para ela e depois se virou para Wilson de novo.

– Como eu disse. Se eu soubesse que você estava vindo...

– Não queríamos que você soubesse que estávamos vindo – explicou Wilson, cordialmente. – Queríamos fazer uma surpresa. Ou não, na verdade, porque acho que podemos chamar de pegar você de surpresa.

– C-como é?

– Pegar você de surpresa – repetiu Wilson. – Você sabe. Assim como você fez conosco, se apropriando indevidamente das verbas da Fundação Parker. Ou como quando você enganou a Srta. Zott, ou devo dizer *Sr. Zott*, roubando o trabalho dela.

No outro lado da sala, Elizabeth ergueu as sobrancelhas, perplexa.

– Olhe só – disse Donatti, apontando na direção onde estava Elizabeth. – Não sei o que aquela mulher disse a vocês, mas posso assegurar... – Ele parou no meio da frase. – E por que diabos *você* está aqui? – indagou, apontando para a Srta. Frask. – Depois daquelas mentiras ridículas que você escreveu na sua cartinha petulante para a *Life*? Meu advogado quer te processar. – Ele se virou para Wilson. – Você não deve estar ciente, Wilson, mas demitimos a Srta. Frask anos atrás. Ela acha que tem contas a ajustar.

– Ela tem mesmo – concordou Wilson. – Muitas contas.

– *Exatamente* – confirmou Donatti.

– Eu sei – disse Wilson. – Porque sou advogado dela.

Os olhos de Donatti se arregalaram.

– Donatti – falou Avery Parker, enquanto vasculhava a bolsa e pegava uma folha de papel. – Detesto ser mal-educada, mas temos pouco tempo. Só

precisamos de uma assinatura rápida e você fica liberado para ir embora. – Ela apresentou um documento cujo título continha duas palavras simples: “Aviso Prévio”.

Donatti, sem palavras, encarava o documento enquanto Wilson explicava que a Fundação Parker tinha adquirido uma cota majoritária do Instituto Hastings. Foi a carta da Srta. Frask para a revista *Life*, elucidou Wilson, que os instigou a fazer um exame mais minucioso – blá-blá-blá, má conduta, blá-blá-blá, e então eles decidiram assumir o controle do instituto – Donatti mal conseguia escutar. *Este não era o laboratório de Calvin Evans?* De algum lugar distante, Donatti ouviu Wilson murmurando alguma coisa sobre “administração negligente”, “resultados de testes falsificados”, “plágio”. Meu Deus, ele precisava de uma bebida.

– Nós estamos fazendo alguns cortes – acrescentou a Srta. Frask.

– Como assim “nós”? – perguntou Donatti com rispidez.

– *Eu* estou fazendo alguns cortes – explicou a Srta. Frask.

– Você é uma *secretária*! – vociferou Donatti, como se estivesse cansado daquela palhaçada. – Demitida, lembra?

– A Srta. Frask é a nossa nova chefe do departamento de pessoal – informou Wilson. – Pedimos para ela encontrar um novo diretor para o departamento de química.

– Mas *eu* sou o chefe do departamento de química – lembrou Donatti a ele.

– Decidimos oferecer esse cargo para outra pessoa – informou Avery Parker. Ela fez um gesto com a cabeça em direção a Elizabeth.

Elizabeth, surpresa, deu um passo para trás.

– Isso está fora de cogitação! – vociferou Donatti.

– Eu não estava fazendo uma pergunta – disse Avery, com o aviso prévio na mão. – Mas, se preferir, podemos deixar a decisão sobre o seu emprego nas mãos de alguém que realmente conhece o seu trabalho. – Pela segunda vez, ela indicou Elizabeth com um movimento da cabeça.

Todos os olhos se voltaram para Elizabeth, mas ela não pareceu notar, porque estava concentrada em Donatti, que no momento cuspiam marimbondos. Com as mãos nos quadris, ela se inclinou um pouco para a

frente, os olhos estreitados como se estivesse olhando em um microscópio. Passaram-se dois segundos de silêncio. Em seguida, ela endireitou a postura como se já tivesse visto o bastante.

– Sinto muito, Donatti – disse ela, entregando uma caneta a ele. – Você não tem capacidade para isso.

CAPÍTULO 43

Natimorto

– Pouquíssimas pessoas me surpreendem, Sra. Parker – disse Elizabeth ao observar a Srta. Frask acompanhar Donatti até a saída. – Mas a senhora conseguiu.

Avery Parker assentiu.

– Ótimo. A oferta é de verdade. Esperamos que aceite. E, aliás, é Srta. Parker. Não sou casada. Na verdade – acrescentou –, nunca fui casada.

– Nem eu – disse Elizabeth.

– É – concordou Avery Parker, a voz subindo uma oitava. – Eu sei.

Elizabeth notou a mudança no timbre e sentiu uma pontada instantânea de irritação. Graças à revista *Life*, agora o mundo todo sabia que Madeline tinha nascido fora do matrimônio e, por isso, ela ouvia esse tom de voz o tempo todo.

– Não sei quanto a senhorita sabe sobre a Fundação Parker – começou Wilson, caminhando pelo laboratório e fazendo uma breve pausa para ler a descrição em uma pasta de arquivos.

– Sei que o foco da fundação é a pesquisa científica – disse Elizabeth, se virando para ele. – Mas que as raízes eram instituições de caridade católicas. Igrejas, corais religiosos, orfanatos... – Ela se interrompeu de repente, muito consciente da última palavra que tinha pronunciado. Ela olhou para Wilson com mais atenção.

– É verdade, nossos fundadores se dedicaram a causas católicas. No

entanto, nossa missão é totalmente secular. O que fazemos é tentar encontrar as melhores pessoas que estão trabalhando nas questões mais críticas do momento. – Ele descartou a pasta de arquivos de um jeito que indicava que aquela definitivamente não era uma dessas questões. – Sete anos atrás, quando alocamos verbas para a sua pesquisa, a senhorita estava se dedicando apenas à abiogênese. Srta. Zott, quer saiba ou não, a senhorita é o motivo para termos vindo ao Instituto Hastings. A senhorita e Calvin Evans.

Ao ouvir o nome de Calvin, ela sentiu um aperto no peito.

– Há um mistério envolvendo Evans – disse Wilson. – Parece que ninguém tem a menor ideia do que aconteceu com o trabalho dele.

As palavras casuais de Wilson atingiram Elizabeth como um ciclone. Ela puxou um banco alto e se sentou, observando-o vasculhar o laboratório como um arqueólogo, examinando um cantinho aqui ou ali como se pudesse levar a algo muito maior por trás.

– Sei que a senhorita já deixou claro o seu ponto de vista – continuou ele –, mas achei que gostaria de saber que planejamos atualizar muitos equipamentos. – Ele apontou para uma prateleira onde havia um aparelho de destilação antiquado e sem uso. Quando ergueu o braço, uma abotoadura cintilante apareceu por baixo da manga do terno. – Como aquilo ali, por exemplo. Parece que ninguém toca naquela coisa há anos.

Mas Elizabeth não esboçou nenhuma reação. Ela estava paralisada.

QUANDO CALVIN TINHA DEZ ANOS, ele escreveu sobre um homem alto, com aparência de rico e abotoaduras cintilantes, que tinha chegado ao orfanato em uma limusine elegante. Ele achava que tinha sido por causa desse homem que o orfanato recebera novos livros de ciências. Mas, em vez de ficar contente com o material, Calvin ficou desolado. *Estou aqui apesar de não precisar estar, rabiscara ele. E eu nunca vou perdoar aquele homem. Nunca. Não enquanto eu viver.*

– Sr. Wilson – a voz de Elizabeth estava inflexível. – O senhor diz que a fundação só financia projetos seculares. Isso incluiria a educação?

– Educação? Claro – respondeu ele. – Nós apoiamos diversas universidades...

– Não, quero dizer, alguma vez vocês forneceram livros didáticos para escolas...

– Às vezes, mas...

– E para algum orfanato?

Wilson se deteve, surpreso. Seus olhos dispararam até Avery.

Na mente dela, Elizabeth visualizou a carta de Calvin para Wakely. *EU ODEIO O MEU PAI. ESPERO QUE ELE ESTEJA MORTO.*

– Um orfanato católico para meninos – esclareceu ela.

Mais uma vez, Wilson olhou para Avery.

– Em Sioux City, Iowa.

Um silêncio pesado se abateu, interrompido apenas pelo zumbido repentino de um ventilador de exaustão.

ELIZABETH ENCAROU WILSON com o semblante hostil.

De repente, tudo pareceu claro: o emprego que estavam oferecendo a ela era um estratagema. Eles estavam ali só por um motivo: reivindicar a obra de Calvin.

As caixas. Eles sabiam das caixas. Talvez a Srta. Frask tivesse contado, ou talvez tivessem feito uma suposição lógica. De qualquer maneira, Wilson e Avery tinham comprado o Instituto Hastings; juridicamente, o trabalho de Calvin pertencia a eles, que estavam enchendo Elizabeth de elogios e promessas na esperança de que isso fosse suficiente para convencê-la a mostrar as caixas. Mas, se essa estratégia não funcionasse, eles ainda tinham uma última carta na manga.

Calvin Evans tinha um parente de sangue.

– WILSON – DISSE AVERY, com a voz trêmula. – Você se importa? Eu gostaria de falar com a Srta. Zott em particular.

– Não – disse Elizabeth de um jeito ríspido. – Eu tenho perguntas.

Quero a verdade...

Desanimada, Avery olhou para Wilson.

– Está tudo bem, Wilson. Eu me encontro com você daqui a alguns minutos.

QUANDO A PORTA SE FECHOU, Elizabeth se virou para Avery Parker.

– Eu sei o que está acontecendo aqui – disse ela. – Eu *sei* por que me chamaram aqui hoje.

– Nós te chamamos para oferecer um emprego – disse Avery. – Esse era o nosso único objetivo. Somos admiradores de longa data do seu trabalho.

Elizabeth vasculhou o rosto da mulher em busca de sinais de má-fé.

– Ouça – disse Elizabeth com a voz mais tranquila. – Eu não tenho nenhum problema com a senhorita, mas sim com Wilson. Há quanto tempo a senhora o conhece?

– Estamos trabalhando juntos há quase trinta anos, então posso afirmar que o conheço muito bem.

– Ele tem filhos?

Ela lançou um olhar peculiar para Elizabeth.

– Não tenho certeza se isso é da sua conta, mas não.

– Tem *certeza*?

– É claro que tenho. Ele é meu advogado. Essa fundação é *minha*, Srta. Zott, mas ele é o rosto público dela.

– Por quê? – pressionou Elizabeth.

Avery Parker a fitou sem piscar.

– Fico surpresa que tenha que perguntar. Posso ter recursos consideráveis, mas, como a maioria das mulheres do mundo, minhas mãos estão atadas. Não posso nem sequer preencher um cheque sem a assinatura conjunta de Wilson.

– Como isso é possível? É a Fundação *Parker* – salientou Elizabeth. – E não a Fundação Wilson.

Avery bufou.

– Sim, uma fundação que eu herdei mediante uma cláusula de que o

meu *marido* tomaria todas as decisões financeiras. Como eu era solteira na época, o conselho designou Wilson como curador. Como eu ainda sou solteira, Wilson continua a controlar tudo. A senhorita não foi a única que lutou em uma batalha perdida, Srta. Zott. – Ela se levantou e deu um puxão forte no paletó do terno. – Mas eu tenho sorte: Wilson é um homem decente.

ELA DEU MEIA-VOLTA e se afastou enquanto Elizabeth fazia outra pergunta. Mas, em vez de responder, Avery Parker a ignorou. *O que ela estava pensando?* Elizabeth Zott não estava interessada em voltar ao instituto e talvez, com base em suas perguntas ácidas sobre Wilson – sem mencionar todas as *outras* questões –, seria melhor que ela não voltasse. Distraída, Avery estendeu a mão e tocou no broche barato de margarida. Como tinha sido tola. Comprar o Instituto Hastings, ir até lá, conhecer Elizabeth. Sim, ela sempre fora fascinada por Elizabeth e sua pesquisa – ela também tinha sonhado em ser cientista. Em vez disso, foi criada para ser uma única coisa: uma boa moça. Infelizmente, de acordo com seus pais e com a Igreja Católica, ela também tinha falhado nesse quesito.

– Srta. *Parker*... – pressionou Elizabeth.

– Srta. *Zott* – retrucou Avery com a mesma ênfase. – Eu cometi um erro. A senhorita não quer voltar para o Hastings. Tudo bem. Não vou implorar.

Elizabeth inspirou fundo.

– Eu passei a vida inteira implorando – continuou Avery. – Estou cansada disso.

Elizabeth ajeitou algumas mechas rebeldes de cabelo.

– Nem é a mim que a senhorita quer – disparou ela. – Não é verdade? Vocês só querem as caixas.

Avery inclinou a cabeça como se não tivesse ouvido direito.

– Caixas?

– Eu entendo. A senhorita comprou o instituto; elas te pertencem. Mas essa farsa...

– *Que farsa?*

– ... Eu quero saber tudo sobre o orfanato Todos os Santos. Acho que eu tenho o direito de saber.

– Como é? Tem o direito? Deixa eu te contar um segredinho sobre direitos. Eles não existem.

– Existem para os ricos, Srta. Parker – insistiu Elizabeth. – Me fale do Wilson. Do Wilson e do Calvin.

Avery Parker a encarou, perplexa.

– Wilson e Calvin? Não, não...

– Mais uma vez, eu acho que tenho o direito de saber.

Avery apoiou as mãos na bancada.

– Eu não estava planejando fazer isso hoje.

– Fazer o quê?

– Eu queria te conhecer primeiro – continuou Avery. – Acho que esse é o *meu* direito. Saber quem é a *senhorita*.

Elizabeth cruzou os braços.

– O quê?

Avery pegou o apagador do quadro-negro.

– Olhe. Eu... Eu preciso te contar uma história.

– Não estou interessada em histórias.

– É sobre uma jovem de dezessete anos – continuou Avery Parker, decidida – que se apaixonou por um rapaz. É uma história clássica – sua voz estava entrecortada – em que a moça engravida e seus pais ricos, envergonhados pela promiscuidade da filha, a mandam para um abrigo católico para mães solteiras. – Ela se virou de novo para Elizabeth. – Talvez a senhorita já tenha ouvido falar desses abrigos. São administrados como prisões. Cheios de mulheres jovens com o mesmo problema. Elas têm os bebês e depois abrem mão deles. Havia um formulário oficial para assinar, e a maioria assinava. Aquelas que se recusavam a assinar eram ameaçadas: teriam que aguentar o parto sozinhas; poderiam até morrer. Apesar do aviso, a jovem de dezessete anos se recusou a assinar. Continuou insistindo que ela tinha *direitos*.

Avery fez uma pausa, balançando a cabeça como se ainda não conseguisse acreditar naquela ingenuidade.

– Fiéis à promessa deles – continuou ela –, quando o parto começou, eles a deixaram em um quarto e trancaram a porta. Ela ficou lá dentro sozinha, chorando de dor, por um dia inteiro. A certa altura, o médico, enfurecido pelo barulho, decidiu que não aguentava mais. Ele entrou e a anestesiou. Quando ela acordou, horas depois, recebeu a notícia triste. O bebê tinha nascido morto. Chocada, ela pediu para ver o filho, mas o médico explicou que eles já tinham descartado o corpo.

Com o queixo contraído, Avery se virou para Elizabeth e continuou:

– Avance dez anos. Uma enfermeira do abrigo de mães solteiras entra em contato com a mulher, agora com 27 anos. Quer dinheiro em troca da verdade. Diz que o bebê não morreu. Em vez disso, como todos os outros bebês, foi colocado para adoção. A única coisa incomum: os pais adotivos da criança morreram em um trágico acidente e depois a tia da criança também morreu. A criança foi enviada para um lugar chamado Todos os Santos, em Iowa.

Elizabeth ficou paralisada.

– Esse foi o dia – disse Avery Parker, com a voz se entristecendo – em que a jovem iniciou uma missão para encontrar o filho. – Ela fez uma pausa. – O meu filho.

Elizabeth recuou, a cor desaparecendo do seu rosto.

– Sou a mãe biológica de Calvin Evans – contou Avery Parker devagar, os olhos cinza se enchendo de lágrimas. – E, com sua permissão, Srta. Zott, eu gostaria muito de conhecer a minha neta.

CAPÍTULO 44

○ fruto

Foi como se todo o ar tivesse sido aspirado da sala. Elizabeth encarava Avery Parker sem saber como agir. Não podia ser verdade. O diário de Calvin tinha revelado que a mãe biológica dele tinha morrido no parto.

– Srta. Parker – disse Elizabeth, cautelosa, como se estivesse buscando um caminho por entre carvões incandescentes. – Muitas pessoas tentaram se aproveitar de Calvin ao longo dos anos. Muitas até fingiram ser parentes afastados há muito tempo. Sua história é... – Ela se interrompeu. Pensou em todas as cartas que Calvin tinha guardado. Mãe Infeliz: ela havia escrito para ele diversas vezes. – Se a senhorita sabia que ele estava naquele orfanato, por que não foi buscá-lo?

– Mas eu fui – explicou Avery Parker. – Ou melhor, mandei o Wilson. Tenho vergonha de admitir que não fui corajosa o suficiente para ir eu mesma. – Ela se levantou e caminhou ao longo da bancada de trabalho. – A senhorita precisa entender. Já fazia muito tempo que eu tinha aceitado que meu filho estava morto. Agora, descobrir de repente que ele estava vivo? Fiquei com medo de ter esperança. Assim como Calvin, eu também fui alvo de incontáveis golpes, inclusive de dezenas de pessoas que alegavam ser *meus* parentes. Foi por isso que eu mandei o Wilson – repetiu ela, baixando o olhar para o chão, como se reavaliasse a própria decisão pela quinquagésima vez. – Pedi que ele fosse ao orfanato Todos os Santos no dia seguinte.

A bomba de vácuo começou um novo ciclo e, com isso, um som sibilante encheu o laboratório.

– E... – insistiu Elizabeth.

– E o bispo informou a Wilson que Calvin estava... – Ela hesitou.

– Estava o quê? – pressionou Elizabeth. – *O quê?*

O rosto da mulher mais velha se abateu.

– Morto.

Elizabeth se recostou, arrasada. O orfanato precisava de dinheiro, o bispo viu uma oportunidade, havia um fundo em memória de Calvin. Os fatos foram despejados pela mulher em uma torrente carregada e sem vida.

– A senhorita já perdeu alguém da família? – perguntou Avery de repente, em um tom de voz sem emoção.

– Meu irmão.

– Doença?

– Suicídio.

– Ah, meu Deus. Então a senhorita sabe o que é se sentir responsável pela morte de alguém.

Elizabeth ficou tensa. As palavras caíram como uma luva.

– Mas a senhora não matou Calvin – disse ela, com o coração pesado.

– Não – disse Avery em um tom de voz carregado de remorso. – Fiz uma coisa bem pior. Eu enterrei o Calvin.

DE UM CANTO DA SALA, um cronômetro emitiu um bipe e, tremendo, Elizabeth foi desligá-lo. Do outro lado do laboratório, ela se virou para observar a mulher de pé perto do quadro-negro. Ela se inclinou para a direita. Seis e Meia se levantou e foi até Avery. Ele encostou a cabeça na coxa da mulher. *Eu sei o que é decepcionar um ente querido.*

– Fazia muito tempo que os meus pais financiavam orfanatos e abrigos para mães solteiras – continuou Avery, com a mão na cabeça de Seis e Meia. – Eles achavam que isso os transformava em pessoas boas. E, mesmo assim, por causa da lealdade cega à Igreja Católica, eles conseguiram transformar o meu filho em um órfão. – Ela fez uma pausa. – Eu financiei o fundo em

memória ao meu filho antes da morte dele, Srta. Zott. – A respiração da mulher estava fraca. – Eu enterrei o meu filho duas vezes.

Elizabeth sentiu uma onda súbita de náusea.

– Depois que Wilson voltou do orfanato – continuou Avery –, eu afundei em uma depressão profunda. Nunca tive a oportunidade de ver o meu filho, nunca o embalei, nunca ouvi a voz dele. Pior, eu tive que viver sabendo que ele tinha sofrido. Ele perdeu a mim, depois aos pais adotivos e depois acabou naquele pardieiro que era o orfanato para meninos. Todas essas perdas foram assinadas, seladas e cumpridas em nome da igreja. – Ela parou de repente, com o rosto mais vermelho. – A SENHORITA NÃO ACREDITA EM DEUS POR MOTIVOS CIENTÍFICOS? – explodiu ela, de repente. – POIS BEM, EU NÃO ACREDITO EM DEUS POR MOTIVOS PRÁTICOS!

Elizabeth tentou falar, mas não conseguiu.

– A única decisão que eu pude tomar – prosseguiu Avery Parker, tentando recuperar o controle da voz – foi garantir que todo o montante do fundo em memória do Calvin fosse aplicado em educação científica. Biologia. Química. Física. Exercícios físicos também. O pai de Calvin, quero dizer, o pai biológico, era atleta. Remador. Foi por isso que todos os meninos do orfanato Todos os Santos aprenderam a remar. Foi um gesto em homenagem a ele.

Elizabeth visualizou Calvin. Estavam juntos no barco, o rosto dele iluminado pelo sol do início da manhã. Ele sorria, com uma das mãos no remo e a outra estendida para ela.

– Foi assim que ele entrou em Cambridge – contou Elizabeth quando a imagem desvaneceu. – Uma bolsa de estudos por causa do remo.

Avery deixou o apagador cair.

– Eu não fazia ideia.

Os DETALHES AOS POUCOS continuaram a fazer sentido, mas alguma coisa ainda incomodava Elizabeth.

– Mas... como foi que a senhorita finalmente descobriu que Calvin...

– *Química Hoje* – disse Avery, deslizando para o banco alto ao lado do de Elizabeth. – A edição com Calvin na capa. Eu ainda me lembro daquele dia. Wilson entrou correndo na minha sala, abanando o periódico no ar, “Você não vai acreditar nisso!”. Peguei o telefone na mesma hora e liguei para o bispo. Claro que ele insistiu que era só uma coincidência. “Evans é um nome muito comum”, me disse ele. Eu sabia que ele estava mentindo e quis processá-lo, mas Wilson me convenceu de que a publicidade seria não só prejudicial para a fundação mas também constrangedora para Calvin.

Ela se recostou e inspirou fundo antes de continuar.

– Eu cortei o financiamento na mesma hora. Depois escrevi para Calvin... várias vezes. Expliquei as coisas do melhor jeito que pude, pedi para me encontrar com ele, contei que queria financiar a pesquisa dele. Eu nem consigo imaginar o que ele pensou – observou ela, deprimida. – Uma mulher escrevendo para ele, do nada, alegando ser a mãe dele. Ou talvez eu imagine, sim, porque nunca obtive uma resposta.

Elizabeth levou um susto. As cartas da Mãe Infeliz a floraram diante de seus olhos, a assinatura no fim irradiando uma clareza repentina e cruel. *Avery Parker*.

– Mas se a senhorita tivesse organizado um encontro. Vindo até a Califórnia...

Avery empalideceu.

– Olhe. Uma coisa é procurar uma criança com vigor. Mas, depois que a criança vira adulta, as coisas mudam. Eu decidi avançar aos poucos. Dar tempo para ele aceitar a possibilidade da minha existência, pesquisar a minha fundação, perceber que eu não tinha nenhum motivo para iludi-lo. Eu sabia que isso podia levar anos. Eu me obriguei a ser paciente. Mas é óbvio, diante do que aconteceu... – Ela fixou o olhar na pilha de cadernos. – Eu fui... paciente demais.

– Ah, meu Deus – disse Elizabeth, afundando a cabeça nas mãos.

– Mesmo assim – continuou Avery em um tom monótono –, eu acompanhei a carreira dele. Achei que talvez houvesse uma chance, um jeito de ajudá-lo. O que ficou evidente é que ele não precisava da minha ajuda. A senhorita, sim.

– Mas como a senhorita sabia que Calvin e eu estávamos...

– Juntos? – Um sorriso melancólico surgiu nos cantos da boca da mulher. – As pessoas só falavam nisso. Desde o instante em que Wilson colocou os pés no Instituto Hastings, tudo que ele ouviu foram referências veladas a Calvin Evans e o caso escandaloso entre vocês. Essa foi uma das razões pelas quais, quando Wilson contou a Donatti que tinha vindo para financiar a abiogênese, Donatti se esforçou ao máximo para tentar encaminhá-lo para outras pesquisas. A última coisa que ele queria era que Calvin ou alguém ligado a Calvin tivesse sucesso. E ainda tinha o fato de a senhorita ser mulher. Donatti supôs, corretamente, que a maioria dos doadores não financiaria uma mulher.

– Mas por que a senhorita aceitou essa atitude?

– Estou quase envergonhada de admitir que uma parte de mim gostava da posição em que colocávamos Donatti. Ele não media esforços para convencer Wilson de que a senhorita era um homem. Mas Wilson *tinha* um plano para se encontrar com a senhorita sem o conhecimento de Donatti. Na verdade, ele tinha até reservado um voo. Mas aí... – A voz de Avery foi sumindo.

– O quê?

– Aí o Calvin morreu – completou ela. – E nos pareceu que o seu trabalho, Srta. Zott, tinha morrido com ele.

Elizabeth sentiu que tinha levado um tapa.

– Srta. Parker, eu fui *demitida*.

Avery Parker suspirou.

– Agora eu sei disso, graças à Srta. Frask. Mas, na época, achei que a senhorita podia estar tentando seguir com a vida. Vocês dois nunca se casaram. Achei que os sentimentos entre vocês não eram mútuos. Todo mundo dizia que ele era um homem difícil, que guardava rancor. Obviamente, eu não fazia ideia de que a senhorita estava grávida. No obituário do *LA Times*, havia uma citação sua afirmando que mal o conhecia. – Ela inspirou fundo. – Aliás, eu estava lá. No funeral.

Os olhos de Elizabeth se arregalaram.

– Wilson e eu ficamos a alguns túmulos de distância. Eu vim para

enterrá-lo pela última vez e para conversarmos, nós duas. Mas, antes que eu conseguisse reunir coragem, a senhorita foi embora. Saiu caminhando antes mesmo de a cerimônia terminar. – Ela enfiou a cabeça nas mãos, as lágrimas escorrendo. – Por mais que eu quisesse acreditar que alguém tinha amado o meu filho...

Com essas palavras, Elizabeth afundou sob o peso implacável do mal-entendido.

– Eu amava o seu filho *de verdade*, Srta. Parker! – gritou ela. – De todo o coração. Eu ainda o amo. – Ela levantou o olhar para o laboratório onde os dois tinham se visto pela primeira vez, com o rosto desfigurado pela tristeza. – Calvin Evans foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida – disse ela, engasgando. – O homem mais brilhante e amoroso do mundo; o mais amável, o mais interessante... – Ela se interrompeu. – Não sei mais como explicar – continuou ela, a voz começando a falhar –, a não ser dizendo que tínhamos uma química. Uma química de verdade. Não foi um acidente.

E, talvez por finalmente usar a palavra “acidente”, o peso arrasador do que ela havia perdido se apossou dela, e Elizabeth encostou cabeça no ombro de Avery Parker e soluçou como nunca tinha feito.

CAPÍTULO 45

Hora do jantar

Dentro do laboratório, o tempo pareceu parar. Seis e Meia levantou a cabeça, observando as duas mulheres. Os braços da mais velha envolviam Elizabeth como um casulo protetor, porque a perda sofrida por sua dona parecia algo que a outra conhecia de cor. Embora nunca fosse ser químico, ele era um cachorro. E, como cachorro, ele sabia reconhecer uma ligação permanente quando via uma.

– Passei a maior parte da vida sem saber o que tinha acontecido com o meu filho – disse Avery, abraçando mais apertado uma Elizabeth trêmula. – Não faço a menor ideia de como era a família adotiva dele, se a história do bispo era completamente falsa ou um pouco verdadeira. Não sei nem o que fez o meu filho vir para o Instituto Hastings. A verdade é que eu ainda sei muito pouco. Ou sabia até verificar a caixa postal da fundação e encontrar uma coisa incomum enterrada sob meses de correspondência inútil.

Ela enfiou a mão na bolsa e tirou uma carta.

Elizabeth reconheceu a letra na mesma hora. Madeline.

– Sua filha escreveu para Wilson e mencionou o projeto da árvore genealógica, aquele que apareceu na revista *Life*. Ela insiste que o pai foi criado em um orfanato para meninos em Sioux City. De alguma forma, ela sabia que Wilson tinha financiado o orfanato. Ela queria agradecer a ele pessoalmente, contar que a Fundação Parker estava na árvore genealógica dela. Achei que podia ser um trote, mas ela sabia muitos detalhes. As

adoções, em geral, são sigilosas, Srta. Zott, uma prática cruel, mas, com as informações de Madeline, um detetive particular conseguiu investigar a verdade. Tenho tudo aqui. – Ela voltou a procurar dentro da bolsa e tirou uma pasta grande. – Dê uma olhada nisso – pediu Avery, com a voz desafiadora enquanto mostrava a própria certidão falsa de óbito, uma represália do abrigo de mães solteiras à falta de cooperação dela. – Foi assim que tudo começou.

Elizabeth pegou a certidão. Certa vez, Madeline disse que Wakely acreditava que algumas coisas deviam ficar no passado porque o passado era o único lugar onde elas faziam sentido. E, assim como muitas falas de Wakely, Elizabeth achava que era uma afirmação sábia. Mas havia uma última coisa que ela sentia que Calvin ia querer que ela perguntasse.

– Srta. Parker – disse Elizabeth, com cuidado –, o que aconteceu com o pai biológico de Calvin?

Avery Parker abriu a pasta de novo, mostrando outra certidão de óbito, mas essa era autêntica.

– Ele morreu de tuberculose. Antes mesmo de Calvin nascer. Tenho um retrato. – Ela abriu a carteira e puxou uma fotografia gasta.

– Mas ele... – Elizabeth engoliu em seco quando viu o rapaz de pé ao lado de uma Avery muito mais jovem.

– É exatamente igual ao Calvin? Eu sei. – Ela pegou uma cópia da antiga edição da revista *Química Hoje* e a colocou perto da fotografia. As duas mulheres ficaram sentadas lado a lado enquanto Calvin e o pai dele, ainda mais jovem, as fitavam de suas respectivas histórias.

– Como ele era?

– Selvagem. Era músico, ou queria ser. Nós nos conhecemos em um acidente. Ele me atropelou com a bicicleta.

– A senhorita se machucou?

– Sim – respondeu ela. – Por sorte. Porque ele me ergueu nos braços, me colocou sobre o guidom, disse para eu segurar firme e me levou até um médico. Dez pontos depois – explicou ela, mostrando uma antiga cicatriz no antebraço –, estávamos apaixonados. Ele me deu esse broche – Avery apontou para a margarida torta na lapela. – Eu ainda uso todo dia. – Ela deu

uma olhada no laboratório. – Sinto muito por nos conhecermos aqui. Pensando bem, percebo que isso deve ter te causado algum sofrimento. Desculpe. Eu só queria estar no laboratório onde... – Ela se deteve.

– Eu entendo – disse Elizabeth. – De verdade. E fico feliz de estarmos juntas aqui. Foi aqui que Calvin e eu nos conhecemos. Bem ali. – Ela apontou para o lugar. – Eu precisava de béqueres e roubei os dele.

– Uma atitude despachada – comentou Avery. – Foi amor à primeira vista?

– Não exatamente – respondeu Elizabeth, lembrando que Calvin tinha mandado o chefe dela ligar para ele. – Mas também tivemos nosso próprio acidente feliz. Posso te contar um dia.

– Eu adoraria ouvir. Eu queria ter conhecido o Calvin. Talvez eu possa conhecê-lo por meio da senhorita. – Ela sentiu o corpo estremecer e depois pigarreou. – Eu gostaria muito de fazer parte da sua família, Srta. Zott. Espero que não seja muito atrevimento.

– Por favor, me chame de Elizabeth. E você é parte da família, Avery. Madeline entendeu isso há muito tempo. Não foi Wilson que ela acrescentou à árvore genealógica; foi você.

– Não sei o que você quer dizer.

– Você é o fruto da árvore.

Avery, com os olhos cinza marejados, fixou um ponto distante no outro lado do laboratório.

– A fada-madrinha – disse para si mesma. – Sou *eu*.

ELAS OUVIRAM PASSOS NO LADO de fora e depois uma batida rápida. A porta do laboratório se abriu de repente, e Wilson entrou.

– Desculpe interromper – disse ele com cautela –, mas eu queria ter certeza de que estava tudo...

– Está – disse Avery Parker. – Finalmente.

– Graças a Deus – disse ele, colocando a mão no peito. – Nesse caso, por mais que eu deteste falar de negócios, tem muita coisa que precisa da sua atenção, Avery, antes de partirmos amanhã.

– Já estou indo.

– Você vai embora tão rápido? – perguntou Elizabeth, surpresa, quando Wilson fechou a porta.

– Infelizmente, preciso ir – explicou Avery. – Como eu disse antes, eu não estava planejando te contar nada disso, não antes de termos uma oportunidade de nos conhecermos melhor. – Depois acrescentou, animada: – Mas vou voltar logo, eu prometo.

– Venha para o jantar, então – sugeriu Elizabeth, sem querer deixá-la partir. – No meu laboratório caseiro. Todo mundo: você, Wilson, Mad, Seis e Meia, eu, Harriet, Walter. Você vai ter que conhecer Wakely e Mason em algum momento também. A família toda.

Avery Parker, o rosto repentinamente familiar com um sorriso idêntico ao de Calvin, se virou e pegou as mãos de Elizabeth.

– A família toda – repetiu.

QUANDO OS DOIS SAÍRAM, Elizabeth se abaixou e pegou a cabeça de Seis e Meia entre as mãos.

– Me conte. Quando foi que você notou?

Às duas e quarenta e um, ele queria dizer. *Que é como planejo chamar a mulher.*

No entanto, em vez disso, ele se virou e pulou para a bancada do outro lado, pegando um caderno novo. Tirando o lápis do cabelo, ela pegou o caderno e o abriu na primeira página.

– Abiogênese – disse ela. – Vamos começar.

AGRADECIMENTOS

Escrever é um trabalho solitário, mas é preciso um exército para levar um livro até as prateleiras. Eu gostaria de agradecer ao meu exército:

De Zurique, meus companheiros que leram os capítulos iniciais: C.S. Wilde, Sherida Deeprise, Sarah Nickerson, Meredith Wadley-Suter, Alison Baillie e John Collette.

Meus amigos de escrita on-line da Curtis Brown: Tracey Stewart, Anna Marie Ball, Morag Hastie, Al Wright, Debbie Richardson, Sarah Lothian, Denise Turner, Jane Lawrence, Erika Rawnsley, Garret Symth e Deborah Gasking.

Meus romancistas incrivelmente solícitos e talentosos do curso de três meses da Curtis Brown: Lizzie Mary Cullen, Kausar Turabi, Matthew Cunningham, Rosie Oram, Elliot Sweeney, Yasmina Hatem, Simon Hardman Lea, Malika Browne, Melanie Stacey, Neil Daws, Michelle Garrett, Ness Lyons, Ian Shaw e Mark Sapwell, além da brilhante Charlotte Mendelson, que nos pressionou para chegarmos ao melhor que podíamos.

Anna Davis, da Curtis Brown, por sua elegância e sua orientação; os incansáveis Jack Hadley, Katie Smart e Jennifer Kerslake, pelo apoio sempre animado; Lisa Babalis, que generosamente leu minha introdução e me deu esperanças; Sarah Harvey e Jodi Fabbri, a melhor equipe de gestão de direitos do universo; Rosie Pierce, que tratou de cada detalhe com desenvoltura; Jennifer Joel, da ICM, uma voz confiante e tranquilizadora quando as coisas ficavam complicadas; Tia Ikemoto, pela mãozinha; Luke Speed, agente de direitos cinematográficos que provavelmente participa de

algum tipo de experimento científico para ver por quanto tempo uma pessoa consegue ficar sem dormir; e Anna Wegulin, que tenho certeza de que também não dorme.

Para falar a verdade, não sei ao certo se qualquer pessoa da Curtis Brown e da ICM dorme.

Um agradecimento gigantesco a Felicity Blunt, da Curtis Brown. Alguns anos atrás, antes de me mudar para Londres, eu pesquisava agentes e vi uma entrevista que Felicity tinha dado e me lembro de ter pensado: “Se eu pudesse ter um agente...” E aconteceu. Obrigada, Felicity, por sua fé em mim, seu olhar afiado, sua bondade, sua obstinação e seu apoio incansável. Agora que o livro ficou pronto, sintá-se livre para brincar com seus filhos.

Na parte editorial, agradecimentos especiais a Jane Lawson e Lee Boudreaux, as editoras mais perspicazes que um escritor poderia desejar, a Thomas Tebbe *für seine begeisterte Unterstützung*, a Beci Kelly e Emily Mahon, pelas capas lindíssimas, a Maria Carella, pela bela diagramação interna, a Cara Reilly, por sempre estar no controle de tudo, e a Amy Ryan pela revisão de especialista. Agradeço também aos meus editores, Larry Finlay e Bill Thomas; meus talentosos divulgadores, Alison Barrow, Elena Hershey e Michael Goldsmith; a incrível liderança de marketing de Vicky Palmer, Lauren Weber e Lindsay Mandel e às mentes criativas de Todd Doughty, Lilly Cox, Sophie MacVeigh, Kristin Fassler e Erin Merlo. Um enorme agradecimento à especialista em produção com olhos de águia, Ellen Feldman, assim como a Lorraine Hyland. Outro enorme agradecimento a Tom Chicken, Laura Richetti, Emily Harvey, Laura Garrod, Hana Sparks, Sarah Adams e a toda a equipe de vendas. Por fim, um agradecimento especial a Madeline McIntosh. Seu estímulo e seu apoio foram muito importantes.

Pesquisar química é uma coisa, apresentá-la direito é outra. Com essa finalidade, um agradecimento especial à Dra. Mary Koto, amiga de longa data, bióloga brilhante e perita em Eskimo Pie, e à Dra. Beth Mundy, incrível leitora e química de Seattle; ambas verificaram todos os detalhes de maneira meticulosa e gentil.

Muito afeto e muita gratidão para todas as minhas colegas de remo de

Pocock e Green Lake, em Seattle, e um agradecimento muito especial para a remadora Donya Burns, que certa vez insistiu para nossa guarnição exausta “se empenhar a cada remada”. Esse estímulo ficou para sempre no meu cérebro e acabou por se tornar o conselho de Harriet para Elizabeth.

Para as escritoras que entendem como a luta é real: Joannie Stangeland, poetisa extraordinária, Diane Arieff, a pessoa mais engraçada na face da terra, Sue Monshaw, por manter a fé, e Laura Kasischke, que talvez não se lembre de mim, mas seu encorajamento e seus conselhos sobre escrita me foram muito úteis. Por fim, um agradecimento superespecial para Susan Biskeborn, a voz mais tranquilizadora e solícita na vastidão da escrita. Obrigada, Susan, por sempre saber o que dizer e quando dizer.

Para algumas pessoas com quem eu gostaria muito de compartilhar isso tudo, mas não posso: meus pais, leitores da vida inteira, e Helen Martin, minha amiga mais antiga e querida. Sinto saudades de você, 86.

E para as três pessoas que estavam lá o tempo todo: Sophie, obrigada por desencadear todo o processo ao me enviar o link para a Curtis Brown – dizer que tenho uma dívida com você é o eufemismo do ano. Obrigada também por seu apoio constante e seu humor sutil, sua compreensão solidária do turbulento processo criativo, seus toques em editoração e sua disposição total para sempre perguntar e responder à eterna pergunta: Cookies? Ou fadas?

Para Zoë, obrigada por sua gentileza nos dias difíceis e sua alegria nos dias bons, e também por seu sexto sentido psicopata apavorante para erros de digitação, por todas as fotos de Ellie que sempre me faziam rir e por seu estoque de memes bem selecionados, que deveria estar em um museu. Por mais que você tivesse um monte de coisas para fazer, sempre tirava um tempo para me encontrar e bater um papo.

E para David, um agradecimento não chega aos pés do que eu quero dizer, então vai em letras maiúsculas: OBRIGADA. Por estar sempre disposto a ler, por ser o melhor cozinheiro, por me envolver em constantes debates e especialmente por fingir não ficar assustado ao descobrir quanto eu falo sozinha durante o dia. Nunca, em um milhão de anos, eu imaginei que tanto amor e tanta diversão (sem falar da capacidade extraordinária de

fazer uma contagem regressiva de sete em sete de trezentos até os números negativos em menos de um minuto) pudessem ser colocados em um ser humano. Eu te amo e te admiro.

Por fim, agradeço ao meu cachorro, Friday, que se foi mas não será esquecido, e ao sempre estoico 99. Peço desculpas por todas as vezes que disse a vocês: “Espere só eu terminar este parágrafo – e aí podemos sair.”

SOBRE A AUTORA



BONNIE GARMUS é revisora e diretora criativa. Trabalhou para muitos clientes nos campos da tecnologia, da medicina e da educação. É nadadora de águas abertas, remadora e mãe de duas filhas incríveis. Nascida na Califórnia e criada em Seattle, hoje ela mora em Londres com o marido e o cachorro, 99. *Uma questão de química* é seu livro de estreia e foi traduzido para mais de 35 idiomas.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

